

O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições – II

de Teófilo Braga

LIVRO II

CRENÇAS E FESTAS PÚBLICAS

Em qualquer grupo humano a ordem social baseia-se no acordo dos sentimentos. A actividade é motivada pelas necessidades egoístas, e a capacidade especulativa é tão rara e absorvente, que aquele que pensa toma-se inábil para a vida prática. A actividade, pela dependência do concurso subordina-se ao sentimento, como vemos pela noção de honra, e o pensamento quando influi na transformação de uma época, é pelo sentimento que universaliza as ideias abstractas. A acção comum, que distingue a vida pública ou de nação, tira o seu impulso constante das sugestões afectivas. Diz Comte: «O serviço habitual do sentimento exige alternativamente a satisfação dos impulsos e a comunicação das emoções.»¹ As crenças são o elo principal da transição da vida doméstica para a vida pública, representando sempre em todos os seus estados e transformações o esboço espontâneo de uma síntese afectiva. As crenças populares e nacionais, que formam o objecto deste livro, dividem-se em dois grupos: as crenças que são *restos de religiões extintas* que pertenceram às raças que ocuparam a Península Hispânica, mas que sobrevivem, mau grado o exclusivismo das outras crenças que constituem a *religião do estado*, impostas oficialmente, apropriando-se dos elementos míticos e cultuais anteriores já desnaturando-os, já perseguindo-os. (*Fas et nefas*).

O encontro destes dois grupos hierológicos determinado por diversas situações históricas provoca um terrível conflito, em que a *religião do estado* sendo levada até ao canibalismo da Inquisição, os *cultos decaídos* fortificaram-se na alucinação patológica da feitiçaria e possessão demoníaca. Apesar, porém, desse eterno antagonismo, os dois grupos fusionaram-se como se vê pela persistência de certas práticas supersticiosas nas próprias festas do catolicismo, constituindo ambos ainda hoje a principal síntese afectiva do povo português.

¹ *Politique Positive*, t. III, p. 79.

CAPÍTULO I

Bases críticas da Hierologia

Importância étnica e histórica das superstições populares. – Estados mentais e sociais em que se elaboram ou persistem as superstições. – O ponto de vista de Rume, e sua aplicação por Buckle ao carácter supersticioso dos povos peninsulares. – Coordenação histórica das superstições em cultos mágicos propiciatórios segundo o tipo acádico e cultos mágicos esconjuratórios, segundo o tipo egípcio. – Persistência de um fundo tradicional de superstições da Caldeia transmitido à Grécia, a Roma, aos Árabes e populações da Idade Média. – Nova interpretação das formas marcélicas, e a região da Aquitânia como centro de irradiação das tradições ocidentais. – As vinte e oito fórmulas do palácio de Nineve coincidem ainda com as superstições actuais. – O caldeísmo no século XI e sua dissolução na feitiçaria. – Importância da descoberta dos hieróglifos para a compreensão deste problema.

De todos os fenómenos sociais que formam o objecto da etnologia, é a *superstição* o mais difícil de coordenar sistematicamente, pela incalculável variedade de elementos descritivos, provenientes de diversos estados das concepções do espírito humano, dos sucessivos estádios de civilização que se foram sobrepondo segundo a corrente histórica, circunstâncias que actuam constantemente pela conservação das desigualdades sociais e pelo conflito das raças, tornando assim esta ordem de fenómenos um verdadeiro caos moral. Corrigir e comparar os dados descritivos é fácil, e já não é pouco reconhecer o valor destes factos indicativos de concepções primordiais sobre que se tem de organizar a psicologia antropológica; achar, porém, um princípio de coordenação racional no que é aparentemente absurdo, é esse o intuito científico, sem o qual todo o esforço ficará reduzido a uma curiosidade banal. As *superstições* são o fenómeno capital da sobrevivência dos costumes; as sociedades transformam-se, mas esta força evolutiva que as impele acha-se mais ou menos equilibrada com um instinto vago de conservação, que as leva a respeitar o passado. Esse instinto tem manifestações complexas que podem exprimir-se por um termo geral – a *tradição*; no movimento integral de uma sociedade é o *costume*; nos factos industriais é o segredo e hereditariedade das profissões ou *rotina*; nas concepções racionais é o *mito* com todos os seus variados desdobramentos desde o *conto* até às *metáforas* inconscientes da linguagem; nas crenças, que constituem a hierarquia da religião elaborada pelo dogmatismo sacerdotal, é a parte popular que mantém a imobilidade instintiva, a que persiste a todas as modificações especulativas, exactamente como no fenómeno da linguagem o arcaísmo se contrapõe ao neologismo.

O carácter de persistência étnica da superstição dá a este fenómeno uma alta importância para descobrir os estados primitivos do espírito humano, e ao mesmo tempo para deduzir da complicada acumulação de elementos estranhos nos mitos a sua simplicidade inicial. Tomemo-nos mais claro com uma imagem: o mito é como um ramo de árvore, que se reveste de folhas, de flores, de gomos e de frutos, segundo a estação, até que, passado o calor que provoca esse trabalho orgânico, as folhas amarelecem, caem e fica apenas um galho seco reduzido à sua simples estrutura. É assim a evolução do mito, em que colaboram todos os estímulos da evolução social e sobre o qual desabrocham todos os elementos poéticos da imaginação de um povo; por seu turno o mito vai decaindo segundo as modificações de novos interesses, e apenas vai persistindo o fundo primário que o constituiu, em uma simplicidade não compreendida, por um aferro instintivo dos mais atrasados pela autoridade indiscutível do passado. A superstição é este ramo seco e desfolhado em relação à eflorescência espontânea dos mitos; o seu estudo presta-se a uma lúcida inteligência dos mitos, cuja verdade não consiste na interpretação alegórica ou simbólica do seu sentido, mas na

determinação dos elementos primários da sua forma. É certo que nem todos os mitos são religiosos, ao passo que as superstições são sempre o vestígio da ruína de uma religião, quer na sua parte hierológica, a credulidade nos espíritos malévolos, quer na sua parte litúrgica, os ritos propiciatórios das cerimónias augurais. Pelo estudo das superstições se chega à determinação das camadas sociais justapostas pela unidade civil, mas profundamente separadas entre si por inacessíveis distâncias de capacidade mental; dentro de um mesmo povo, em um elevado grau de civilização, é fácil descer até à inconsciência primitiva, recompor as concepções das sociedades rudimentares diante da natureza e dos factos do espírito, e reconhecer até à evidência que as forças de conservação servem de apoio ao maior número, e que é sobre elas que assenta o poder temporal e o espiritual todas as vezes que exploram o arbítrio e a mentira. As superstições na sua persistência e no seu carácter temeroso ou maligno são um documento psicológico; nas profundas raízes e analogias de povo a povo, e conservação secreta entre as camadas sociais degradadas ou atrasadas, são um documento proto-histórico pelo qual se pode recompor o estado social sobre que se desenvolveram as civilizações progressivas. É preciso distinguir o critério *psicológico* e o *etnológico*.

A forma e o sentimento que as superstições apresentam, correspondem a um estado rudimentar da inteligência do homem: *o terror do desconhecido*. As forças da natureza não são previstas, a vida está exposta aos incalculáveis acidentes de um meio cósmico ainda não adaptado ao bem-estar do homem, e conjuntamente o meio social, onde preponderam as paixões egoístas e violentas, ainda não está disciplinado na ordem pela submissão ao facto legal. O feiticismo primitivo nasceu desse terror; o seu desenvolvimento nas raças que o criaram produziu a religião dos espíritos, e uma vez decaído pela imposição de sistemas religiosos superiores, conservou-se na forma de cultos mágicos, e entre as classes sem cultura mental na de superstições. Por isso que ainda hoje o maior número é o dos que sofrem os encargos sociais, o trabalho e a obediência incondicional, e que, pela necessidade imediata da acção, não têm tempo nem capacidade de se desenvolverem pelo exercício do pensamento, é entre eles, o povo, que se conserva a superstição com as mesmas condições da origem e por isso persistindo através das civilizações superiores. Hume, no seu ensaio sobre a *História Natural da Religião*, acentua com lucidez este ponto: «Os homens tornam-se mais supersticiosos à medida que *experimentam um maior número de acidentes*. Os jogadores e os marinheiros são provas frisantes desta verdade, ainda que todos os homens os menos capazes de reflectir se vejam entregues aos temores os mais ridículos, às superstições as mais frívolas.»²

Este facto exemplifica-se melhor na vida colectiva dos povos;³ a capacidade industrial e artística dos povos peninsulares contrasta singularmente com a retrogradação sistemática que apresentam a Espanha e Portugal durante os três últimos séculos da civilização da Europa. São na realidade extremamente supersticiosos, e essa tendência foi explorada pelo catolicismo, que, fusionando-se com o poder temporal, chegou quase a impor-se como uma intolerante teocracia. Buckle compreendeu admiravelmente a origem deste atraso das nacionalidades peninsulares, quando diz:

² *Essais*, t. III, p. 16.

³ O pensamento de Buckle, já antevisto por Rume, confirma-se com as relações quotidianas; dos Esquimós, diz o abade Morillot: «A foca, que aparece nas costas da Gronelândia com os primeiros calores, é o principal recurso do esquimó. Também, quando ela falta, porque o verão tarda, uma fome cruel desvasta a ilha. É uma calamidade pública, e a superstição do povo dava-lhe outrora por causa a cólera de alguma divindade, os sortilégios que era preciso saber combater.» «Mythologie et legendes des Esquimaux du Groenland». (*Acres de la Société de Philologie*, t. IV). «As pestes e Outras cruéis epidemias, que muitas vezes assolam a Gronelândia, contribuem muito, compreende-se, para fazer nascer e propagar as abusões sobre os malefícios das feiticeiras.» (*Ibidem*, p. 271.)

«que as antigas civilizações tropicais foram acompanhadas de fenómenos extraordinários, que qualifico como aspectos da natureza, os quais, sobreexcitando a imaginação, estimularam a superstição, e impediram que os homens se atrevessem a analisar aqueles ameaçadores fenómenos físicos; ou, por outras palavras, impedindo a formação das ciências físico-naturais. E é por certo bem interessante o ver que nenhuma outra nação europeia é em tais aspectos tão semelhante às tropicais como a Espanha. Nenhuma outra parte da Europa está, com efeito, tão claramente designada pela natureza como a Espanha, para ser o assento e o refúgio da superstição. Entre as mais importantes causas físicas da superstição contam-se as fomes, as pestes, os terremotos e em geral a insalubridade do clima, causas que abreviando o termo natural da vida, estimulam e aumentam o fervor com que se invocam os auxílios sobrenaturais contra os males que se crêem de igual procedência.» Buckle, mostrando que a Espanha, mais do que nenhum outro povo esteve sempre sujeita a estes fenómenos extraordinários, deduz como efeito a deformação do carácter nacional: «Quando a isto se acrescentar, incluindo Portugal, que os terremotos têm sido desastrosos na Península, e excitado todas as crenças supersticiosas, que tantas calamidades naturalmente provocaram, podemos formar uma ideia da insegurança da vida e da facilidade com que um clero astuto, artificioso e cheio de ambição, soube converter esta instabilidade em instrumento do aumento do seu poder pessoal.» O processo histórico de Buckle é pasmoso pela abundância dos documentos comprovativos.

Em Portugal os factos são também eloquentes; as pestes, os terremotos e conjuntamente as fomes, aparecem desde a Idade Média com um carácter periódico. E quando vemos no século XVI, em que a inteligência portuguesa atingiu o seu máximo esplendor na arte e na literatura, ser nesse século que o catolicismo se tornou mais obscurantista e intolerante pelo poder da Inquisição e pelo domínio dos jesuítas, custamos a conciliar esta antinomia sem a intervenção de factores que estão fora da história; de facto o século XVI foi perturbado por contínuas pestes e por medonhos terremotos. Em 1512 sucede um grande terremoto em Lisboa, de que fala Garcia de Resende, e o fanatismo de D. Manuel recrudescer contra os pobres e activos Judeus; em 1531, começa a 7 de Janeiro um terremoto que se continua por mais de cinquenta dias, terminando com um abalo final análogo ao terremoto de 1755, e D. João III submete-se pouco depois ao estabelecimento da Inquisição. Em 1551 cai a 28 de Janeiro uma chuva de sangue, e sucede em Lisboa um terremoto em que morrem duas mil pessoas; pouco depois estabelece-se a censura contra os livros e fecha-se Portugal à comunicação intelectual com a Europa. A peste grande de 1569 entrega o ânimo de D. Sebastião aos planos dos jesuítas. Enfim tudo conspirava para fazer regressar o espírito do povo português a esse estado mental das superstições, que aumentara com o terror religioso dos tremendos processos inquisitoriais de cárcere, tortura, procissões canibalescas e de fogueiras, que eram motivados com o fim de extinguir essas mesmas superstições do demonismo, da feitiçaria e do judaísmo. O catolicismo provocava uma sobre-excitação supersticiosa sobre a qual reagia com uma barbaridade selvagem, reduplicando-lhe a intensidade. O estudo das superstições populares portuguesas só pode fazer-se de um modo completo compilando como elemento descritivo os assombrosos materiais que se acham inclusos como peças de acusação nos volumosos *quarenta mil processos* que se guardam na Torre do Tombo. O simples trabalho de compilação só por si reclama uma vida inteira.

Por aqui se vê a importância do critério étnico no estudo das *superstições*, que muitas vezes são o efeito de uma regressão, como se deve considerar a monomania alucinada da feitiçaria e do demonismo no século XVI em toda a Europa; era o conflito entre duas crenças, a dogmática e oficial contra a popular e poética. O conflito é

antiquíssimo, e já nas raças antigas o culto dos povos vencidos e escravizados era proibido e só se praticava a ocultas e com carácter mágico. É essa uma das formas mais vigorosas da superstição, ainda não reduzida ao seu automatismo consuetudinário. Este diverso vigor das crenças foi conhecido pelos escritores antigos; Varrão estabelecia três espécies de teologia, a *civil*, a *natural* e a *poética*; de facto estas três categorias do mesmo fenómeno correspondem a uma simultaneidade de elaboração social. A *teologia civil*, adoptando as frases de Varrão, é a crença religiosa disciplinada em unidade cultural, por um corpo sacerdotal, servindo de meio de unificação de uma sociedade que atinge o desenvolvimento de nação. A *teologia natural*, é uma especulação da inteligência, com tendência metafísica sobre os factos do culto civil, estabelecendo para os atrasados uma conciliação alegórica e interpretativa, por onde se chegou à expressão abstracta de dogmas e às primeiras contemplações filosóficas. A *teologia poética* é a persistência das concepções populares que nem entraram na unificação cultural, nem se prestaram às especulações abstractas; as camadas populares, renovadas pelas guerras e pela escravidão, aumentaram este fundo com cultos decaídos do seu destino social ou com religiões proibidas na forma pública, transmitindo-se assim pela sua própria estabilidade mental e consuetudinária em superstição.

Os povos da antiguidade, onde as superstições tiveram maior desenvolvimento, são os Caldeus e os Egípcios; todos os críticos reconhecem este facto, que tem a sua razão histórica. Nos deltas da Caldeia as doenças paludosas, os aluimentos do território pelas cheias, as incursões de outras raças que subjugaram o elemento acádico, provocaram um grande desenvolvimento de cultos supersticiosos, uns fora das sistematizações dogmáticas, outros suplantados pela religião dos povos vencedores, como se observa nas divindades solares substituídas por divindades lunares. Na demonologia da Caldeia, é um dos principais espíritos elementares *Uru ku*, o monstro dos charcos, do mar, do deserto e do vento mau; *Teal* é o guerreiro; *Utuq* é o vento do deserto; *Alat*, o destruidor; *Maskin*, o que arma as trapaças; *Namtar* é a peste, como *Nin-dar* é a guerra. A substituição da teologia solar acádica pelo sistema lunar babilónico significa uma sobreposição de raças, e a decadência de cultos que ficaram constituindo o sistema mágico da Caldeia. É por isso que esta decadência ficou constituída em corpo sacerdotal mágico, composto de três classes: os *Khartumim* (imprecadores ou esconjuradores dos espíritos); os *Hakamim* (curandeiros, análogos aos Chamans das tribos altaicas), e os *Assaphim* (pessoas de virtude, análogas às nossas beatas). Tal é ainda o pessoal mágico das superstições portuguesas.

No Egipto dá-se também o mesmo fenómeno de desenvolvimento dos cultos mágicos com igual importância como na Caldeia; o fetichismo popular primitivo conserva-se na unificação política a par dos cultos politeístas subordinados pelo sacerdócio em tríadas alegóricas e morais. Esse feiticismo é mesmo um vestígio da independência local dos antigos nomos ou cantões unificados em uma nacionalidade (*Acka-Phta*, Egipto) sob o predomínio religioso de Phtah.

É certo que na religião do Egipto se acham os restos de um culto *solar*, correspondente a uma primitiva população turaniana, e um culto *lunar* preponderante e peculiar do siderismo kuschita. A decadência desse culto solar de importância religiosa é que o torna acessível às transformações da imaginação popular, que o tratou como objecto de poesia; sobre os restos de mitos solares se formaram os elementos da epopeia osiriana, e a magia tornou-se essencialmente medicinal, concepção correlativa à das causas ocultas das doenças. A religião no Egipto toca os dois extremos: a activa especulação mental que leva ao alegorismo místico e a absoluta conservação nas superstições populares. Uma causa étnica explica-nos o porquê fundamental do maior desenvolvimento dos cultos mágicos na Caldeia e no Egipto; estas duas grandes

civilizações basearam-se sobre um fundo proto-histórico de raças amarelas, cujo fetichismo desenvolvido produz, como se observa na China, a religião dos espíritos; e ficando estacionário, por qualquer causa histórica, conserva-se como superstição. Os Gregos, os Romanos, os Judeus e os Árabes reconheceram a Caldeia e o Egito como as fontes de toda a magia. Sabe-se a influência da civilização acádica sobre as raças semíticas; sabe-se que as raças áricas desenvolveram-se também sobre um grande elemento étnico turaniano; é portanto natural o poder determinar bases comuns que expliquem a identidade das superstições europeias, e o chegar um dia a reduzi-las a uma certa unidade. Os Romanos trouxeram para a Europa as cerimónias mágicas do Egito, bem como os Árabes as formas mágicas da Caldeia, e ambos estes dois povos civilizados influíram no desenvolvimento das nacionalidades do Ocidente. Antes da entrada da raça árica na Europa, já ela tinha sido ocupada por povos da alta Ásia, de que os Bascos e Lapónios são os representantes degenerados; chame-se-lhe como quiserem, essa raça proto-histórica persiste em grande parte ainda com caracteres antropológicos e mais ainda com numerosas feições étnicas. É desse elemento que vamos derivar as superstições mais antigas e por isso as mais gerais da Europa, para o que a Península Hispânica é um dos melhores campos de exploração. Por aqui passaram iberos, colónias egípcias, fenícias, cartaginesas e mouriscas, bem como celtas e romanos, e de todos ficaram detritos persistentes por onde se apura a unidade das superstições fortalecidas por efeito de regressões provocadas pelas assimilações da mesma raça em diferentes épocas. Por este ponto de vista se determina o método para o estudo e classificação das superstições, até hoje irredutíveis a toda a coordenação em sistema.

O estudo das crenças dos selvagens baseado sobre as relações dos viajantes leva a recompor esse estado mental que os etnologistas explicam sob a forma de concepções *animistas*; o que para nós é um tropo mais ou menos poético da linguagem, para o selvagem é uma realidade. As coisas têm uma alma, uma vontade, um influxo desconhecido sobre os actos humanos; esta concepção produz um sentimento vago de terror, e a necessidade de aplacar essas influências malévolas por meio de actos que constituem um culto espontâneo. Tal é o *agoiro*; compreende esse terror instintivo do desconhecido, como se observa nas populações atrasadas, e também as práticas de observância rigorosa que são formas rudimentares da superstição. O agoiro, pela sua simplicidade, pela sua independência da intervenção de um qualquer sacerdócio, pertence a uma época social em que apenas existem cultos domésticos, variáveis de família a família, e em parte como segredo local; a sua multiplicidade não provém das especulações intelectuais, como as que desenvolvem os dogmas superiores, mas da complexidade dos actos individuais submetidos ao influxo do agoiro. É por isso que a quase totalidade dos agoiros são indicações de perigo pessoal, que se evita por actos negativos: *in non faciendo*. As superstições compreendem várias camadas étnicas correspondentes a diversos estados do grupo humano; a ter de seguir a sua evolução segundo a marcha das sociedades, o *agoiro* é a forma simples e primitiva anterior a toda a organização de culto público. É entre os povos selvagens que se observa em toda a sua eflorescência instintiva este produto de apreensões tanto mais fortes quanto o egoísmo da conservação está mais próximo da animalidade, e quanto os dados racionais estão longe de serem ampliados pela observação empírica. Ideias que se tomaram base moral de religiões superiores, como a metempsicose e a imortalidade da alma, provieram da concepção selvagem do *animismo*; o terror dos mortos, que se desenvolveu no culto dos maiores, e foi a primeira unificação moral da cidade, ainda se conserva no medo das almas do outro mundo, nas suas aparições e transmigrações, que formam o campo mais vasto dos agoiros populares a ponto de ser recebido no catolicismo como um culto de sufrágio. As relações íntimas que existem entre os agoiros dos selvagens e os dos povos

civilizados da Europa, em uma concordância pasmosa, devem explicar-se não só pela persistência tradicional, porque um grande número de costumes e de actos canibais ainda se manifestam perturbando a ordem social como regressão à actividade primitiva, mas também pelo determinismo moral provocado pela mesma ordem de concepções expressas pela designação de animismo. E a sua extraordinária persistência, ou como diz Tylor, a sua *sobrevivência*, que faz com que o *agoiro* mesmo alheio a toda a forma cultural ou religiosa seja considerado um elemento de superstição, por onde o estudo desta deve ser encetado. Como um fenómeno de paleontologia moral esta parte das superstições determina-se na sua maior amplitude e simplicidade nos seguintes estados humanos, o *selvagismo*, o *barbarismo* e o *paganismo*.

Cada uma destas categorias da espécie tem a sua importância, que a etnologia distinguirá de futuro; no selvagismo o costume, seja qual for a sua manifestação, é espontâneo, alheio a todo o contacto de outras raças ou sociedades; no barbarismo, há já um começo de cultura proveniente do encontro com outros povos, apropriando novos usos às suas condições inferiores; o paganismo significa a vida de isolamento dos campos (dos *pagi* da Idade Média) e presta-se pela falta de estimulação social à regressão aos costumes e crenças primitivas. Os padres da igreja prejudicaram este nome usando-o como condenação dos usos e crenças politeístas, que durante a Idade Média prevaleciam nas povoações rurais; para evitar este inconveniente substituí-lo-íamos no seu emprego etnológico pelo *vulgarismo*. É nestas três camadas humanas que se deve fazer a exploração dos *agoiros*, como formas simples e individuais das superstições.

As relações da vida vegetal com a humana, que persistem na crença e no costume de plantar uma árvore quando nasce uma criança, aparecem em uma superstição popular açoriana, comum à Índia, ao México e à Alemanha. Na ilha de São Miguel quando vai um rapaz para o Brasil, ou para as baleeiras americanas, pendura-se ao canto da casa uma pequena planta de piteira, a que nos Açores se chama babosa; se a planta se conserva verde, o ausente está de saúde, se amarelece é porque morreu. Max Muller notou este uso supersticioso em uma tradição da América Central, em que dois irmãos deixaram plantadas duas canas, para durante a ausência se saber por elas, se estão vivos ou mortos; no conto alemão colhido pelo sábio Grimm, são dois lírios de ouro, que dirão se os ausentes passam bem, se floresceram, ou se morreram, no caso de murcarem. Grimm determina um paradigma indiano, o que leva a reportar esta crença, não a uma origem indiana, mas a um solo proto-histórico representado pelas raças da América, e pelo elemento peninsular das colónias açorianas.

Lubbock, nas *Origens da Civilização* (p. 21), fala do pasmo que o selvagem tem pela *escrita*; ainda entre o povo português a *letra redonda*, tem um grande prestígio de veracidade; as orações escritas são trazidas em bolsinhas com poder talismânico, e os cantos raramente os deixa escrever com receio de sortilégios contra a pessoa que os dita. Lubbock, fazendo estudos comparativos sobre as religiões dos selvagens, chega à conclusão importante: «Assim os nossos homens do campo e as classes mais ignorantes das nossas grandes cidades, acreditam ainda na magia; as divindades dos nossos antepassados sobrevivem ainda nos contos das crianças. É pois inevitável o encontrar em cada povo vestígios, que digo, mais do que vestígios das antigas religiões.»⁴ Iremos seguindo os factos compilados sistematicamente por Lubbock; em todos os povos selvagens os *sonhos* são uma revelação imediata dos manes ou almas dos antepassados ou dos espíritos. Durante a Idade Média vigorou a arte de interpretar os sonhos, e ainda hoje como nota Tylor, é este assunto um dos ramos de exploração mercantil das folhas-

⁴ *Origines de la Civilisation*, p. 204.

volantes. As superstições dos sonhos são abundantíssimas no povo português, e por isso apontaremos a mais característica: o *pesadelo*. Entre os selvagens da Austrália, o *pesadelo* chama-se Koin; agarra o homem que está dormindo, leva-o consigo sem que o paciente possa gritar, mas ao alvorecer desaparece, e a pessoa acha-se na sua cama descansada.⁵ A Idade Média fez deste mal-estar das grandes digestões um largo ramo da feitiçaria dos *incultos* e *sucubos*. Na ilha de São Miguel chama-se-lhe o *pesadelo da mão furada*.

A *sombra* projectada pelo corpo é entre os povos selvagens considerada como um espírito que acompanha o homem; nos *pactos* da Idade Média o homem perdia a sua sombra, que ficava pertencendo ao diabo, e na penalidade simbólica o homem banido *perdia a sombra* cavando-se no chão enquanto ele estava amarrado à picota ou ao poste da ignomínia. Entre as superstições das províncias do Brasil encontrámos esta coligida pelo vigário de Victória: «Na madrugada do dia de São João Baptista, quem *não vê a sua sombra* ao chegar à borda de um poço ou fonte, não vive o ano seguinte.» As *pragas*, tão frequentes em certas classes, como marinheiros e arreeiros, e que formam um ramo pitoresco da linguagem, baseiam-se sobre a crença em um espírito malévolo, que é preciso increpar com injúrias. De uma coisa que se perdeu ou se destruiu, diz o povo: *Deu-lhe o tanglomango*. Mais abaixo desenvolveremos este vestígio da superstição que se liga às antigas raças da Península; segundo Lichtenstein, os Bechuanas atribuem ao deus do mal a que chamam Murimo todos os desastres que lhes acontecem, e «não hesitam em arremessar-lhe toda a classe de injúrias quando lhes acontece algum desarranjo ou não satisfazem a sua vontade».⁶

Durante a Idade Média o Diabo ocupou na imaginação dos povos da Europa este papel da divindade maligna das raças selvagens, e devido a uma regressão provocada pelas invasões tártaras e mais tarde pelas explorações dos ciganos, foi fácil operar-se esta incrustação, que ainda persiste nas classes ínfimas e se lhe chama o *inimigo*. Os Tártaros de Katschintzi têm para si que o espírito maligno é mais poderoso do que o espírito do bem⁷ a Europa pensou assim durante séculos, e a maior parte das superstições populares baseia-se sobre esta concepção, sustentada pelo facto das doenças, que a gente do campo atribui ao mau espírito. Para os habitantes da Nova Zelândia, cada doença é produzida por um deus especial; na crença popular católica os santos têm virtudes especiais contra determinadas doenças, como Santa Apolónia contra as dores de dentes, Santa Marta contra as doenças de menstruação, Santo Amaro contra as doenças das pernas, São Marçal contra os incêndios, e assim por diante. Além das doenças atribuídas aos espíritos malfazejos, como entre os Cafres Kussas e os Kols de Nagpore, e entre os Chineses, há outras doenças produzidas pela vontade dos feiticeiros ou bruxas.⁸ Esta ordem de doenças é também atribuída em Portugal a pessoas que têm *mau olhar*, ou que fazem *feitiços* e *carântulas* para prejudicarem a quem lhes convém, o mesmo os gados e as searas. A esta superstição ligam-se muitas cerimónias esconjuratórias cuja parte descritiva exporemos adiante. Cook, na sua *Viagem do Pacífico* nota entre muitos povos selvagens a crença de que os loucos estão possuídos da divindade, e são por isso respeitados; entre os Esquimós, os loucos têm carácter sagrado,⁹ da mesma forma que os cretinos nas povoações rurais da Europa e em Portugal. Entre os povos selvagens a morte é geralmente o efeito de magia; entre nós as crianças que morrem de consumpção, de raquitismo ou de afitos são tidas como

⁵ *Origines de la Civilisation* p. 216.

⁶ Ap. Lubbock, *op. cit.*, p. 219.

⁷ *Ibidem*, p. 220.

⁸ Abb. Morellot, *Mythes et Legendes*, p. 262.

⁹ *Ibidem*, p. 262.

embruxadas, e a pessoa que morre afogada é em consequência de que o génio maligno do mar tem de devorar todos os dias uma pessoa, como o ouvimos frequentes vezes na ilha de São Miguel.

Quando se pede algum milagre a Santo António, costuma-se amarrá-lo com uma corda, tê-lo em exposição à janela, ao relento da noite, ou conservá-lo mergulhado em um poço, até que ele conceda o que se lhe pede; os selvagens de Kamtschatka insultam os seus deuses quando não cumprem o que se lhes pede; os da Nova Zelândia ameaçam o seu deus Atua, de que o matam e de que o comem, bem como o negro da Guiné espanca o seu feitiço.¹⁰ Nos templos dos Kymythas de Chittagong, as orações começam por toques de campainha para acordarem Buddha, como no templo de Sinto o toque do sino serve para acordar a deusa a prestar atenção às súplicas. A campainha e os sinos, sobretudo quando dobram a preces, têm no rito católico a mesma origem barbárica. Segundo Klemm, os Tártaros do Altai figuram o seu deus sob o aspecto de um velho de barba longa, e é esta a figuração artística e popular do Padre Eterno católico. Os *eclipses* são ainda hoje entre o povo um sinal no céu bastante temeroso, como entre todas as raças selvagens.

A crença nos *fantasmas*, como formas da alma depois do passamento, que é a base da maior parte das crenças dos selvagens, é vulgaríssima em Portugal; eles aparecem a pedir o cumprimento de alguma promessa, e fazem um ruído junto da pessoa a quem avisam, simulando o arrastar de grilhões, e chamam-se propriamente *almas penadas*. Na *Crónica dos Vicentes*, um dos mais antigos documentos da História de Portugal, o cavaleiro Henrique aparece ao seu pajem a pedir-lhe que o mude de sepultura. *Falar uma alma* em alguém, que é como o povo explica o histerismo e a epilepsia, acha-se também entre os Esquimós¹¹, como nas aldeias portuguesas. O *outro mundo*, onde habitam as almas, é uma concepção análoga à dos povos selvagens que crêem que as almas dos mortos vão para uma terra mais feliz. Muitos dos jogos populares, como os *pares* e *nones*, foram e ainda são entre certos povos selvagens ritos divinatórios.

A superstição das *carantulas*, proibidas no Alvará da Câmara de Lisboa, do tempo de D. João I por ocasião da batalha de Aljubarrota, usa-se como notou Tanner na América Setentrional por ocasião da guerra; os Romanos também lançavam uma boneca ao Tibre, e na Índia picam essa imagem ou carântula com alfinetes para fazer mal à pessoa que representa.¹² O horóscopo do *nome*, que exprime entre o povo uma forma da sua crença na fatalidade, motiva entre as tribos da América do Norte e insulares do Pacífico a mudança de nome para evitar o feitiço. Os cabelos, a roupa ou restos de comida, são os objectos mais directos com que fazem os *feitiços* contra uma pessoa; assim as mulheres queimam o cabelo que lhes cai ao pentear, e a comida que cresce não deve ter sido tocada, nem o pão ficar mordido dos dentes. Estes objectos prestam-se para o mesmo fim maligno na Polinésia e na Nova Zelândia. Os feiticeiros da Nova Zelândia fazem *covas* no chão para atraírem ali e sepultarem depois os espíritos dos seus inimigos; o nome de *Covas* de Salamanca dado às escolas da magia na Península provém deste rito persistente do estado selvagem. Os aparecimentos das Virgens nas grutas são um instinto de reacção clerical contra a superstição popular. Adivinha-se lançando clara de ovo fresco em um copo de água, sobretudo nas ilhas dos Açores; na *Colecção de Viagens de Astley*, traz Faira: «Quando Vasco da Gama descobriu a Índia, alguns feiticeiros de Calecute mostraram em bacias cheias de água os três galeões que

¹⁰ Morellot, *op. cit.*, pp. 225 e 226.

¹¹ Morellot. *Mythes et Legendes*, p. 244.

¹² Ap. Lubbock. *op. cit.*, p. 240.

ele trazia.»¹³ Em Maskat, diz o mesmo escritor, «há feiticeiros tão hábeis, que comem o interior de uma coisa só com a vista»; compreende-se por esta crença a locução popular ainda frequente *comer com os olhos*. Entre os povos selvagens ou bárbaros, como os da Sibéria, ou os Ahts do noroeste da América, ou da Gronelândia, os dons mágicos adquirem-se pelo isolamento, pela privação de alimento e pela exaltação ou alucinação; são estes ainda os meios como se produzem entre o povo esses estados mentais das chamadas pessoas ou *mulheres de virtude*, que como todos os bruxos selvagens tomam a sério a sua superioridade e poder sobre os espíritos. É nos retiros das *encruzilhadas* que o Diabo acode à evocação.

As danças nas romarias campestres têm ainda o carácter de rito religioso como entre os Kols de Nagpore, os Ostiaques, os indígenas da Virgínia e entre algumas tribos do Brasil. As festas do Espírito Santo, nas ilhas dos Açores são acompanhadas de *bailhos* e de *banquetes* a pobres, ritos obrigados nas religiões selvagens como notam Robertson e Lubbock. Os nomes de pessoas tomados de animais e plantas revelam um primitivo *totemismo*, que se explica pelo mesmo uso entre os Issinese da Guiné, os Hottentotes, no Congo, entre os Bechuanas e os Chineses.

O culto das árvores das raças selvagens, persiste entre o povo, para quem a cruz é a árvore da redenção; certas plantas herbáceas, como a arruda e o trovisco, têm poderes mágicos para afugentar os espíritos. A raiz da mandrágora pelas suas formas caprichosas, é citada nas Constituições dos Bispados como empregada pela feitiçaria; o funcho é usado nas festas do Natal na Madeira e Açores, e os antigos *bosques sagrados* estão substituídos nos costumes pelas folhagens espalhadas pelas ruas por onde passa uma procissão. Muratori, na Dissertação LIX das *Antiguidades italianas*, cita uma lei de Luitprando, que proibia entre os Lombardos o culto das árvores; este culto andava ligado ao das Fontes, como se proíbe no Concílio Nanetense. Em Portugal, a corografia enumera uma extraordinária qualidade de Fontes Santas e de Águas Santas, superstição que aparece entre os bárbaros da Germânia, na Fonte de Urdhar e na árvore de Yggdrasil. Os ramos de *giesta*, por ocasião das Maias, e a festa da *espiga*, em Lisboa, acham-se usados com carácter religioso entre populações inferiores, como entre os habitantes de Nicarágua, onde se adora o milho e os feijões. Na ilha de São Miguel, quando o mar está bravo, lança-se-lhe relíquias de santos para o abonançar; em uma relação de viagem de 1693, conta-se que o rei dos Kabosheers mandou o seu sacerdote aplacar o mar lançando-lhe vários presentes de comer e beber. Nos Açores curam-se certas doenças com *água das três marés*. A pia baptismal corresponde aos lagos, tanques e poços sagrados das raças da América e dos Celtas. A superstição de *revolver penedos* para fazer chover, proibida pelas Constituições dos Bispados em Portugal, pertence aos restos do feiticismo das raças da Europa, bem como o costume das danças fálicas «três voltas dei ao penedo – para namorar José» da cantiga popular. A pena infamante do antigo simbolismo do direito português de transportar pedras às costas, provém de um culto decaído, tornado desprezível. Os habitantes da Nova Zelândia e alguns da Melanésia adoram o *Arco da velha* (o íris), em Portugal ha muitas superstições sobre este fenómeno meteorológico, análogas às da Birmânia e Zululândia, das Vascongadas, Escócia e Bretanha, e até com fórmulas similares. O *ferro* conserva ainda um carácter mágico ou de virtude, tal como na época em que o uso do bronze foi perturbado por este novo factor da civilização; em um esconjuro popular se diz:

Tu és ferro, eu sou aço,
Tu és demónio, eu te embaço.

¹³ *Ibidem*, p. 245. Nas *Cartas* de D. Francisco Manuel de Melo, p. 542, alude-se a esta superstição em Portugal, como adiante veremos.

A *ferradura* de um cavalo ou mula é um poderoso talismã contra a feitiçaria. A tradição poética das *Ilhas Encantadas*, conhecida nos mitos celtas ia ilha de Avalon, e aproveitada por Camões no seu episódio da ilha dos Amores, acha-se entre os habitantes da ilha de Tonga, é a ilha fantástica de Bolotoo; esta mesma crença aparece entre os Esquimós, e podemos dizer que ainda no século XV foi esta tradição no estado poético que estimulou a imaginação dos portugueses para as arrojadas empresas marítimas. As lendas teológicas da *bem-aventurança* tem suas raízes neste solo inferior das raças selvagens e bárbaras.

Na medicina popular encontra-se uma prática extremamente comum aos povos selvagens; é a *sucção* no corpo do doente, cusbindo fora a influência maligna extraída pelo feiticeiro. Acha-se este costume entre os selvagens do Paraguai e do Brasil, entre os índios Galibes, Abipons, Guayacurus, na Guiana Inglesa, na Califórnia, na Baía de Hudson, entre os Esquimós, e na Austrália;¹⁴ a esta grande série de factos acrescenta Lubbock: «Assim encontramos por toda a parte este modo de tratamento primitivo, que consiste em *chupar* a parte doente para fazer sair o mal, e por ventura os vestígios ainda se conservam entre nós nos costumes das crianças...» De facto muitas vezes observamos este fenómeno: para calar a criança que se magoou bafeja-se-lhe o lugar magoado, ou suga-se-lhe a mão, o dedo, o que ela repete quando alguém se queixa. Entre o povo a *sucção* é ainda empregada nos golpes, e na ilha de São Miguel as mulheres possesas de algum espírito ou alma curam-se simulando que vomitam cabelos embrulhados com linhas e alfinetes; a palavra *chupista* tem entre nós um sentido infamante, e dá-se entre pessoas que usam estas práticas medicinais. O uso de *cuspir fora* quando se fala em coisas malévolas, ou como forma de esconjuração, é uma parte persistente do rito medicinal da sucção. «Quando se vê um sapo, para não acontecer mal é preciso *cuspir fora* três vezes.»¹⁵ As crianças, segundo a crença vulgar, estão sujeitas a serem *chupadas* das bruxas.

Lubbock compara a animadversão de quase todos os povos selvagens contra as crianças *gémeas*, como entre os insulares de Bali, os Khasias do Indostão, os Amos do Japão, e na Guiné; este ódio supersticioso ligado à apreensão da infidelidade da mulher, aparece na Europa consignado no poema do *Cavaleiro do Cysne*. A crença dos Tongans, quebrando as armas daquele que morre, como também animadas, e devendo acompanhar o seu dono para o paraíso de Bolotoo, acha-se nas tradições da Idade Média, como na *Canson de Roland*, sentindo-se este ferido de morte e pedindo à sua espada que se deixe quebrar; o uso de quebrar os copos depois de uma saúde especial provém da mesma concepção animista. O uso dos habitantes de Mallicollo e entre os Cafres, segundo Cook e Casalis; de exprimirem a admiração por um *assobio* acha-se entre o nosso povo, especialmente como resposta intencional e exagerativa. A *tatuagem*, costume quase geral aos povos selvagens, persiste entre os nossos marinheiros, soldados e homens braçais; as costas das mãos, os braços e o peito são o campo desses fantasias do desenho alegórico, que se prende com a credulidade supersticiosa; cruces, meias-luas, signos saimões, corações, setas, chaves e vasos de flores são os temas peculiares da tatuagem portuguesa, destinados a livrarem aquele que usa esses signos do mau olhar, ou de lhe entrar o diabo no corpo. Nas classes elevadas o mesmo espírito selvagem persiste no costume de furar as orelhas às crianças do sexo feminino e de lhes pendurar brincos de ouro, bem como de lhes pendurar *figas* e amuletos ao pescoço durante a primeira infância. A pintura da cara, para encobrir as rugas da idade, ou a cor trigueira, é também uma persistência selvagem, como se vê pelos costumes das Falatah

¹⁴ Ap. Lubbock, *Origines de la Civilisation*, pp. 24 a 28.

¹⁵ Ap. *Positivismo*, t. III, p. 7.

da África.

Depois da forma *espontânea* das superstições que compreende o campo ilimitado e caprichoso dos agoiros, vem a forma *revelada* que é o segredo de uma classe especial que tem o poder de comunicar com os espíritos, de os evocar, ou de os esconjurar. Esta forma das superstições depende de um sacerdócio, que torna o culto comum à sociedade, para a qual fabrica os fetiches, isto é, os objectos materiais em que se fixam os espíritos malévolos, atalhando-lhes assim o arbítrio e tornando-os acessíveis à propiciação. Neste ponto as superstições coincidem com as religiões nas fases do seu desdobramento histórico; de facto as superstições apresentam dois tipos fundamentais, os presságios ou a vaticinação, e a cura das doenças, correspondendo o primeiro ao feiticismo astrolátrico da Caldeia, e o segundo ao empirismo médico dos ritos mágicos do Egipto, ambos diferentes entre si. O sincretismo operado pelos Romanos entre estes dois elementos típicos das superstições *reveladas*, e ao mesmo tempo o esforço baldado mas veemente da Idade Média em torná-las *demonstradas* procurando dar base científica à Astrologia judiciária e à Medicina teúrgica, como se viu pela protecção dos astrólogos nas cortes dos reis, e pela crença nos milagres dos santos e das fontes maravilhosas nas doenças, toda esta complicação de factores históricos não deixava ver claro nesta ordem de fenómenos que são o subsolo da civilização humana.

Assim como para os estudos filológicos, a descoberta do sânscrito foi um raio de luz que aproximou a razão humana da verdade, também a leitura dos hieróglifos e dos cuneiformes veio dar bases positivas para a sistematização científica do fenómeno tão complicado das superstições. Diz Lenormant: «A decifração dos hieróglifos do Egipto e das escrituras cuneiformes da bacia do Eufrates e do Tigre, estas duas maravilhosas conquistas do génio científico do nosso século, fornecem hoje, para o esclarecimento de um tão curioso problema, socorros que teriam, ainda há cinquenta anos atrás, parecido inteiramente inesperados. De ora em diante podem-se estudar nas fontes originais as ciências ocultas do Egipto e da Caldeia.»¹⁶ É aproximando essa riqueza extraordinária de factos contidos nos documentos académicos das práticas actuais das superstições do povo português, que se chega a estabelecer uma identidade proveniente da persistência dos elementos étnicos dos Iberos na Península. Nos costumes, no onomástico local, nos monumentos epigráficos, nas tradições poéticas, ainda os povos hispânicos conservam pasmosos documentos dessa raça da alta Ásia que precedeu na Europa a entrada dos Arias; as superstições, cuja abundância distinguiu sempre o génio das nacionalidades hispânicas, revelando no seu estudo vastas comprovações étnicas, adquirem pelo critério comparativo a importância de uma paleontologia histórica.¹⁷

Causas históricas provocaram a fusão dos diversos ritos mágicos do Egipto e da Caldeia, resultando uma propagação erudita na Europa, chegando a formar uma escola secreta e uma literatura apócrifa do caldeísmo. As fórmulas ininteligíveis coligidas pelo médico de Bordéus, Marcelo, do quarto século da era moderna, ao passo que nos revelam a corrente dominante do caldaísmo, são de proveniência popular, o que nos comprova a existência de um fundo étnico de superstições na região da Aquitânia, isto é, onde o elemento ibérico resistiu mais tempo às invasões célticas. O facto de serem populares na Aquitânia essas fórmulas, leva-nos a inferir a sua origem ibérica, e por tanto tendo relações tradicionais com os cultos académicos, e a precisar pela etnologia a razão da unidade das superstições ocidentais. Diz Ernest Charrière: «Nós não vemos

¹⁶ *La Magie chez les Chaldéens*, p. VII.

¹⁷ A fase *demonstrada* das superstições manifesta-se actualmente na Espanha no proselitismo *espiritista*, que é uma transformação do erro animista adaptando-se a um grau mais elevado da cultura social; destacada da sinceridade popular e do automatismo tradicional, o seu estudo só interessa à psicologia mórbida.

dificuldades para crer que na Península a raça espanhola e a italiana eram idênticas e vinham juntar-se pelo laço natural da Aquitânia e pelo meio-dia da Gália como o indicam todas as relações actuais. A analogia da raça ibérica com esta antiga raça autóctone que apresentam todas as antiguidades da Itália, tão completamente obliterada na história sob a tríplice invasão dos Gauleses, Etruscos e dos Gregos, deve ter sido anterior mesmo àquela que se estabeleceu depois pela imigração dos Sicanos e Ligúrios, e as denominações ibéricas da Itália podem pertencer a esta comunhão natural que nós atribuímos às duas populações.»¹⁸

Não poderíamos apresentar com mais clareza o problema étnico do Ocidente da Europa, por onde se conhece a importância do estudo das fórmulas de Marcelo para a compreensão das mais remotas origens das nossas superstições, tal como a tradição das *palavras desconhecidas*. Na magia popular da Europa conservam-se as palavras de impreciação *Hilca* e *Becha*, que Lenormant vai encontrar nos livros acádicos da Caldeia;¹⁹ este facto indica um caminho para a crítica, e poder-se-á supor que as *palavras desconhecidas* a que ainda hoje as superstições populares atribuem certas virtudes serão muitas delas conservadas como fórmulas tradicionais acádicas, mas sem a consciência da sua origem. No livro de Marcelo, *De Medicamentis*, escrito no fim do século IV, vêm muitas fórmulas de medicina popular, palavras ininteligíveis de impreciações que o médico burdigalense coligiu dos costumes e transmissão oral, como ele próprio confessa: «*Ab agrestibus et plebeis... dedici*.» Jacob Grimm, que aliou o génio com a erudição, publicou em 1849 um estudo *Sobre as Fórmulas de Marcelo*, em que procurava provar que as palavras ininteligíveis eram vestígios de um dialecto gaélico falado na Aquitânia; nesta hipótese cortou as fórmulas em sílabas segundo a conveniência da aproximação de palavras célticas, apoiando-se ao mesmo tempo nos nomes célticos de plantas empregadas por Marcelo. O grande celticista Zeus não se conformou com as explicações de Grimm, aderindo em 1855 ao modo de ver deste filólogo Adolpho Pictet, o que fez com que Jacob Grimm desse um novo vigor ao problema. Belloguet, na *Ethnogenie Gauloise* deixa em desconfiança a interpretação de Grimm, porque essa tese parte da hipótese que o gaulês da Céltica invadira a Aquitânia extinguindo a língua que aí se falava no tempo de César, língua que se julga ter sido o *ibero* ou basco.

A região a que pertencia Marcello Burdigalense, a Aquitânia, onde os Ausci ou Iberos persistiram resistindo às invasões dos Arias na Europa, leva-nos pela particularidade da sua etnologia a procurar uma outra solução para este problema. Só depois que em 1868 Rawlison e Norris publicaram as fórmulas da magia acádica, é que se possuíram os elementos para determinar os paradigmas das primitivas superstições da Europa, assim como pelo lirismo acádico se determinaram também os tipos das canções trovadorescas ocitânicas. No tempo em que trabalharam Grimm e Pictet ainda não eram conhecidos estes inesperados recursos científicos, e é por isso que os seus resultados partindo de hipótese gratuita apenas chegam a explicações engenhosas. Conhecidas as palavras acádicas, protomédicas, susianas e assíricas usadas nas impreciações e esconjuros da magia caldeu-babilónica, é necessário com estes dados novos que se retome o problema como o deixou Grimm, e se considerem as fórmulas marcélicas que foram coligidas da boca do povo como vestígios tradicionais da raça que estacionou na Aquitânia, onde resistiu às invasões célticas. Recuamos o campo histórico, e damos-lhe

¹⁸ *La Politique de l'Histoire*, t. I, p. 81.

¹⁹ Estas vozes acham-se nas palavras *Villias* e *Guacas* da antiga religião peruana, que significam divino, sobrenatural; eram quaisquer objectos de pau, pedras meteóricas; as *Guacas* eram também as nossas petrasfitas ou marcos, e os *Guachecoal* correspondiam às nossas picotas ou pelourinhos. Girard Riale, *Mythologie Comparée*, p. 15.

uma base positiva, tomando os ritos mágicos e a medicina augural, que os Celtas não tinham mas sim os Iberos acantonados na Aquitânia, para aproximação e inteligência das fórmulas.²⁰

Se o nosso ponto de partida, que julgamos admissível, se justifica pelos trabalhos linguísticos dos assiriólogos, então pode dizer-se que se determinou a camada das superstições ante-históricas da Europa, e a verdadeira base étnica para a unidade das tradições ocidentais. Tentaremos esta exploração aproximando as imprecações acádicas das superstições populares. Rawlinson e Norris publicaram uma série de vinte e oito fórmulas de imprecações da Caldeia, achadas nas ruínas do palácio real de Nínive, e escritas no velho acádico, língua sagrada que foi para a civilização assírio-babilónica o mesmo que o latim foi para os católicos da Idade Média da Europa. Estas vinte e oito fórmulas traduzidas do texto primitivo por Lenormant, encerram riquíssimos elementos comparativos para recompormos a camada turaniana ou ibérica das superstições populares que ainda existem. Na primeira fórmula do encantamento deprecatório cita-se o *demónio do deserto*,²¹ nos Açores chama-se-lhe ainda hoje o *Entre aberto*, e no Algarve o *Homem das sete dentaduras*, e só aparece nos lugares solitários à hora

²⁰ Eis a primeira das fórmulas de Marcello Burdigalense (cap. 8):

I. EXCICUMACRIOSUS. Pela aproximação das impressões acádicas leríamos: *Excicu Ma Cr Rios (us)*, que correspondem às seguintes imprecações: *Asakku*, a febre (em assírico); *Ma*, o país (em acádico); *Kur*, a montanha, e *Rus*, o choque (em acádico). Ainda hoje nas imprecações populares o mal é repellido para longe, para lá das montanhas, para os mares amarelos.

Eis a segunda fórmula:

II. TETEUNCRESONCO. BREGAN, GRESSO. Dividimo-la segundo as palavras acádicas imprecativas em *T-etunc Res Onco Bre-gan Gresso*, a que corresponde a seguinte significação: *Zi* (ou *Ti*) o espírito; *Utug*, demónio favorável; *Res*, choque; *s'unki*, império (em susiano); *Bil-gé*, chama; *Gurus*, elevado.

III. INMON DERCOMARCOS AXATISON. Segundo as palavras correspondentes das fórmulas mágicas da Caldeia, dividimo-la: *In, mon derco mar cós as sa ta son*, que se traduz: *Inne*, não (em protomédico), *Mun*, benfazejo (em acádico), *de*, mudar; *hur-ki*, proteger, iluminar; *mar*, caminho; *kus*, dirigir; *as*, imprecações; *sa*, campo; *da*, ir; *su*, forçar (todas em acádico).

IV. RICA RICA SORO. Em protomédico *Ruk* é o homem; *sera*, por.

V. KURIA KURIA KASSARIASOURORBI. Em acádico *Kurra*, é o oriente; *kas*, dois; *hur*, proteger; *As*, encanto; *ir*, o nadir; *ub*, região.

VI. VIGARIA GASARIA. Dividi-la-íamos em *Vi Gana, Ga Sa Ria*, pela significação: *Ua*, casa (em suziano); *gaita*, demónio (em assírico); *ge*, inferior, em acádico; *zi*, espírito; *ria*, correr (em acádico).

VII. ARGIDAM. MARGIDAM, STURGIDAM. Divide-se a fórmula nas seguintes palavras que se aproximam das acádicas: *Ar Gi Dam, Mar Ge Dam, As Tur Ge Dam*, que significam: *Ar*, região; *ge*, inferior; *dam*, esposa; *Mar*, caminho; *ge dam* (como acima); *As*, seis; *tur*, passar; *ge, dam* –.

VIII. CRISI, CRASI, CONCRASI. Em acádico acham-se aproximações, que levam a dividir a fórmula em *C Ris Cra Zi Con Cra Zi*, que significa: *kú*, elevado; *rus*, choque; *kra*, face; *zi*, espírito; *khon*, feixe (todos em acádico).

IX. HEILEN PROSAGGERI UOME SIPOLLA NABULIET ONODIERNI IDEN ELITON. Tomaremos *Heilen*, como nome do deus fenício *Oulona* (Lenormant, *La Magie*, p. 122); *par*, brilhante; *zakuz*, brilhante (em acádico); *ua*, casa (em protomédico); *me*, não, (em acádico); *Soubulat*, nome de um deus caldeu-babilónico (Lenormant, *op. cit.*, p. 110); *Nabirtu*, nome de um deus suziano (*ibidem*, p. 321); *Tuoni*, nome de um deus finício (*ibidem*, p. 230); *Danyas*, deus cissiense; *id*, um; *en*, encanto; *in Zuna*, o deus Sin (*ibidem*, pp. 16 e 127).

X. XI EXUCRICONE XU CRIGRIONAISUS SCRISUMIOUELOR EXUGRICONEXUGRILAU. Aproxima-se das palavras 4 espírito; *sakri*, filho (em protomédico); *aur kinew*, o ser existente (em assírico); *gur*, restabelecer; *nasí* senhor (em suziano), etc.

XI. SICYCUMA CUCUMA UCUMA. UMA MA A. Reduz-se a uma invocação de divindades: *Sikku*, deus cissiense; *Khumba*, outro deus cissiense; *Khumbumune*, id. em suziano. É possível que as palavras para que não achamos análogas nas imprecações mágicas da Caldeia provenham de outras línguas faladas na Europa depois do século IV, ou mesmo que estas fórmulas estejam deturpadas pela pronúncia popular de uma língua não escrita ou reduzida à escrita sob a pronúncia da baixa latinidade.

²¹ Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 3.

mágica do meio-dia. O *demónio do mar* corresponde às *fadas marinhas*, e à crença que o mar carece devorar todos os dias um fôlego vivo; é também no mar que andam os diabos à solta no dia de São Bartolomeu.

Na fórmula II fala-se no *demónio que se apossa do homem*, e a esta superstição corresponde a possessão demoníaca, que recrudesceu no século XVI, sendo o pretexto para os tremendos processos judiciais da Alemanha, e das fogueiras da Inquisição em Espanha e Portugal. Na fórmula III fala-se na *prostituição sagrada*, que reaparece nos costumes da Idade Média, e à qual se ligam várias superstições portuguesas como restos de um sistema cultural; aí se alude também ao período mágico do *começo de um mês incompleto*, a que torna a referir-se a fórmula XV. Em uma nota acrescenta Lenormant: «Parece que o *mês incompleto*, expressão que nós não podemos explicar por ora de um modo satisfatório, mas que se reproduz muitíssimas vezes nos documentos mágicos, era um momento particular nefasto.»²² Nos cantos populares portugueses e espanhóis, é frequente este prazo mágico:

Era pelo *mês de Abril*,
De Maio antes um dia...

Na fórmula IV vem a impreciação contra o *demónio que forma nós*, e contra a *úlceras* que se propaga. O raquitismo é ainda considerado pelo povo como *nós* que embaraçam o desenvolvimento ósseo da criança, e chamam *atado* ao homem que não pode ter relações senão com uma mulher por efeito de sortilégios. Na medicina popular, os *cobros* ou a *cobreia* são as úlceras que se propagam, as quais se *talham* com uma oração especial. Na fórmula V há a impreciação contra o *pesadelo*, superstição ainda vivíssima entre todas as classes sociais. A fórmula VI refere-se a superstições persistentemente vigorosas; imprecia-se aí contra *aquele que fabrica a imagem*, contra o *olho mau* e a *palavra malfazeja*, ou a praga rogada, como adiante descreveremos.

O poder das palavras é tanto maior quanto elas são mais desconhecidas. As primitivas fórmulas mágicas tinham com certeza um sentido, como se descobriu pela leitura e interpretação dos velhos cuneiformes, porém na tradição da Europa repetiram-se inconscientemente, como se vê pelas *fórmulas marcélicas* e na feitiçaria da Idade Média. A Igreja por isso condenou o emprego de palavras desconhecidas ou ininteligíveis. Nas *Constituições do Bispado de Évora*, de 1534, proíbe-se o uso de *palavras «innotas»*. Também no processo do feitiçeiro Luiz de la Penha, ele é acusado de curar com *palavras desconhecidas*. A palavra pelo facto de ser desconhecida ou «innota» tem um poder mágico especial; este carácter conservado ainda na feitiçaria moderna, já aparece nos vetustíssimos rituais egípcios, e pode-se dizer que deles deriva esta superstição que ainda persiste nos ensalmos populares. Alfred Mauray, no seu livro da *Magia e Astrologia na Antiguidade e Idade Média* cita um trecho do *Tratado dos Mistérios dos Egípcios*, em que se acentua este poder da palavra abstrusa e incompreensível: «Considerou-se desde então como indispensável quando mesmo o mágico não compreendia a língua a que pertencia o nome do Deus, conservar esse nome sob a sua forma primitiva, porque uma outra palavra não teria a mesma virtude. O autor dos *Mistérios dos Egípcios*, atribuídos a Jamblico, pretende que os nomes bárbaros tirados dos idiomas dos Assírios e dos Egípcios, têm uma virtude mística e inefável derivada da alta antiguidade destas línguas, e da origem divina e revelada da teologia destes povos.»²³

Com relação aos nomes tomados da língua dos assírios, esses nomes são acádicos,

²² *Op. cit.*, p. 7.

²³ *La Magie*, p. 42, 3ª ed.

e por isso muitos deles vieram transmitidos até à Idade Média. Sob este aspecto as fórmulas marcéticas são da mais alta importância. Com relação ao Egito, o seu uso remonta a uma antiguidade que o torna uma crença independente do teurgismo da decadência alexandrina. Diz Lenormant: «Nós encontramos nomes deste género dos quais nenhum é egípcio, designando Set e Osíris, na imprecação mágica de natureza funerária que se lê sobre um papiro do Louvre, datado do reinado de Ramsés II: – Oh *Ualbpaga!* Oh *Kemmara!* Oh *Kamalo!* Oh *Karkkenmu!* Oh *Aamgaaa!* Os *Uana!* Os *Remu!* Os *Uthun!* inimigos do Sol. Os nomes místicos e mágicos de fisionomia bárbara designando os deuses, têm um lugar considerabilíssimo nos quatro últimos capítulos que se acham no fim do *Ritual funerário...* que Mr. Birch considera compostos pela época da XVI Dinastia; ali descobre-se com certeza um certo número de radicais semíticos. Em termos formais os nomes do capítulo CLX, são tomados da língua dos Anu da Núbia.»²⁴ Nomes análogos, como diz Lenormant, são tomados da língua dos negros do Punt, os *nahasi*, o que revela uma influência da magia das populações africanas no Egito.

As fórmulas imprecatórias VII a XI enumeram doenças, que durante a Idade Média formavam o objecto da medicina popular, que tinha uma parte obrigada em orações rítmicas. Diz Lenormant, falando do carácter das imprecações acádicas: «Algumas vezes também a fórmula de exorcismo amplia-se e toma um carácter dramático.»²⁵ São assim as orações a Santa Apolónia contra as dores de dentes e outras.

A fórmula XII alude à *sorte má*; ainda em Portugal a palavra *sortilégio* tem o sentido genérico de malefício que se lança contra uma pessoa, e a noção da fatalidade exprime-se pela locução: «Ninguém pode fugir à sua sorte.» A feitiçaria na Idade Média era designada pela sorte má (*sorcellerie*). A fórmula XIV seria para defender o homem nos actos quotidianos da vida, quando se deita ou levanta, quando come ou dorme. Na tradição portuguesa abundam estas orações rítmicas; algumas dessas orações são cantadas pelas ruas. O facto natural do medo supersticioso é um estímulo do canto, como já o notara Roberts com relação aos Hindus: «imaginam que um demónio os persegue, e com o fim de vencer o medo, põem-se a cantar, a falar em voz alta, etc.» A fórmula XVIII ensina um rito para esconjurar o *fantasma*, o *vampiro*, o *espectro* e os *filtros* ou *amavios*; estas variedades ainda persistem na credulidade portuguesa. As fórmulas mágicas da Caldeia traduzidas para a linguagem assíria terminam sempre com a palavra *Amanu*, que entre os povos católicos se identifica com a palavra *amen*.

Os fragmentos que citamos acima, achavam-se mais desenvolvidos em uns tijolos achados por Layard na sala da biblioteca do Palácio de Kojundjik e publicados por Smith e Rawlinson; é um grande tratado de magia, da Caldeia.

Um dos maiores poderes mágicos nos cultos da Caldeia é o *nome secreto* do deus; ele domina todos os males, afasta todos os terrores. Entre os povos semitas propagou-se esta crença, é o *Schem*, a propriedade divina iminente no próprio nome, que se conserva secreto o não pronunciado, como o de Jeová entre os Judeus. Diz Lenormant: «Todas sabem que desenvolvimento a crença no nome todo poderoso e oculto do deus teve entre os judeus talmudistas e cabalistas, e quanto é geral entre os árabes. Nós hoje vemos de uma maneira positiva que essa crença veio da Caldeia.»²⁶ Em um povo em que preponderou a influência e cultura árabe, e em que o elemento mauresco provocou a revivescência do tipo ibérico primitivo, compreende-se a conservação da crença na virtude dos nomes. Para o povo, invocar *Santa Bárbara!* *São Jerónimo!* livra das trovoadas; *São Braz!* livra de morrer engasgado. Vendo-se desfilar um meteoro, diz-se:

²⁴ *La Magie chez les Chaldéens*, p. 25.

²⁵ *Op. cit.*, p. 18.

²⁶ *La Magie chez les Chaldéens*, p. 41.

Senhora da Guia! E quando se tem uma agonia, um susto, grita-se por *Jesus!* A *nómina* resulta da crença no poder do nome, o qual se traz escrito em uma bolsinha ao pescoço.

A superstição no poder dos nomes (*nomen numen*) aparece condenada nas *Constituições Sinodais de Lamego* 2²⁷: «E finalmente se pode por exemplo na missa que se manda dizer com certo número de candeias; e que não haja de ter mais ou menos; ou que há-de ser dita por *clérigo que se chame João*, ou de outro certo nome.» O nome de *Bento* é também posto à criança que pelo facto do nascimento pode ser lobisomem; a criança enquanto não é baptizada chama-se sempre *Custódio*, para o diabo se não apossar da sua alma; para que as sementeiras sejam fecundas devem ser lançadas à terra as primeiras se mentes por uma moça chamada *Maria*; as pessoas que passam uma criança pela fenda do carvalho cerquinho para a curarem da hérnia, para que a cura seja eficaz devem chamar-se *João e Maria*.

A *nómina* é a parte dos talismãs a que os acádicos chamavam *sabga*, e os assírios *mamit*. O marco tinha esse carácter talismânico que se conservou nas *perafitas* e nas *picotas*. As fitas onde se escreviam certas fórmulas acádicas correspondem às *medidas* de certas imagens, como a do braço do Senhor de Matosinhos; os *bentinhos* que se trazem ao pescoço, *pedra de ara* para as mulheres grávidas e para os que atravessam o mar, os *chavelhos* contra o mau olhado, a *meia-lua*, a *figa*, o *signo saimão*, o *corno de veado* são os principais talismãs do nosso povo, alguns com carácter acádico, como os chavelhos alusivos ao touro Nirgal. Alguns talismãs são secretos, e pertencem àqueles que sabem usar os poderes mágicos, tais são o *espelho* em que se observa o futuro, e a *vara* divinatória. Lenormant atribui o uso primitivo da vara mágica ao tempo dos Acádios, passando para a Pérsia por influência do magismo, sendo o *bareçma* uma insígnia essencial do culto masdeano.

Importa notar, que conjuntamente com a espontaneidade das superstições populares nunca se perdeu a transmissão erudita da feitiçaria, chegando estas duas correntes a fecundarem-se mutuamente pelas relações dos curandeiros com o povo. As fórmulas de Marcelo, embora em parte derivadas de elementos populares, devem considerar-se como conservadas por uma tradição erudita, por isso que encerram mistérios teúrgicos, que no século IV só podiam ser conhecidos pela escola *caldaica*, renovada entre os homens cultos pela metafísica neoplatónica. E por esta via que os restos da teologia *caldeu-assírio* aparecem no ocidente, sem que aqueles mesmos que os repetiam tivessem consciência da sua origem. Lenormant prova como: «esta teurgia caldaica se continuou na Idade Média em estado de seita secreta e mágica, e dera nascer a uma numerosa literatura apócrifa, da leitura da qual, no século XI, Miguel Psellus se mostra particularmente penetrado. Os adeptos do caldeísmo de então não sabiam quase nada da religião dos antigos Caldeus; eles ficariam bem maravilhados e mais embaraçados se lhes revelassem os nomes verdadeiros dos personagens do seu panteão. Mas através das alterações profundas de uma mistura de elementos tirados do neoplatonismo, ou de todas as mãos, a tradição transmitida de gerações em gerações fez-lhe chegar ali umas certas noções essenciais, que tinham certamente tido o seu ponto de partida nos santuários de Babilónia e da Caldeia.»²⁸

Compreende-se diante deste factos o valor das tradições vetustíssimas da magia peninsular contidas no processo de Luiz de la Penha, herdeiro dos livros mágicos de seu pai²⁹ e possuidor de muitas fórmulas escritas, conservando nomes de Deuses e génios malignos como *Martha*, *Maruta*, *Trebuca*, que não devem atribuir-se a um mero acaso, mas a um respeito obrigado, que constitui a força e a essência de toda a magia. Serão

²⁷ Livro V, tít. 8 (1639).

²⁸ *Origines de l'Histoire*, p. 527.

²⁹ Maury diz que a magia é hereditária em algumas famílias dos povos selvagens. *La Magie*, p. 21.

ousadas as nossas conclusões, e o processo crítico-histórico da coordenação sistemática das superstições, mas obedecemos a uma necessidade do nosso espírito.

No estudo das superstições populares portuguesas evitámos o usual processo de compilação, porque não deixa compreender a importância deste fenómeno de etnologia. O nosso sistema de coordenação consiste em:

1º Determinar as condições psicológicas da persistência das superstições nas classes inferiores, como estabeleceu Hume; daqui o confronto de certos usos e superstições selvagens com os que ainda aparecem nas civilizações superiores. A esta ordem de observações pertence a influência do meio social, quando nele se operam grandes desastres, ou as catástrofes da natureza produzem impressões deprimentes;

2º Restabelecer por meio de certos grupos de superstições dados de sistemas culturais de religiões extintas e peculiares de outras raças substituídas na civilização da Europa. Assim reconstruem-se:

a) Cultos ctoianos ou de hetairismo primitivo;

b) Cultos mágicos de naturalismo acádico ou turaniano (*aquitânico* ou *ibérico*);

c) Cultos e concepções míticas proto-áricas e indo-europeias;

3º O Estabelecer as duas divisões fundamentais das superstições, derivadas das duas fontes, a caldaica (ou propiciatória) e a egípcia (ou medicinal) propagadas pela influência, dos Gregos, Romanos e Árabes, na civilização da Europa. É esta a base mais geral de uma boa classificação histórica, e o meio de fixar o método científico desta ordem de estudos tão importantes para o complemento da Hierologia, como para a emancipação moral das classes mais atrasadas da sociedade.

CAPÍTULO II

Superstições populares portuguesas

A concepção espontânea das divindades malévolas: A matéria em acção: os Assuras e os Agoiros. – Restos destas concepções na linguagem usual. – *Classificação dos Agoiros*: das Pedras, das Plantas, dos Animais, do Fogo, do Tempo, do Dia e da Noite e das Estrelas. – Dos Agoiros da Casa, das vestimentas, das comidas e bebidas. – Agoiro das pessoas, do nascimento, dos namorados, das mulheres, das crianças. – Agoiros dos sonhos, dos mortos, das vozes, dos números e dos objectos de uso. – *Superstições derivadas de uma religião ctoniana, ou de prostituição sagrada*: lameiros e bordas de rio. – Penedo dos casamentos e o Filho das ervas. – Carácter ctoniano do culto de São Marcos e de Santa Ana. – Fontes santas, montanhas sagradas. – As Thiasas e o Sabbath nocturno. – *Superstições provenientes de um culto fálico ou lunar*: a figa, o canto do cuco, caracteres fálicos em São Gonçalo. – O asno e as favas. – As mandrágoras. – *Superstições sobreviventes de um politeísmo sideral ou solar*: entreabertos e homem das sete dentaduras (Sol que declina); canto do galo, Lobisomem (Sol que desponta), cavalo branco e cavalinhos fuscões. – Tributo das donzelas. – *As Entidades mágicas e malévolas*: Tanglomango, Provinco, Tanso, Trasgo, Tartaranho, Fradinho, Estrugeitante, Pesadelo, Breca, Couro, Jans, Escolar das Nuvens, Hiram, Olharapos, Fadas, Mãe-d'Água, Bruxa, Anão, etc. – *O pessoal mágico popular*: a) Os esconjuradores dos espíritos. – Fórmulas mágicas portuguesas; b) Os curandeiros e a medicina popular. – Braços e pernas oferecidos a Santos. – Ervas mágicas. – Cura das hérnias, cobro, parto difícil, dadas. – Fórmulas mágicas para talhar cobros, fogo louro. – Semeadores da peste em Portugal; c) Pessoas de virtude: os reis e os padres. – Orações contra o quebranto e para acompanhar os actos quotidianos. – Os bentos e os benzilhões. – Os adivinhões. – As profecias nacionais e a vinda do rei D. Sebastião.

O sentimento religioso é um estado psicológico resultante da emoção do terror, que se desenvolve espontaneamente em formas culturais até chegar a sistematizar-se racionalmente em dogmas teológicos. Há, portanto, um período na história da humanidade em que o sentimento religioso é omissivo, e em que a ausência de qualquer ideia definida sobre divindade se caracteriza pela situação moral e mental de *ateísmo*. Os modernos viajantes, como Livingstone, Farrar, Perty, Leighton, Browes, Wiltebourne, Ross, e os modernos etnologistas Lubbock, Topinard, Letourneau e outros, mostram como esse estado mental de *ateísmo*, ainda se observa em certas raças e em um grande número de povos selvagens, estranhos a essa sugestão emocional. Uma tal observação é de um alto valor filosófico, porque leva a determinar o ponto de partida das concepções supernaturalistas, a começar pela concepção do *animismo*, tão bem estudada por Tylor, e desenvolvendo-se nas três fases religiosas sucessivas, coordenadas por Comte no *Feiticismo*, *Politeísmo* e *Monoteísmo*.

Do estado de *ateísmo* dos antigos povos peninsulares ainda fala Estrabão, escrevendo na sua *Geografia*: «Segundo alguns autores os *Calaicos* são *ateus*;...» É um vestígio psicológico importante, que se destacava singularmente do estado moral dos outros povos da mesma península, subordinados a cultos feiticistas e politeístas. As condições naturais do sobrenaturalismo que levaram a mente do homem para a religiosidade, ainda hoje persistem impressionando profundamente o vulgo; entre os fenómenos extraordinários de natureza cósmica, são a miragem, o espectro de Brocken, o eco, as estrelas cadentes, bólides, íris, relâmpago, trovão e raio, vulcões, terremotos, eclipses, cometas, auroras boreais, granizo, chuva de sangue, trombas, fogos-fátuos e fosforescência; entre os fenómenos de natureza biológico-psicológica são os sonhos, o pesadelo e sonambulismo, a ventriloquia, e epilepsia, a amnésia, a catalepsia, a apoplexia, a consunção, e ainda a alucinação preponderante em todos os instituidores religiosos. Esta soma enorme de impressões convergem para a formação de uma noção subjectiva fundamental, o *animismo*, em que todos os objectos do mundo exterior se tornam entes ou seres animados, com actividade própria, que o homem teme, e que procura tornar

propícios por certas práticas. A aversão ou a afeição que algumas pessoas ainda hoje têm pelos objectos materiais, especialmente as crianças e o povo rude, são a forma espontânea dessa primitiva concepção do *animismo*, que persiste como causa da credulidade nos *agoiros* e abusões.

Desde que a concepção animista que nas raças amarelas deu a religião dos espíritos, se particulariza em determinados objectos, de que se tem medo, esses objectos tornam-se *Feitiços*, isto é a forma concreta e material de entidades ou deuses malévolos, contra os quais o homem tem de precaver-se, praticando actos com diligência (*religio* o mesmo que *deligio*, ou diligência) que constituem um sistema de culto. Entre os povos selvagens as religiões, essencialmente feiticistas, apresentam um exclusivo carácter malévolos, o qual persiste de um modo indelével ainda nas religiões superiores dos Caldeus, Egípcios, Semitas e Arias, vindo em algumas a constituir uma síntese teológica no Dualismo, como entre os *assuras* e os *suras* dos Arias, os *Devas* e *Ahura* dos Persas, Typhon e Osiris dos Egípcios. A propiciação do feitiço faz-se ainda hoje entre os selvagens batendo-lhe, increpando-o, da mesma forma que em Portugal o povo amarra a imagem de Santo António pondo-o ao relento ou metendo-o num poço para que faça o milagre que se pede. O feiticismo apresenta várias formas conforme as categorias dos objectos adorados; se o culto se dirige a objectos inanimados, chama-se *manituismo*. Justino fala do culto das montanhas entre os Galaicos, equivalente aos *Bemoth* dos povos semitas, e Estrabão descreve o culto das pedras no Promontório Sacro, que correspondem aos *Betylos* dos Cananeus: «Os únicos monumentos que aí viu (sc. Artemidoro) eram grupos de pedras, que os visitantes para obedecerem a um costume local fazem girar num sentido, depois noutro, praticando antes certas libações em cima das pedras, mas sacrificios em regra não consentem neste lugar, e tão-pouco é permitido visitá-lo durante a noite, porque os deuses, segundo a crença, reúnem-se ali.»³⁰ Entre os Caldeus de Ereck existia o *templo das sete pedras negras*, donde se vê que a descrição de Artemidoro confirma-nos o carácter antropológico dos primeiros ocupadores da Península, que aqui entraram atravessando a África.

Quando o feiticismo tem por objecto o culto dos corpos celestes chama-se *sabeísmo*; Estrabão descreve um culto lunar entre os Celtiberos, dizendo: «mas os Celtiberos e os povos que os limitam ao norte, tem uma divindade sem nome à qual prestam culto formando todos os meses na época do *plenilúnio*, diante da porta de suas casas e com todas as pessoas da família, coros e danças que se prolongam até ao romper do dia.»³¹ A par deste *culto lunar*, tão característico e precioso para esclarecer a antropologia da Península,³² Estrabão descreve também as formas de um *culto solar*, o que leva à inferência de outra raça, de sobreposição mais recente: «Muitas vezes também (os Lusitanos) cortam a mão direita aos cativos, e as oferecem aos deuses. Nos seus sacrificios ao deus Marte, imolam também bodes, os prisioneiros de guerra e cavalos.»³³ Segundo o Rig-Veda, o cavalo do sacrificio representa o Sol, devendo imolar-se primeiramente um bode. Nas crenças populares portuguesas persistem os restos destes dois sistemas cultuais: quando se vê a lua nova, diz-se:

³⁰ *Geogr.*, liv. III, cap. 1, § 4.

³¹ *Ibidem*, liv. III, cap. 4, § 16.

³² Lê-se no livro do Congresso de Antropologia de 1880: «É em África que este culto da lua tem mais importância e extensão. É sobretudo ali que se encontram as danças místicas à lua nova, de que falam os que têm permanecido entre os Catres e os Hotentotes. É impossível o deixar de admitir a existência de elementos africanos nas antigas populações peninsulares. Ora um facto curioso foi notado na língua basca, que parece permitir que aqueles que legaram aos Bascos a sua língua tiveram um culto lunar.» *Op. cit.*, p. 441. Sobre este problema, v. *Povo Português*, vol. I.

³³ Estrab., liv. III, cap. 4, § 7.

Benza-te Deus, Lua-nova,
De três cousas me defendas,
De dor de dentes
De fogos ardentes
De águas correntes
E da língua de má gente

(Estremadura.)

A saudação à Lua nova, a quem as crianças nos Açores chamam *madrinha*, é comum a muitas terras de Portugal e à Baixa Bretanha; diz-se na Maia e no Porto:

Lua-Nova,
Benza-te Deus!
Minha madrinha
É mãe de Deus.

Mostra-se-lhe dinheiro, dizendo:

Lua Nova
Tu bem me vês,
Dá-me dinheiro
Pra todo o mês.

Na ilha de São Miguel «o dinheiro mostra à *lua nova*, na primeira vez que ela se vê acrescenta os haveres.»³⁴

Esta mesma superstição, como observa Leite de Vasconcelos, é comum à França, Bélgica e Suíça,³⁵ donde se conclui a sua derivação de um sistema cultural. O costume entre os povos de raça amarela de fazer ruído quando há um eclipse da Lua, que se conserva na província do Maranhão, aparece também em Portugal, especialmente na Beira, onde «quando há eclipse do Sol, rufa-se em caixas para espantar o leão que está comendo a Lua.»³⁶ Adiante recomporemos este sistema cultural, de que há abundantíssimos vestígios.

O último vestígio do feitiço Lua, acha-se no amuleto ou talismã em forma de *meia-lua*, que se pendura ao pescoço das crianças para não serem embruxadas; é comum este uso ao Monferrato, na Itália.³⁷ A generalidade de certas superstições e agoiros da lua nova deriva de um sistema cultural, simultâneo com um sistema cronológico lunar. A concepção da semana proveio da divisão do mês *lunar*, ou quadraturas, e daí os diversos caracteres aziagos dos sete dias, que se conservam entre o povo. A terça-feira, tanto em Portugal como em Espanha é dia nefasto; escreve Prestes, no *Auto do Mouro Encantado*:

GRIMANEZA: Hoje me ergui
triste, melanconizada.

FERNÃO: Que dia é hoje? *terça feira*

³⁴ *Alm. do Arqu. Açor.*, para 1868, p. 108.

³⁵ *Trad. Populares*, p. 20.

³⁶ *Ibidem*, p. 24.

³⁷ *Rivista de Letteratura Popolare*, t. I, p. 149.

vede quando vos erguestes se pusestes
os *olhos nalguma peneira*.

GRIMANEZA: Disso é.

FERNÃO: Agora soubestes
penetra-vos cem mil pestes,
verdes *peneira* ou *joeira*
ou *trepem*, ou *gato preto*,
ou *meio alqueire pendurado*
às *terças feiras* não é joguete.³⁸

Na sentença de Luiz de la Penha, lê-se: «E o Demónio lhe disse mais quisesse saber algumas coisas, nas noites das *terças* e *quartas-feiras*, se deitasse na cama de bruços, com os pés e as mãos em cruz...» Segundo a prática de Luiz de la Penha (1626) para as palavras da Carta de tocar terem efeito deviam ser ditas «em três *sextas-feiras* sobre ela, e antes que o sol saia, e depois ande tomá-la e metê-la debaixo da terra outras tantas *sextas-feiras* num adro secretamente, e depois disto feito ande fazer as devoções que nela diz, ande tocar em *terça-feira* depois do meio-dia, e a *segunda-feira* antes que saia o sol...» O carácter aziago da *sexta-feira* já aparece nos *Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo (verso 51): «No quinto dia andam errantes as Erynnis pelo mundo para castigarem o perjúrio, filho maldito da disputa.»

O *sétimo dia*, em Hesíodo é consagrado ao Sol; é a modificação do sistema cultural e cronológico. Diz-se vulgarmente:

Não há *sábado* sem *sol*,
Nem alecrim sem flor,
Nem menina bonita sem amor.

Diz-se em Espanha:

No hay *sábado* sin *sol*,
Ni doncella sin amor,
Ni vieja sin dolor.³⁹

Diz-se em Itália, no Livorno:

Non c'è *sabato* senza *sole*,
Non c'è *donna* senza *amore*,
Non c'è *rosa* senza *spina*...⁴⁰

Do carácter hetairista do culto lunar persiste ainda a superstição. Para saber se um casamento se há-de efectuar, queimam-se dois globos de linho em rama dizendo:

Hoje é *lua nova*;
Amanhã *quarto-minguante*,

³⁸ *Autos*, p. 353.

³⁹ *Folk Lore Andaluz*, nº 8.

⁴⁰ St. Prato, *Gli Ultimi Lavore dei Folk-Lore Latino*, p. 4. Na ilha de São Miguel há a mesma crença. *Alm. do Arqu. Açor.*, para 1868, p. 14.

Quero saber se o casamento
De F. irá por diante.⁴¹

O culto e sistema do cômputo *solar*, conhece-se ainda nos agoiros do dia e da hora; vimos no processo de Luiz de la Penha, que as palavras da carta de tocar devem ser ditas *antes que o sol saia*, e tocar com ela *depois do meio-dia*. Nas Constituições do Arcebispado de Braga, de 1639, proíbe-se «que nenhuma pessoa tenha agoiros e observe ou note os dias e horas em que começam os negócios, obras ou caminhos e serviços e saem de suas casas, esperando ou temendo por essa razão bom ou mau sucesso...» Depois do dia e hora, pertence ainda ao culto solar a celebração dos dois *solícitos*, base de numerosas superstições populares. Nas Constituições do Bispado de Lamego, de 1639, se lê a referência aos solícitos, proibindo «que em dia de São João Baptista se colham as ervas e levem a água da fonte para casa ou se lave a gente e os animais nela, antes do Sol nascer, metendo na cabeça à gente de pouco saber que redunde em honra e louvor do santo. E que depois de nascer o Sol, em outro dia, colhidas as ervas em nome e honra dele não terão igual virtude.»

Teócrito fala da hora mágica do *meio-dia*, fazendo dizer a um dos seus pegureiros: «É preciso não tocar flauta à *hora do meio-dia*; a esta hora temos medo de Pan, terrível quando ele se repousa das fadigas da caça.» É notável esta crença da *caça furiosa à hora do meio-dia* nas tradições da Idade Média. Na Grécia moderna ainda hoje subsiste a superstição, e as crianças dizem: «Não estejamos fora de casa ao *meio-dia* porque nos pode acontecer mal.»⁴²

Nas orações populares portuguesas, diz-se sempre:

Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio dia...

Nas interjeições da língua portuguesa, existem certas palavras emocionais, formadas pela contracção de frases que se referem ao poder mágico das *horas* a que o povo chama *horas abertas*. Nos Autos de Gil Vicente, vem *Eira-má*, usada nos Açores, da locução *Em hora má*; o advérbio *Embora*, deriva da locução *Em boa hora*. Diz-se às mulheres grávidas que tenham uma boa hora; e no anexam:

De hora em hora
Deus melhora.

Nos *Apólogos Dialogais*, escreve D. Francisco Manuel de Melo: «Perguntou que mais virtude pode ter uma dessas orações a tal que a tal *hora*? Velha conheci eu já, que ensinava às moças, que as pragas rogadas *das onze para o meio-dia* eram de vez, porque todas empeciam.»⁴³ Adiante estudaremos o desenvolvimento politeísta destas superstições.

Da crença no solstício de inverno é a superstição: «No dia de Natal, à meia-noite, deve sair-se para o campo e apanhar arruda, alecrim, salva e hera terrestre. A arruda ferve-se em azeite para dar fomentações, e das outras plantas faz-se chá para tomar quando se está doente.»⁴⁴

O Sol é invocado em muitos ritos mágicos da medicina popular; numa fórmula do

⁴¹ *Almanaque de Lembranças*, para 1868, p. 224.

⁴² J. Jacques Ampère, *Grèce, Rome et Dante*, p. 64.

⁴³ *Op. cit.*, p. 24.

⁴⁴ Pedroso, *Superst.*, n.º 281.

Porto:

Deus é sol, Deus é lua,
Deus é claridade!
Assim como isto é verdade
Assim tire daqui a enfermidade.

E na Figueira, diz-se também:

Assim como o Sol nasce na serra,
E se põe no mar,
Assim este mal
Vá lá parar.

Muitas superstições dos dias da semana só podem ser compreendidas pelo antagonismo entre o *culto lunar* e o *solar*, que correspondem a raças e civilizações diferentes: «A primeira *segunda-feira* de Abril e a primeira de Novembro, são os dias mais aziagos do ano. – Na *quarta-feira* de Trevas não se deve fiar depois do pôr do Sol, porque foi então que os Judeus fiaram as cordas com que prenderam Nosso Senhor. – Na *quinta-feira* da Ascensão como diz o ditado:

Em quinta feira de Ascensão
Quem não come carne
Não tem coração;
Ou de ave de pena,
Ou de rés do chão.

«Não é bom rir à *sexta-feira*, porque se chora ao *domingo*. E não dobrar linhas à *sexta-feira*. – Obras principiadas ao *sábado* não têm fim. – Não se deve dobar ao *domingo*, porque tem de desdobrar eternamente no outro mundo.»⁴⁵ A crença do *homem na lua* em castigo de ter trabalhado ao domingo, comum a Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha e Inglaterra⁴⁶, deve a sua universalidade ao predomínio do politeísmo *solar* sobre que se incrustou o cristianismo na Europa, como veremos no estudo das festas de São João e do Natal. Na Guarda, ainda o Sol é saudado com cantos:

Em louvor do Sol nascente,
Que nos não doa mão nem dente.

E em Vouzela, identificando o Sol com Cristo (*Emmanuel*, El ou o Senhor conosco) dizem:

Lá vem o Manel do dia
Que tudo cria.⁴⁷

Do culto das estrelas, proveniente das populações semitas, conserva a linguagem popular abundantíssimos vestígios; assim *desastre*, e o antigo vocábulo *astroso*, são restos do sistema dos horóscopos, de que temos ainda a locução vulgar: «Ninguém pode

⁴⁵ Pedroso, *Superst.*, nos 332, 276, 79, 110, 322, 76, 65 e 284.

⁴⁶ Sobre a extensão desta lenda, v. Stanislaw Prato, *Gli uhimi Lavori del Folk Lore Neo-latino*, p. 3.

⁴⁷ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 14.

fugir à sua *sina*.» Entre os Hebreus a constelação de Escorpião ou Orion, era chamada *Kesil*,⁴⁸ e entre o nosso povo ainda se diz *quesila* a apoquentação ou zanga; a *Nakhascha*, ou constelação do Dragão que marcava o pólo norte, no tempo dos patriarcas, entre a Grande e Pequena Ursa, acha-se na forma de *Nagaça*, com que o povo define uma coisa que se agita.

É pela forma astrolática que o feiticismo se converte em politeísmo, em que os objectos materiais só se adoram como representando forças, como se vê no Naturalismo védico. Quando, porém, o feiticismo tem por objecto o culto das coisas vivas, plantas e animais, tem-se-lhe dado o nome de *Totemismo*. Há entre o povo um grande número de plantas com poder mágico, como as mandrágoras, a figueira baforeira, a arruda, o trovisco, a erva da fortuna, e certos animais, como o galo, a arvelinha, o cuco, o sapo, a quem atribuem poderes maléficos ou benéficos. Os apelidos de *Coelho*, *Lobo*, *Raposo*, *Pato*, *Ganso* são os últimos vestígios de um totemismo, característico do período social em que a família se desenvolveu na tribo, sendo esses emblemas de animais, marcos fronteiros entre as várias beetrias ou gentes. Costa, no seu estudo sobre *A Poesia Popular Espanhola* diz que mais de trezentos monumentos representando lobos, cães, touros, javalis, bezerros, cavalos e elefantes se têm encontrado em Portugal, Castela, Andaluzia e Biscaia.⁴⁹ Depois que o tipo social de tribo se dissolveu no de nação, muitos desses *totens* ficaram com poderes mágicos, e até alguns empregados como ordálhos nas provas judiciais. Os *auspícios* (*avis spicium*) os agoiros das aves, prevaleceram em algumas civilizações, vindo a aparecer com bastante vigor entre as nacionalidades modernas.

Quando os povos áricos e semitas entraram na Península, traziam já sistemas religiosos politeístas, que facilmente se sincretizaram sobre esse fundo feiticista, actuando sobre uma mais rápida decadência em práticas supersticiosas. Por seu turno a propagação do cristianismo e a decadência do politeísmo no Ocidente, multiplicaram esses elementos da credulidade popular; o cristianismo aproveitou-se dos cultos hetairistas transformando-os na crença da Virgem-Mãe, e o politeísmo refugiou-se nas povoações isoladas dos campos (os *pagi* donde *paganismo*) onde sobrevive mau grado toda a intolerância da religião oficial. Diversos concílios da igreja proibindo essas práticas pagãs, têm para nós o mérito de serem um inventário dos costumes hierológicos dos primeiros séculos da civilização ocidental, prestando-nos um ponto de partida para avaliar a antiguidade de certas superstições. O Concílio de Leptines, de 743, proíbe certas práticas cultuais que subsistiram em Portugal ainda no século XVI, ou actualmente em vigor; proíbe os cantos funerários *Dadsisas* (Voceros e Endexas), as práticas desonestas do mês de Fevereiro (tivemos a proibição de tocar adufe neste mês), os sacrificios nas florestas ou *nimidias* (temos os carvalhos consagrados) e nas fontes (as nossas fontes santas); proíbe-se os agoiros tirados das aves, dos cavalos, dos excrementos dos bois e dos espirros, bem como o dar miolos de animais (nos Açores ainda se dá miolos de burro como amavio); condena as superstições da lareira e da obra começada, o temor do eclipse da Lua em que se grita *Vince luna*, e por último os simulacros salpicados de farinha. A Igreja condenando essas práticas não as extinguiu; fê-las considerar como obras do Diabo, e desenvolveu a alucinação da demonomania.

Um dos processos críticos que mais luz derrama sobre o estudo das superstições populares, é remontar aos documentos que mais demonstrem a sua antiguidade. Os documentos eclesiásticos enumerando os usos pagãos, ou das povoações rurais, que a nova religião combatia, dão-nos elementos para fixar épocas precisas sobre a vitalidade de certas superstições que ainda subsistem. Num sermão de Santo Eloy, do século vii,

⁴⁸ Hoefffer, *Hist. de Astronomie*, p. 82.

⁴⁹ Hoefffer, *Hist. de Astronomie*, p. 237, nota.

acha-se este precioso quadro das superstições populares, para nós valioso por se acharem todas na sociedade portuguesa: «Eu vos peço e exorto a que renunciéis aos costumes sacrílegos dos pagãos; não escuteis os *adivinhos*, os *feiticeiros* e os *encantadores*, não os consulteis nem em caso de *doença* nem por outro motivo... Não observeis os *agoiros*, nem o *canto das aves*, nem as diversas maneiras de *espirrar*, quando quiserdes fazer uma viagem. – Que nenhum cristão não repare no dia em que saia de casa, nem na hora em que entre, porque todos os dias são obras de Deus; que ninguém se regule pela lua para empreender qualquer coisa. Que nas calendas de Janeiro se não representem farsas ridículas, transfigurando-se em novilha ou em veado novo; que à mesa se não entregue a comezanas sob pretexto de festejar este novo dia. Que nenhum cristão ligue crédito às rimas nem aos cantos mágicos, porque são obras do Diabo. Que na festa de São João e em outras solenidades dos santos, que se não faça caso do solstício; que se não entreguem a danças, a jogos, a corridas, a coros diabólicos; que ninguém invoque o Demónio sob os nomes de Neptuno, de Plutão, de Minerva, ou dos génios: que ninguém celebre o dia de Júpiter como dia de festa, nem no mês de Maio, nem em nenhum outro tempo, interrompendo os seus trabalhos; que ninguém celebre a festa das lagartas, nem a festa dos ratos, nem nenhuma outra... Que nenhum cristão acenda candeias, nem faça votos nos templos pagãos à borda das fontes, ao pé das árvores, nas florestas ou nas encruzilhadas. Que ninguém suspenda amuletos ao pescoço de um homem ou de qualquer animal, ainda mesmo que os clérigos os tivessem preparado e dado como coisas santas... Que ninguém faça ilustrações para a prosperidade das ervas ou das searas. Que ninguém faça passar os seus rebanhos através das árvores ocas, ou de escavações no solo, porque é ao Demónio que os querem consagrar. Que nenhuma mulher se enfeite com colares de âmbar; que ao tecer ou tingir a teia não invoquem nem Minerva nem outra divindade funesta;... Não lanceis grandes brados quando a Lua se escurece, porque não é senão em virtude das leis de Deus, que ela se eclipsa em certos tempos determinados. Não temais começar qualquer obra na lua nova... Não invoqueis o Sol e a Lua com o nome de Senhores, não jureis por eles... Não acrediteis nem na fortuna, nem na fatalidade, nem nos horóscopos; não digais que um homem há-de ser o que o seu nascimento o fez...»⁵⁰

Poderíamos exemplificar todos estes casos com factos dos costumes portugueses desde os documentos do século XIII até às persistências coloniais, como o auto do *Bumba meu boi* e do *Cavalo marinho*, por ocasião do Natal e das Janeiras, no Brasil. Preferimos porém seguir as formas espontâneas dos *Agoiros*, segundo as variações do feiticismo a que se ligam, antes de organizarmos os sistemas politeístas a que a maior parte das superstições populares portuguesas pertencem.

Classificação dos agoiros. – A ideia de agoiro traz implícita a de coisa malévola, que convém evitar, por isso na linguagem do vulgo, se diz sempre:

Não é bom, como fórmula imperativa. O mundo é um pessimismo natural, cujo conhecimento obriga a uma acção negativa.

Começaremos pelas pedras. A *pedra da calçada* é um manitu, que se não deve empregar na construção das casas, porque se revolve ao fim de sete anos (Estremadura). Nos tropos da linguagem do povo as pedras ainda falam, como na cantiga:

Oh pedras desta calçada,
Levantai-vos e dizei,
Quem vos passeia de dia,

⁵⁰ Acta Sanctorum Belgii, t. III, p. 245. (Bulletins de l'Academie r. de Belgique, t. XXII, 2ª parte, p. 152, 1855.)

Que de noite bem eu sei.

As pedras sanguíneas fazem estancar o sangue. Na sentença de Luiz de la Penha, de 1626, descreve-se assim o seu pacto com o Diabo: «Eu sou o espírito que te apareceu, e te digo que se quiseses adivinhar tudo o que te perguntarem, hás-de deitar *três pedras* em meu nome num poço, e quando elas saírem dele, e as tornares a ver na tua mão então não adivinharás. Dizendo-lhe mais, que se ele não deitasse as *pedras* no poço o havia de atormentar, pois fizera a dita devoção.» Nas Constituições do Bispado de Évora, de 1534, proíbe-se que se «tome de lugar sagrado ou não sagrado *pedra-d'ara...*» «Nem *revolvam penedos* e os lancem na água para haver chuva...» A *pedra-d'ara* é empregada para ligar e desligar amantes; no material achado a Luiz de la Penha, havia um saco pequenino com pedra amarela, e dois pequeninos de *pedra-d'ara*. «E para que certa pessoa fosse a sua casa, e a ter pronta para suas torpezas, lhe *tocou com um bocado de pedra-d'ara*; e com efeito logo foi a sua casa...» As superstições das pedras apresentam um pronunciado carácter fálico; próximo da Póvoa de Lanhoso há o *Penedo dos Casamentos*, para o qual se vira as costas atirando-lhe pedras; quantas se atiram até acertar outros tantos são os anos a que dista o casamento; em Prazins, perto de Guimarães, o Penedo dos Casamentos é num *monte* de São Miguel; em Baião outro penedo é chamado dos *Cornudos*.⁵¹ Numa cantiga popular da Beira Alta, há uma alusão matrimonial ao *penedo*:

Assubi-me ao *penedinho*
Para a água ver correr;
Não sei que amor é o teu
Que não me pôde esquecer.

A relação da montanha com a pedra, no culto fálico, acha-se na *Serra de São Domingos*, junto a Lamego, onde num certo *penedo* comprido se vão deitar as mulheres estéreis para se tornarem fecundas. Para saber se terá filho ou filha, as mulheres *atiram três pedras* pela fresta da igreja de São Miguel do Castelo, em Guimarães; se acertam é rapaz, senão é rapariga. Em Requião as mulheres vão chupar num penedo chamado a *Pedra Leital*, e dão *três voltas* em redor dele para terem leite; em Trás-os-Montes trazem ao pescoço uma pedrinha a que chamam *leituário* e na Beira Alta, *conta leiteira*.

Existe também na Itália esta superstição chamando-lhe *pietre lattaiuolle*, como se vê pelo catálogo dos Amuletos de Bellucci; no Alentejo, usa-se também uma *pedra arguerêra*, com poderes de curar os argueiros dos olhos (Elvas). E noutros lugares existe a crença na *pedra de andorinha*: «Quando se encontrar um ninho de andorinha devem cegar-se-lhe os filhos. A andorinha vai buscar uma pedrinha misteriosa, que tem a virtude de restituir a vista aos passarinhos, e que ela deixa ficar no ninho. Vai-se então buscar a pedra, e não há moléstia de olhos que resista à sua influência.»⁵² Em Tabuaço pendura-se ao pescoço das ovelhas uma bolsa com *pedrinhas de igreja* contra o quebranto. Quando os rapazes andam encarniçados em *atirar pedras*, jogo a que em Andaluzia se chama *pedrêa*, o povo toma isso por prognóstico de guerras.⁵³

⁵¹ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 90. V. o nosso 1º vol.

⁵² Pedroso, *Superst.*, nº 471. — Leite de Vasconcelos, *Rev. Scientifica*, p. 481. — Esta pedra de andorinha era chamada pelos antigos *Celidônia*; fala dela Sá de Miranda. Diz dela Brunetti Latini, no *Livro do Tesouro*: «E quant fil perdent la veue par audune achoison, il apporte une herbe que on appele celidoine, quis les garit et lor rent la veue...» Ed. Chabaille, p. 217. (Na Academia das Ciências.) Acha-se em Espanha: *Biblioteca de las Tradiciones Populares*, t. I, p. 225, *Superst.*, nº 45.

⁵³ *Bibl. de las Trad. Populares Espan.*, t. I, p. 236.

As superstições da *pedra-d'ara*, são de que moço que a traga consigo, é sempre feliz em amores (Fafe e Gaia). Quando se toca na pessoa diz-se:

Deus te salve pedra d'ara
Que no mar foste criada;
Assim como Bispo nem Arcebispo
Pode dizer missa sem ti,
Assim tu...
Não te possas separar de mim.

(Pedroso, *Superst.*, nº 477.)

Mulher que tirar do altar a pedra-d'ara ou benzer a mão nela não terá filhos (Santo Tirso e Moncorvo).⁵⁴ Quem vai pela primeira vez a uma terra ou a uma romaria deve meter uma pedrinha na boca (Tabuaço, Carrazeda de Anciães e Rio dos Moinhos). Para que o remédio de *talhar* surta efeito é preciso que se faça ao pé de um *penedo*.⁵⁵

Os monumentos pré-históricos do nosso país, os *menir* e *dólmen*, conservam entre o povo um carácter maravilhoso, como cobrindo tesouros enterrados; e o intuito de descobrir esses tesouros revolvendo os penedos, fez com que tantos monumentos fossem destruídos. Assim como na Bretanha são designados pelo título maravilhoso de *Alikorrigan*, a Casa das Fadas, em Portugal são também casas de mours encantadas. A opinião popular sobre as *antas*, é que são «monumentos que em si escondem tesouros, ou são defendidos por estranhos poderes, edificações de mours»⁵⁶ Existem certos penedos furados, como o *Peneda Moura*, e junto do Monte de Saia, o *Sino do Mouro*;⁵⁷ o Monte do Facho, onde há restos de uma antiga povoação também se chama vulgarmente a *Eira do Mouro*. A destruição de algumas *antas* fez-se pela autoridade eclesiástica, e numa das obras da Serra de Ossa achou-se *cinzas e carvões*, vestígios de um evidente rito funerário. Nas crenças populares os tesouros das fadas transformam-se muitas vezes em carvão:

«Fadas de mãe são tesouro de mours encantada ou escondida; ao primeiro és não és, *eis carvão tudo*.»⁵⁸

Diz Prestes num dos seus autos:

Que porque vo-la mostrei
Carvão achei... (p. 400)
...armastes
Muitos contos, tais enleios
Que tudo em *carvão* achastes (p. 353).

As três *voltas* dadas em roda da Pedra Leital, de Requião, estendem-se a outras devoções, como ao redor de uma ermida.

Diz Smith: «Os druidas começavam ou acabavam a maior parte das suas cerimónias dando *três voltas* em redor do círculo do *carn*, ou do altar, junto dos quais cumpriam suas funções, partindo do ponto do oriente e seguindo o curso do sol. Chamava-se a esta espécie de procissão *deas iul*, o caminho do meio-dia, etc. A

⁵⁴ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 92.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 97

⁵⁶ Gabriel Pereira, *Dólmenes ou Antas dos Arredores de Évora*, p. 8.

⁵⁷ Idem, *Notas Arqueológicas*, p. 62.

⁵⁸ D. Francisco Manuel, *Apólogos Dialogais*, p. 47

cerimónia do *deas iul* pratica-se ainda em muitas circunstâncias nas montanhas da Escócia. Uma mulher grávida dá *três voltas* em redor de uma capela afamada, a começar do levante para o meio-dia a fim de ter um bom sucesso. Os doentes esperam recobrar a saúde *dando voltas* em redor dos vestígios de algum antigo *carn*.»⁵⁹

Nas Constituições do Bispado de Lamego, de 1563, estabelece-se: «Defendemos e mandamos com que as procissões não vão a outeiros, nem *penedos*, mas somente à igreja...»⁶⁰

No *Penedo Encavalado*, de Mondim da Beira, aparece uma moura, estendendo *meadas de ouro*; em Cabeceiras de Basto, no monte da Orada, há uma pedra de mouro, com haveres assim como na lapa da Talada. Também se chamam *pedras cavalgares*. Os montes e outeiros também têm o seu primitivo carácter sagrado convertido na superstição das mouras encantadas. Junto a Vermoim, no monte do Castelo de Santa Catarina havia uma *moura em forma de cobra*; em São Pedro do Sul, diz-se que as mouras andam encantadas pelos outeiros; e quem deitar um pingo de leite numa *laje* pode alcançar um tesouro.⁶¹ O culto das montanhas, entre os semitas, ou *bemeth*, aparece ainda entre os gregos, nos seus montes, sede ou templo das Musas, como o Pindo, o Parnaso, o Pierio, e *bomos* significa a elevação a que se liga a ideia de altar. Todas estas reminiscências vagamente se conservam na ideia que o povo faz das *mamoas*, *antas* e *antelas* espalhadas pelo nosso país.

Por último a pedra, que se emprega no pacto com o Diabo, da feitiçaria do século XVI, ainda se conserva nos costumes de Cabo Verde, na ilha de São Tiago; dá-se ali o nome de *Fetal* a uma pedrinha mágica, do tamanho de um grão de mostardeira, que as pessoas que fazem pacto com o Diabo recebem no sitio chamado *Água de Má-Marta*. A pedrinha é metida debaixo da pele, e aquele que a traz em si, o *fetalista*, fica para sempre livre de desgraças embora não chegue a ser rico.⁶² Esta superstição liga os agoiros das pedras ao culto ctoniano dos charcos e das Deusas-Mães, como se vê pela relação com *Má-Marta*, a que no processo de Luiz de la Penha se chama *Marta não a dina*.

As *pedras de raio*, conhecidas da antiguidade pelo nome de *cerâunias*, conservam ainda entre o povo o seu primitivo carácter mágico; segundo a crença, são arremessadas pelo raio, e enterram-se pelo chão abaixo sete varas, voltando à superfície, como se crê na Calabria e em Aveyron, ao fim de outros sete anos (Trás-os-Montes, Angerez, Vouzela); em Resende chamam-lhe *cunhas de pedra*, como na Escandinávia, e postas sobre os telhados livram a casa do raio (Torre de Moncorvo).⁶³ As *cerâunias* ou cunhas de pedra são consideradas como instrumentos de sílex da época ante-histórica; só as fulgurites ou vitrificações por meio da faísca eléctrica é que poderiam generalizar esta crença comum a todos os povos. A concepção do fogo celeste, base de um grandíssimo número de mitos áricos, explica uma soma numerosa de agoiros, quer das pedras, que eram os *betylos* semitas, quer das plantas com forma de pena, das raízes, como a mandrágora, ou dos ramos com que se produzia, pela fricção, o fogo. O fenómeno meteorológico do nevoeiro, é segundo os contos populares produzido por *cinza* espalhada ao vento.

Os vestígios dos cultos siderais são os mais completos sobretudo em algumas festas religiosas, como o *São João* e o *Natal*; as superstições astrolátricas subsistem, mas já sem a importância que tiveram durante a Idade Média. No *Cancioneiro*

⁵⁹ *Hist. des Druides*, p. 56.

⁶⁰ Tit. XVI, const. 4.

⁶¹ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 87.

⁶² *Almanaque de Lembranças*, para 1880, p. 102.

⁶³ Leite de Vasconcelos, *Tradições das Pedras*, na Era Nova, p. 75 (1881).

Português da Vaticana encontram-se abundantes referências à Astrologia; uma canção de Afonso de Cotom traz:

Meestre Incolás, a meu cuydar
é muy boo físico por nom saber
el a suas gentes bem guarecer;
mais vejo-lhi capelo d'ultra-mar,
e traj'al uso ben de Mompiller...

E em *boõ ponto* el tan muyto leeu,
ca per o prezam condes e reyx,
e sabe contar quatr'e cinqu'et seix,
per *strolomya* que aprendeu...

E outras *artes* sabe el muy melhor
que estas todas de que vos faley,
diz das luas como vos direy
que x'as fezou todas nostro senhor...

(Canç., nº 1116.)

Na Idade Média a *palavra* possuía um poder mágico; daqui um certo prestígio dos gramáticos e escolares, que passavam por necromantes. A Gramática era denominada por excelência a *Arte*; no *Cancioneiro da Vaticana* alude-se ao tipo do escolar: «Chegou Payo de *Maas-Artes*.» (Canç., nº 1132.) Benoit de Sainte More, no *Roman de Troie*, confunde na *artimaire* (ars maior, ou *artimanha* ars magna) a necromancia e a gramática.»⁶⁴ Numa canção do conde D. Pedro, alude-se à superstição astrológica dos escolares:

Martim Vasques noutro dia
hu estava em Lixboa,
mandou fazer gram coroa,
ca vyo per *estrologia*
que averia egreja
grande, qual ca el a deseja
de mil libras em valia.

(Canç., nº 1042.)

Estêvão da Guarda, grande privado de D. Afonso III, descreve a crença no influxo dos planetas:

Ora é ja Martim Vasques certo
das *planetas* que tragia erradas,
Mars e Saturno mal aventuradas
cujo poder trax em si encuberto;
cá per Mars foi mal chagad' em peleja,
et per Saturno cobrou tal egreja
sem prol nenhuma em logar deserto.

Outras *planetas de boa ventura*

⁶⁴ Ed. Joly, t. II, p. 226.

achou per vezes em seu calendayro
 mais das outras que lh'andam em contrairo
 cujo poder ainda sobr'el dura...

(Canç., nº 931.)

E nas canções n.^{os} 928 e 929 que trazem a rubrica: «*feita a hu jogar que se presava destrologo e el nom savia nada...*», diz o mesmo trovador:

Já Martim Vasques da *estrelogia*
 perdeu bençom polo grande engano
 das *pranetas*, porque veo a dapno
 en que tan muyto ante se atrevia...

Na canção nº 962 da Colecção Vaticana, a palavra *astroso* designa o que está debaixo da influência maligna dos astros. Os reis tinham os seus astrólogos oficiais, que consultavam em todas as determinações difíceis. O rei D. Duarte tinha junto a si *mestre* Guedelha, que lhe prognosticou a morte; na Sentença contra Ana Martins, de 1694, ainda se emprega a palavra *mestra* com este sentido, dizendo que não conseguiam «algumas *mestras* que primeiro se benziã a si» curar os achaques dos que as consultavam. No nascimento das crianças tomava-se o *horóscopo* para conhecer a sua sorte ou destino; Camões, na canção X, diz de si:

Quando vim da materna sepultura
 De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado;...

Referia-se o poeta ao célebre prognóstico de Fevereiro de 1524, em que nasceu, no qual se anunciava um grande dilúvio pela conjunção dos planetas no signo de *Piscis*. Espalhou-se pelo mundo o terror de um dilúvio, terror renovado pela apagada tradição do milénio, que de vez em quando revivesceu.⁶⁵ Os meteoros são ainda considerados *sinais no céu*, e os cometas prognosticam guerras, pestes e a morte de altos personagens.

Segundo Lange, na *História do Materialismo*, o preconceito do perigo mortal ligado ao nascimento dos fetos de oito meses é devido aos restos da astrologia medieval. Na crença popular chama-se ao meteoro que passa uma *estrela que cai*, e para que não arrase a terra, diz-se: *Nossa Senhora te guie* (Açores), ou *Assim corra a minha alminha para o céu*. Em Mondim, tira-se o chapéu, dizendo:

Deus te guie bem guiada,
 Que no céu foste criada.⁶⁶

⁶⁵ É singularmente notável o folheto: «*Contra os juyzos dos astrologos*. Breve tratado contra a opiniam de alguns ousados astrologos: q per regras de astrologia nó bem entendidas ousam em publico juyzo dizer: q ha quatro ou cinco dias de Fevereiro do anno de 1524 por ajuntamento de alguns planetas em ho signo de Piscis será grã diluvio na terra. Ho qual tratado pera consolação dos fiees: fez e cõpilou de muytos doctores catholicos e sanctos, ho licenciado frey Antonio de beja, da ordem do bem aventurado padre e doctor esclarecido da egreja sam Hieronimo, e foy per elle dedicado e oferecido aa christianissima senhora ha senhora raynha dona Lianor d'Portugal.» O folheto foi impresso por ordem da própria rainha, em Lisboa, por Germano Galbarde, em 7 de Março de 1523.

⁶⁶ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 31: «Quando se vê uma estrela cadente é bom dizer-lhe: Deus te guie! ou abaixar-se e pegar na primeira cousa que se achar e metê-la na algibeira.» *Almanaque do Arqu. Açoriano*, para 1868, p. 109.

O poder malévolos das estrelas subsiste no agoiro: «Quem conta as estrelas, nascem-lhe outras tantas verrugas nas mãos.»⁶⁷ Nas Constituições do Arcebispado de Braga, de 1639, proíbe-se: «nem faça juízo ou levante figuras pelos movimentos ou aspectos do Sol, Lua, ou Estrelas». Na sentença de Ana Martins, de 1694, diz ela que se as palavras e cerimónias que fazia fossem feitas por outra pessoa não curavam «porque ela era somente a que tinha aquela *estrela*».

O mundo vegetal fornece bastantes agoiros; tais são nos arredores de Lisboa: Se a erva pinheira, apanhada em dia de Santo António reverdecer em casa, é sinal de fortuna. – Se o primeiro fruto de uma árvore não for comido por homem, fica a planta aneira, isto é dando fruto um ano sim outro não (Minho), Não é bom estar à sombra da figueira, nem quando faz trovoadas⁶⁸ e quem cai dela abaixo quase sempre morre.

O carácter fálico da figueira, conhece-se pela crença que «o touro atado ao pé de uma figueira se faz manso».⁶⁹ A confusão de *ficus*, a excrescência córnica dos Sátiros *ficarios*, com o *ficus*, o figo, em São Jerónimo, motivou esta crença, que se vê mais evidente na superstição do *feito*. O *feito* ou *feitelha*, semente que o vulgo colhe em um guardanapo na noite de São João, para aquele que o possuir se tomar amado, deriva esta sua virtude da crença politeísta dos sátiros *Fatuus* ou *Fatuellus*; numa cantiga popular dos arredores do Porto, diz-se:

Meu amor não vás a Avintes,
Nem pra lá tomes o jeito;
Olha que as moças de lá
Trazem a *semente do feito*. 4⁷⁰

O junco ou a planta dos charcos, que no culto eneano da prostituição sagrada é a *hasta*, *hastilia* ou a lança fálica, acha-se com intuito supersticioso na cantiga do Alentejo:

Dizem que me queres bem,
Inda o hei-de experimentar,
Na noite de S. João,
Junco verde hei-de cortar.

Este uso de *cortar juncos* como sortilégio amoroso, acha-se também em Vila Nova de Carros, no concelho de Paredes. As *hastilia* do culto eneano aparecem na *Oração de Marta* (Luiz de la Penha):

com três *varas* te mandarei;
quatro cantos catarei,

⁶⁷ Comum à Espanha: *Biblioteca de las Tradiciones Populares*, t. I, p. 216, nº 20.

⁶⁸ Na Andaluzia diz-se, referindo ao ar da figueira:

Anda vete de mi bera
Que tu para mi has tenido
Sombra de negra figuera.

A Guichot, *Bibl. de las Trad. Populares Espan.*, t. I, p. 230. Não ter *ramo de figueira*, exprime na locução popular o cúmulo da pobreza.

⁶⁹ Padre João Pacheco, *Diveri. Erudito*, t. I, p. 355.

⁷⁰ *Positivismo*, t. IV, p. 114.

com a *vara* da maior alçada, etc.

Na *Devação da Estrela Formosa*, ainda figuram as varas:

e nove *varas de zimbro* me colhereis
na mão de Caifás mas amolareis,
bem amoladas
e bem aguçadas
aguçadas e bem metidas
e bem trancadas
uma no coração
e outra pelo sentido
que de mim fuão
nom seja esquecido, etc.

O *zimbro* ainda hoje é considerado com virtude contra o ar mau. Diz o anexim português falando da virtude mágica da arruda:

Se a mulher soubesse
A virtude da *arruda*,
Buscá-la-ia de noite à *lua*.

O cheiro do *alecrim* queimado afugenta os raios; e em ramo tem poder contra os feitiços. – As ervas apanhadas em quinta-feira da Ascensão ao meio-dia, tem virtude contra sezões e feitiçarias. – Não se deve dormir à sombra dos damasqueiros. – Quem queima folhas de figueira em casa onde se cria criança, seca o leite à mãe. – E mau queimar lenha de oliveira, que ficou consagrada pela pomba de Noé, ou porque se fez dela a cruz de Cristo. – É mau queimar trovisco, consagrado por ter Nossa Senhora enxugado sobre ele os paninhos do menino. – O cepo ou *trafogueiro do Natal*, tem grandes virtudes. – Janela onde haja a planta do ensaião (com que os pescadores tingem as linhas da pesca) nessa casa as raparigas ou os rapazes não casam. – A planta do azevinho borrifada com vinho na noite de São João, e levada para casa depois da meia-noite, dá a fortuna a quem a tiver. – Os tremoços e os pinhões são amaldiçoados (por terem denunciado a fuga de Nossa Senhora.) – Quando as batatas grelam em casa é sinal de que lhe crescem os bens. – O funcho, o rosmaninho, o sabugueiro e o alecrim colhidos na manhã de São João livram a casa do raio. – As *Ordenações Manuelinas* proíbem cortar solas em figueira baforeira e ter mandrágoras, costume persistente de um primitivo culto fálico.

As plantas solâneas são aquelas que pelas suas virtudes medicinais impressionam mais directamente a imaginação popular. A valeriana chega a ter uma personalidade com quem se trata para obter fortuna. Gil Vicente, na comédia da Rubena alude à cantiga da *Molianq*, *moliana*; Amida Furtado escreve sobre este ponto: «A mais complicada e curiosa superstição micalense que temos encontrado é a da *boliana*. A *boliana*, contracção de valeriana, é uma planta indispensável para se ter fortuna; mas para isto carece estar sempre ao pé dos seus três companheiros, o verbasco, o trovisco e a bela-luz, e que se lhe diga todos os dias esta cantiga:

Bons-dias, minha menina,
Como passastes a noite?
Tu comigo e eu sem ti,

E tu no coração de outro.

Boliana, minha amiga,
Verbasco teu companheiro,
Hás' pedir ao meu amor
Que me dê muito dinheiro.

Quando se rega a boliana é preciso dizer-lhe:

A água que vem da serra,
Vem de regar os craveiros;
Também te venho aguar
Minha nobre cavalheira.»

«Deve ser plantada juntamente com algum fio de ouro ou com dinheiro de *grelha* (em que a coroa está sobre uma esfera armilar) e não deve ser adquirida senão comprada ou furtada. As pessoas que emigram levam consigo folhas dela. O mais curioso desta superstição é que o povo crê que de sete em sete anos, na noite de São João, a boliana dá uma flor que é exactamente do feitio de uma *pena* de pato e com que também se pode escrever. Para a poder colher é preciso ir à meia-noite com um guardanapo de olhos pela cabeça, e a flor ao ser cortada dá um grito. Afirma-se que muitos escrivães possuem uma *pena* destas e que a isto devem a sua fortuna.»

Escreve Baudry, no belo resumo da grande obra de Kuhn sobre *Os Mitos do Fogo, e a Bebida celeste entre os povos indo-europeus*, que as plantas que têm as folhas em forma de pena são consideradas como colhidas da árvore celeste, e ligadas ao culto do fogo, como também as parasitárias. A folha do *feito* é comparada a asa da águia (*Pteris aquilina*, Linn.) e nas crenças populares da noite de São João, o feto colhido nessa noite tem virtudes, que se relacionam com o mito do fogo dos povos áricos; o seu nome em alemão *farn*, e no inglês *fern*, tem no sânscrito a forma de *parna*, a pena.

«Em a boliana murchando, apesar de estar com as suas três companheiras, é porque está para haver desgosto em casa. Enquanto se rega deve-se estar a pousar-lhe a mão em cima – ela põe-se a pular como uma coisa viva, porque é uma rainha encantada. Esta planta é sobretudo querida das meretrizes que lhe dirigem cantigas especiais, e que depois de a regarem, põem-na entre os pés e andam-lhe com as saias em volta para serem penetradas das suas virtudes, repetindo as cantigas – senão ela fica triste.»⁷¹ Esta superstição é em tudo semelhante à da *mandrágora* na antiguidade e na Idade Média. No norte de Portugal existe a mesma superstição, já com o nome de *moliana*, ou com o de outras plantas como a *erva de Nossa Senhora*, *azevinho*, e *laranjinha para dar fortuna*.⁷² O companheiro da moliana, o *trovisco*, também tem o poder de dar fortuna. «As mulheres (Roriz) quando vão à feira vender, cortam o trovisco macho, e levam-no no cesto para se livrarem de coisas más; dizem ao cortá-lo:

Louvado seja
Nosso Senhor Jesus Cristo!
Venha daí comigo
Ajudar-me a vender isto.»⁷³

⁷¹ *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos*, p. 41, Ponta Delgada, 1884.

⁷² V. a presente obra, vol. I, p. 144. Na Alemanha as flores mágicas que dão fortuna chamam-se *schlüsselblume* e *glücksblume*.

⁷³ *Almanaque de Lembranças*, para 1868, p. 214.

Nas cosmogonias da raça árica, o homem nasce das plantas; entre os povos semitas nasce das pedras. Esta crença primitiva conserva-se em algumas superstições, em que a vida da criança se liga à de uma planta, ou a saúde de um ausente é revelada pelo estado em que uma certa planta se mostra. Tal é esta superstição da ilha de São Miguel: «A babosa, planta da família das nopáleas, mesmo depois de cortada reverdece e brota novas folhas; querendo saber o estado de uma pessoa ausente observa-se essa planta cortada: se continua viçosa, saúde; se vive, mas com pouco viço, doença; se fenece e seca, morte.»⁷⁴ Na nossa infância vimos na choça de um pobre velho Francisco Caeiro, uma babosa pendurada na cozinha por onde ele sabia da saúde de um filho que estava no Brasil.⁷⁵

A cada passo se depara com esta persistência tenacíssima dos costumes; ainda hoje o povo de Lisboa defuma as casas com *alfazema*, como na primeira metade do século XVI notava António Prestes, como eficaz contra os espíritos:

Vós defumais
esta casa com alfazema.

(*Autos*, p. 398.)

As plantas aromáticas, como a *arruda*, o *mentrasto*, o *orgevão* (verbena) e outras muitas são os específicos peculiares da medicina mágica popular, em que o histerismo e o estado febril são *ar mau* ou bruxedo. Adiante veremos como a *mandrágora*, proibida pela Ordenação Manuelina, se liga aos cultos fálicos primitivos, explicando-se por eles muitas superstições. O *sabugueiro* é usado com a forma de rosários ao pescoço das crianças para não serem embruxadas; nos ensalmos contra o *fogo do ar* é chamado o *sempre-verde*, com a persistência do mito do fogo reconstruído por Kuhn.

Nos agoiros de forma ou categoria zoológica, as *aves* ainda hoje são consideradas com poder mágico, principalmente para conhecer o futuro. Muitas vezes a prática supersticiosa não podendo ser extirpada, foi santificada, como vemos no *corvo* do antigo agoiro popular na lenda de São Vicente onde conserva inconscientemente o seu aspecto feiticista. Diz Lord Backford, na sua Carta XXIV: «Desde tempo imemorial está consignada certa quantia para manutenção de dois pássaros daquela espécie, e os achamos comodamente aquartelados num esconderijo da claustra adjacente à catedral, bem nutridos, e de certo muito devotamente venerados.» São os corvos da Sé de Lisboa.

Diodoro Sículo fala da adivinhação pelas aves entre os Gauleses, e tanto Tito Lívio como Justino afirmam que eles consultam o voo das aves para fazerem as suas expedições.»⁷⁶

Os agoiros das aves eram muito familiares na sociedade portuguesa no fim do século XIII, como se comprova por várias canções da nossa abundante literatura provincial. Numa servente de Pedr' Amigo, lê-se:

Maria Balteira, que se queria
hyr já d'aquí, veo-me preguntar
se sabia j'aquí *d'aguyraria*
cá nom podia mais aquí andar.

.....

⁷⁴ F. M. Supico, *Almanaque do Arqu. Açoriano*, para 1868, p. 107.

⁷⁵ V. o elemento comparativo nos *Contos Populares do Brasil*, p. XXXIV.

⁷⁶ Belloguet, *Ethnogénie Gaul*, t. III, p. 193.

E dixi-lh'eu: Cada que vos deitades
 que *esturnudos* soedes d'aver?
 E disse ella: Dois ey, ben o sabades,
 e hun ei quando quero mover...
 E dixi-lh'eu: Poys aguyro catades
das aves vos ar convem a saber,
 vos que tan longa carreira filhades;
 diss'ella: esso vos quer'eu dizer,
 ey feryvelha sempre ao sair,
 e dixi-lh'eu: Bem podeades vós ir
 con ferivelha mais nunca tomades.

(Canç., nº 1197, do *Canc. Vat.*)

Estes presságios da vista das aves persistem entre os Tupis do Brasil, os Dayakas de Bornéu, e entre os Maois; os Tártaros observam estes augúrios, que penetraram nas mais altas civilizações.⁷⁷ Numa servente de Ayras Peres Veyturom acham-se ainda mais minuciosamente especificados estes augúrios:

Poys que don Gomes Cura querria
 com *boas aves* ante prender mal
 ca ben con outras, nom lhy dê deus al,
erg' estes corvos per que s'el fia;
 e com qual corvo el soubesse escolher,
 o leixasse mal andante seer
 deus, cá depois em ben tomaria.

Com 'el sabe d'agoyria,
se ouvesse bom corvo carnaçal,
ou cornelha a negra caudal
 e tal e qual xe don Gomez oya,
 o cal lhi deixasse deus perder
 a herdade, o corp' e o aver,
 ca todo x'el deploys cobraria.

E poys sab' el tod'alegoria
 d'agoyro, quando de sa casa sal,
 se ouvess' el hua comelha tal
 qual x'a don Gomez consinaria;
 con a tal visse a casa arder
 e lhi leixasse deus morte prender
 sen confisson, ca pois s'ar porria.

E con bon corvo foss' el pois caer
 en nojo grav' e ficasse em poder
 do diaboo, ca pois s'oporria.

(Canc. da Vatic., nº087)

O prognóstico tirado do encontro de certas aves ao sair de casa, tal como se nota

⁷⁷ Tylor, *Civilisation Primitive*, t. I, p. 140.

no costume consignado na canção acima transcrita, é usado pelos selvagens, com o nome de *angang*. Uma servente de Joham Ayras de São Tiago, verbera esta superstição geral da Idade Média:

Don Pero Nunes era en tomado
e ia-ss' a Santiago albergar,
e o agoiro sol el ben catar,
ca muytas vezes l'ouv' afaçanhado:
e indo da cas ao celeyro,
ouv' hun corvo vorace e faceiro
de que don Pedro non foy ren pagado.

E poys lo el ouve muyto catado,
diz: Deste corvo non posso escapar,
que d'el non aja escamho a tomar,
com gram perda do que ey gaanhado,
ou da mayor parte do que ouver,
per ventura ou do corpo ou da molher,
segund' eu ey o agoyro provado.

E tornou-se contra seu gasalhado,
e diz: Amiga, muyt'ey eu gram pesar
cá me nom e posso de dano guardar
d'este corvo que vejo tam chegado
a nossa casa, pois filha perfia,
e corv' é já qui sempr' o mais do dia;
e diz: de noite seas trasffurmado.

(*Ibidem*, nº 1078.)

Em outra canção do mesmo jogral acha-se referido o agoiro *angang*:

Hunha dona, non digu' eu qual,
nom aguyrou ogano mal;
polas outavas do natal
hya por saa missa oyr,
e ouv'um corvo carnaçal
e nom quis de casa sayr.

(*Ibidem*, nº 1077.)

No século XIV já o ridículo atacava esta superstição nas classes cultas, como se vê por esta outra canção de Joham Ayras:

Os que dizem que veem bem e mal
nas aves, e d'agoirar preit'am,
quer en corvo seestro quando vam
alhur entrar, e digo-lhis eu al,
que Jhesu christo nom me perdon'
se ant'eu nom queria hun capom
que hum gram corvo camhaçal.
E o que diz que é muy sabedor

d'agoyr' e d'aves quand'alhur quer hir,
 quer corvo seestro sempr' ao partir,
 e por en digu' eu a nostro senhor,
 que ei me dê cada hu chegar
 capon cevado para meu jantar,
 e dê o corvo ao agoirador.
 Cá eu ben sey as aves conhocer,
 e com patela gorda mais me praz
 que com bulhafre contr' e nem viaraz,
 que me nom pode ben nem mal fazer;
 e o agoirador torpe que diz
 que mais vale o corvo que a perdiz,
 nunca o deus leixe melhor escolher.

(*Ibidem*, nº 601.)

Em Vouzela, diz-se esta fórmula imprecativa quando se ouve o pio sinistro do corvo:

Corvo negro do pecado
 Não insertes o meu gado,
 Nem no negro, nem no branco,
 Nem ao que anda misturado.
 Vai ao Porto
 Que está lá o teu pai morto;
 Come-lhe a carne, Deixa-lhe os ossos
 Para amanhã pela manhã ao almoço.⁷⁸

Nas Constituições do Arcebispado de Braga, de 1639, proíbe-se fazer «conjecturas por *encontro*, ou *voar e cantar das aves e animais...*» e bem assim, pelas Constituições do Arcebispado de Goa o atravessar «*corações de aves* para reprovados efeitos.»

Muitas destas superstições conservam-se ainda entre o povo. Se o estorninho assobia, é sinal de borrasca (Leiria). – Se a coruja canta em um telhado, há morte breve. – Gil Vicente alude aos poderes mágicos do galo:

Eu não juro,
 Nem esconjuro,
 Mas *galo negro* suro
 Cantou no meu monturo.

Nos arredores de Lisboa ainda se crê que o *galo preto* afugenta as coisas ruins. – Se o galo cantar quatro vezes antes da meia-noite é sinal de morte; o mesmo se canta depois do sol posto.

No Minho diz-se em forma de provérbio:

Galo que fora de horas canta,
 Cutelo na garganta.

⁷⁸ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 158, onde cita factos análogos da Bretanha Francesa e do Tirol.

Se quando se mata uma ave ela custa a morrer, é porque alguém tem pesar. – Quem tem *pombos* em casa, e depois não quer mais tê-los, cai em desgraça; se eles vêm poisar em janela, é sinal ruim. – Quando uma galinha canta de galo é que está para haver grande calamidade em casa (Bragança).

E no Douro corre em provérbio:

Galinha que canta de galo,
Quer em breve o amo no adro.

O canto do cuco, prognostica quantos anos as raparigas estarão solteiras:

Cuco de Maio,
Cuco de Aveiro,
Quantos anos
Hei-de estar solteiro?

Cuco da ramalheira (carrasqueira)
Quantos anos me dás de solteira?

Cuco da vid'arada,
Quantos anos me dás casada.

Cuco da carraspuda,
Quantos anos me dás de viúva?⁷⁹

As superstições dos animais, ainda tão vivazes, transparecem nos processos da feitiçaria; no processo de Maria Antónia (1638) se lê: «quando queria adivinhar alguma coisa, chamava por ele (o Diabo), e logo lhe aparecia em figura de *gato preto* se era dia...» Maria Antónia confessou que lhe aparecia como mancebo, mas os pés eram como de cabra ou bode... «Declarou que lhe aparecia umas vezes uma *pega preta e branca*, e em outras dois ou três pintãos pretos ou pardos, as quais aves vinham voando pelos ares até à porta da casa,... se a *pega* lhe aparecia, era sinal de que o mal havia de ter remédio; e se os pintãos, era mais dificultoso. Essas aves retiravam-se com vultos maiores ou transformadas noutras coisas.» A Maria Rosa (1728) «lhe apareceu em forma de *jumento*».

Os agoiros e prognósticos do *gato* são numerosos: se lavam o focinho, é sinal de visitas; se lambem as unhas é sinal de dinheiro; se urinam em roupa de criança é boa sorte; se o enterram vivo, há sempre desgraça; se andam aos saltos, adivinham mau tempo; se é preto, não entram em casa os maus espíritos⁸⁰ se o gato lava a cara, no outro dia venta dessa banda (Arcozelo de Gaia), e em Cabeceiras de Basto diz-se este prognóstico:

⁷⁹ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 146, coligiu estes versos na Maia, Pesqueira, Ervedosa, aproximando-os do costume francês. Na *Faune Populaire de la France*, t. II, p. 84, traz E. Rolland este mesmo costume, com a fórmula:

Coucou des villes,
Coucou des bois,
Combé ai-z'y d'annés
A me maria?

⁸⁰ Pedroso, *Superst.*, nos 12, 23, 71, 87, 116 e 408.

Sobe o gato ao forno,
 Lava-se para o Nascente,
 Chuiva de repente;
 Lava-se para o mar,
 Velhas a assoalhar.⁸¹

Nas crenças populares, o *burro* tem grandes poderes mágicos: para as pessoas que dormem muito serem mais espertas devem abraçar um burro recém-nascido (Lisboa). Para que o burrinho novo não seja enfeitiçado, põe-se ao pescoço uma coleira encamada com uma bolsinha cheia de alhos e arruda.⁸² Nas ilhas dos Açores, dá-se a comer *miolos de burro*, como um poderoso filtro para querer bem. Nas concepções míticas indo-europeias, o asno tem um sentido fálico, como se vê pelas lendas conservadas por Apuleio; diz Gubernatis: «Durante a noite, o herói está submetido aos encantos de uma bela fada, conserva a forma de um asno; é sob esta forma, debaixo de uma pele de asno, que ele leva os mistérios de Priapo, donde, a expressão de Aristófanos, nas *Rãs*, – o asno que leva os mistérios – estes mistérios não são senão as Phallagia ou as Periphallia, de Roma.»⁸³ Temos um anexim, que diz: *Decoada em cabeça de asno*, que se refere à superstição divinatória. No processo de Luiz de la Penha vem o seguinte *Ensalmos do Asno*, para fazer que outrem obedeça ao nosso mando:

Asno és e filho de burra,
 assim como este asno,
 esta burra não pode estar
 sem albarda
 e cilha e sobrecarga;
 assim como comer
 isto que aqui trago
se torne burra e asno
 e ande a meu mandado,
 e me suba pelos pés,
 e me ponha na cabeça.

(Libelo, art. 17.)

Na linguagem popular temos a locução *Pagar as favas que o asno comeu*; as favas tem um sentido fálico, como veremos nos agoiros vegetais e no ensalmo de Luiz de la Penha. Há uma outra imprecação para atrair uma pessoa, em que se invoca o asno:

Anda meu burro albardado,
 Assim como tu és o meu querido
 O meu encabelado,
 Assim como Deus e Santo Erasmo
 Me darás quanto tiveres
 E me dirás quanto souberes.

Esta oração era dita pela feiticeira «estando no tempo em que a fazia com o pé

⁸¹ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 171.

⁸² Pedroso, *Superst.*, nos 14 e 147.

⁸³ *Mythologie Zoologique*, t. I, p. 390.

esquerdo descalço, e braço e pema da mesma parte nus, e o cabelo da parte esquerda desgrenhado, com a janela e porta aberta, e um prato de sal diante de si; e tomando uma mão cheia de sal, chegou à janela, e dizia as seguintes palavras:

Esta mão cheia venho deitar
 Por...
 Para que sem tino andar,
 Sem tino andar, sem tino andar,
 Me venha buscar,
 Me venha falar;
 Que venha
 E não se detenha.

(*Atirando punhados de sal pela janela*)

Para Satanás,
 Para Barrabás,
 Para Caifás!
 E logo, logo me venha amar,
 E estes sinais me hão de dar:
Canes a ladrar,
Bestas a passar,
Gatos a saltar.»⁸⁴

O cão é também objecto de numerosos agoiros populares; quando ele *uiva*, deve-se virar um sapato de sola para o ar; e na Estremadura diz-se, pondo-se em cima do sapato: *Maria dá pão ao cão*. Na Maia, diz-se:

Todo agouro
 Sobre o teu couro.

Nos Açores o Diabo é chamado o *cão tinioso* e *cão negro*. Na Estremadura, quando um cão negro nos segue fora de horas é mau sinal; se qualquer cão urina a uma porta, ou no fato de alguém, ou entra numa casa, é bom sinal; quando esgravata numa porta ou no chão, é porque se há-de abrir uma sepultura; se o cão tem sete dedos, chama-se *pessunho*, e nunca se dana; se uiva na rua, é sinal de que foge filho de casa, e se ao pé de casa onde há doente, é porque está para expirar; se se encontra agachado, quando se vai em negócio, sai tudo torto.⁸⁵ O cão é também considerado com influxos benéficos, como se diz no Algarve:

Bafo de cão
 Até com pão.

O *lobo* nos agoiros populares tem um poder enorme: quando avista uma pessoa, antes de se dar por ele, fica a pessoa sem fala (Vimieiro). Conta isto mesmo Brunetto Latini, e já o referira Virgílio na *Écloga IX*. O carácter mítico do Lobo, como personificação das trevas acha-se ainda na crença dos *lobisomens*, como veremos nos vestígios do culto solar.

⁸⁴ *Sentenças das Inquirições* (Col. de Moreira, vol. II, pp. 182 e 183).

⁸⁵ Pedroso, *Superst.*, n.ºs 36, 39, 71, 102, 133, 395 e 536.

Nos monumentos pré-históricos de Portugal, aparecem estátuas de *porcos*, como as duas achadas em Sabroso, e a *Porca de Murça* em Trás-os-Montes; mas estes monumentos são os *totems* feiticistas de certas tribos, como se vê pelo *genius loci* Obulco, da população modernamente chamada *Porcuna*, ao qual sacrificavam porcos. Nas festas dos povos germânicos a Freya, sacrificava-se um porco, em época que corresponde ao Natal, em que se faz a *matança dos porcos* com um vago intuito cultural. Não se deve passar de noite próximo de um chiqueiro de porcos, porque se pode ser atacado pelos diabos (Cabo Verde). Ao uso da matança em determinadas festas religiosas, refere-se a cantiga:

Dia de São Tomé
Mata o porco pelo pé;
E se ele disser *qué-qué*
Diz-lhe tu que tempo é.

Outro anexam, completa o sentido desta referência (21 de Novembro):

Entre ti e mim, Tomé
Três dias é.

O *São Martinho* (11 de Novembro) também tem relação com a matança dos porcos: «*Cada porco tem o seu São Martinho.*» Só uma relação cultural com o ano solar é que faz com que esta prática apareça em França e na Irlanda.

Estes costumes explicam o sentido mítico da superstição. Escreve Gubernatis: «Costuma-se na Alemanha, como outrora em Inglaterra, servir no festim do Natal uma cabeça de javali cercada de ornatos; é sem dúvida um símbolo do monstro obscuro do *inverno lunar* que é morto no solstício de inverno, depois do que os dias começam a tomar-se maiores e mais brilhantes. Pela mesma razão é uso popular na Alemanha o ir dormir no Natal num chiqueiro para ali ter-se sonhos, que são presságios de felicidade.»⁸⁶ O São Martinho das lendas célticas e germânicas tem um carácter funerário, como o São Tomé, a quem o mestre aparece, e que ele julga ainda morto. Numa superstição do Porto achamos: «Sonhar com carne de porco, é sinal de morte.»

O encontro do *porco preto*, é o do próprio Diabo; quando se deitam 05 porcos a fossar mede-se-lhe o rabo e põe-se a *medida* debaixo da pia, para eles voltarem sempre para casa. Nos processos da feitiçaria portuguesa acha-se o feitiço de tomar medidas do corpo, e nas devoções existem fitas com medidas de santos como do *braço do Senhor de Matosinhos*. No Alvará de 14 de Agosto de 1432, proíbe-se *que se meça*. Os animais também prognosticam o tempo: quando os bois berram e marram uns nos outros é sinal de vento; para não faltar o leite a uma vaca, amarra-se-lhe ao rabo uma *fita* encarnada; quando a vaca berra é sinal de casamento. O *relincho do cavalo* é sinal de gosto⁸⁷ se o cavalo anda triste, benze-se com uma camisa de homem; sonhar com cavalos é casamento. Na Bairrada o casamento é sempre acompanhado com uma *cavalgada*.

O *sapo* tem também poderes mágicos; dando-se-lhe a comer pão já dentado e crivado de alfinetes, definha-se a pessoa que deixou o pão (Estremadura). Quando se vê um *sapo*, cospe-se três vezes, para não acontecer mal (Minho). Espetando-se a cabeça de um sapo com alfinetes, fica sofrendo até morrer a pessoa de quem se quer mal; quem bate num sapo e não o acaba de matar, ele vai ter à cama dessa pessoa,⁸⁸ ou vai lá urinar

⁸⁶ *Mythologie Zoologique*, t. II, p. 14.

⁸⁷ O mesmo entre os Getas. V. Bergmann, *Les Getes*, p. 301.

⁸⁸ Pedroso, *Superst.*, n.ºs 25, 46, 439 e 495.

(Penafiel). Quando se encontra um sapo espeta-se na terra de barriga para o ar; e quem o tirar daquela posição tira a fortuna a quem o espetou.

Os insectos ocupam bastante a imaginação popular nos agoiros: a *aranha*, quando grande é sinal de testemunho, e é preciso matá-la com o pé esquerdo (Lisboa); sendo preta é sinal de dinheiro, e branca, de falso testemunho. – As *baratas* numa casa são sinal de dinheiro, e não se devem matar; e quando desaparecem é sinal de pobreza. – Se uma pulga salta na palma da mão, é sinal de presente. – Quando se vê uma *centopeia*, diz-se três vezes: *São Bento te tolha!* e então ela pára e mata-se; se desce por uma parede, é sinal de chuva, se sobe é sinal de sol.⁸⁹ Quando o *grilo* canta numa cozinha é fortuna para a casa (Beira Alta). Ter grilo em casa, significa ter fortuna; e crê-se que aquele a quem o grilo chupar uma gota de sangue ficará riquíssimo. – Mosca vareja que entra em casa, é sinal de visitas (Porto). Nas Sentenças do Santo Ofício acha-se este esconjuro *Para não ter moscas em casa*:

Moscas, filhas dos ulmos
Netas dos bugalhos,
Eu vos encomendo
A seiscentos mil diabos,
Para que não tenhais,
Humidade não recebais
E daqui não saiais.⁹⁰

As freiras do Carmo, em Guimarães, também usavam nas portas dos armários a impreciação:

Em louvor de São Bento,
Que não venham as *formigas* cá dentro.⁹¹

As *borboletas* brancas são sinal de boa nova, as pretas, de má (Porto). Esta superstição subsiste na Grécia moderna, com a borboleta *taxidarikon*.

Na crença popular há certos animais fantásticos, como a *zorra da Ode-loca*, ou *berradeira*, que são almas errantes, de finados que andam em pena. Assim os agoiros dos animais ligam-se intimamente com o animismo. Próximo da Ribeira de Odeloca, que nasce entre as serras de Monchique, é que aparece a *zorra*; a tradição acha-se também na Galiza.⁹² Quando se escarnece os berros que a *zorra* dá depois da meia-noite, ela persegue essa pessoa até à morte. As *almas de mestre*, nome que os marinheiros dão a certas aves que acompanham o navio, têm o nome tradicional resultante desta crença animista.⁹³ O povo crê que a alma se exala do corpo em forma de *pomba*; as associações funerárias de Roma chamavam-se por isso *columbana*. No romance do *Conde Ninho*, depois de mortos os dois amantes:

Ela se tomou em *pomba*,
Ele num *pombo* real;

⁸⁹ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 133.

⁹⁰ Ap. *Boletim da Sociedade de Geografia*.

⁹¹ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 138.

⁹² Em Morrazo, que se encontra entre as rias de Pontevedra e Vigo: «La Raposa de Morrazo es una alma que Dios no ha querido enviar al infierno por tal cual devoción ú obra buena que hubiese hecho y que ia permitiese volver al mundo á hacer penitencia.» *Biblioteca de las Tradiciones Populares Españolas*, t. IV, p. 105.

⁹³ Garrett, *Camões*, nota ao canto V.

Um voou, outro voou,
Longes terras foram dar.⁹⁴

Um outro animal fantástico é o *basilisco*, que nasce do ovo que um galo põe ao fim de sete anos, e que mata só com a vista; no Minho, nasce deste ovo um lagarto, que mata o dono da casa. Esta crença é comum à Itália, França, Inglaterra e Dinamarca;⁹⁵ o nome tão genérico de *bicho*, com que o povo designa qualquer animal malévolos ou repugnante é proveniente do *basilisco*, o sauro ou *lagarto*, a que o povo liga imensas superstições.

No nobiliário do conde D. Pedro, também se cita o *cavalo mágico pardallo*, que se equipara ao *pardulus*, ou leopardo, de Aristóteles; uma grande parte da zoologia maravilhosa do povo proveio da fragmentada tradição da ciência da Grécia.

A personalidade humana também ocupa um lugar importante neste mundo fantástico; tais são *A velha da égua branca*, o *Preto do barretinho vermelho*, o *Homem das sete dentaduras* e o *Homem do chapéu de ferro*, que estudaremos ao tratar das entidades demónicas.

A personalidade humana está completamente circundada de agoiros, no seu corpo, nos seus actos, e nos objectos de uso ordinário. O maior poder mágico reside nos olhos, a que o povo chama o *mau olhado*. Na canção nº 984 de Pêro Garcia Buralês, fala-se nesta superstição:

Fernand' Escalho leixey mal doente
com *mau olho*, tam coytad' assy,
que nom guarrá, cuyd'eu, tam mal se sente,
per quant' oy' eu de Dom Fernando vi;
cá lhi vi grand' *olho máo* aver;
e nom cuydo que possa guarecer
deste *olho mão*, tant' é mal doente.

E na canção nº 1091, aludindo à privança com D. Afonso III, vem:

E poys ora soys tam bem andante
bem era d'ome do vosso logar,
de *s'olho mão* de vos ar quebrar,
e nom andar como andavades ante.

No Alvará de 14 de Agosto de 1423 proíbe-se que se *escante olhado*. Contra o mau olhado o povo usa a seguinte imprecação:

Deus te fez,
Deus te criou,
Deus de desolhe
De quem mal te olhou;
Se é torto ou excomungado
Deus te desolhe do seu mau olhado.

No século XVII as damas espanholas costumavam comer o barro poroso das

⁹⁴ *Cantos Populares do Arqu. Açoriano*, p. 272.

⁹⁵ Acha-se largamente estudada por Alexandre Guichot, *El Mito del Basilisco* (na Biblioteca de las Tradiciones Populares Españolas. t. III, pp. 14 a 83). E também *Revista Científica* do Porto. p. 525.

bilhas de Estremoz ao qual atribuíam várias virtudes contra o veneno, e para as doenças de olhos ou antes contra o *mau olhado*.⁹⁶

A *mão* tem um poder extraordinário, quer propiciando pela bênção, quer esconjurando em forma de *figa*. No Alvará de 14 de Agosto de 1423 proíbe-se o *pôr a mão* (nem outro si *ponha mão*.) Nas superstições portuguesas a *figa* é um preservativo contra os feitiços ou jetatura; é o resto de um simbólico fálico da mão, figurado na seguinte forma: passa-se o dedo polegar entre o indicador e o dedo grande, tendo assim grande virtude contra o *mau olhado*. Faz-se com a mão ao natural e então toma-se um gesto insultuoso; fabrica-se como talismã, e é um tema da arte popular, executado em ouro, prata, coralina ou azeviche. Num auto de Prestes alude-se a este amuleto comum a todo o Ocidente:

Lanço-te uma pulha de ganso
que quando comeres migas
para ti se tomem *figas*,
ate, vilão, barbas de picanço,
benzedeiro de bexigas
curas leicenços a grou.

(Ed. Porto, p. 459.)

De l'Ancre, no *Tableau de l'Inconstance des Mauvais Anges* fala do uso da *figa* entre as populações bascas com a terrível curiosidade de um sanguinário perseguidor da feitiçaria: «Usam impedir os malefícios, e sobretudo para resguardar dos feitiços e quebranto, de uma espécie de amuleto bastante vergonhoso, o qual trazem comumente as feiticeiras *remediees* e as crianças e moças que costumam ir ao *sabat*. E uma mão de ouro, de prata ou de chumbo, azeviche ou de couro, de todas estas matérias as tenho visto, a qual tem o polegar passado entre os dois primeiros dedos. Os Espanhóis chamam-lhe *higo*. Os Bascos têm-nas, por causa da vizinhança da Espanha; não conheço nenhum lugar em França onde *fazer uma figa*, a que na Gasconha chamamos *la higue*, não seja uma acção vergonhosa e sobretudo indigna do pudor de uma mulher honesta, e mais ainda de uma donzela, para fazer o gesto ou trazê-la ao pescoço. E em verdade, aquele que em França faz a figa, é como acto de cólera, de desdém ou de desprezo.»⁹⁷ A mão, quando pelas suas linhas forma um *sino saimão* (*signum Salomonis*) defende a pessoa contra todas as coisas ruins. Este talismã, a que o povo chama também *sanselimão*, acha-se já citado na canção nº 1025 do *Cancioneiro da Vaticana*, e é assunto da tatuagem dos barqueiros e almocreves, e o tema da arte popular, pintado ou esculpido nas proas dos barcos e nas cangas dos bois.⁹⁸ É evidentemente uma transmissão tradicional da magia erudita, aparecendo na Escócia medieval e nas moedas gaulesas. Na magia negra ou goética, a *mão do finado* ou *mão de glória* é um talismã tremendo, sobre que o povo conta muitas novelas. Lê-se na *Nova Floresta*: «Os arte-mágicos e as bruxas e feiticeiras aproveitam-se dos braços dos defuntos: o qual dizem que lhes serve de círio ardendo, enquanto de noite fazem o seu malefício nas pessoas que estão dormindo; e acrescentam que o braço começa a arder pelos dedos com uma luz roxa e sulfúrea, mas acabada a obra fica inteiro, porque o

⁹⁶ M.^{me} d'Aulnoy, *Relat. du Voyage en Espagne*, t. II, pp. 66 e 143.

⁹⁷ *Relat. du Voyage en Espagne*, p. 363; Ap. Fr. Michel, *Le Pays Basque*, p. 173.

⁹⁸ Leite de Vasconcelos, *Estudo Etnográfico a Propósito da Ornamentação dos Jugos*, etc., p. 41.

Demónio o acendia ou representava.⁹⁹ O vulgo chama-lhe *mão refinada*.

Ainda que a mão, só por si forneça matéria para todo o sistema da quiromancia, as *unhas* revelam muitos agoiros: se as unhas nascem muito é sinal de fortuna (Lisboa); se aparece uma *malha branca* nas unhas da mão esquerda é sinal de mentira, e nas da mão direita de presente; não se devem cortar à *sexta-feira*, porque é quando o Diabo corta as suas; se se cortam na *lua nova* nascem espigões.¹⁰⁰

Entre as superstições bascas o *espirro* é um mau presságio, que tem de ser atalhado. Em Portugal, se se não saúda quem *espirra*, pode o Diabo entrar nessa pessoa. Contra este agoiro estabeleceu-se um bom presságio:

Quando se espirra já se não morre nesse dia.

O dedo polegar, tem a virtude de talhar a *má olhadura*, fazendo três cruzeiros na testa, dizendo em três noites sucessivas:

Dois to escanta
Três te tiram
Que são Padre, Filho
Espírito Santo.

(Bragança.)

O *dedo mendingo*, é o que na credulidade infantil adivinha; é onde se faz a sangria no *pauto* com o Diabo.

Quando duas pessoas *abrem a boca* ao mesmo tempo estão faladas para alguma coisa (Porto); ou hão-de vir a ser compadres, ou vizinhos (Lisboa). Não se deve *falar só*, porque se fala com o Diabo; quando estão falando mal de nós espeta-se uma tesoura no chão, porque emudecem logo. Sobre os avisos da maledicência a *orelha* tem poderes especiais; se está vermelha a esquerda, é porque dizem, mal de nós, e então atira-se um punhado de sal ao lume, evitando ouvir-lhe os estalidos. Quando se fala desvantajosamente de alguém ausente, diz-se: «Ficaram-lhe as *orelhas a chiar*.» Para que a maledicência não continue, trinca-se a camisa três vezes; ou fazem-se cruzeiros com saliva na orelha dizendo:

Assim como rezas medres,
Na forca te peles;
E depois de pelado
Que te leve o diabo.¹⁰¹

Quando se deita fora *cabelo*, deve-se-lhe *cuspir* três vezes, fazendo-lhe uma cruz, para que por eles não possa vir malefício. Seguem-se os agoiros das anomalias: Quem tem sinal negro nas costas (pigmento) está livre de entrar com ele o Diabo, ou de sofrer feitiços. – Quando se vê um *corcunda*, ou um *vesgo* em jejum fica-se *enguiçado*; para desfazer o enguiço esfrega-se uma moeda de cobre na sola do sapato. Uma cantiga de Oliveira de Azeméis, diz:

Se vires o *coxo bô*
Contai-o por novidade;

⁹⁹ P. Bernardes, *op. cit.*, t. II, p. 242. Na imaginação popular confundiu-se com a planta *mandrágora*, que nascia junto da forca.

¹⁰⁰ Pedroso, *Superst.*, n.^{os} 131, 225, 357 e 700.

¹⁰¹ Pedroso, *Superst.*, n.^{os} 40, 67 e 186.

Do *calvo*, que Deus nos livre,
Do *gago*, que Deus nos guarde.

A *sombra* do indivíduo é também objecto de agoiros; quem brinca com a sua sombra na parede, brinca com o diabo; não se deve pisar a *sombra* de uma pessoa. Nas crenças populares, temos *duas sombras*, uma do Anjo da Guarda, e a outra do Diabo que nos tenta (Famalicão). Na Oração da Marta, diz-se, que das três irmãs:

uma é a *sombra*
outra a *solombra*,
e outra Marta a não dina.

O povo crê que se *perde a sombra*, por efeito maléfico; acha-se esta crença num conto dos zulus,¹⁰² e António José diz numa das suas óperas: «MERC.: Quem é tão ladrão, que furta o meu nome, também *furtará a minha sombra*. – SARAM.: Isso é bom para o diabo das Covas de Salamanca.»¹⁰³ Segundo a tradição medieval, nas Covas de Salamanca só entravam sete estudantes de cada vez, ali frequentavam sete anos, e só saíam seis *furtando a sombra* a um.¹⁰⁴ É esta a tradição a que se prende a lenda portuguesa do *Escolar (ou Sec'lar) das nuvens*. Na madrugada de São João quem não vê a sua *sombra* ao chegar à borda de um poço ou fonte, não vive até ao ano seguinte (Madeira). O Tio de Massarelos *cortava sombras*, espalhando cinza peneirada no ar, dizendo: «*Eu te degrado, sombra; pela graça de Deus e de São Pedro e de São Paulo.*» E *degradava sombras* fazendo cruzeiros e lançando água benta por toda a casa. A voz humana tem poderes mágicos; um feiticeiro «para saber se uma pessoa era morta ou viva, dizia à janela: *Corte do céu ouvi-me! Corte do céu falai-me! Corte do céu respondi-me!*» Das primeiras palavras que ouvia na rua acharia a resposta.»¹⁰⁵ Na Foz do Douro, costumam as mulheres *andar às vozes* para inferirem pelas palavras casuais que ouvem do estado das pessoas que estão ausentes. D. Francisco Manuel de Melo, nos *Apólogos Dialogais*, refere esta superstição: «e com o próprio engano com que elas traziam a outras cachopas de São João às quartas-feiras, e da Virgem do Monte às sextas-feiras, que vão mudas à romaria, *espreitando o que diz a gente que passa*: donde afirmam que lhes não falta a resposta dos seus embustes, se hão-de casar com fulano ou não; e se fulano vem da Índia com bons ou maus propósitos; ou se se apalavrou lá em seu lugar com alguma mestiça filha de Bracmene.»¹⁰⁶ As vozes também se escutam da janela, e a pessoa que se submete a esta sorte prepara-se com uma oração:

Meu S. Zacharias,
meu Santo bendito!
foste cego, surdo e mudo,
tiveste um filho
e o nome puseste João.
Declara-me nas vozes do povo...

Da ilha de São Miguel escreve Arruda Furtado: «Quando qualquer pessoa quer saber notícias que lhe hão-de vir de um amante, vai de noite num passeio até ao adro da

¹⁰² Husson, *La Chaine Traditionelle*, p. 127.

¹⁰³ *Óperas Port.*, t. I, p. 320.

¹⁰⁴ Col. Ribadaneyra, *Obras Escogidas de Philosophos*, p. CXXI, nota 2.

¹⁰⁵ «Sentenças das Inquisições», ap. *Boletim da Sociedade de Geografia*.

¹⁰⁶ «Sentenças das Inquisições», p. 24. Ap. *Boletim da Sociedade de Geografia*.

igreja em que está o Santo Cristo, rezando numas contas e com outra pessoa atrás para ir ouvindo melhor o que se diz pelo caminho e dentro das casas, e isto sem que nenhuma delas diga uma só palavra. Quando voltam vêm combinando o que ouviram e dali concluem que novas hão-de vir.»¹⁰⁷

Depois da oração a São Zacarias diz-se o nome da pessoa, ou o caso que se deseja saber.¹⁰⁸ No Porto vai-se rezar à porta da Sé, à Senhora das Verdades, e no caminho é que se colhem as vozes.

Certos sinais do corpo são também objecto de agoiro, como: ter bico de cabelo na testa, sinal de vir a ser viúvo; chave da mão larga, liberalidade; orelha pegada, sinal de ser rico; dentes raros, sinal de chocalheiro, e unha com ponta vermelha, mentirosa.

Os *sonhos* são uma das formas mais espontâneas dos agoiros e sortilégios populares; a antiguidade quis fazer deste fenómeno psíquico o objecto de uma ciência, a *Oneirocritia*, representada no livro de Artemidoro, que se tornou a delícia dos eruditos da Renascença. A interpretação dos sonhos era uma arte em Roma, cultivada pelos *conectores*; muitos sonhos relatados na Bíblia influíram no ânimo dos padres da igreja, que não rejeitaram esta forma da credulidade, aceitando-a como revelações ou toques divinos, e por isso cultivando-a na ingenuidade popular. É por isso que muitos sonhos têm interpretações tradicionais, umas provenientes de alegorias, outras de coincidências, e outras de concepções culturais, que deixaram de ser praticadas. Sabe-se a relação que tem o *boi* com o casamento, na constituição da família primitiva: «Sonhar com um boi, é sinal de casamento breve.» Conhecida a relação cultural do porco com as cerimónias funerárias, não nos surpreende a interpretação dos arredores de Lisboa: «Sonhar com carne de porco é sinal de desgosto na família.»¹⁰⁹ Alguns sonhos acham-se interpretados igualmente entre os diversos povos ocidentais: «Sonhar que cai um dente, é morte de parente» (Beira Alta). Bernoni cita esta mesma crença em Veneza, e o abade Thiers, no seu *Tratado das Superstições*, em França; ainda ultimamente o bibliófilo Jacob no seu livro da *Oneirocritia* traz a interpretação: «Perder os dentes significa perda de bens ou morte de parentes.» Da índole do animal com que se sonha, também se tira a interpretação: «Sonhar com gatos é traição» (Douro). Outras vezes sai a interpretação de um equívoco da linguagem: «Sonhar com galinhas ou outros animais de *penas*» (ilhas dos Açores). Outras vezes a conjectura forma-se por antífrase, como: «Sonhar que alguém morreu é sinal de mais dez anos de vida.» Ou tira-se o sentido de uma relação natural: «Sonhar com sangue é desgosto; com um cemitério é herança; com botas, que alguém se ausenta» (Lisboa). A crença na influência maléfica da figueira, aparece na forma: «Sonhar com figos é sinal de doença.» A frase usual do *pomo da discórdia*, também revela uma certa reminiscência tradicional no: «Sonhar com maçãs é desgosto»¹¹⁰, que o bibliófilo aponta como idêntica em França. A relação dos *haveres* ou tesouros enterrados com o carvão, acha-se no: «Sonhar com carvão é sinal de dinheiro» (Porto).

É notável o sonho atribuído ao infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel, contado por Frei Luís de Sousa: «Achava-se acaso o infante na vila da Azinhaga. Levantando-se numa manhã, referiu aos fidalgos que o vestiam que sonhara aquela noite, que vira sair de uma casa, em Abrantes, três tumbas juntas e cobertas de negro. Era o infante de ânimo grande, bom cristão e nada agoirento; nenhum caso fez do sonho. Ao segundo dia chegou-lhe recado de ser falecida a senhora Dona Luísa, sua

¹⁰⁷ F. de Arruda Furtado, *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos*, p. 42.

¹⁰⁸ Pedroso, *Superst.*, n.º 476

¹⁰⁹ Pedroso, *Superst.*, n.ºs 443 e 444.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, n.º 99. Nas Constituições do Arcebispado de Braga, proíbe-se: «nem faça conjecturas pelos alimentos ou por sonhos...»

única filha, que já não tinha outra. Era por Outubro do ano de 1534; foi correndo a consolar a infante, que amava com grande extremo. Adoeceu logo, e faleceu aos 7 do mês de Novembro seguinte; e a condessa sua mulher foi após ele, sem se meter mais tempo em meio, que quanto houve de 7 de Novembro até 9 de Dezembro. De sorte que, no espaço de poucos mais de dois meses se viu cumprido o sonho das três tumbas...»¹¹¹

A vida em todas as suas manifestações e relações está cercada de agoiros. Começamos pelos amores até chegar à morte. As prendas entre namorados, nunca devem ser lenços (apartamento), nem santos, rosários ou tesoura; comer o canto do pão, faz com que se case cedo (Porto); oferta de um alfinete é amor de um ano; quando se calça bota e sapato por engano, desmancha-se casamento na família (Lisboa); meter o pé no meio alqueire é casamento; canta-se:

Se me queres, eu te quero,
Meu amor porque perguntas;
Mete o pé no meio alqueire
Ficarão as almas juntas.

Quem põe água benta na testa à saída da igreja fica solteiro (Lisboa). Trazer sapatos de cor diversa faz com se que se perca o casamento. – Para se conciliar um namorado com arrufos, pica-se um limão com um alfinete, dizendo por três dias à hora das trindades:

Assim como eu pico este limão,
assim pico o teu coração;
para que não possas comer,
nem beber,
nem dormir, nem descansar,
enquanto me não vieres falar.¹¹²

Quando o amante é alteroso, para ele se tomar afável, diz-se:

Eu te vejo e venero em cruz!
Vem para mim manso e cordeiro,
assim como foi Jesus
ao santo lenho da cruz! *Pax tecum.*
A paz do Senhor, se meta em mim e ti;
abrande leão duro; humilha-te a mim,
assim como Jesus
se humilhou á cruz.
Com a ciência dos magos,
com as forças de Sansão
e ciências de Salomão
tudo hei-de acabar.

(Almada.)

Para saber qual dos namorados ama com mais ardor, lança-se fogo a duas bolas de

¹¹¹ *Hist. de S. Domingos.* – Rib. Guimarães, *Sum. de Vária Hist.*, t. II, p. 122.

¹¹² Pedroso, *Superst.*, n° 472.

estopa, a que arder primeiro representa aquele que está mais apaixonado (Porto).¹¹³ A maior parte dos agoiros dos namorados anda ligada às cerimónias tradicionais da festa de São João.

O casamento é cercado por complicados agoiros: sendo à sexta-feira, nunca haverá filhos; na noite do casamento o que primeiro entra na cama, ou apaga a luz, é o que morre primeiro (Porto); em Fevereiro há três dias em que se não deve casar (Minho); se os noivos ouvem ler os pregões, serão infelizes ou morre um deles dentro de um ano (Bragança); se o número das letras dos nomes do noivo for par, morre a mulher; se for só de um nome morre o mais velho (Alentejo); quem casa por procuração fica sujeito a perigo (Porto); não se deve fazer casamento quando há cova aberta na igreja.

Quando uma mulher grávida passa por baixo do pátio de procissão, tem bom sucesso; deve-se-lhe dar caldo de perdigoto, pouco antes dos nove meses, para não ter retortas (ou dor de torto); se não se lhe dá o que deseja, nasce a criança com a boca torta; se se quer saber de que sexo será a criança, queima-se a folha de oliveira, se estala é rapaz, se arde é menina; se der um ponto em si, na ocasião do parto não deita as secundinas, ou saem-lhe os filhos aleijados; se traz alguma coisa no seio, vem o filho malhado; se vai ser madrinha de uma criança, fica a criança muda ou idiota; se semeou ou plantou alguma coisa, ela não pode dar à luz, sem por sua mão colher o que semeou na terra; quando uma mulher tem dificuldade no parto vai um parente dar certo número de badaladas no sino de uma igreja (Porto); ou irá o marido tocar o sino com os dentes (arredores de Lisboa); ou deita-se num copo de água a rosa de Jericó, e à medida que ela abre facilita-se o parto (Almada); ou veste-se à parturiente o casaco do marido, sem que este o saiba, ou põe-se na cabeça outra roupa dele. Logo que a criança nasce atira-se um punhado de sal para cima do telhado, para as bruxas ficarem a apanhá-lo (Bragança). A mulher grávida, se quer que a criança seja linda, deve encobrir a sua gravidez; se chegar qualquer animal a si, a criança fica com feições desse animal; quem nega qualquer coisa a uma mulher grávida nasce-lhe um terçol. Num processo de feitiçaria, vem esta oração para o parto difícil:

Santa Ana pariu a Virgem,
A Virgem pariu Jesus Cristo,
e Santa Isabel a S. João Baptista;
assim seja o corpo desta mulher despojado
são e salvo,
e que traga este fruto a lume.¹¹⁴

Depois do parto devem enterrar-se as secundinas para que não aconteça mal à mãe ou à criança. Para saírem as secundinas põe-se um chapéu velho à parturiente. Não se deve dizer à mãe de que sexo é o filho, antes de saírem as secundinas, porque dificulta este trabalho.

Se a criança nasce ao domingo, nunca entrará com ela coisa ruim; se nasce em ano bissexto não é atacada de bexigas; se nasce em dia de Ano Bom ou Natal é feliz; se nasce envolta nos âmnios, a que se diz *nascer num fole*, há-de ser sempre feliz; o mesmo, se traz uma veia atravessada no nariz. Enquanto a criança não tem nome oficial

¹¹³ *Revista Científica*, p. 565, Porto. «Na Lituânia, as jovens aldeãs fazem duas pequenas bonecas de canamo, representando uma o rapaz e outra a rapariga, botam-lhe em seguida fogo; se as duas labaredas se aproximam, assim aqueles de quem são a imagem se unirão.» *Dicc. des Religions*, t. IV, p. 654. (Col. Migne).

¹¹⁴ *Sentenças da Inquisição*, vol. I, p. 436. Ap. *Boletim da Sociedade de Geografia*.

ou de baptismo chama-se *Custodinho* (Porto) ou *Inácio* (Algarve). Para que a criança vingue, está sujeita a mil cuidados, é preciso *fazer-lhe a moleirinha*, ou a *estopada*, para que a cabeça tome uma boa conformação; depois *destrava-se* cortando com a unha debaixo da língua; se se embalança o berço, sem estar a criança dentro, ela torna-se brava; se se lhe toma o peso, não cresce e fica anázada; para ser mansa deve dormir com o fato com que fora ao baptizado; se a lua entra no quarto em que está a criança, talha-se com uma faca no chão onde der a claridade (Açores); se se estende o enxoval ao luar, entra ele com a criança; se a criança vai no berço de uma sala para outra, não deve ir com os pés para diante; enquanto não for baptizada, não deve ir à rua, nem dormir sem luz no quarto (Porto); se não chora na ocasião do baptismo não chega aos doze anos. Para que a criança seja mansa deve-se-lhe dar a beber da água em que é lavada, ou pô-la em cima do altar dando-lhe três palmadas, ou deitar por cima dela o casaco do padrinho, ou perfumá-la em cruz com alecrim e louro; se a criança tem quebranto passa-se três vezes por uma meada de linha; se é desmamada em Sexta-Feira Santa não morrerá tísica; se a criança se demora a falar, a madrinha é que a pode curar levando-a dentro de um saco a três casas da vizinhança, em três dias a fio, pedindo:

Dai uma esmolinha
À menina do fole,
Que quer falar e não pode.

No Minho faz-se com que a criança segure um cartucho de confeitos, e passa-se com ela debaixo do andor de São Luís, dizendo:

S. Luiz, rei de França,
Dai fala a esta criança,
Que ela quer falar e cansa.

(Braga.)

Deve-se evitar que os ratos comam o umbigo da criança, porque ficaria ladra; e deve ser queimado, para que não fuja de casa; se quem dá de mamar bebe enquanto a tiver ao peito, fica a criança com ataques epilépticos. Se a criança nasce de sete meses tem uma cruz no céu da boca e o dom de adivinhação, mas não se deve saber isto antes dos sete anos. Na Biscaia é o sétimo filho que é marcado com uma cruz sobre a língua, e tem a virtude de curar pela sucção as feridas feitas por cão danado. Para que nasçam os dentes à criança, untam-se-lhe as gengivas com cebola; se lhe custa a andar, põe-se a um canto da casa ao toque da ave-maria, dizendo três vezes:

Ave-Marias a dar,
E o meu menino a andar!

Andar, andar,
C'um pezinho no ar,
Pra da terra
Chegar ao ar.

Se alguém lança a perna por cima de uma criança, fica enguiçada e já não

cresce,¹¹⁵ sendo necessário desfazer o acto por um movimento inverso; se se julga que a criança está embruxada, lança-se sal no lume, e passa-se por cima dele a criança, esperando se o sal estala, porque então não há malefício; se se queima figueira na casa onde se cria, fica enguiçada e seca-se o leite à mãe. Se se quer que seque o leite a uma mulher, dá-se uma gota dele a uma gata; se a criança não pode mamar o leite todo, chega-se ao peito dois cachorrinhos, que depois se matam. Enquanto a criança não tem seis meses, não se lhe deve meter na mão côdea de pão de centeio para não lhe darem ares maus. Se a criança é tardeira no falar, ou gagueja, dá-se-lhe a beber água por um chocalho. Se há dois gémeos, o mais velho tem o dom de adivinhar, e às terças-feiras e sextas-feiras aparece-lhe a figura do crucificado na língua. Os talismãs que livram a criança do quebranto são um cordão de seda preta tendo enfiado um *sino-saimão*, *três vinténs* em prata furados, uma *argola*, uma *meia-lua*, uma *figa* e um *dente* de lobo. Não se deve deixar uma criança beijar ou estar defronte de um espelho, porque lhe retarda a fala. Se a criança anda com o *sono trocado*, lavam-se e torcem-se os cueiros por três vezes secando-os em três noites na asa de um cântaro e vestindo-lhos de dia. Para evitarem as dadas no peito, as mulheres que criam devem trazer qualquer objecto de azeviche. Se a criança muda de dentes, o que lhe cai atira-se para detrás do forno dizendo: «Dente fora, outro já na cova!» Se a criança está com quebranto passa-se pelo fumo de quatro farrapos de chita, quatro de algodão, quatro de sapatos velhos, quatro de chifres, quatro de ramo de asoeira, quatro de rosmaninho e quatro de alecrim. Se a criança espirra, diz-se para esconjurar o mal:

Para bem cresça
e apareça!
Bons olhos a vejam,
e os maus cegos sejam.

Se a criança de um ano é levada de noite à rua, precisa ir ao colo do pai, para não ser embruxada; indo ao colo da mãe há-de ela levar consigo sal ou pão (Minho). Quando a criança vê comer, e lhe não dão, fica *ougada*; para a *desougar*, dá-se-lhe bolo de massa do meio da masseira frito em azeite, para ela comer atrás da porta, e o resto dá-se a um cão preto (Fafe). Tendo a criança bichas, esfrega-se-lhe as costas com sangue de frango preto até fazer empolas, e cortando estas com uma navalha de barba ficam cortadas as cabeças das bichas. Quando a criança morre ficando com os olhos abertos, morre em seguida a pessoa que mais lhe queria; se morrer depois de ter mamado, para se limpar passa pela *nuvem de fumo* do purgatório (Bragança).¹¹⁶ Todos estes agoiros influem no carácter mágico que o povo atribui às crianças, sobretudo aquelas que *choram no ventre da mãe*, aos *homens pequeninos*, das aparições diabólicas, e ao sentido profético dos seus brinquedos e cantigas.

A *casa* e os objectos de uso quotidiano são cercados de infinitos agoiros; assim diz um anexim:

Casa de esquina

¹¹⁵ Os rapazes dizem:

Eu te enguiço
Pela porta do caniço,
Que não cresças mais do que isso.

¹¹⁶ A maior parte destes factos foi coligida por comunicações da Estremadura, Minho e Trás-os-Montes.

Ou morte, ou ruína.

Quem faz uma casa está sujeito a que se realize o adágio: «Ninho feito, pega morta.» Quem vai alugar uma casa, conta as tábuas do tecto, dizendo: «*Ouro, prata, cobre, nada*»; se o número coincide com alguma destas últimas palavras, evita o alugar aquela casa (Lisboa). Não se deve varrer a casa à noite, porque se bota fora a fortuna. Se acontece ficar de noite a porta da casa aberta, é felicidade; se a cama fica com os pés para a porta, morre-se cedo; deve-se pendurar à porta cinco réis, para ter dinheiro todo o ano; *salgando a porta* de uma pessoa, chama-se sobre ela a desgraça. Para *desalgar* a casa, emprega-se a seguinte fórmula:

O ente supremo vele por esta casa.
 Jesus Nazaré! Cristo crucificado
 Que esta salgação e mal
 Que á minha casa me fizeram não tenha poder,
 Nem para arruinar a minha casa,
 Nem para empatar os meus negócios.
 Tudo me adiante;
 Tudo quanto eu tentar vá avante!
 O Santíssimo Sacramento e S. Silvestre;
 Quem tal me fez nada lhe preste;
 Nem tenha fortuna
 Nem cousa nenhuma!
 Deus tudo pode fazer querendo
 Tem todo o seu santo poder
 Para mim, para os meus filhos e parentes.
 Jesus! Jesus! Jesus!

(Almada.)

Nas superstições para uma pessoa se tornar querido, e obter de outra tudo quanto quiser, a *porta* da casa é o principal lugar onde os filtros adquirem mais poder. Em Luiz de la Penha, a oração de

Portal, portalejo,
 aqui me cruzo e humilho

devia ser dita pela pessoa que «há-de estar à *couceira da porta* em pé; e no *portal* da casa onde isto se fizer há-de ter entrado por ele a pessoa que quiserem fazer o que quiserem». A *porta dourada*, a que alude Gil Vicente, pertence ao culto da prostituição sagrada, à entrada das cidades, onde as mulheres se entregavam aos estrangeiros. Em uma outra superstição para «obrigarem alguém a vir para junto de outrem» a fórmula devia ser dita com a *porta aberta*. Na Ordenação Manuelina também se proíbe *cortar cobro em limir da porta*.

Sentir bater à porta com o pé é sinal de presente. Quando se sai de casa deve-se fazer a cama, para que não aconteça que nos não tornemos a deitar nela. Quando uma casa está enfeitada, benze-se, dizendo:

Esta casa tem quatro cantos
 Quatro anjos que a guardam;

É Lucas, é Marcos,
 S. João Baptista e todos os seus.
 Orga e desorga
 Três vezes desorga,
 Três vezes desorga;
 Bruxas e feiticeiras
 Desta casa para fora.

Quando se vai morar numa casa nova ou pela primeira vez, deve-se acender lume novo. Se estalam vidros em casa é sinal de desgosto. Em cima da mesa em que se come não se põe dinheiro, porque traz pobreza; nem sentar-se em cima, porque faz gota. Se a visita arrumar a cadeira em que se assentou, não volta mais. Derramando-se azeite em casa é sinal de desordem, e deve-se-lhe logo deitar um punhado de sal em cruz.

O *fogo* do lar é também objecto de agoiros importantes: se estala ou crepita é porque estão dizendo mal de quem o acendeu; se é a candeia que crepita é sinal de presente. Os morrões que caem no chão acesos não se devem apagar, porque alumiam as almas do purgatório. Três luzes numa sala é sinal de enterro; a luz no chão é morte de pessoa da casa. Beber água com luz na mão, faz beber o juízo. Cuspir no lume ou apagá-lo com água é pecado; queimar a palha do enxergão é pobreza.

Os objectos de uso prestam-se a singulares prognósticos; achar *alfinetes* indica amores; *agulhas* testemunhos; *vassoura* voltada para o ar é sinal de bulhas; *tesoura* ou *faca* que ao cair se espeta no chão é porque há visita; oferecer um *lenço* é agoiro de lágrimas. Vestir roupa do avesso livra das bruxas e da mordedura de cão danado. Uma *noz* de três quinas na algibeira dá fortuna. Grelando as *cebolas* em casa é sinal que cresce a fortuna. Se três pessoas fazem uma *cama* morre a mais velha. Quando se quebra um *espelho* é sinal de morte. Bebendo duas pessoas ao mesmo tempo, adocece uma delas. A cama feita só com lençóis e sem cobertor é sinal de que morre cedo a pessoa a quem pertence. Deve-se espiar a *roca* todas as noites, para que os defuntos não venham acabar a fiadura. Para que a fornada fique boa deve-se dizer, fazendo uma cruz com a pá no pão:

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo,
 Que cresças no forno tanto,
 E tanto fora do forno;
 E os meus inimigos que comam um corno.

Não se deve deixar o *pão* dentado, por causa de malefícios, que consistem em crivá-lo com alfinetes e dá-lo a comer a um sapo. Trincar o *alho* em jejum livra de mau olhado. É mau cheirar o pão, porque a terra depois não come o corpo, mas só a ponta do nariz. Em Coimbra a superstição tornou-se uma lenda da rainha Santa Isabel. Quando se beija o pão, destrói-se o malefício que poderia vir nele; faz-se isto sempre ao pão que cai no chão. Pisar o sal não é bom; nem estar com as mãos cruzadas na cabeça; nem pentear o cabelo à noite, que morre parente próximo. Comer pela primeira vez qualquer fruta do ano, diz-se que se faz *novo*, e pedindo o que se deseja vem a realizar-se. É mau negar uma sede de água, ou uma brasa de lume. Quando se está comendo e se engasga, é porque se lhe chora a comida; caindo a comida que se leva à boca é que alguém nos quer falar. Treze pessoas à mesa, ou entornar na mesa o saleiro é um agoiro terrível, comum a toda a Europa.

A roupa de uso é objecto de superstições peculiares: quem vira o vestido de cima para baixo vira a fortuna; deitar chinelos velhos à rua, pode fazer com que sofra

malefícios o seu dono; calçar as meias do avesso é sinal de fortuna; se cai a saia a uma mulher, é porque anda outra com o marido; o sapato virado com a sola para o ar faz sair as visitas importunas; achá-lo virado na ocasião de calçá-lo é revés; as meias em cima da cama, fazem sonhos, e a travesseira em cima do peito de quem sonha, faz responder a todas as perguntas que lhe dirigirem; as botas à cabeceira da cama fazem ter sonhos mãos.¹¹⁷ Certas vestimentas tornaram-se peculiares da medicina mágica, tais como as *cintas*, as camisas, as calças do marido e o chapéu velho para a parturiente.

Não tem fim estes agoiros ou formas espontâneas da superstição popular, um grande número dos quais é comum a toda a Europa, e alguns persistem ainda entre as raças nómadas e selvagens. Como diz o poeta cómico do século XVI, António Prestes:

São isso agouros de velhas,
sois dessas que tudo crêem,
dessas que vêem
o homem das calças vermelhas,
e o pesadelo também
da mão furada, e que tem
arrecadas nas orelhas.
Crede em Deus, de meu conselho
não tenhais á casa entejo.¹¹⁸

A todas as grandes comoções sociais corresponde uma revivescência das superstições populares; o que se observa na Europa com a demonologia, na época da Renascença e Protestantismo, repetiu-se em Portugal pela circunstância accidental das guerras e das pestes. Por ocasião das guerras com Castela, e das grandes pestes do século XVI, ou depois da batalha de Alcácer-Quibir, em que se extinguiu a independência nacional, as superstições populares portuguesas apresentaram uma forte recrudescência reprimida nos documentos legislativos. O Senado de Lisboa condenou num Alvará de 14 de Agosto de 1423 «os pecados de Dolatria e costumes danados dos gentios que se em ello (o povo) de grandes tempos guardavam...». Transcrevemos essa enumeração curiosíssima: «que daqui em diante em esta cidade, nem em seu termo nenhum pessoa nom use nem obre de *feitiços* nem de *ligamento*, nem de *chamar os diabos*, nem *descantações*, nem de obra de *veade ira*, nem obre de *carântelas*, nem de *gestos*, nem de *sonhos*, nem de *encantamentos*, nem *lance roda*, nem *lance sortes*, nem obre de *divinhamentos*, em alguma guisa que defezo seja por direito civil ou canonico; nem outro si *ponha mão*, nem *meça* até, nem *escante olhado* em ninguem, nem *lance agoa por joeira*, nem faça remedio outro algum para saude de algum homem ou animalia, qual nom concelha a arte de fizica... haja a pena que o direito civil poem em taes casos, e naquelles casos em que por direito civil nom he posta pena nem remedio, assim como no *medir da cinta* e no *lansar agua polla joeira*, e em outros semelhantes que nom sam expressos em direito...»

«Outrosim estabelecem que daqui em diante em esta cidade e em seu termo nom se *cantem janeiras* nem *Mayas*, nem a outro nenhum mez do anno, nem se lance *cal às portas* só titulo de Janeiro, nem se *futem as águas*, nem se *lancem sortes*, nem se *briem aguas*, nem se faça alguma outra obra nem observancia como se antes fazia...»

¹¹⁷ A maior parte destas superstições já estavam coligidas por Pedroso, no *Positivismo*, sendo a sua topografia de 1 a 381, arredores de Lisboa; de 455 a 515 e 627 a 660, do Minho; 616 a 631, Bragança; 661 a 667, Golegã; 668 a 672 e 704 a 713, Leiria; 677 a 701, Bragança. Grande parte destas superstições tem símiles na *Bibl. de las Tradiciones Populares Esp.* t. I, pp. 211 a 300.

¹¹⁸ *Autos*, p. 353.

«Estabelecem que qualquer que para *Mayas* ou *Janeiras* emprestar bestas, vestires, joyas, ou quaisquer apostamentos perca tudo aquilo que assim emprestar e hajam todo os accusadores e Concelho de per meio.»

Todas estas superstições se acham minuciosamente referidas nas Ordenações Afonsinas e Manuelinas, nas Constituições dos Bispados, e nos inúmeros processos de feitiçaria da Inquisição Portuguesa, do século XV ao século XVIII.

No *Leal Conselheiro* de el-rei D. Duarte, escrito entre 1428 e 1437, segundo a autoridade do visconde de Santarém, citam-se outros variadíssimos elementos da superstição da sociedade portuguesa. No capítulo XXIXVII, desta notável Enciclopédia medieval, cita o erudito monarca: «a *crença aas profecias, vysões, sonhos, dar aa vontade, virtude das palavras, pedras e ervas, sygnaaes nos ceeos*, e porque se fazem na terra em *personas e alimarias, e terremotos, graças especiaes* que Deus outorga que ajam algumas pessoas, a *astrologia, nygromancia, geomancia*, modo de *trejeitar por soliteza de mãos* ou natural maneira nam costumada.» El-rei D. Duarte não se atreve a negar nem a afirmar sobre estes assuntos, e cita alguns exemplos em que realmente se confessa perplexo:

«Por verdes destes exemplos, quem contar fora da terra que Pedreanes *vee as águas*, e dá os *synaes* que ata XX braças e mais de soterra serem achadas; e que aqueste moço Pedro tam simpres que assi afirma as *vêe*, e posto que nom seja de auctoridade, como já em alicerces de casas foy achado certo, sem fallecer cousa em altura e na terra sobre que eram fundados; e da mulher que passa de XII que no çumo de hua maçaam ou semelhante comer, no dia em que mais largo come, se mantem, non gostando carne, pescado, ovos, leite, nem outra boa vyanda mas com tam pouca, como dicto he, sem vynho, se mantem em soo beber de água simprez, que he incredyvel; e dos que guarecem os *mordidos dos cães danados* per os beenzer; e como devynham os que os vão buscar por o sentirem no coração, segundo me já contarom dous padre e filho, e huu capellom meu que tem esta virtude; e tambem de parirem as molheres sem cajom, em sua presença, não são cousas que se bem cream. E de *dar aa vontade* o que adiante se acontece, eu vy ja cousas tam certas que seriam muy duvydosas de creer; e assy outras taes vritudes que Nosso Senhor quer outorgar a alguas pessoas, nom se podem comprehender per razom. E *ferro caldo*, que naquesta terra tantos certificam que o vyrom filhar, quando fóra se diz por muyto que se afirme poucos acham que o bem creem. E semelhante fazemos nós doutras que muytos de fora contam, porque as obras da feitiçaria, e que se dizem de Cataílonha e Saboya, eu lhes dou pouca fê; nem aquélias que muytos afirmam em estes reynos, porque o mays de todo ey por engano e bulra. Sobrestas obras de *feitiços* muytos caaem em grandes pecados, e se leixam com grande mal e deshonna continuar em elles por lhes dar fê, ou querendo mostrar que *som forçados que amem algumas molheres* e vyvam com ellas contra consciencia e seu boo estado, dando em prova que se nom deve pensar que huu tal homem, conhecendo tanto mal, se del nom guardasse, nom seendo por *feitiços* vencido. E dizem que sas molheres lhe parecem bestas: e semelhante afirmam as molheres de seus maridos.»

Depois de falar em maravilhas naturais, como as *bombardas* e os *troões*, conclui el-rei D. Duarte: «nem deem fê aos feitos e burlas dos alquimystas, que per taaes semelhanças mostram que os devemos aver por verdadeiros, e posto que nom acertem de fazer o que já verdadeiramente se fez, nem dos que afirmam *aver ouro encantado*, o que tenho por grande bulra...» E termina: «*Dagoyros, sonhos, dar aa vontade, sygnaes* do ceeo e da terra, algum boo homem nom deve fazer conta...

A grande época da Renascença, que foi para a Europa como o acordar da razão humana adormentada pelo misticismo cristão, apresenta conjuntamente com o espírito crítico uma tendência para acreditar nos *poderes ocultos* dos fenómenos da natureza. O

critério da observação e da experiência ainda não estava bem determinado, e muitos dos que cooperavam para a positividade mental, entregavam-se à alquimia, às panaceias, como Cardan e Agrippa. A lenda do Fausto sintetiza este conflito mental. A Igreja aproveitava os grandes fenómenos da natureza para conservar os espíritos rudes sob o influxo do milagre. Gil Vicente, o espírito mais complexo da Renascença em Portugal, protestou contra este obscurantismo sistemático proclamando o critério científico. O seu *Auto das Fadas* é precioso para o conhecimento das superstições populares, que redobram de intensidade numa sociedade aterrada por grandes convulsões da natureza, como os terramotos e as pestes periódicas.

No estudo das superstições populares portuguesas, pela extrema complexidade delas, é necessário subordinar o trabalho de compilação a um sistema, que não pode ser senão: seguir a ordem cronológica, tomando como base o documento mais importante de cada época, desenvolvê-lo contra outros documentos secundários, determinando a vivacidade dos factos pela comparação com os costumes actuais, e procurar em cada época grupos de superstições que se prestam à reconstrução de um culto decaído ou religião extinta. As superstições do século XVI acham-se amplamente apontadas na *Ordenação Manuelina*, copiadas depois nas Constituições de Évora de 1534. A época de D. Manuel foi enormemente agitada, não só pela perseguição contra os judeus, como pela corrupção da fidalguia; nas *Trovas que se fizeram nas terças em tempo de el-rei D. Manuel*, acha-se esboçado esse quadro de dissolução, que além dos desastres naturais, veio revolver e avigorar as superstições latentes no povo. E no grupo das superstições apontadas no código manuelino, que se determina um sistema religioso de cultos ctonianos ou de heterismo primitivo e da prostituição sagrada; da mesma forma, pelo exame das superstições descritas no *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, se recompõe pela superstição da caldeira e das encruzilhadas, das horas abertas, de lançar varas, o mito indo-europeu, que entrou no Ocidente em forma de um culto solar. É pela redução a estes sistemas, que as superstições, como mitos e cultos verdadeiramente decompostos, ainda na forma a mais absurda podem receber um sentido, que resulta da compreensão do seu destino social primitivo.

Superstições derivadas de uma religião ctoniana. – No livro quinto das *Ordenações Manuelinas*, título XXXIII, enumeram-se bastantes superstições populares, mais tarde incluídas nas Constituições dos Bispados, e castigadas pela lei com pena de morte; tais são o tomar «de logar sagrado *pedra-d'ara* ou corporais.» – «E isto mesmo qualquer pessoa, que em *circulo* ou fora dele, ou em *encruzilhada* espíritos diabolicos invocar, ou a alguma pessoa *der a comer* ou *beber qualquer cousa para querer bem ou mal* ou outrem a elle, morra por ello morte natural (§ 1).» – «Outrosi nom seja algua pessoa tam ousada, que pera adivinhar *lance sortes*, nem *váras pera achar aver*, nem veja em agua ou em cristal, ou em espelho, ou em espada, ou em qualquer outra cousa lusente, nem em espadua de carneiro, nem façam pera adivinhar *figuras ou imagens* algumas *de metal*; nem de qualquer outra cousa, nem se trabalhe de *adivinhar em cabeça de homem morto* ou de qualquer alimaria, nem traga consigo *dente* nem *baração de enforcado*; nem qualquer outro membro de homem morto, nem faça com as ditas cousas, ou cada hua delas nem com outra algua (posto que aqui nom seja nomeada) especie alguma de feitiçaria ou pera adivinhar ou pera fazer dano a algua pessoa ou fazenda, nem faça cousa alguma porque hua pessoa queira bem ou mal a outra, nem pera *liguar homem ou mulher* para nom poder aver ajuntamento carnal (§ 2).» – «E por quanto nos he dito, que em nossos regnos e senhorios, entre a gente rustica se usam muitas abusões, assim como *passarem doentes por silvão ou machieiro* ou *lameiro virgem*, e assim usam *benzer com espada que matou homem*, ou *que passasse o Doyro e*

Minho trez vezes. Outros cortam solas em figueira baforeira. Outros cortam cobro em lumiar de porta. Outros tem cabeças de saludadores encastoadas em ouro ou em prata, ou em outras cousas. Outros apregoam os demoninhados. Outros levam as imagens de alguns santos a carca da agua, e ali fingem que os querem lançar em ella, e tomam fiadores, que se atee certo tempo o dito Santo lhe nom der agua, ou outra cousa que pedem, que lançaram a dita imagem na agua. Outros revolvem penedos e os lançam na agua para aver chuva. Outros lançam jueira. Outros dão a comer bolo pera saberem parte d'algum furto. Outros tem mandráculas em suas casas, com intenções que tendo-as por ellas averam graças com senhores, ou guanharam nas cousas em que tratarem. Outros passam agua por cabeça de cam pera conseguirem algum proveito (§ 3).»

A *Ordenação Manuelina* mandada organizar em 1512, é anterior a todas as Constituições dos nossos bispados nas quais se reproduziu este título. As *Ordenações Afonsinas*, codificando um alvará de D. João I não têm a minuciosidade descritiva das *Manuelinas*, que são um inventário onde se reflecte a crise social da expulsão dos Judeus, das pestes periódicas, dos terramotos que tanto alucinaram no período das descobertas a imaginação portuguesa. A *Ordenação* de 1512 preenche todo o intervalo que vai até ao ano de 1534, data das *Constituições de Évora*, onde se copia palavra por palavra o título do código, mudando a pena de morte em ex-comunhão maior, ficando o delinquente *preso e com caroça na cabeça* à porta da igreja. No trecho acima transcrito demos vinte e quatro práticas supersticiosas, que podemos hoje descrever minuciosamente por meio das relações autênticas das sentenças do Santo Ofício; fá-lo-emos, porém, agrupando-as segundo o sistema cultural de que são vestígios.

As *pedras* e os *lameiros* pertencem ao culto ctoniano. Na *pedra comprida*, da serra de São Domingos, ao pé de Lamego, deitam-se as *mulheres estéreis* para se tornarem fecundas; e no Monte de Santa Luzia, no Minho, «há um Santo *Elyseu* em um nicho, onde as moças vão às quartas-feiras, e virando o Santo para elas, lhe *atiram com uma pedra*, e dizem:

Oh meu santo *Elyseu*,
Casar quero eu.»¹¹⁹

Aqui o nome de *Elyseu* tem a extraordinária relação com *Elusia*, ou Árte mis de Éfeso,¹²⁰ e com o epíteto de *Elisa*, a forte deusa, dado a Dido, hoje equiparada a Anath-Astarte, do culto heterista. «A uma légua da povoação da Peneda, concelho dos Arcos, há *um penedo dos casamentos*, a que se atira pedra.»¹²¹ Na *Ordenação Manuelina* proíbe-se o tomar *pedra-d'ara*, e na superstição popular de Gaia, e em várias povoações do Minho, onde lhe chamam *pedra-d'era*, é empregada como meio de um rapaz ser amado por qualquer rapariga.

O costume de *revolver penedos*, é ainda actual, e em Vila Nova de Foz Côa, para pedirem chuva juntam-se nove donzelas, que vão em procissão ao sítio chamado *Lameiro* de Azinhate, e ali viram para baixo uma grande pia de *pedra*, retirando-se depois seguras de que a chuva não faltará,¹²² as preces são feitas a Nossa Senhora.

Na *Ordenação Manuelina* fala-se na superstição de passar doente por *lameiro* virgem; é este um dos vestígios mais importantes do culto ctoniano das *Virgens-Mães*, de que *Martha*, que nos aparece invocada em uma oração mágica do século XVII, justifica a relação dogmática, bem como a outra superstição de *levar os santos junto da*

¹¹⁹ Leite de Vasconcelos, *Vanguarda*, n.º 34.

¹²⁰ J. Baissac, *Origines de la Religion*, t. I, p. 256.

¹²¹ Leite de Vasconcelos, *Vanguarda*, n.º 34.

¹²² J. Avelino de Almeida, *Dic. Corográfico*, t. III, p. 229.

água. Os santuários de Ártemis eram junto dos charcos e lameiros, e onde quer que chegou este culto de um período de heterismo, aparecem sempre tais monumentos. «Os pântanos, como diz Baissac, eram na primitiva uma das condições exigidas para estas construções sagradas, que, quando os homens se agruparam, e que a ideia de santuário se estendeu a toda a cidade, foi geralmente nos lugares baixos e pantanosos, e ao abrigo dos ventos secos que esse centro foi estabelecido. Na nossa antiga Gália, para não ir mais longe, as cidades de Marselha e de Viena, entre outras de origem ctoniana, tinham em parte esta situação, e tudo prova que a escolha fora determinada por um pensamento religioso.»¹²³ O carácter sagrado do *lameiro virgem* é o último resto de um sistema religioso de que existem fragmentos, tais como: *revolver penedos* para provocar chuva, a *adivinhação pelas crianças* (Ártemis era chamada *kourotrophos*, amamentadora de crianças), os tanques ou *fontes santas* (Ártemis *eloia*, ou dos lameiros) e os ritos do *sabbath* nocturno junto das cordas dos rios (Artemis *potamia*). A pedra que ainda hoje se revolve representa a pedra que simbolizava a Deusa-Mãe Cibele, cujas festas terminavam por leva-la a mergulhar num rio; daqui ainda o rito popular supersticioso de *levar os Santos à cerca d'água*. Escreve Júlio Baissac, nas *Origens da Religião*: «Um velho pontífice, vestido de púrpura (temos ainda a *opa vermelha*) vinha cada ano mergulhar a pedra na corrente, no meio de alaridos frenéticos do coro dos padres, uns flagelando-se com disciplinas (como os nossos *marrocos*) com poutas de ossos ou seixinhos, *flagella tassellata*, e os outros batendo sobre um pandeiro ou soprando com toda a força em charamelas (como os foliões do Espírito Santo). Esta cerimónia faz lembrar a chegada da deusa síria e de todos os deuses do seu templo ao lago sagrado de Hierapólis, e os gritos, as macerações dos padres, o tambor, as charamelas, tudo isto é essencialmente oriental e nada tem de comum com as religiões patricias.»¹²⁴ Em Portugal muitas procissões (a de São Sebastião no Algarve) tem este carácter orgiástico, mas sobretudo as procissões em que se levam os santos junto da água tem o carácter de penitência. Estas superstições pertencem pois a um subsolo étnico sobre o qual assentaram os dois politeísmos semita e árico; para serem entendidas precisam ser agrupadas de modo que pela recomposição do sistema religioso de que formaram parte se conheça a sua seriedade e importância inicial. Vejamos a persistência do culto das deusas-mães.

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, cita-se com frequência a superstição de *Santa Martha*, com orações especiais de encantamento para que uma pessoa ame outra e fique à disposição de todas as suas vontades. Este facto é importantíssimo para se recompor o culto ctoniano que existiu na Europa antes do cristianismo, e que tanto facilitou a sua introdução confundindo-se com o culto da Virgem-Mãe ou da Virgem Maria. Jules Baissac fala do culto de *Martha* em todo o ocidente europeu, principalmente no litoral do Mediterrâneo: «Na Provença e ao longo do Reno, até Vienne e em Lião, conservam-se tradições de que o cristianismo habilissimamente, inconscientemente talvez, se apropriou, mas que no seu estado de transformação actual acusam evidentemente uma outra origem para que seja possível o equívoco. No número destas tradições de carácter eneano, figuram as de *Santa Martha* e Madalena em Marselha, em Tarascon, em Avinhão em Aix, sobre as margens do Durance e em Sainte Baume, etc.»¹²⁵

Nos cultos semitas, a relação do homem para com Deus é a do escravo (*abd*) para com o Senhor (*Adon*, *Bual*); estes epítetos da senhoria divina, apresentam também uma forma feminina em *Marah* e *Marth*. Este nome foi dado às divindades femininas

¹²³ *Origines de la Religion*, t. I, p. 144.

¹²⁴ *Origines de la Religion*, t. II, p. 74.

¹²⁵ *Ibidem*, t. II, p. 100.

equivalentes a *Baalath*, e em Creta, Diana é chamada *Brito-Martis*, como Júpiter é equiparado por Estêvão de Bizâncio a *Mama*, de Gaza (isto é *Mama*, nosso Senhor) achando-se assim completo o par divino. Sobre a costa púnica, como diz Baissac, existe uma localidade chamada *Maraza* (de *Marah-aza*, a forte Senhora); assim Epifânio cita as duas divindades femininas *Marth* e *Marthna* adoradas pelos judeus-pagãos ou gnósticos da Palestina. «A designação de *Marta* era de uso frequente no semitismo para designar a Mãe-Divina, da qual os gregos fizeram a sua Artemis e Diana. Por oposição a Madalena, que representava o lado heterista desta Deusa-Mãe, *Marta* representava o seu aspecto virginal.»¹²⁶ Este dualismo é importantíssimo e também aparece citado no processo de Luiz de la Penha, em *Marta a dina*, ou a Santa (*Martha-na*, na forma grega, *Mardiana*) e *Marta a que o pecado encanta*. O carácter demoníaco desta última confirma-se pelas próprias tradições da feitiçaria medieval, porque o nome de Astaroth, não é senão o nome de *Astoreth* dado a esta divindade. Plutarco, na Vida de Marius, cita uma profetisa nas Gálias dois séculos antes de Cristo, chamada *Marta*, consultada antes do general romano dar batalhas. «A denominação de *Marta* a senhora, é anterior na Gália ao cristianismo e ao evangelho, como denominação religiosa e objecto de culto.»¹²⁷ Em Portugal existe uma romaria de Santa Marta, no Minho, no alto de uma montanha, à qual concorrem as mulheres que sofrem do *útero* e perturbações menstruais. O carácter sensual destes cultos ctonianos conserva-se nas práticas da feitiçaria da Idade Média, e no processo de Luiz de la Penha subsistem as provas desses ritos orgiásticos da prostituição sagrada. No articulado 17º do libelo, vem: «Que tendo o réu Luiz de la Penha perguntado pelos ditos papéis, confessou que a letra de uns papéis maiores, de que alguns vão juntos nas culpas, eram de sua mão; está escrita uma devação a *Santa Marta*, em que conclui assim:

querais vós prender e sugigar o coração
a todos aqueles que contra mim são.
Aleluia!

«e após isto que chama devação, está outra que chama *Oração de Santa Marta*, que diz ser a *não dina*, que diz assim:

Marta, não já a dina,
nem a santa,
senão *aquela*
que o pecado encanta;
detrás da porta estarás,
de luto te vestirás;
com três varas te mandarei,
a meu mandado estarás;
depressa e logo irás,
a embaixada tu trarás.

Com três varas te mandarei,
quatro cantos catarei
com a vara da maior alçada;
tu não comerás,
nem beberás

¹²⁶ *Ibidem*, t. II, p. 103.

¹²⁷ *Origines de la Religion*, p. 108.

até comigo à conta vires estar.»

No articulado 22º, cita-se um livro de Luiz de la Penha, no qual «estão muitas e várias coisas com título de *devações para querer bem e vir a pessoa donde quiserem*, e a primeira entre o mais tem as palavras seguintes:

.....
 Valham-te aquelas três irmãs
 que eu tenho por convidadas,
 uma é a sombra,
 e outra a solombra,
 e outra *Marta a não dina*,
 nem a santa,
 senão aquela maldita
 que os demónios encanta;
 esta te hade trazer
 preso e atado
 e *ligado* e encantado,
 de pisão e de calhão
 e de rinhão
 e de estaca e de abuss(ão)
 que de todas as tuas conjunturas
 o não deixes durar,
 nem aquietar,
 nem repousar,
 até que a mim (*foão* ou *foão*)
 me venha buscar;
 e quanto tiver
 me venha dar;
 e quanto souber
 me venha dizer.»

É importantíssimo este texto; a Marta que aqui se invoca é a demoníaca, isto é, a Senhora, a deusa heterista dos cultos ctonianos da prostituição sagrada. Nos livros mágicos de Luiz de la Penha abundam as orações a Santa Marta confundidas com as da Virgem: «E assi outra devaçam a *Santa Marta pera prender e subjugar o coração das pessoas*. E outra de *Marta a não dina para uma pessoa vir a outra*. E outra devação da virgem da Piedade» (Articulado 22º). E no articulado 24º: «E na mesma folha diz que *tomou as mãos a nove mulheres*, dizendo-lhe as sinas *com algumas desonestidades*. E após isto está escrita uma carta de tocar. E após ela está escrito o que chama *Oração de Marta, não a digna*, e no cabo diz que é defesa. E no mesmo livro (da letra E, às folhas 101, 105, 112 e 113) diz que disse as sinas a cento e seis *pessoas casadas e solteiras com muitas torpezas sujas e desonestas*, e diz que lhe viu com seus olhos o dos seus corpos. E às folhas 115 e 123 vº, 24 vº e 127 e 128, do mesmo livro, nomeia por seus nomes treze *mulheres* que diz ter benzido também com muitas torpezas sujas e desonestas. E no mesmo livro da letra E, às folhas 130 até 157, entre outras cousas nomeia por seus nomes trinta e nove *mulheres solteiras, casadas e viúvas*, que diz ter benzido com muitas torpezas e desonestidades, e com algumas estava espaço de uma e duas horas. E nomeia mais catorze *mulheres...*» Não tem fim; este feiticeiro de que a

Inquisição de Évora tomou conta, e que já era herdeiro das tradições mágicas de seu pai (articulado 8 do libelo) conservava a plena tradição do culto ctoniano de *Marta*, a Deusa-Mãe que precedeu no ocidente o culto da Virgem. Entre os papéis avulsos apensados ao processo vem esta outra:

Devoção a Santa Marta

Bem aventurada *Santa Marta*,
pelas terras do Egipto passastes,
a *Serpente* fera encontrastes
com a santa caldeira da agua benta
e hissope na mão saudastes,
e com ela amansastes,
e com a vossa preciosa cinta atastes;
à cidade a trouxestes mansa e pacifica
aos infíéis a entregastes.
assim como isto é verdade, etc.»

A serpente tem aqui um sentido particular; aludindo ao mito das donzelas em luta com a serpente (cuja cabeça é também esmagada pela Virgem Maria), diz D. Joaquim Costa: «Não é outra a origem do famoso *tributo das Cem Donzelas*, tão popular nas lendas asturianas, portuguesas e catalãs, e que deu argumento ao famoso romance *No Figueiral Figueiredo*, e a outros muitos; aqui desaparece o dragão, substituindo-o os inimigos da pátria; porém, esse dragão, reaparece nas *Mouras Encantadas* e na serpe da batalha de Hacinas, segundo a versão do *Poema de Fernão Gonzales...*»¹²⁸ Deste mito subsiste na superstição popular o poder das donzelas chamadas Maria, que matam as *serpentes* com qualquer leve toque. São notáveis estes factos para ver como se opera a decomposição dos mitos em superstições populares. Segundo Bergmann, ainda nas lendas da Idade Média a serpente simbolizava as cheias dos rios e as inundações contra a qual lutavam certos santos, como veremos ao recompor o culto solar e o simbolismo da *Serpe e da Donzela* dos Regimentos das Procissões de Corpus Christi. Os cultos agrícolas ligam-se às práticas orgiásticas do heterismo junto das ervas e juncos do charco; *filho das ervas*, é o que pertence ao regime da prostituição ou da época heterista da maternidade.¹²⁹

No romance de *D. Ausenda* (Auseia, Iseu ou Iseult) há uma referência a estas ervas e fontes do culto ctoniano:

À porta de Dona Ausenda
Está uma erva fadada,
Mulher que ponha a mão nela
Logo se sente pejada...¹³⁰

¹²⁸ *Poesia Popular Española*, p. 311.

¹²⁹ Arruda Furtado, nos seus *Materiais para o Estudo Antropológico dos Povos Açorianos*, alude ao parentesco pelas mães usado na freguesia da Bretanha na ilha de São Miguel: «Consiste em dar como cognome aos filhos masculino o nome de baptismo das mães, e assim sei que há na Bretanha Jacinto Helena, Manuel Ricarda, Francisco Albina, António Teresa, Francisco Josefa, Francisco Rita, José Guiomar, únicos nomes porque são muitas vezes conhecidos e porque sempre são tratados familiarmente» (p. 21, nota).

¹³⁰ Garrett, *Romanceiro*, t. II, p. 172. Num romance asturiano, acha-se também:

Hay una yerba en el campo

Na versão de Coimbra (*Romanceiro*, nº 33) em vez de uma erva é uma fonte, o que confirma a interpretação cultural:

A cidade de Coimbra
Tem *uma fonte de agua clara*,
As moças que bebem dela
Logo se vêem pejudadas...

Em uma das fórmulas mágicas de Luiz de la Penha, vem o verso «5. *Marcos te marque*» cujo sentido se compreende pelo verso popular na Andaluzia:

Agua, señor S. Marcos
*Rei de los charcos.*¹³¹

O povo ainda liga à devoção da Virgem Maria (*Marah*) a ideia de um culto ctoniano; na Guarda, diz-se:

Esta agua encharcada,
*Valha-me a Virgem sagrada.*¹³²

Anah, a deusa ctoniana, aparece em Portugal assimilada a Santa Ana, como se vê em várias superstições; em Viana do Castelo, canta-se:

Senhora *Santa Ana*
Subiu ao *monte*,
Aonde se assentou
Abriu uma *fonte*.

Oh agua tão doce,
Oh agua tão bela!
Anjinhos do céu,
Vinde beber dela.¹³³

Anah é a Vénus babilónica, que aparece em Roma com o mesmo carácter orgiástico; as festas sensuais eram no idos de Março, e isto nos explica o sentido de um

que se llama la borraja;
toda mujer que la pisa
luego se siente prenada.

Nas locuções espanholas também se diz: *pisar mala yerba*, com o sentido de andar errado. Em Portugal chama-se *perdição* à prostituição; *perdida* a mulher sem honestidade. Isto explica a tradição espanhola e francesa de *La yerba que extravia*, e da *L'herbe qui egare*, sobre a qual falam as revistas *Melusine*, e *Folk-Lore Andaluz*, p. 453. A generalidade da mesma superstição conduz à ideia de um fundo comum cultural. Em Thuringe chama-se *irrkraut* (a erva que faz perder) ao *feito*, cuja semente é considerada com grandes poderes sobre o amor e a fortuna. Devemos pois considerar a *erva fadada* como a *semente do feito*, de que acima falámos.

¹³¹ Rodrigues Marin, *Cantos Populares Españoles*, t. I, p. 58. Nos anexins sicilianos *São Marcos* representa o vento. Pitré, *Proverb.*, t. I, p. 52.

¹³² Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 68.

¹³³ Idem, *ibidem*, p. 73.

documento de 1346 citado por Viterbo, no qual se proíbe *as mulheres tocarem adufe no mês de Fevereiro*: «E disse que qualquer outra mulher que no dito mês de Fevereiro tanger adufe, que o mordomo a achacará e chamará a juízo, até que se avenha, com o mordomo.»¹³⁴ Evidentemente refere-se ao culto da prostituição sagrada das Sucoth Benot. O templo de *Anah*, a Deusa-Mãe, era em forma de monte, o adufe era o tímpano das hierodulas e dos galas da deusa síria; as águas de charcos, ou fontes, simbolizavam a concepção do âmnios universal. Por todo o litoral do Mediterrâneo se estendeu este culto pela influência simultânea dos fenícios e dos jônios, e onde quer que se achou estabelecido um templo à Deusa-Mãe facilmente foi aproveitado pelo cristianismo para a propagação do culto da Virgem Mana.

As *crianças* amamentadas pela Deusa-Mãe (os anjinhos que cercam a Virgem da Conceição) figuram nas superstições populares; o cristão-velho Pedro Afonso, foi condenado por ter comunicações com o Diabo na forma de *menino* de dez anos. No processo de Maria Antónia declara que o Diabo lhe apareceu «em forma humana de *homem pequeno...*» Na ilha de São Miguel canta-se esta jaculatória a Santa Ana, com o sentido heterista:

– Senhora *Santa Ana*
Dai-me outro marido,
Que este que eu tenho
Não dorme comigo.

«Senhora *Santa Ana*
Esta mulher mente,
Que eu durmo com ela
E não a contento.»

As superstições sobre o limiar da *porta*, onde tem mais poder os filtros amorosos e os esconjuros, aparecem-nos ligadas ao culto de Santa Ana. Encontramos em Gil Vicente a seguinte oração do quebranto:

Estava *Santa Ana* ó pé do loureiro,
Vem o *anjo* por mensageiro,
Vai-te à *porta* do ouro,
Acharás teu parceiro.
Vai Joaquim após o carneiro,
E naquela hora que Deus verdadeiro
Concebeu Ana em limpo celeiro
A Santa Maria rezam o salteiro,
Que já o quebranto caiu no *ribeiro*.

(*Obras*, t. II, p. 13.)

Era à porta das cidades semitas que segundo o culto heterista as mulheres se ofereciam aos estrangeiros; a *porta do Ouro* vem citado no Evangelho apócrifo da Natividade. Aqui o *loureiro* aparece com o mesmo sentido com que era levado na *thyasa* dionisíaca, e em um canto popular da Andaluzia, estabelece-se a relação entre *Ana* e o *loureiro*:

¹³⁴ *Elucid.*, Achacar.

Entre los arboles todos
 Se señora el *laurel*;
 Entre las mujeres *Ana*,
 Entre flores el clavel.¹³⁵

A este antigo sistema cultural da Deusa-Mãe, ou do ctonismo plebeu, pertencem essas cerimónias orgiásticas do *sabbath* nocturno de que falam os moralistas da Idade Média e os demonologistas dos séculos XVI e XVII; o nome de *Martha*, dado ao rio que alagava as planícies em que se estabeleceram as colónias asiáticas da Etrúria, e o carácter de conjuração política com que se descobriram as *thyasas* ou confrarias orgiásticas no Consulado de Postumius Albinus (186 anos a. C.) levam a considerar este culto como um vestígio da religião dos antigos povos itálicos conquistados pelos Romanos. Tito Lívio descreve as cerimónias sensuais deste culto reveladas por um inquérito oficial, do qual resultou uma execução de perto de quatro mil pessoas acusadas de tomarem parte nos mistérios bacanais. Baissac considera este rito como persistindo nos *sabbath* da Idade Média, apoiado na comparação dos factos do inquérito romano com os depoimentos coligidos por Bodin na *Demonomania*, e por Delancre no *Quadro da inconstância dos maus anjos e demónios*.

Este conciliábulo tinha na Biscaia o nome de *akke larria*, e em Portugal o de *senzala*. Em uma nota da sua versão das Fábulas de La Fontaine, diz Filinto Elísio: «Eu ouvi algumas velhas chamar *senzala* ao conciliábulo e sítio em que (segundo a crença do vulgo) se ajuntam na noite de sábado as bruxas e feiticeiras, e onde aprendem os arcanos mais profundos da bruxaria; dos quais é ali lente de borla preta o *cão tnhoso*, a quem elas adoram, e a quem em sinal de adoração beijam (segundo a narração das velhas) o traseiro. E perguntando-lhe eu porque razão lhe chamavam *senzala*, me responderam que pela muita parecença que tinham elas negras e os demónios também negros, com as casas dos pretos, que no Brasil se chamavam *senzalas*. – Também as velhas me contaram, que as bruxas se transformavam em diversas figuras, conforme o emprego que intentavam dar ao seu génio malfazejo.»¹³⁶

Em geral os processos da Inquisição Portuguesa dos séculos XVI e XVII descrevem estes conciliábulos ou *thyasas*, com as mesmas circunstâncias referidas por Delancre, sinal de que existia uma tradição comum a todo o Ocidente. Na *Confissão de umas bruxas que queimaram na cidade de Lisboa, ano de 1559*, descreve-se a promiscuidade mais desenfreada, danças vertiginosas, banquete, e as luzes são archotes *enxofrados*, como nas *thyasas* de Roma; o maioral ou archigeta usava um *capuz frisado* com o chapéu de bicos dos ritos fálicos; figurava a *mãe do Diabo*, com um *pandeirinho* (o adufe proibido) e um *novelo de linha*,¹³⁷ como no culto heterista celebrando a *thyasa junto do rio*. O *rio*, ou fonte mágica, acha-se citado no processo de Ana Antónia, da Inquisição em 1624: «E assim mais saia a ré com o Demónio no hábito em que sempre lhe aparecia, a certo lugar *junto de um rio*, onde estavam algumas mulheres conhecidas da ré, em companhia de outros demónios...» No Minho, a mulher estéril que quisesse

¹³⁵ Ap. Gubernatis, *La Mythologie des Plantes*, t. II, p. 188.

¹³⁶ Trad. das *Fabulas*, p. 302.

¹³⁷ Nas locuções populares, a frase *Lá vai tudo quanto Marta fiou*, condiz também com o que se passa na romaria de Santa Marta, no Minho, à qual as mulheres levam ofertas de *meadas*; as *meadas* fervidas também se empregam na cura das hérnias escrotaes. António José, nas *Operas*, t. I, p. 98, traz esse outro anexo de carácter orgiástico:

Morra Marta,
 Morra farta.

fecunda, vai à meia-noite para a ponte de São João, no *rio Ave*, e pede à primeira pessoa que passar que a borrife com água do rio, dizendo as palavras do baptismo.¹³⁸ Em *Agua de Má Martha* (Cabo Verde) é onde se fazem os pactos com o Diabo.

Segundo a crença popular a ida para o *sabbath* às terças-feiras e sextas-feiras, depois das dez horas da noite, faz-se com uma untura prévia, dizendo a fórmula: *Voa, voa! por cima de toda a folha!* (Lisboa), ou: *Por debaixo dos telhados. Por cima dos silvados.* A prostituição como forma cultural deixou de existir, mas ainda se conservou por muito tempo com o carácter de instituição, como a *Mancebia* concedida em privilégio ao conde de Vila Nova,¹³⁹ e certas locuções populares se referem também a isso, como o *Paço da Mãe Joana*, com que se designa a casa que está aberta para toda a gente.¹⁴⁰

Superstições provenientes de um culto fálico. – A concepção primitiva de um fogo celeste reproduzido no lar por meio da fricção do pramantha com o arani, deu lugar a um certo número de ritos religiosos, e à interpretação comparativa dessa produção do fogo (*manthana*) com os actos da geração e com a vida. O pramantha era o instrumento masculino, e muitas plantas que serviam para a produção do fogo eram veneradas como objectos fálicos, tais como a figueira, o loureiro e a mandrágora; ou imitavam formas fálicas, como os fetiches de Priapo ou *figas*, a *vara do condão*, e os bolos dados a comer como amavios. Em práticas culturais peculiares a alguns santos, como São Gonçalo, São João e Santo António, aparecem ainda certos ritos fálicos, já mal compreendidos, mas pelos quais se recompõe um sistema religioso filho de uma mesma concepção mental comum a todas as raças áricas anteriores à sistematização bramânica. Na Ordenação Manuelina citam-se várias superstições, tais como dar a comer ou beber para querer bem, ligar homem ou mulher para não poderem ter ajuntamento, e o ter mandráculas; estas superstições são os vestígios de um culto fálico cujos caracteres se evidenciam em certos santos populares. Gil Vicente, cita entre o material da feiticeira do *Auto das Fadas*: «*Bolo de trigo alqueivado*»; Burchard, bispo de Worms cita várias superstições de coisas de comer para fazer amar, tais como dar a comer *bolo* de mel enxuto no corpo de mulher com farinha, e bolo amassado em nádegas de mulher.¹⁴¹ O bolo assim amassado (*infra nudas nates conficiatur panis*) é ao que na linguagem popular se chama

¹³⁸ Pedroso, *Superst.*, nº 645.

¹³⁹ «D. Manoel etc., a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que o Conde de Villa Nova veedor de nossa fazenda nos disse ora q por quanto na dita villa (de Portimão) he necessana huma *mancebia* e elle por bem e honestidade da boa vizinhança dos moradores della queria fazer aa sua custa em algum lugar da dita villa q para isso seja mais conveniente encostada ao muro para se nella recolherem as mancebas solteiras e se apartarem de conversarem com as mulheres cazadas q vivem em sua honra lhe dessemos hum lugar para isso e ouvessemos por bem que ninguem a podesse fazer salvo esta, e visto por nos seu Requerimento por lhe fazermos merece nos pras de lhe dar lugar como de feito por este damos q elle faça a dita *mancebia* na dita Villa, e outra pessoa alguma ao diante o nom possa fazer nella, e tenha e aja para sempre toda a renda d'ella. E porém mandamos aos juizes e justiças da dita villa e a todos outros officiaes e pessoas a que o conhecimento desta pertence que lhe leixem fazer a dita *mancebia* e ter e aver a Renda della assi elle com todos seus herdeiros que depois d'elle vierem para sempre como dito he; e em caso que a dita villa venha a nos e aos nossos successores todavia elle e os seus herdeiros ajam a Renda sobredita porque assim he nossa merece.

Dada em a nossa villa de Almeirim, a seis dias de maio. Jorge Fernandes o fez de 1517.»

(Liv. 7 do Guadiana, fl. 205 vº). Torre do Tombo; ap. Silva Lopes, *Corografia do Algarve*, p. 268, nota 2.

¹⁴⁰ Nuns estatutos sobre bordéis de Avignon, atribuídos a Joana rainha de Nápoles e condessa de Provença, com data de 1347, estabelece-se que «tenha uma porta por onde todos possam entrar (*et que siegs une porto... dou todas las gens intrarom*)». (*De la Prost. en Europe*, fl. F.) Nos Açores é muito usual para dizer que uma porta está escancarada. É como o *paço da Mãe Joanna*.

¹⁴¹ Dulaure, *Hist. Abr. des Differents Cultes*, t. II, p. 252.

pada, e que se cita na fórmula da Sorte das Favas, de Luiz de la Penha (articulado 22.0):

Minhas favas, minhas queridas,
eu vos esconjuro
não como favas senão como pessoas,
com deus padre e deus filho
e deus espirito santo,
e com a santíssima trindade,
e com a hóstia consagrada
e com todos os esconjuros
de *Maria Padilha*
que me falieis verdade
no que eu pergunta e quero saber.

Na *Oracion del Justo juez* (Carmona) cita-se também esta entidade fálica:

Esta oracion que echo
para que te quees mansa
te esconjuro con *Maria Pailla*
y con toa su cuadrilla.¹⁴²

Na romaria de São Gonçalo de Amarante, no primeiro sábado de Junho as raparigas vendem pelas ruas bolos de massa cobertos com açúcar, chamados testículos de São Gonçalo.¹⁴³ Delaure cita os pães fálicos, em França, no Bas Limousin, no Auvergne, nas cidades de Saintes e de S. Jean de Angely; vê-se aqui o culto persistindo a par da superstição. Assim como se fazia ser amado, também se empregava um meio para *ligar* uma pessoa tornando-a impotente. No processo de Ana Martins (1694) cita-se uma oração *para as pessoas que estavam ligadas*; «sendo homem lhe benzia o chapéu, dizendo-lhe:

Com dois te vejo,
Com três te desejo,
que é Padre, Filho e Espirito Santo.
Com dois te hei olhado,
com três te hei desligado,
despicado desencanhado».

«E às mulheres casadas mandava que trazendo as *espadas* dos maridos, e pondo-as entre as mãos das pessoas que curava lhes fazia dizer as palavras seguintes:

Assim como tu espada
és cruz de Cristo,
assim se meta N. S. Jesus Cristo
entre mim e meu marido.»

«E deitando logo a espada no chão arrevesada, ensinava à pessoa que dissesse:

Assim como tu espada

¹⁴² *Folk-Lore Andaluz*, p. 83. Na *Oracion de la Galilea* também cita a mesma entidade.

¹⁴³ Comunicação de Simão Rodrigues Ferreira.

estás nesta casa deitada,
 assim me haja
 N. S. Jesus Cristo desligada despçada,
 destravada e desencanhada.»

Na Idade Média as pessoas que lançavam os malefícios para fazerem a impotência ou *ligamento*, eram os *nouveurs d'eguillettes*;¹⁴⁴ nas ilhas dos Açores liga-se uma pessoa metendo esperma que lhe pertença debaixo de uma talha de água, e persiste ainda o antigo terror da Idade Média. «Para que um homem não deixe uma mulher em toda a vida, enterra-se uma agulha num morto, e depois com a dita agulha dão-se alguns pontos escondidos no fato do homem a quem se quer prender. Fazendo isto, ele não torna mais a esquecer a mulher.»¹⁴⁵ A *Cruz* acima invocada é a forma do ajuntamento do pramantha com o arani, simbolizando os órgãos sexuais (*manthana*, *mentula*). Na Ordenação Manuelina, proíbem-se as superstições de *ver em espada* e de *benzer com espada*. Adiante trataremos das espadas mágicas.

Na sentença de Ana Martins cita-se outra oração para curar «as pessoas que tinham cambras ou bichos no corpo»; aí fala de uma planta a que dá o nome de *ardegaria*, e que hoje podemos explicar pela similaridade com a *artagénia*, que os gregos, segundo Teofrasto empregavam para produzir o fogo «vegetal semelhante à vinha cultivada e à vinha selvagem, e como ela trepando pelas árvores». Eis como Ana Martins curava as cambras: «tomando três folhas de silva e benzendo a pessoa enferma, dizia as palavras seguintes:

Indo eu pela serra d'Albergaria
 encontrei com a Virgem Maria,
 e lhe perguntei o que faria
 a esta pessoa que de *ansansere*¹⁴⁶ morria;
 que lhe picava,
 mordida
 e pruíra,
 e todo o mal lhe fazia.
 – Que farei Virgem Maria?
 «Borrifa-a três vezes ao dia
 com a folha de *ardegaria*
 e com aguazinha fria,
 que mais não lavraria,
 comeria
 nem mal faria,
 com o nome de Jesus e Virgem Maria.»¹⁴⁷

¹⁴⁴ Gustave Brunet, *Evangiles Apocryphes*, p. 101. Também se lhe chamava *ligature*; fala dela Platão, *Das Leis*, liv. II, e em Virgílio e Ovídio encontram-se os processos dos ligadores do seu tempo, e Plínio aponta como remédio o untar com graxa de lobo o limiar e os umbrais da porta. Os Concílios da igreja condenaram os *nouveurs*, chegando o cardeal Du Perron a fazer inserir no ritual de Evreux uma oração contra a ligadura. Delancré, Bodin e o cura Thiers falam largamente deste malefício.

¹⁴⁵ Pedroso, *Superst.*, nº 684.

¹⁴⁶ Na Galiza chama-se-lhe *sársaro*. (*Bibl. de las Trad. Populares Españolas*, t. IV, p. 86.)

¹⁴⁷ É curiosa a forma oral que ainda se repete em Ourilhe desta oração do século XVII:

Indo eu pela serra da Guia,
 Encontrei com o filho da Virgem Maria
 E ele me perguntou o que tinha?

A personificação da planta que dá o *soma* ou *hom* havemos também de encontrá-la na lenda do *Bom Homem*. Na Ordenação Manuelina e nas Constituições de Coimbra, título LXXXII, proíbe-se ter *mandrágoras* em casa para exercer sedução sobre alguma pessoa. Na Idade Média, herdeira da antiguidade, acreditava-se no poder benéfico da *mandrágora* (*A tropa mandrágora*, Linn.) cujas raízes se semelhavam figuras de homem ou de mulher; sobre este ponto Leroux de Lincy apresenta a autoridade do *Le Grand Herbier Français*, do fim do século XV, em que se alude a esta crença da gente do campo.¹⁴⁸ Segundo os documentos reunidos por Dulaure, a *mandrágora* esteve na maior voga no século XV, e empregava-se para desfazer malefícios, atrair a felicidade e tornar fecundas as mulheres; aparece citada no *Génesis* (XXX, 14) com um feitiço fálico empregado por Lia para que Raquel lhe ceda por uma noite o seu lugar junto do marido. E ao que o texto bíblico chama *dudaim*. Os templários foram acusados de adorarem uma *mandrágora*, tendo sido costume no século XV o trazê-la embrulhada em seda para nunca ser pobre. A *mandrágora* apresenta nas suas raízes a forma de um homem ou de uma mulher; diz o abade Rosier, no seu *Curso de Agricultura*: «Tenho visto mandrágoras que representam perfeitamente as partes do homem e da mulher, etc.» O paramantha é nos mitos de fogo considerado como um *homúnculo*; o *cão*, com que se arrancava a *mandrágora* é o Hermes ou Saramã dos mitos desta ordem. Escreve Baudry, no belo resumo da obra capital de Kuhn: «A *mandrágora* possui uma raiz espessa, muitas vezes enganchada, e na qual não é impossível ver, com os olhos prevenidos da superstição, alguma coisa como a forma de uma criança. Esta grosseira semelhança fê-la considerar como uma das plantas que semeia a água fecunda do amerita, ou que implanta o dardo vivo do raio; e daqui as suas virtudes: enriquecer aqueles que a têm, dar a saúde e a fecundidade ao gado, curar a esterilidade da mulher, facilitar os partos. A *mandrágora* interrogada responde às perguntas, desvenda os segredos e revela o futuro.»¹⁴⁹ Baudry apresenta as notícias coligidas por Theophrasto e Plínio sobre o modo de colher a *mandrágora* (*sem i-homo mandrágoras*, como lhe chamava Columella), e conclui: «Por uma alteração das antigas crenças decaídas, o deus do raio caído tinha-se tornado o filho da força (*galgenmännlein*).» Assim a *mandrágora* foi equiparada sob o nome de *main de gloire* à mão do enforcado (*mão refinada*), com que os ladrões nos contos maravilhosos se alumiam. Nas Ordenações Manuelinas proíbe-se o trazer dente ou *baraço de enforcado*, superstição que persistiu até este século em Portugal, onde se guardava em todas as casas um fragmento de corda, que também tinha virtudes para curar a papeira. Nas crenças populares a *mandrágora* nascia debaixo da força, da ejaculação automática do supliciado.

A maior parte das superstições de um culto fálico podem agrupar-se nas práticas da festa de São João em que se colhe o *feito*, e em que se passa pelo lume a folha de *figueira*. O santo mais popular de Portugal, Santo António, também é objecto de cantigas com sentido fálico:

E disse-lhe que tinha um bicho
Que me comia
E ardia.

E ele me disse que talharia
Com três folhinhas d'ar da guia
E três pinguinhos d'água fria.

Deixa (o nome da pessoa)
Que é pobre não tem que te dar,
Vai para as ondas e areias do mar.

¹⁴⁸ *Livre des Legendes*, p. 135.

¹⁴⁹ *Revue Germanique*, t. XV, p. 21.

Santo António é brejeiro
E algarpa cousa mais,
Faz chorar as raparigas
E andar sempre aos ais.

(Algarve.)

Santo António de Riba-mar,
Abaixai-me esta barriga,
Que eu não sei o que traz dentro,
Se é rapaz ou rapariga.

(Torres Novas.)

A relação do Santo com o culto do fogo explicar-se-á pelo *menino*, que segundo a lenda o acompanhava, que é o lume nascido; os peixes a que ele prega, são evidentes símbolos fálicos;¹⁵⁰ os marcos ou colunas fálicas são ainda chamados pelo povo *frades*. Madame d'Aulnoy cita as *figas* de barro de Estremoz que em Espanha se usavam no século passado ao pescoço das crianças raquíticas.¹⁵¹

O fogo celeste transportado à terra pelo raio é também personificado em uma ave porta-fogo, o *foróneo* (do sânscrito *bhuranyu*), que os Sabinos ainda conheceram com o nome de *ferónia*, e os Romanos por meio das lendas da *avis incendiária*, ou *spinturnix*, e na forma simbólica do Picus, ou Picunnos.¹⁵² A ave porta-fogo é o picanço, ou nas crenças alemãs a cegonha, que traz as crianças dos lagos ou das nuvens, segundo se responde às interrogações infantis. O *cuco* é também considerado com virtudes divinatórias sobre o casamento, e este nome designa o marido que sofre infidelidade da mulher, aguentando-lhe a família sem o saber. A festa do *cuco* em Vila Nova de Famalicão tem ainda vestígios do seu primitivo sentido mítico.

Superstições sobreviventes de um politeísmo sideral ou solar. – Nas orações populares encontram-se invocações de entidades pertencentes a um culto protoário. No articulado 18.º do processo de Luiz de la Penha, é acusado por ter: «outro papel com as palavras da conjuração das *cartas de tocar*, em que mete a Deus Padre e a Virgem Maria, e todos os apóstolos e santos e santas da corte do céu, e com eles juntamente diabos, e Santa *Leona*, e Santa *Trebuca* e Santa *Maruta*, e *Montenegro* e seus irmãos e companheiros...» O nome de *Maruta* é de uma importância extraordinária para a compreensão destes cultos decaídos. No Alcorão proíbe-se o invocar *Harut* e *Marut*; Gubernatis indica uma lenda ouvida na Pérsia por Olearius, na qual Deus enviou à terra dois anjos *Aroth* e *Maroth* com uma missão consoladora.¹⁵³ Vê-se portanto que esta lenda entrou no Alcorão com um carácter demoníaco. O vento, no mito védico, é adorado na forma de Rudra (isto é o terrível) e de *Maruta* (isto é o zéfiros ou rápidos) e ambas estas formas são condenadas pelo maometismo apesar dos numerosos elementos zendicistas que entraram no livro de Maomet. A relação de Rudra com *Marut*, leva-nos a achar o sentido com que na feitiçaria entrou o nome de *Trebuca*; um dos doze Rudras era chamado *Triambaka*. O nome de Santa *Leona* é uma personificação das festas mitríacas, que os gregos chamavam *leónticas*, o que se justifica pela extraordinária propagação do culto de mitra no Ocidente como o prova Beugnot. Essa outra entidade demoníaca chamada *Monte Negro* decompõe-se em *Monkir-Nekir*, os dois anjos negros da crença muçulmana que fazem os primeiros interrogatórios aos mortos. Aqui vemos os Arabes como propagadores no Ocidente de certas crenças orientais anárquicas e áricopersas.

¹⁵⁰ No *Anuário das Tradições Portuguesas*, p. 24, observou o nosso amigo Teixeira Bastas este carácter do santo.

¹⁵¹ *Relation da Voyage en Espagne*, t. II, pp. 66 e 143.

¹⁵² Baudry. *Rev. Germ.*, t. XIV, p. 378.

¹⁵³ *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 370.

Na Ordenação Manuelina proíbe-se a *scapolamancia*, a que chama «ver em espádua de carneiro», William Thoms considera este processo como formando parte de um sistema divinatório dos druidas. Tylor seguindo as notícias de Klemm, de Burton e Walker, diz que este sistema da adivinhação pela *omoplastoscopia* é antiquíssimo e ainda está em vigor na Tartária «donde por ventura se difundia para todas as regiões onde o encontrámos».¹⁵⁴ Segundo este ponto de vista de tão autorizado etnólogo, pertence esta superstição a essa camada de população que precedeu na Europa a entrada das tribos áricas, a qual deriva das raças amarelas da alta Ásia. Palas conta que entre os Tártaros se adivinha pela espádua de carneiro; põem-na ao lume, e estalando em linhas rectas longitudinais é prognóstico feliz, se em linhas tortuosas ou transversais é sinal de desventura. Na Escócia é conhecida esta superstição pelo nome de *hirica* ou *slinnairachd*; diz Thoms: «Antes de se inspeccionar a omoplata, deve ser descarnada com esmero sem fazer uso de nenhum metal, nem de faca de madeira ou mesmo dos dentes. A maior parte destas adivinhações fazem-se inspeccionando as manchas que se observam na parte semitransparente da espádua, ainda que os grandes mestres penetram o futuro estudando as partes opacas. Nada se pode averiguar do que há-de suceder além do ano seguinte. Os prognósticos relacionam-se sempre com as pessoas por quem e para quem se faz o sacrifício.»¹⁵⁵ Tylor alude a este mesmo rito na Irlanda; o celticista Mac Pherson e Ampère¹⁵⁶ encontraram também este sistema de adivinhação na Grécia moderna.

O *poder dos números* liga-se ao culto sideral. Pelo que hoje se sabe dos cultos mágicos da Caldeia, toda a hierarquia demonológica era representada por *números* não só nas imprecações como nas especulações teológicas. Diz Lenormant: «Em virtude destas especulações, cada deus era designado por um número inteiro na série de um até sessenta, correspondendo à sua categoria na hierarquia celeste; um dos tijolos da biblioteca de Níveve dá a lista dos deuses principais, cada um com o seu número mítico. Parece que a par da escala de números inteiros fraccionários aplicados aos demónios, e assim correspondendo à categoria recíproca.» Nas fórmulas numéricas da tradição popular o valor da imprecação reside na passagem de um inteiro para outro inteiro; e a enumeração em ordem *inversa e decrescente* liga-se ao sentido da demonologia caldaica, pois os espíritos malignos «movem-se e otram assim às avessas do curso natural das coisas e do movimento regular dos astros».¹⁵⁷ Aos sete deuses dos planetas que governam o universo, a teologia caldaica opôs-lhe os *sete fantasmas de chama*, de que os nossos *sete pecados mortais* são ainda uma alegorização. Numa imprecação caldaica, das publicadas por Norris e Rawlinson, se diz: «Tu que és conhecedor das acções dos *sete*, ensina-nos os lugares em que eles habitam. – Meu filho, os *sete* habitam a terra; os *sete* saem da terra; os *sete* que nascem da terra, os *sete* que se metem pela terra, abalam as muralhas do abismo das águas.» Aqui temos o número a converter-se em uma entidade demoníaca; o povo português também diz: «*Três*, é a conta que Deus fez» e contrapõe: «*Sete*, o Diabo que te espete.» No processo de Luiz de la Penha temos uma importante oração numérica, com o título de Devação da *estrela formosa*:

A ti me humilho,
Estrela fermosa,
a *uma*, as *duas*,
as *duas*, as *três*,

na mão de Caifaz
mas amolareis,
bem amoladas
e bem aguçadas

¹⁵⁴ *La Civilisation Primitive*, t. I, p. 140.

¹⁵⁵ *Ap. Folk-Lore Andaluz*, p. 267.

¹⁵⁶ *Grèce, Rome et Dante*, p. 64.

¹⁵⁷ *La Magie chez les Chaldeéns*, p. 24.

as três, as quatro,	e bem metidas
as quatro, as cinco,	e bem trancadas,
as cinco, as seis,	uma no coração
as seis, as sete,	a outra pelo sentido
as sete, as oito,	que de mim (<i>foam</i>)
as oito, as nove,	não seja esquecido;
as nove,	e pelos olhos
Todas nove vos ajuntai,	que não veja mais que mim,
este céu me corteis	e outra pelos pés
e nove varas	que só a mim busqueis. (Fim.) ¹⁵⁸
de zimbros me colhereis;	

O número *nove*, que aparece também na fórmula de Marcelo «*Novem glandulae sorores*» e que Sauv  encontrou ainda na tradição oral:

Le bubon a *neuf* filles
De *neuf* elles sont reduits   huit, etc.

foi notado como um número maravilhoso entre os Mog is, por Palas. O *poder dos números*   análogo ao poder mágico da palavra; deveria em primeiro lugar do rigor do rito ou sucessão dos actos cultuais, assim como a liturgia (de *litus*, a vara)   a norma prática da execução desses actos. Quanto mais antiga é uma religi  o, tanto mais ela é cultural; é isto também o que mais resiste, e o que permanece, quer na forma proibida da magia, quer na forma indiferente da superstição. Quando se esquecem os actos litúrgicos subsiste a sua *enumeração*, como um poder misterioso da importância dos actos a que se alude. Desde, porém, que a alusão   que lhe conserva o prestígio, pelo estímulo das interpretações alegóricas os números passam a exprimir entidades divinas. O carácter esconjur torio com que o *número* nos aparece, prova-nos a decadência de um culto substituído. Num hino do *Atharvan-Veda* (Brahma 15, no kanda v) conserva-se este prestígio do número, referindo-se às pragas: «A *uma* e a *dez* se afastarão de mim, oh erva da saúde! Faze para meu bem os doces madhus, oh tu que nasceste segundo o rita e tens a natureza do rita:

as *duas* e as *vinte* se afastarão de mim..., etc.
as três e as *trinta*...
as *quatro* e as *quarenta*,...
as *cinco* e as *cinquenta*,...
as *seis* e as *sessenta*,...
as *sete* e as *setenta*,...
as *oito* e as *oitenta*,...
as *nove* e as *noventa*,...
as *dez* e as *cem*,...
as *cem* e as *mil*...»¹⁵⁹

Depois deste hino segue-se outro com uma ordem numeral até  s *onze*. Basta o simples facto de aparecerem estes hinos *numéricos* no *Atharvaveda*, para se conhecer que eles pertencem a uma raça e civilização inferior, que não    rica, e sem cultura

¹⁵⁸ Processo publicado no t. III do *Positivismo*.

¹⁵⁹ Abreu, *Contribuições Mitológicas*, p. 2.

védica.¹⁶⁰

Belloquet cita um canto popular da Bretanha coligido por Villemarqué, com o título *Arrannu* (ou as séries), no qual se enumeram até *doze*, as coisas que se fixam por cada número: «Ele lhe ensina, nos termos mais concisos a série de coisas de que a recordação se liga a cada número, *desde um até doze*, uma só para o primeiro, duas para o segundo, três para o terceiro, e assim por diante, fazendo repetir ao que aprende a cada vez todas as séries dos números precedentes. Este exercício devia sem dúvida, para conseguir o seu fim – que era o. gravar na memória todas estas séries sucessivas –, fazer recomençar a criança do número doze a um, sem o que as séries mais desenvolvidas, que eram as últimas teriam sido repetidas menos vezes que as primeiras ou as mais fáceis. O filho branco do druída assim ficava sabendo que o número *um* era a morte, a necessidade que nenhuma outra iguala; o número *dois* a parrelha de bois, etc. A maior parte destas séries tomaram-se para nós obscuros enigmas concernentes à mitologia bretã, à cosmogonia, à astronomia e a antigos feitos de guerra.»¹⁶¹ Le Men nega a autenticidade deste canto das séries, mas a forma poética que é o que nos interessa tem uma existência popular como o próprio crítico reconhece no canto do *Gousperou ar raned*; Belloquet acha um grande interesse neste canto das séries para mostrar como entre os druidas, onde era proibido o ensino pela escrita, se exercitava a memória.

A transição do sentido *cosmogónico* e *sideral* dos números, para a interpretação cabalística foi operada pelos rabinos, como se vê no *Sepher Haggadah*, e o seu aparecimento entre os Judeus confirma a origem, atendendo a que a Cabala se desenvolveu ao contacto dos cultos da Média na época babilónica e nas escolas do Egipto, donde passou pelos gnósticos para os padres da igreja. O uso ritualístico das orações numéricas acha-se no modo de contar para trás o dinheiro mágico, e nas parlendas dos jogos infantis.¹⁶² Os índices expurgatórios do século XVI proibem a Oração do Anjo Custódio; no processo de Ana Martins, acha-se inclusa esta Oração numérica, que acaba pelo triunfo dos treze raios solares sobre as trevas ou a sua personificação no Diabo. Eis o precioso documento:

«Para *lançar fora espíritos malignos*, usava Ana Martins ‘da reza do *Anjo Custódio* por ser muito eficaz para lançar fora todos os achaques, espíritos malignos, que ela lançava dos corpos obsessos, e dizia da seguinte forma:

– Custódio, queres ser solto?

Ele respondia:

Em graça de Deus quero.

– Dize-me *Um*, que é só Deus, amen;

Dize-me *Dois*; que são as tábuas de Moisés;

Dize-me *Três*; as três são os três Patriarcas de Jacob; Dize-me as *Quatro*; que são os quatro Evangelistas, Lucas, Marcos e Mateus.

(*Ainda que sejam quatro não se nomeiam mais que três.*)

¹⁶⁰ O carácter esconjuratório do *Atharvaveda* distingue-o completamente do *Rig- Veda*, e muitas das suas cerimónias de imprecação pertencem aos Vratins ou tribos ocidentais que se não submeteram à constituição sacerdotal bramânica; em quanto à linguagem, como diz Weber, o *Atharvaveda* tem formas arcaicas e populares, e pode considerar-se como um produto da assimilação do elemento negróide e raças interiores, como os Angas, os Magadas e Outros submetidos à sociedade bramânica.

¹⁶¹ *Ethnogénie Gauloise*, t. III, p. 360.

¹⁶² V. vol. I desta obra.

Dize-me as *Cinco*, que são as cinco chagas
 De N. S. J. Cristo.
 Dize-me as *Seis*, que são os seis círios bentos
 Que a Virgem acendeu
 Quando o seu bento filho nasceu.
 Dize-me as *Sete*, que são os sete goivos
 Que goivaram a Virgem Maria;
 Dize-me *Outo*, que são os outo Corpos santos
 Ou os outo corpos cristãos que estão em Massarelos.
 Dize-me *Nove*, que são os nove anjos;
 Dize-me *Dez*, que são os Dez Mandamentos;
 Dize-me *Onze*, que são as Onze Mil Virgens;
 Dize-me *Doze*, que são os Doze Apóstolos;
 Dize-me *Treze*, que são as treze varinhas do Sol,
 Que arrebetam ao diabo do pequeno até ao maior.

repetindo três vezes esta Oração, saíam os espíritos das pessoas que os tinham, sem demora alguma, porque haviam de sair ou arrebetar.»¹⁶³

Na Oração da *Estrela fermosa*, também se citam *nove varas* de zimbros, com o mesmo sentido dos raios luminosos. A Oração de *São Custódio* (versão de Ourilhe), termina:

Doze raios tem o Sol,
 Doze raios tem a Lua;
 Rebenta daí Diabo,
 Que esta alma não é tua.¹⁶⁴

Numa versão que coligimos no Minho (Airão) há muitas reminiscências da fórmula do século XVII:

«Custódio! salva; queres salvar?
 – Sim senhor, quero.
 Dize-me qual é a *uma*?
 – A *uma*, é o Sol mais claro que a Lua.
 Dize-me quantas são as *duas*?
 – As *duas* são as Tabletinhas
 De Maria Mousinha,
 Que correu a Santa Casa de Jerusalém,
 Onde Cristo morreu por nós; amen.
 As *três*? – São os *três* Profetas.
 As *quatro*? – São os *quatro* Avangelistas.
 As *cinco*? – São as *cinco* Chagas.
 As *seis*? – São as *seis* Scribentes (*Círios bentos*)
 As *sete*? – São os *sete* Sacramentos.
 As *outo*? – São os *outo* Corpos Santos.
 As *nove*? – São os *nove* Goivos.
 As *dez*? – São os *dez* Mandamentos.

¹⁶³ Sentença, no *Instituto de Coimbra*, t. IX, p. 383.

¹⁶⁴ Ap. *Romania*, t. III, p. 272. No *Almanaque de Lembranças*, para 1869, p. 286, lê-se: «Sete raios leva o Sol.» Na versão da Feira, são *treze raios*.

As *onze*? – São as Onze Mil Virgens.
 As *doze*? – São os doze Apóstolos.»
 – Doze raios tem o Sol.
 O Sol mais claro que a Lua;
 Arrebenta tu diabo
 Que a minha alma não é tua.

A medida que se avança uma unidade é preciso repetir todas as outras já ditas, com a maior correcção possível (ditas e *repenicadas* ou *retomadas*) sob pena de cair em poder do Diabo, e a pessoa que se chamar Custódio tem obrigação de repetir as doze palavras todas as vezes que disserem diante dele qualquer verso desta fórmula numérica. Vemos aqui afirmado o poder do *Sol*; vamos pelas diversas superstições desconexas recompor o sistema cultural, representado nas fórmulas das *onze para a meia-noite*, e das *onze para o meio-dia* e *pino do meio-dia*, das horas mágicas (Sol que desponta, e Sol que declina).

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, o *Sol* liga-se à ideia de *riqueza*: «e lhe dixe mais que morasse *da parte donde nacesse o sol*, que teria muitos cruzados» (articulado 6.0). O *Entreaberto*, ou entidade demoníaca, que aparece à hora do *meio-dia*, descobre um *tesouro* àquele a quem se mostra. O tesouro representa o Sol escondido pelas trevas da noite, ou pelo frio do inverno. Esta concepção mítica tem o duplo sentido do solstício diurno e anual. É à forma diurna que pertencem várias superstições das *horas abertas*, dos *lobisomens*, do *canto do galo*, assim como à forma anual pertencem quase todas as práticas da noite de Natal e do São João.

Analisemos a crença demoníaca da hora do *meio-dia*: «Nem só à meia-noite é a hora tremenda dos agoiros; à luz do sol, no *pino do meio-dia*, é que aparecem os Encantados (ilha de São Miguel) que sabem onde estão enterrados os tesouros. O *Encantado* mostra-se de repente, e traz as costas numa brasa viva; por isso procura encobrir esse tremendo defeito; dirige-se ao indivíduo que tem a fortuna de o encontrar, e diz-lhe: *Está aqui um tesouro. Cava aqui!* Se o indivíduo lhe obedece, está perdido, porque é logo ali morto e enterrado; a sua segurança está em responder sempre a todas as suas intimações: *Cava tu! Cava tu!* Por fim o Encantado obedece e descobre o dinheiro que está enterrado e some-se. Para que este dinheiro não se converta em carvão, o que teve a dita de o encontrar tem de se ferir e lançar três pingos de sangue sobre o tesouro, porque só assim é que ele se torna uma realidade. O Encantado é também conhecido pelo nome de *Entreaberto*.»¹⁶⁵ Consiglieri Pedroso, no seu estudo sobre as *Tradições Populares Portuguesas*¹⁶⁶ traz importantes factos sobre a generalidade desta entidade demoníaca em várias províncias de Portugal, mas não a relacionou com o carácter mágico da *hora do meio-dia*. Compendiaremos alguns desses fados. Em Lisboa é crença, que no dia de São Bartolomeu, quando o Diabo anda à solta, é especialmente ao *meio-dia*; em Vila Nova de Anços, é ao *meio-dia* que se dão as aparições diabólicas; no Porto chamam-se as horas aziagas, especialmente a do *meio-dia*, *horas abertas*; em Bragança a hora do *meio-dia* é amaldiçoada; no Algarve, no sítio do Cerro Vermelho, é à hora do *meio-dia* que aparece o génio maléfico denominado o *Homem das sete dentaduras*. Em geral, todas as orações populares portuguesas

¹⁶⁵ No jornal *A Harpa*, p. 63. As *horas abertas* personificaram-se nas *Entreabertas*, como consta da visita do vigário Simão da Costa Rebelo, na Igreja de São Pedro, em Ponta Delgada, em 30 de Março de 1696: «Há nesta ilha umas mulheres a que se chamam *Entreabertas*, que por arte diabólica afirmam que as almas vêm da outra vida a esta para atormentar os enfermos...» *Almanaque do Arqu. Açoriano*, para 1868.

¹⁶⁶ *Positivismo*, t. IV, pp. 39 e segs.

terminam com a fórmula:

Nem de noite, nem de dia
Nem ao *pino do meio-dia*...

É evidente o solstício diurno das crenças gaulesas, como diz Belloguet. Pelo processo de Luiz de la Penha, as *cartas de tocar*, para terem eficácia só deviam ser empregadas «em sexta-feira, *depois do meio-dia*, e à segunda-feira *antes que o sol saia*» (Libelo, articulado 17º). A hora mágica do *meio-dia*, aparece citada entre os hebreus em um salmo (90, nº 6). Escreve o padre Manuel Consciência sobre esta referência: «Os autores disseram que havia duas castas de demónios, uns que tentam de noite, e que se chamavam na língua hebraica *keteb*, e outros que tentam e danificam ao *meio-dia*, chamados *deber*. Destes últimos parece que seria aquele, de que conta Gregório Tolosano (liv. 2, Republ., c. 20) que na Rússia Oriental ao tempo de se colher o trigo, ao *meio-dia* era visto em hábito de viúva chorosa, e quebrava os braços dos segadores, que se não prostravam de braços em terra para o venerarem tanto que aparecia. O Escoliaste grego de Aristófanes à comédia *Ranae*, diz que os *demónios meridianos* são aqueles a que os gregos chamam *Empuza*, isto é, demónios que para atemorizarem tomam várias formas de boi, de leão, de serpente, etc.»¹⁶⁷

A superstição pela sua universalidade é a decomposição de um mito religioso comum aos povos áricos; citam-se entre os gregos Luciano, Teócrito, Calimacho e Filóstrato; entre os Romanos, Lucano; na Idade Média, Gervásio de Tilbury, diz que a caçada fantástica do rei Artur era *circa horam meridianam*, superstição comum aos povos germânicos, eslavos e boémios. Walter Scott diz que na Escócia é considerada mágica a *hora do meio-dia*. Na Península Hispânica também se acha descrito o *Demónio meridiano* na obra de Rodrigo Caro, *Dias geniales à ludricos*, escrita em 1625.¹⁶⁸ Relacionemos a quase universalidade desta crença com o mito solar, comprovando-o com o seu complemento do poder mágico da *meia-noite*, ou o solstício nocturno.

O mito solar do deus que adoece e sucumbe para tornar a ressuscitar, repelindo as trevas que o assaltaram e envolveram, apresenta esta dupla acção *diurna*, e *anual*, perfeitamente estudada pelos principais mitógrafos europeus. Nas festas da igreja católica, como o prova Emile Burnouf, o rito cristão apresenta os dois aspectos, *quotidiano*, simbolizado na missa, e *anual*, representado na Páscoa. Assim como a parte *anual* do mito solar subsiste em numerosas festas populares, como descreveremos no capítulo seguinte, a parte *diurna* é a que explica a superstição do povo pela *hora do meio-dia*. É ao *pino do meio-dia* que o Sol declina e começa a descer para o horizonte, a perder o seu esplendor, até que a sua luz arrefece, e as trevas da noite o envolvem enchendo o espaço; é portanto esse o momento crítico em que as trevas manifestam o seu poder, e daí o carácter maléfico dessa hora, cujo influxo crescente se interrompe ao dar da *meia-noite*, em que o Sol avança para o nosso horizonte. Em Vila Nova de Anços crê-se que: «A hora do *meio-dia* encontram pelas estradas, nas encruzilhadas, umas coisas más, que se chamam *rosemunhos* (redemoinhos). O *rosemunho* é como uma poeirada leva paus, pedras, e se apanha alguma pessoa no meio, *leva-a também pelos ares*, mas se a pessoa trouxer umas contas na algibeira e as atirar à tal coisa má, não lhe acontece mal algum.»¹⁶⁹ A frase com que se exprime, em Bra gança, o desgraçado: «Parece que tua mãe te pariu na *amaldiçoada hora do meio-dia*», ali conhecida pelo

¹⁶⁷ Academia Universal de Vária Erudição, p. 90.

¹⁶⁸ Ap. Rodrigues Marin, *Cantos Pop. Españoles*, t. I, p. 30.

¹⁶⁹ Pedroso, *Positivismo*, t. IV, p. 43.

nome do *Secular das nuvens* ou *Escolarão das nuvens*, em tudo semelhantes à crença do *Caçador selvagem*, o *infernalis venator*, que cai das nuvens na lenda alemã, é a caça *circa horam meridianam*.¹⁷⁰ Na Galiza chama-se *Escoler* ao necromante. Além da entidade demoníaca meridiana do *Homem das sete dentaduras* (Cerro Vermelho e Fuzeta): «Em todo o Algarve se crê na aparição de medos ao *meio-dia* à meia-noite, ou ainda depois do toque das ave-marias.»¹⁷¹ «O *Pretinho do barrete encarnado* (Lagoa e Estombar), aparece sempre à hora de maior calma. É uma entidade graciosa, que faz figas e pirraças às crianças para as enraivecer.»

Na tradição popular portuguesa as feiticeiras atravessam o oceano em uma casquinha de ovo; mas se *ao dar a meia-noite* ainda estão no mar, afundam-se.¹⁷² À meia-noite começa o Sol a subir o nosso horizonte, conforme o efeito visual, e portanto a repelir levando de vencida as trevas; tal é a concepção mítica do fenómeno solar, em que o influxo maligno começa ao *meio-dia em pino* e termina *das onze para a meia-noite* ou *ao dar da meia-noite*. Para usar a carta de tocar, ensina o feiticeiro Luiz de la Penha: «sairá a pessoa que dela usar à *meia-noite* fora da cidade ou vila, espaço de meia légua...» (articulado 20º), É à meia-noite, que nasce Cristo no presépio com todos os elementos da personificação solar:

Em dezembro, vinte e cinco	<i>Meia noite</i> dada,
<i>Meio da noite</i> chegado,	<i>Meia noite</i> em pino,
Um anjo ia no ar	Lo <i>galo</i> cantando
A dizer: Ele é já nado.	Chorou o Menino. ¹⁷³

A esta crença liga-se o *canto do galo*, cujo poder sobre as entidades maléficas das trevas é celebrado nos hinos da igreja,¹⁷⁴ e nos cantos populares:

Na noite daquele dia,
Antes do galo cantar,
 Três vezes negaste Cristo,
 Três vezes a porfiar.¹⁷⁵

Gil Vicente no *Auto das Fadas*, alude a este poder mágico: «Mas *galo negro suro*, cantou no meu monturo», e no Avesta esse canto afugenta os demónios e faz surgir a aurora. Nas orações populares portuguesas as horas venturosas (os nossos *emboras*) anunciam-se pelo canto do galo:

¹⁷⁰ Idem, *Positivismo*, p. 414.

¹⁷¹ Reis Dâmaso, *Anuário das Tradições Port.*, p. 61.

¹⁷² Lê-se em Serrão de Castro, *Ratos da Inquisição*, p. 168:

Dizem que uma feiticeira em uma noite passou
 à índia, e de lá tomou
 numa canastra ligeira.

¹⁷³ *Romanceiro do Arqu. da Madeira*, pp. 3 e 4.

¹⁷⁴ Lê-se num hino de Prudêncio:

Ferunt vagantes daemones,
 Laetos tenebri noctium,
Gallo canente exterritos
 Sparsim timere et cedere.

¹⁷⁵ *Rom. do Arqu. da Madeira*, p. 45.

Já os *galos* cantam, cantam.
Já os anjinhos se alevantam...

(Rom. Geral.)

E na *Oração do Peregrino*, a relação mítica do galo com a luz é evidente, no verso: «*Canta o galo, abre a luz.*»

Na *Confissão de umas Bruxas*, manuscrito atribuído a 1559, da Colecção de Moreira, vem indicado o facto de quebrarem todos os encantos e poderes malévolos ao *cantar do galo da meia-noite*: «E estando nestes desenfadamentos e folgares, *cantava* no campo um *galo preto*, que estrugia as orelhas, que devia ser algum demónio, que sempre cantava à meia-noite a modo de galo. E logo *num momento se desfez a festa* e o folgar e *todos os demónios desapareceram*,...» Garrett eminentemente possuído do sentimento poético das tradições populares, descreve esta situação mágica do poder do *canto do galo ao dar da meia-noite*, no poema *D. Branca*:

Já indo às dúzias em casquinha de ovo
A Índia de passeio numa noite...
E, ai, se o *galo cantou*, que á fatal hora
Encantos quebram e o poder lhe acaba.

(Cant. III, 3.)

E o *galo preto* anunciou a hora
Fatal a encantamentos...

(Ib., c. IX, 5.)

É por efeito da generalidade desta crença, provada por Liebrecht, que quando a galinha canta como galo é um agoiro funestíssimo.¹⁷⁶

Ora, assim como à *meia-noite*, quando o Sol se eleva no nosso horizonte, acabam os poderes malévolos da escuridão, também *ao pino do meio-dia* é que predominam as influências sinistras das trevas. Esta é a concepção primordial do solstício diurno sobre a qual a humanidade antiga tanto mitificou. A representação desses poderes malévolos é puramente accidental, variando com as diversas fusões de raças, sincretismo de civilizações, decadência de religiões, aparecendo nuns povos o mito na sua simplicidade, noutros a sua decadência demoníaca, noutros a reminiscência automática da superstição, e noutros a sua elaboração em lendas, contos e em anedotas pessoais já ininteligíveis. O *Entreaberto* ou *Encantado*, o *Homem das sete dentaduras*, o *Rosemunho*, o *Secular das nuvens* e o *Pretinho de barrete encarnado*, só podem ser compreendidos na forma demoníaca pela sua relação com o Sol que declina. Vejamos agora, depois do estudo do poder mágico do canto do galo, as entidades demoníacas que se relacionam com o Sol que surge no horizonte. É em volta destas concepções míticas

¹⁷⁶ «Existe uma superstição muito espalhada na Itália, Alemanha e na Rússia, segundo a qual uma galinha que se põe a cantar como um galo é de muitíssimo mau agouro, e crê-se geralmente que é preciso matá-la, se se não quer morrer antes dela. A mesma crença existe na Pérsia...» Gubernatis, *Myth. Zoologique*, t. II, p. 299. Um anexim português diz:

Galinha que canta como galo
Põe o dono a cavalo

fundamentais, que se devem agrupar todos os elementos fragmentados das superstições populares, sob pena das compilações as mais minuciosas tornarem-se ininteligentes.

A superstição do *lobisomem*, que termina as suas vocações ao dar da meia-noite, é a principal das entidades do solstício nocturno, comum a toda a Europa. Herculano descreve-o: «Os lobisomens são aqueles que tem o fado ou a sina de se despirem de noite no meio de qualquer caminho, principalmente encruzilhada, darem cinco voltas espojando-se no chão em lugar onde se espojasse algum animal, e em virtude disso transformarem-se na figura do animal aí pré-espojado. Esta pobre gente não faz mal a ninguém, e só anda cumprindo a sua sina, no que tem uma cenreira muito galante, *porque não passam por caminho ou rua onde haja luzes, dando grandes assopros, e assobios para que lhas apaguem...*»¹⁷⁷

Dos *lobisomens*, nas crenças populares das ilhas dos Açores, descrevemos: «Se uma mulher tem sete filhos a seguir, o mais novo de todos fica *lobisomem*, isto é, tem de correr o seu fado: por isso logo que é noite fechada, ele transforma-se em porco, em burro, ou em qualquer outro animal, e só volta à sua forma natural depois de uma vacação forçada até ao despontar da *aurora*. Se durante a vacação é encontrado por alguém, se este o ferir e lhe fizer sangue, imediatamente volta à sua forma natural; sabendo isto, o *lobisomem* procura os indivíduos no seu caminho para o ferirem, e os que o encontram montam-lhe em cima, e dão-lhe ordem para os transportarem onde querem.» Esta circunstância do carácter mágico do *sétimo filho* que se torna lobisomem, é vulgar no Porto e na ilha de São Tiago de Cabo Verde (a hora, que não pertence nem à terça-feira, nem à sexta-feira, nem a noa, da divisão antiga). Em Lamego basta o poder de certas palavras ditas por uma bruxa (e a velha, personificação da noite) para a criança ficar lobisomem;¹⁷⁸ a vacação do lobisomem, é *entre as onze e a meia-noite* em São Cristóvão de Mafamude e outros pontos de Portugal; a luz incomoda-o e enfurece-o: «Em Vila Nova de Anços, crê-se que o *lobisomem* quando vê luz numa casa, começa aos pinotes à porta para entrar, e se consegue arrombá-la agarra na lâmpada ou candeeiro e foge com ele deixando todos às escuras.»¹⁷⁹ A superstição do *lobisomem* acha-se em França, e Bonnafoux descreve-a, dizendo que os que seguem este fadário vão a um dado lugar vestir uma *pele de lobo*. Em Portugal temos ainda o adágio: «Quem não quer *ser lobo* não lhe *veste a pele*.» É esta a forma simples por onde se recompõe o mito comum a todos os povos indo-europeus.¹⁸⁰ E por meio da *pele de lobo*, que a aurora se transforma em noite;¹⁸¹ e numa metáfora espontânea, La Fontaine ainda diz numa fábula: «Ce n'était pas un *loup*, ce n'était pas que *l'ombre*.»

Nas tradições escandinavas é que o *lobo* conserva completo os seus caracteres míticos: «Se Gunnar (o *herói solar*) perde a vida, o *lobo* torna-se o senhor do tesouro e da herança de Nifi... (importa notar que o Encantado ou Entreaberto, ao pino do meio-dia revela um tesouro). Todas estas particularidades, dependendo da lenda do lobo no Edda, concorrem a apresentar-nos este animal como um *monstro tenebroso*. A *noite* e o *inverno* são as épocas do lobo, de que se trata no Voluspa; os deuses, que segundo a tradição germânica *entram nas peles dos lobos*, representam o Sol ocultando-se na noite ou a estação nevosa do inverno (daqui o lobo branco demoníaco, que segundo um conto russo se acha no meio de sete lobos negros). Quando o herói solar se torna *lobo*, este

¹⁷⁷ Herculano, *Pan.*, t. IV, p. 164. Comprova o vestígio mítico do poder das trevas contra a luz.

¹⁷⁸ Pedroso, *Positivismo*, t. III, pp. 245 e 246.

¹⁷⁹ Pedroso, *Positivismo*, p. 249.

¹⁸⁰ Pedroso compilou uma abundantíssima notícia sobre o *lobisomem*, aproximando-o das superstições eslavas e alemãs coligidas por Affanasiev e W. Hertz, mas não descobriu a sua relação com o mito solar da meia-noite.

¹⁸¹ Gubernatis, *Myth. Zoologique*, t. II, p. 153.

lobo é de uma natureza divina; quando, ao contrário, o lobo está sob a sua própria forma de Demónio, é de uma natureza inteiramente maligna. O condenado, o criminoso que se proscovia, o bandido, o *ullagatus* ou *outlaw*, levava, dizia-se, na Idade Média uma *caput lupinum* (em inglês *wulfesheofod*; em francês *teste leue*).¹⁸² A pele mítica tornou-se um objecto cultural, vindo depois a ser um símbolo degradante: entre os Sabinos, os sacerdotes do Deus Sorano, divindade infernal representada como lobo, vestiam-se com essa pele, e eram chamados *hirpi* (em sabino, lobo).¹⁸³ Os cultos mágicos são geralmente orgiásticos, e isto explica como certas populações, os Neuros e os Arcádios se tornavam geralmente lobos, significando que se entregavam à orgia nocturna do culto *hirpino*. Daqui também a confusão do bandido comparado ao lobo, o *Wargus*, e afrontado com o símbolo da sua proscricção, levando figurada uma cabeça de lobo.

Por tempo os costumes e as crenças reagem sobre as concepções, isto é, a realidade objectiva impõe-se às vezes à subjectividade mental quando há um desarranjo patológico do cérebro; a *licantropia*, é esta forma especial de alucinação, que se revelou mais intensa à medida que as condenações da igreja perseguiram as crenças politeístas que a persistiam na Idade Média. Há outras divindades demoníacas da noite; em Estombar e Lagoa (Algarve) aparece a *Velha da égua branca*. A *velha* é evidentemente a personificação da noite: «Aparece nas noites de luar montada numa égua branca, fazendo um barulho infernal pelos campos, e soltando os bois que ruminam debaixo das alpenduradas. Todo o barulho é feito com tachos e panelas de arame. É a *velha da égua branca*, o terror da meia-noite em pino.»¹⁸⁴ «Entre outras divindades maléficas, o *Homem do chapéu de ferro*, sobressai como o mais terrível. Aparece logo que dá *meia-noite* e o galo canta, à beira das estradas, por baixo das oliveiras, das figueiras ou junto às fontes. Vagueia até à *terceira noite*, umas vezes acompanhada de um porco que grunhe, outras de um grande veado, ou ainda de um galo»¹⁸⁵

A este mito solar pertence ainda a superstição de *lançar varas para descobrir haver*, proibida no alvará de D. João I e na Ordenação Manuelina. Esses haveres ou tesouro enterrados, é o Sol, guardado por mouros (para o povo, negros) ou por *velhas* (a noite): «Creram nossos avós, que apressados os Mouros a sair de Portugal, enterraram seus tesouros; hoje rondam seus manes pelos jazigos daquelas talhas, em *figuras de velhas*, outras vezes de *douradas cobras*, que com assobios e gaifonas engodam os intrépidos a certas condescendências, preço do tesouro que prometem descobrir-lhe.»¹⁸⁶ A *vara*, antes de ser empregada para descobrir tesouros, era destinada a fins divinatórios em geral, ou a *varinha de condão*, dos contos populares. Diz Baudry, resumindo a obra capital de Kuhn sobre os mitos do fogo: «A vara provindo de uma árvore produzida pelo raio, participa das suas propriedades; ora, é com o raio que Indra abre e quebra as nuvens, que como os rochedos de uma caverna, retêm prisioneiras as vacas celestes. Estas, consideradas também como tesouros que ocultava a nuvem, personificam simplesmente os raios do Sol, chamados raios de ouro em todas as literaturas indo-europeias, e a chuva, que fazendo germinar as pastagens, alimenta os gados (*pecúnia* de *pecus*) que são a riqueza primordial.»¹⁸⁷ Kuhn demonstra como das plantas, que são

¹⁸² Idem, *ibidem*, t. II, p. 157.

¹⁸³ Nas testas de *Jul*, ou o natal dos germanos, vestiam-se estes com peles de feras com que vagueavam. Maury, *Fées*, p. 58.

¹⁸⁴ Rei Dâmaso, no *Anuário das Tradições*, p. 61.

¹⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 62.

¹⁸⁶ Filinto Elisio, *Obras*, t. I, p. 291.

¹⁸⁷ *Revue Germanique*, t. XV, p. 15. A vara das riquezas é como uma forquilha, e por isso é como uma *cacheira*, *cajatinha*, que nas increpações populares é esconjurado o nevoeiro (Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 49):

consideradas como encarnação do raio, são feitas as *varas*, que já Arriano e Cícero citaram. A adivinhação pelas *varas* ou belomancia, como diz Bergmann: «praticava-se por meio de varinhas feitas de tamarisco e outras árvores consagradas ao Sol.»¹⁸⁸ No Minho empregam-se as varas para descobrir tesouros. São duas as varas, do tamanho de dois decímetros, cada uma; são cortadas de um arbusto chamado azevinho, no dia de São João, *no momento em que o Sol deixa ver os primeiros raios*. Enquanto se cortam, lê-se o ofício de São Cipriano. Depois as duas varinhas são perfuradas extraindo-se-lhes a medula, e enchendo-as de mercúrio a que o povo chama azougue; as extremidades de vara são tapadas com *coiro* à maneira de dedais, e depois revestidas as varas com *fitas* entrelaçadas à maneira dos chicotes. Assim preparadas servem indefinidamente as varas para descobrir tesouros enterrados. O processo do descobrimento é longo por causa do ritual: vai-se *ao alvorecer* ao lugar onde se suspeita que está o tesouro, com um padre, que lê o *livro de São Cipriano*¹⁸⁹; o dono das varas coloca-as horizontalmente e em equilíbrio sobre os dedos polegares, e se as varas, ao ir caminhando, oscilam para a terra, é porque há ali metal. Então traça-se no chão um *círculo*, metem-se dentro dele todos os que procuram o tesouro, e enquanto o padre vai lendo o ofício de São Cipriano, eles cavam no chão até acharem o tesouro.¹⁹⁰

As *cobras* douradas ou *serpentes* dos tesouros, assim como as *donzelas* ou mours encantadas, apresentam mais claramente o seu carácter nos mitos do Sol estival e hibernal. Nos símbolos da Procissão do Corpo de Deus, no São Jorge, séquito de cavalos e pretos, é onde se evidencia a concepção mítica, subsistindo à custa de interpretações históricas. Fazia-se a Procissão a título de comemorar a batalha de Aljubarrota, e a de Toro e Samora. D. João II decretou num Regimento de 1482 a ordem porque se incorporariam as diferentes classes e oficiais nesse préstito, e quais os símbolos e elementos pitorescos que lhe pertenciam, os quais se acham também no meio-dia da França, tendo alguns decaído em superstições populares. Do citado Regimento transcreveremos algumas passagens só inteligíveis diante da concepção mítica: «Os alfaiates da outra banda, e trazerão a *serpe* e seus castelos pintados da sua divisa com pendões e bandeira.» E mais: «Os homens de armas atrás, estes todos bem armados sem nenhuma cobertura, e com as *espadas nuas* nas mãos, e levarão *São Jorge*

Foge, foge nevoeiro,
Para traz daquele outeiro,
Que lá está teu companheiro
com uma *cacheira* na mão...

(Melres.)

Carujeiro, carujeiro,
Põe-te atraz daquele outeiro,
Que lá vem o S. *Romão*
Com a *cajatinha* derrabada...

(Mondrões.)

Navoeiro, navoeiro,
Por traz do outeiro
Lá está o João Ribeiro
C'uma *saca de dinheiro*.

¹⁸⁸ *Les Getes*, p. 296.

¹⁸⁹ No processo do cristão-velho Pedro Afonso, lê-se: «Tinha um *livro* intitulado *de S. Cyprião*, e nelle se diziam as curas que se haviam de fazer. – Não curava senão ao domingo, dizendo que assim lho mandava o *livro de S. Cyprião*. Aconteceu que uma vez lhe achou este livro um clérigo, e vendo as torpezas e parvoíces que nelle estavam escriptas, o rompeu e botou debaixo dos seus pés, e o pisou com elles, e por fazer isto, fez com que os diabos tomassem o clérigo. e o levassem a um monte onde estava um mato e o trataram ali muito mal...»

¹⁹⁰ Contado por testemunha ocular, como se praticou próximo de Braga, em 1874. Da varinha de condão fala Bento Pereira: «A *varinha de condão*, ou *vara de aveleyra*, conforme se inclina para a parte onde ha ouro, assim mostra os thezouros escondidos nos montes e minas.» *Anaceph.*, p. 118 (séc. XVII).

muito bem armado com um pajem e uma *donzela*, para *montar o drago*.»¹⁹¹ Há aqui um resto das crenças primitivas dos povos getas e escandinavos, nesta luta de São Jorge com o dragão, ou do Deus solar com a serpente simbolizando as águas agitadas do oceano. Diz Bergmann: «Como os dragões em geral passavam por animais fascinadores, e que a serpente do oceano se defendia contra o Deus do Sol por meio da magia, esta serpente teve também o nome de *fascinador solar*. Como alguns dos atributos do Deus do Sol, entre outros o de inimigo ou adversário do fascinador solar, passaram para Thor, este Deus é na mitologia nórdica, o grande inimigo da serpente do mar. Nas lendas da Idade Média as cheias dos rios ou as inundações embaraçadas por certos santos que foram substituídos ao Sol, também foram simbolizadas por serpentes ou dragões representados como subjugados ou vencidos por estes santos. Entre os dragões simbólicos nota-se por exemplo a *Chair salée*, de Troyes, o *dragon de Saint Marcel*, em Paris, a *gargouille de Saint Romain*, em Ruão, os quais são símbolos das inundações do Sena. Tais são a *Kraulla*, em Reims, sobre o Vesle, o *dragon de Saint Bienhemé*, em Vendome sobre o Loire, a *Grande Gueule*, ou a *Bonne Sainte Vermine*, em Poitiers, na confluente do Clain e da Boime, a *Grouille*, em Metz sobre o Mozelle, e a *Tarasque*, em Tarascon sobre o Rhone.»¹⁹² Deste emblema da *serpente*, empregado na Procissão do Corpo de Deus, (donde o ditado *Velho como a serpe*) se deriva a devoção do *lagarto da Penha* (Lisboa) do qual diz o Dr. Ribeiro Guimarães, depois de transcrever de um folheto as suas virtudes medicinais *contra sezões e febres*: «O caso é que o *lagarto da Penha* ainda lá leva gente: tem resistido à acção do tempo esta devota basbaquice.»¹⁹³

Ainda hoje os poderes do Estado acompanham oficialmente a procissão de São Jorge, levando a imagem sobre um cavalo, e acompanhada de um séquito de cavalos com fitas, um pajem de lança, e pretos, como se o mito estivesse no seu fervor cultural. São Jorge é na realidade uma forma cristianizada de «Indra, Vichnu, Asura-Mazda, Feridun, Apolo, Hércules, Cadmo, Jason, Sigurd, e muitos outros deuses e heróis celebrados por *terem morto a serpente*».¹⁹⁴ A donzela libertada do drago, segundo o referido Regimento, completa este mito conservado hieraticamente; diz Gubernatis: «As águas e as nuvens pluviosas, que são as esposas monstruosas dos demónios enquanto o monstro as guarda nas trevas, convertem-se em esposas radiosas dos deuses quando são libertadas. O mesmo se pode dizer da Aurora, retida em cativeiro pelo monstro obscuro ou húmido da noite ou da estação estival presa no reino do inverno; enquanto uma e outra estão no poder do Demónio tenebroso, elas são negras e monstruosas e vivem com ele no reino infernal; mas depois do resgate, elas tornam-se *donzelas* formosas, de um brilho deslumbrante.»¹⁹⁵ Os *pretos do estado de São Jorge* (Lisboa) são o símbolo das nuvens negras e chuvosas que cercam a serpente do inverno, como o nota Gubernatis. No sul da França há uma cantiga das fadas do nevoeiro, em que é evidente o sentido mítico da *dama e a serpe*.¹⁹⁶

¹⁹¹ Nos *Anais das Ciências e das Letras*, t. I, p. 730.

¹⁹² *Les Getes*, p. 253.

¹⁹³ *Sum. de Vária História*, t. I, p. 218. Gubernatis, *Myth. Zoologique*, t. II, p. 418, fala do mito do lagarto.

¹⁹⁴ Gubernatis, *Myth. Zoologique*, t. II, p. 415.

¹⁹⁵ Gubernatis, *Myth. Zoologique*, p. 418.

¹⁹⁶ Transcrevemo-la da *Hist. de France*, t. VIII, p. 329, de Henri Martin:

Outros elementos míticos se encontram nos emblemas e símbolos hieráticos da Procissão do Corpo de Deus; tais são os *cavalinhos fuscos*, ordenados no Regimento de 1482: «Os trapeiros, que são os mercadores de pano de linho, e os merceeiros todos com suas tochas acesas e castelos de estanho: e levarão sua bandeira e atabaque e dois *cavalinhos fuscos*.»¹⁹⁷ No Regimento da Câmara de Coimbra para a Procissão do Corpo de Deus, de 1517, os cordoeiros, albardeiros, odreiros e tintureiros levam quatro *cavalinhos fuscos*, bem feitos e bem pintados.» E no Regimento da Câmara do Porto para a mesma Procissão, em 1621, os celeiros, esteireiros e correeiros irão *com os cavalinhos* e Anjo armado no meio.¹⁹⁸ O emblema dos cavalinhos fuscos não pertencia a uma classe especial. D. Francisco Manuel de Melo refere-se a este costume que se tornava divertimento popular: «Sempre está no cavalinho da alegria, mas vigie-se dos *cavalinhos fuscos*... Onde enterra o senhor os que mata? Entre as unhas em *vale de cavalinhos*.»¹⁹⁹ Evidentemente estas frases, ainda populares, referem-se à superstição mítica e germânica do cavalo: «Os Germanos, como os seus antepassados Getas e Citas, tiravam prognósticos do relincho dos cavalos. A cidade (*gavi*, em germ.) sustentava nos bosques e florestas *cavalos brancos* consagrados ao Sol, livres de todo o trabalho profano. Prendiam-se ao carro sagrado, e o ministro, rei ou chefe da cidade seguia-os para observar os seus rinchos.»²⁰⁰ Em Lisboa o rei vai oficialmente na Procissão do Corpo de Deus. Gil Vicente, no *Auto das Fadas*, cita já o *vai de cavalinhos*, como um lugar mágico: «Cavalgo no meu cabrão, e vou a val de Cavalinhos...» Na lenda semi-histórica, São Jorge aparecia nas batalhas montado em um *cavalo branco*, no qual há-de também vir da ilha encantada o rei D. Sebastião. Na linguagem popular ainda hoje se diz fazer *fosquinhas* no sentido de trejeitos, saltos, tal como descreve Du Méril, falando da «imitação do cavalo com as suas diferentes posições, vivacidade, caracoleios e relinchos.» No *Hissope* de Dinis, há já a referência a um divertimento vulgar:

E por dar mais prazer aos convidados,
De *cavalinhos fuscos*, depois dele
Na vaga sala, com soberba pompa
O galante espectáculo prepara.

Du Méril, na sua *História da Comédia*, aponta o símbolo do cavalo na *Festa de Diou* da Provença, de onde esta procissão foi introduzida em Portugal no tempo de D.

Ay vist una Fantina
Que stendava lá mount
Sa cotta neblousina
Al' broué de Bariound.

Una Serpe la seguia
De couleur d'arc en cel,
Et sù di roca venia
En cima dar Castel.

Couma na fleur d'arbona
Couma neva daí col,
Pasava en la brona,
Sen z'atfermin' ar sol.

Hei visto a Infantina
Que estendia no monte
Sua cota de neblina
No píncaro do Brionde.

Uma Serpe a seguia
Da cor do arco da velha,
E por sobre a roca ia
Dar em cima do castelo.

Como a flor das giestas,
Como a neve do colo,
Passava sobre as arestas
Sem se firmar no solo.

¹⁹⁷ *Anais das C. e das Letras*, t. 1, p. 731.

¹⁹⁸ Ap. J. Pedro Ribeiro, *Diss. Cronol.*, t. IV, parte II, pp. 201 e 226.

¹⁹⁹ *Feira dos Anexins*, pp. 160 e 161.

²⁰⁰ Bergmann, *Les Getes*, p. 301.

Dinis. Porém, a generalidade deste símbolo hierático em toda a Europa confirma a sua origem mítica, aproximando-o da frase *val de cavalinhos*; as designações *cavalinhos fusc* (pintados, segundo o Regimento de 1517) e *cavalinhos fustes*²⁰¹ ou armados em pau, são já uma decadência por incompleta compreensão, quando se comparam com as designações estrangeiras, como *Cheval-fug* (Allier), *Cheval-fol* (Lyon), *Cheval-frux* (meio-dia da França) com o epíteto *Falke* dado ao cavalo do herói germânico e escandinavo Dietrich, o falcão. Também no *Nobiliário* se cita um cavalo mágico, o *Pardalo*, como o *Fauvel*, que foi um tema poético da Idade Média. Em outras terras o nome do cavalo solar, liga-se mais evidentemente à tradição germânica: *Godon*, em Orleães, *Cheval Godin*, em Namur, *Algodon* em Espanha, reportam-nos ao Deus *Wotan* sempre representado pelo cavalo. Em outras terras ficou apenas o simples nome de cavalo: *Chevallet* em quase toda a França, *Caballet*, na Catalunha, *Cheval Mallet*, no Loire Inferior, ou por causa dos guisos, *Chinchin* em Mons, *Bidoche*, no departamento de Orne. Na Alemanha chamam-lhe *Schlittenpffer* e *Schimmel*, e na Inglaterra *Hobby-Horse*. Du Ménil, na obra citada, estende a sua investigação até à China e México, e neste caso o mito deve considerar-se como tendo passado dos povos mongólicos para os ários por meio dos ramos cita e geta, verdadeiros elos de transição entre estas duas grandes raças. Gubernatis observa, que «as religiões são a caricatura das mitologias» como da sua dissolução e decadência derivam as superstições populares.

Certas superstições relacionam-se facilmente com as raças donde provieram: dos *bastões rúnicos*, temos uma referência no romance açoriano:

Pastores que andais aqui
Escrevei isto a mi madre,
Se não tiveres papel,
No *bastão desta bengala*.

Toma lá tinta e tinteiro
*Escreve nessa bengala...*²⁰²

Nas Constituições do Bispado de Évora, fala-se na superstição das *camisas tecidas e diafas em um só dia*; igual referência se acha no cânone LXXV, de São Martinho de Braga, e na tradição peninsular do século XIII, no *Poema de Alexandre* (st. 89) de Berco. É ao que se chama *camisa de socorro*, e entre os germanos *nothehendi*; aquele que a vestia ficava invulnerável e resistia a todos os perigos. No romance da *Silvana*, da tradição oral, cita-se a camisa com um poder mágico:

Mas deixai-me ir a palácio
Vestire *outra camisa*,
Que esta que tenho no corpo
Pecado não o faria.

Antes da Inquisição farejar as superstições semíticas sob o nome de judaísmo, dizia um poeta satírico do *Cancioneiro de Resende*:

Vi esta vossa cantigua
que da *toura muy antigua*

²⁰¹ Diz Soropita: «uns cavallinhos fustes... que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar delles.» *Poesias e Prosas*, p. 38.

²⁰² *Cantos Populares do Arqu. Açoriano*, n.ºs 50 e 51.

me parece ser forjada.

(Canc. Geral, 1, 249.)

Um outro poeta satírico retratando a dissolução da corte de D. Manuel, refere-se também à vulgarização dos costumes judaicos:

A terra está
de Esnogas bem cheia,
e fazem a ceia
de asmos por cá.
Vereis enfeitados
os sábados todos,
vereis de mil modos capuzes frisados.

A adivinhação pelas mãos acha-se referida no *Cancioneiro de Resende*:

Pareceys *mouro* alfenado
que adivinha pela mão. (Fl. 225.)

No processo de Luiz de la Penha, lê-se: «Que usa de adivinhar e o faz assi *vendo as mãos* das pessoas.» (Libello, arts. 4, 7 e 8.) A mão é um símbolo fálico em que o principio masculino (*marcos, frades, picotas*, ou colunas de *menhir*) se substituíam aos símbolos do chteis (*cavernas, lapas, lameiros* e *mamoas*). Na lista do Auto de Fé celebrado em Coimbra, em 28 de Novembro de 1621, aparece condenada a mulher de Francisco Dias «porque fazia às *sextas-feiras* as camas com roupas lavadas». No processo de Mana Soares, acusada à Inquisição por sua própria filha aconselhada pelos seus confessores, em 1623, imputam-na:

«De guardar os *sábados* de trabalho, vestindo nele camisas lavadas e melhores vestidos.» (Ainda hoje os operários largam ao sábado a obra mais cedo e vão barbear-se.)

«De não comer carne de porco, lebre, coelho, nem peixe sem escama. – De jejuar em segundas e quintas, sem comer senão à noite coisas que não eram de carne. – De jejuar o jejum do dia grande, que vem no mês de Setembro. – De quando morria alguma pessoa em casa, ou nas vizinhanças botar fora a água que tinha para beber. (Ainda se pratica nos Açores.) – De lavar a carne quando vinha do açougue até lhe tirar o sangue, tirando-lhe também a gordura. – De concertar a casa à sexta-feira à tarde, alimpando os candeeiros e lançando-lhes azeite limpo e com torcidas novas, deixando-os até por si se apagarem. – De dizer que aquelas candeias eram tochas no céu, e de rezar com os olhos nele, lavando primeiro as mãos, e de não dizer no fim do padre-nosso, Amen Jesus. – De que quando certa pessoa saía para fora não consentir que se varresse a casa...»²⁰³

As perseguições às famílias judaicas, os terrores do Santo Ofício, as grandes pestes como a de 1569, e o desastre da perda da nacionalidade em 1580, agravaram a revivescência das superstições populares. Uma carta de 1579, escrita depois da derrota de Alcácer-Quibir, exprime bem este estado moral: «É para chorar e acabar de pascar da louquice desta terra. Haver nela donas ilustres e de qualidade com tão larga licença como tomaram, na desolação de andar no modo das romarias, e na invenção com que pedem a Deus vida e liberdade dos maridos e filhos cativos, porque não há *devoção*

²⁰³ Do *Algarve Ilustrado*, nº 17.

defesa que não façam, nem *feitiçaria* que não busquem, para lhes dizer o que vai em África. Não há beata que com as suas superstições as não roube de quanto têm. – Em cada rua as achareis com certo número de mulheres após si, que buscam para cumprir a negra devoção ou superstição, descalças, embiocadas parecem medos. Não sei onde se acha tanta sarja; e para encherem a cópia da devoção beguina, não fica em casa negra nem rapariga que não vá no canto acompanhar-se sempre de um velho parvo e de um rapaz travesso, etc.»²⁰⁴ Os principais documentos das superstições populares acham-se nos processos do Santo Ofício especialmente do século XVII em diante.

As entidades demoníacas ou malévolas. – As raças amarelas distinguem-se nas concepções religiosas pela crença em um grande número de entidades vagas imanentes nas coisas; essas entidades foram primitivamente os próprios objectos materiais reverenciados em um feiticismo espontâneo, e pelo desenvolvimento social tomaram a forma abstracta de Génios. Os chineses crêem ainda num grande número destas entidades a que chamam *Chin*; os Árabes, que tiveram na sua cultura elementos acádicos, crêem também nos Génios chamados *Gins*, e em Portugal, na tradição popular do Algarve acredita-se na existência de umas mulheres que ninguém vê, chamadas *Jans*, que fiam linho tão fino que parece cabelo. Deixava-se linho no lar, e um grande bolo no borralho; pela manhã aparecia todo o linho fiado, por mais que fosse; mas se se esquecessem de pôr o bolo no borralho o linho aparecia queimado: «Muita gente verdadeira sustentava que isto era assim, e até conservavam ainda lençóis fiados pelas *Jans*.»²⁰⁵ Aqui temos o tipo mais perfeito da entidade feiticista. Muitos fenómenos naturais acham-se personificados, como o vento no Balborinho, ao qual se atira com um canivete aberto (Minho); o nevoeiro, no *Tatro azeiteiro* (Penafiel); a chuva, em *Maria Molha* e *Maria das Pernas Compridas* (Gondifelos); o fogo meteórico de Santelmo em *Corpo Santo* (Açores); a insónia, no *Insonho* ou Pesadelo; o terror da escuridão ou do desconhecido, *Medo*, *Coisa ruim*, *Coca*, *Coca Loba*, *Farronca*; enfim a doença no *Ar mau*.²⁰⁶

Os povos áricos, creram também em entidades derivadas do seu feiticismo primordial, e à medida que se elevaram a uma concepção religiosa abstracta, essas entidades formaram uma classe vaga de seres divinos indistintos que chamaram *Daimones*. Nesta classe decaíram os deuses superiores de povos vencidos e dos cultos proibidos, e como diz Lenormant: «Toda a religião demonológica, desde que ela se eleva e se apura, conduz necessariamente ao dualismo.»²⁰⁷ O conflito social e religioso do zoroastrismo e do cristianismo, se levou à definição de um deus de bondade e de poder criador, desenvolveu simultaneamente um deus do mal e da destruição, Ahriman ou o Diabo. Nas concepções áricas, o deus criador é a luz (*div*, a luz, o dia, o céu, donde *dyaus*, e Zeus), e contrariamente a personificação do mal, será a sombra, a escuridão, os *Asuras*.²⁰⁸ Nas crenças portuguesas as trevas são personificadas na *Má Sombra*, esconjurada na Oração de São Bartolomeu; na Oração a Marta, de Luiz de la Penha, se diz: «hum a *sombra*, e outra a *solombra*», talvez explicável pela crença popular em que temos duas *sombras*, uma a do anjo da guarda (que perdemos) e outra a do Diabo

²⁰⁴ *Sum. de Vária Hist.*, t. IV, p. 135.

²⁰⁵ Nota de Reis Dâmaso.

²⁰⁶ Diz António José, nas *Operas*, t. II, p. 79: «Fantasma, quimera, sombra, ilusão, *coco e papão*, que é o que me queres?» A esta categoria pertencem a *avelã*, a *galinha preta com bácoros*, as *almazonas*, *mão de ferro*, *galgo negro*, *rosemunho*, a *colmeia*.

²⁰⁷ *La Magie chez les Chaldéens*, p. 230.

²⁰⁸ Diz Gubernatis: «A raiz *sur*, como a raiz *svar*, significa fulgir. Considerando-se os *devas* como os luminosos, não se achou melhor para lhes opor do que os não luminosos, ou os *a sura*, falseando assim a verdadeira origem da palavra.» *Pic. Encicl. Indiana*, p. 115.

que nos tenta (Famalicão). Todos os actos malignos são praticados nas trevas da noite; a *sombra*, *avantesma* (fantasma) a *alma penada*, são formas demoníacas das trevas, e diz uma locução popular: «*ODiabo é negro*». «As pessoas que fazem malefícios vão à meia-noite a um cemitério, e aparece-lhes o Diabo em forma de *cão preto*, a que elas chamam o seu protector.»²⁰⁹ É o mesmo *cão preto*, descrito por Leão de Chipre, e Plutarco, que subsiste nas superstições da Finisterra.²¹⁰ Esta personificação revela-nos as relações do Diabo como proveniente de um dualismo medo-persa que se desenvolveu na Europa por via do cristianismo (satanistas e valdenses); muitas são as personificações do Diabo ainda com carácter oriental.

Nas locuções populares portuguesas encontra-se empregada com frequência: «*Deu-lhe o tanglomanglo*», por aconteceu-lhe mal, perdeu-se, levou-a o Diabo. Pela generalidade de uma parlenda em forma ditirâmbica, com vestígios de carácter mágico, somos levados a inferir que o *tanglomanglo* não é uma palavra sem sentido, uma neuma para encher o verso, mas o nome de uma divindade, que como decaída conserva o espírito malévolo e que persiste nas superstições populares. O *tanglomanglo* apresenta formas variadas na península, como o *tango y mango*, na Andaluzia, *tangomão* no castelhano usual, *tàngano-mángano* na Galiza, e *tranglo-mango* (Açores) e *tangromangro* (Penafiel, Lisboa). A generalidade desta expressão já por si bastava para a inferência de um fundo comum de raças, e essa verificava-se naturalmente na persistência de caracteres e costumes da raça ibérica da península. A expressão é porém quase geral à Europa, e encontra-se na Lei Salica sob a forma de *tangano* e no francês de Froissort na forma de *tangre*, e na Itália como no *tanghero* do dicionário da Crusca. O problema adquire pois uma maior importância; se na Península Hispânica esta divindade provém da persistência da tradição dos povos ibéricos, no Ocidente da Europa só pode explicar-se pela persistência desse fundo étnico turaniano ou melhor cítico, que precedeu na Europa a entrada das raças áricas.²¹¹ De facto essa raça invadida pelas diversas migrações áricas, refluíu para o sul da Europa, e estacionou no triângulo geográfico da Aquitânia; o ibero, pertencendo a essa mesma raça diferenciou-se dela pela sua entrada na Europa tendo atravessado a África, como se descobre pela formação do elemento berbere. A tradição do *tan golo*, acusa a homogeneidade dos dois ramos aquitânicos e ibérico, e conduz-nos à investigação das formas porque esta divindade é ainda conhecida entre os diversos ramos das raças altaicas.

Diz Max-Muller: «Na linguagem mongol, achamos *teng-ri* (em turco *tangry*) e esta palavra significa primeiramente céu, em segundo lugar Deus do Céu, depois Deus em geral, e por fim Espírito ou Demónio, em bem ou em mal.»²¹² Max-Muller aproxima esta palavra da sua forma primitiva simples, de que os chineses se servem para designar a divindade *Tien*; nas relações históricas acerca dos Hunos, pelos escritores chineses, conservam o nome que os Hunos davam aos seus chefes, que era *Tangli-kutu* (Tchenjü) que significava Filho do Céu, nome ainda hoje peculiar dos imperadores da China (*Tient-tze*, correspondendo ao antigo *Tangli-kutu*). «De tudo isto, continua Max-Muller, concluo que o *Tangli* dos Hunos, o *Tengri* dos Mongóis, e o *Tien* dos Chineses não são senão um mesmo nome.»²¹³ Max-Muller leva mais longe a comparação, remontando aos Tukins, ou antepassados dos Turcos, que chamavam aos Espíritos do seu feiticismo Pur-Teng-i-li, sendo o *Teng-i-li* conservado ainda no *Tengri* dos Mongóis, e com o

²⁰⁹ Pedroso, *Positivismo*, t. IV, p. 108.

²¹⁰ Cambry, *Voyage dans le Finistere*, t. III, p. 22

²¹¹ Sobre o nome desta raça e suas designações, v. Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 124.

²¹² *Science des Religions*, p. 124.

²¹³ *Ibidem*, p. 124.

mesmo sentido geral de Espírito na palavra *Tangara*, do iacute moderno, bem como entre os cristãos convertidos da Sibéria, os Santos são designados *Tangara*.

A forma mais antiga é a acádica *Dingir*, degenerando em outras designações como o *Tenghiri* do Hing-Na, em *Tugri* de Tatar-kusch, no *Tangry* dos Turcos, e no *Tengli* dos Hunos, cujas aproximações são confirmadas pelas correlações étnicas de outras raças altaicas.

Como explicar o segundo elemento *mangro*, ligado a *tangro*? Nas inscrições lapidares da Península Hispânica, publicadas pela Academia de Berlim, aparece com frequência o nome da divindade *Manyos*, aglutinado com o de outras divindades como em *Aegia-Muni-Aegus*, *Ael-Manius*, e *Bor-Manicus*. Como é sabido, a religião dos Persas sofreu uma transformação no magismo pelo contacto dos Medas com as tribos turanianas; assim *dranga* e *angro* são derivados de alguma das formas *tangry* ou *tengri* e a divindade malévola dos Persas *Anromainyus*, isto é, o *espírito que mata* e a que na península hispânica se conserva na tradição inconsciente de *tanglo-mango*, *tranglo-mango* ou *tangro-mangro*.²¹⁴

Na parlenda portuguesa há ainda um sentido explicável pelo sacrifício à *Angromaynius*; diz-se na parlenda de Penafiel:

Nasceram dez meninas
Metidas dentro de um fole;
Deu-lhe o Tangro-Mangro nelas
Não ficaram senão nove.²¹⁵

Na versão de Lisboa, diz-se também:

Minha mãe teve dez filhos
Todos dez dentro de um pote,
Deu-lhes o *Tangro-Mangro* neles,
Não ficaram senão nove.

Saco y Arce, coligiu da tradição popular da Galiza a parlenda semelhante às versões portuguesas, em que se alude também a meninas, que foram eliminadas:

Elas eran once damas
Todas amigas d'o xuez,
Pegou o *Tángano-mángano* n'ellas
Non quedaron senon dez.

D'aquellas dez que quedaron
Foran xugar o probe,
Pegou o *Tangano-Mangano* n'ellas
Non quedaron senon nove.

D'estas nove que quedaron,
Deran en comer biscoito,
Pegou o *Tangano-Mangano* n'ellas
Non quedaron senon oito.

²¹⁴ Nas inscrições cuneiformes do rochedo de Behistun (Tabl. 4, § 4) *Dranga*, é a personificação do mal na mentira. No Peral chama-se ao Diabo *Diangras*.

²¹⁵ Zeitschr. f. rom. Phil., III, p. 199.

Segue-se a forma ditirâmbica enumerativa até um, como na versão de Penafiel:

E esse um que ficou
Foi ver amassá-lo pão,
Deu-lhe o *Tangro-mangro* nele
Acabou-se a geração.

Lenormant aponta o facto contado por Plutarco, de oferecerem os Magos a *Angro-Mainyus*, em sacrifício e erva dos charcos chamada *omomi*, (evidentemente o *haoma*) e de Heródoto referir da mulher de Xerxes «princesa interinamente entregue à influência dos Magos, *sacrificando sete meninos* ao deus das trevas e das regiões inferiores. Ele representa também um sacrifício análogo como operado em honra do mesmo deus na passagem do Strymon, na marcha dos Persas sobre a Grécia».²¹⁶ Aqui temos o nome da divindade malévola coincidindo com a forma cultural; são dez *meninas*, onze *damas*, ou doze *freiras*, em quem dá o tanglomanglo, e que desaparecem, como num sacrifício.

Abaixo comprovaremos esta interpretação com a existência em Portugal do culto do *haoma*, tal como o compreendeu a religião do magismo.

O Menhir de las *Virgenes*, dos monumentos megalíticos da Andaluzia, figurou por ventura essa divindade, por isso que o povo canta ainda acerca da pedra:

Jilaca, jilando,
puso aqui este *tango*,
y *Menga y Mengal*
lo volvió à quitar.²¹⁷

A forma espanhola de *tangomão*, acha-se também na *Arte de Furtar*, do padre Vieira, nas Ordenações Filipinas e no Vocabulário de Bluteau.²¹⁸ Não é para admirar que na tradição portuguesa persistam certos vestígios dos ritos mágicos da Caldeia, renovados sobre a forma do magismo medo-persa, confluindo ainda pela acção dos Romanos, Judeus e Árabes. Os povos ibéricos encontraram nos novos povoadores da península condições para a revivescência dos seus caracteres étnicos, pois que, como diz Lenormant: «para a antiguidade grega como *romana*, como também para a tradição judaica e árabe, o Egipto e a Caldeia são as duas fontes de toda a magia erudita.»²¹⁹

Vejam agora a outra forma do sacrifício a Angromainyus «consistindo na oferta da erva do charco chamada ὄμωμι – evidentemente o *haoma* – borrifado com sangue de lobo e colocado num lugar escuro».²²⁰ Nas orações populares existe uma entidade demoníaca chamada o *Bo Home*, na qual vem uma alusão à planta que dá o liquido sagrado do *Soma*; ei-la como a coligiu Leite de Vasconcelos:

O *bo Home* me deu pousada,
A má mulher me fez a cama,

²¹⁶ *La Magie chez les Chaldéens*, p. 206.

²¹⁷ *Los Aborigenes Ibericos*, de Tubino, p. 24.

²¹⁸ É apreciável o estudo filológico de Manuel de Meio (na *Revista Brasileira*, t. VI, p. 163), onde diz: «A expressão *tungoro-mangoro* variamente pronunciada (*tangano-mango tango-marango*) figura como estribilho de um lundu ou cantiga popularíssima no Brasil, análoga a uma ou outra das *formulettes numeratives* inseridas por Eugene Rolland na *Melunea*, e por Ph. Kuluff nas *Enfantines du bon pays de France*.»

²¹⁹ *La Magie chez les Chaldéens*, p. 70.

²²⁰ Lenormant citando Plutarco, *De Is. et Osir.*, p. 369, ed. Ruiske.

Em cima das *vides*,
 Em cima da lama.
 Vai-te dada
 Desta mama.

A Oração é aplicada como parte esconjuratória dos remédios contra a espinhela e para talhar a *dada* (inflamação das glândulas mamas), mas liga-se a uma lenda arranjada pelo povo sobre elementos tradicionais não compreendidos. Na versão de Ourilhe, a lenda entra já na Oração:

O Senhor pediu pousada
Bom homem lhe deu pousada;
 E má mulher lhe fez a cama
numa grade sobre a lama;
 Sara peito, sara mama.

As *vides*, a grade ou caniço *sobre a lama*, são a erva *omomi*, sacrificada no lugar escuro; a mesma tradição existe na Andaluzia²²¹ e na Galiza, com o título *La yerba de Bon-Varon*²²², o que nos aproxima da sua origem mítica. O *bo Homa*, é uma personificação popular do *Hom* ou *Haoma*, a planta que desempenhava no culto masdeano a principal função. Diz Alfredo Maury: «Personificado em uma verdadeira divindade, o *Hom* (o *omomi*, segundo Plutarcho) assim como o Soma dos Aryas, apresentava-se à imaginação como génio da vitória e da saúde, como um mediador ou uma divindade que, sob uma aparência sensível e maternal, se deixava beber e comer pelos seus adoradores, e conservava no coração a pureza e a virtude.» Em nota acrescenta: «O *Hom* acabou por ser um verdadeiro profeta, que anuncia a palavra santa.»²²³ Pela oração portuguesa do *Bo home*, vê-se que a crença popular lhe dava virtudes medicinais; mas a personificação em forma de lenda teve um desenvolvimento literário e artístico em Portugal como vamos provar. A mandrágora na Idade Média também foi personificada no *homúnculo*. A crença do *Bom Homem*, que aparece em França no jogo do *Petit Bon Homme*, é um resto do maniqueísmo que penetrou no Ocidente, introduzindo no cristianismo o dualismo medo-persa.²²⁴

O poeta Francisco Lopes, livreiro, o autor do *Passatempo Honesto*, e de tantas composições populares do século XVII, escreve umas redondilhas sobre a lenda do *Homem bom*; este opúsculo extremamente raro acha-se descrito pelo fervoroso bibliófilo Fernando Castiço no *Boletim da Bibliografia Portuguesa*. O título é desta forma: *Sam / Homem Bom / Pay dos Pobres. / Nascimento, cria / ção Vida, Morte & Milagres...* Em Lisboa, Por Mateus Pinheiro. MDCXXVIII (In-12, de 11–69 fls. numeradas na frente).

O poema é escrito em quintilhas em número de quinhentos e vinte e duas, e dividido em seis cantos. O Sr. Castiço transcreve as seguintes estrofes:

Canto de um homem divino
 Onde homens exemplo tomem
 E foi de tanto bem dino
 Que logo se chamou *Homem*

²²¹ Rodrigues Marin, *Cantos Populares Españoles*, t. I, p. 444.

²²² *Cuestionario del Folk-Lore Gallego*, p. 44, nº353.

²²³ *La Magie et l'Astrologie*, p. 37.

²²⁴ V. o nosso vol. 1º.

Inda bem não foi menino.

A razão deste nome é explicado nesta outra quintilha:

Pergunta o prelado grave
 Como chamar-se queria;
 O pai que dizer-lho-ia,
 Ouvia-se hũa voz suave
 A qual *Homem Bom* dizia.

Bom Homem é a forma como aparece nos versos esconjuratórios portugueses, e *Homem bom* em Andaluzia. Na cidade de Braga, havia na porta por onde faziam ingresso os novos bispos num nicho na parte interna do muro, com a figura a que o povo chamava *Sam Bom Homem*. Fernando Castiço cita também um *sermão* feito pelo licenciado Tomás de Barros da Costa a *Sam Bom Homem, que está sobre uma porta da cidade de Braga*, em 1630.²²⁵ Evidentemente é este o objecto da lenda cujo último vestígio se conserva nos ensalmos, e nomes tópicos, como *Santo Varão*, próximo de Coimbra.

Como vimos anteriormente, muitas entidades demoníacas derivam do culto solar, como o *Lobisomem* (*lupi-mannari*, na Itália), a que no Minho se chama *Corredor*, e *Fado corredor* (Guimarães), *Peeira* e *Lobeira*. Nas encruzilhadas há um sítio a que se chama o *espojeiro*, onde os que correm fado mudam de figura; nas crenças finlandesas *Pohja* é a região sombria onde existe a noite e se perdem os heróis, e dali é que se expandem os demónios pelo universo. Segundo a concepção dos quatro elementos, assim existiam entidades para o ar, como os *Silfos*, para a água, as *Ondinas*, para o interior da terra os *Gnomos*, e para o fogo ou as *Salamandras*; na tradição portuguesa existem entidades análogas, porém com nomes diversos.

O *Trasgo* é em Trás-os-Montes e Douro um demónio do nevoeiro, como o *Nubeiro* da Galiza. Bluteau fala desta entidade, da qual fiz Filinto Elísio:

«Creio que ainda em Portugal dão o nome de *Trasgos* aos *Fradinhos da mão furada*.»²²⁶ O epíteto da *mão furada* é dado também por António Prestes ao *Pesadelo* ou *Insonho*.²²⁷ O nevoeiro é repellido para longe por toques de sino (Foz do Douro.) Das águas, temos as *Sereias*, entidades que da tradição clássica passaram para o povo português; nos Açores chamam-lhes *Marinhas*. Nos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* coligimos:

A *Sereia* quando canta,
 Canta no pego do mar,
 Tanto navio se perde,
 Oh que tão doce cantar.

Sobre o poder do canto das *Sereia* ou *Marinhas*, falam dois romances açorianos:

«Escutai, se quereis ouvir
 Um rico, doce cantar;
 Devem de ser as *Marinhas*
 Ou os peixinhos do mar.

²²⁵ *Boletim de Bibliografia Portuguesa*, t. I, p. 86.

²²⁶ *Fabulas de La Fontaine*, p. 276.

²²⁷ *Autos*, p. 355, ed. Porto.

– Ele não são as *Marinhas*,
Nem os peixinhos do mar,
Deve ser Dom Duardos
Que aqui nos vem visitar.²²⁸

Gil Vicente também alude a estas *Fadas Marinhas*: «e vem as *Fadas marinhas* cantando a seguinte cantiga.» E acrescenta:

Vai logo às *ilhas perdidas*
Na mar das penas ouvinhas,
Traze três *Fadas marinhas*
Que sejam mui escolhidas.²²⁹

Na ilha de São Tiago, do arquipélago de Cabo Verde, crê-se na entidade *Hiram*, que é sempre a última de sete filhas nascidas consecutivamente; tem corpo franzino e cabeça grande e ao fim de doze anos transformados forma-se em serpente e vai viver no mar.²³⁰ As tribos da Guiné adoram a *Hiram* em um templo que se chama *baloba*.²³¹ Nos Highlands há uma entidade chamada *Famhairans*.

A *Mãe-d'Água*, análoga às Nixen germânicas e *Russalki* eslavas, figura nos cantos populares do Brasil; no Peru chamam-lhe *Madre de las Aguas*, e na Cayenna chama-se *Mamman dilo* (maman de l'eau), vindo à superfície da água pentear-se, atraindo os incautos que a vêem. É uma variante da *Sereia*.²³²

À tradição clássica da *Sereia* prende-se essa outra do Ciclope, que na tradição portuguesa se chama *Olharapo* e *Olhapim*; na Beira Alta, crê-se que tem um só olho na testa; em Cabeceiras de Bastos, que tem três olhos, vendo para trás e para diante. Há também *Olharapas*. Segundo Menendez Pelayo, o *Ojancano*, em Espanha parece-se com a figura do gigante Polifemo, cuja lenda, segundo Costa, é popular na Cantábria e Andaluzia. St. Prato determina em alguns contos italianos esta entidade com o nome de *Occhiario*, e de *Minocchio* (de *monoculus*). Em Arouca crê-se que são gigantes.²³³

Das entidades terrestres, a *Moira* ou o Mouro encantado distingue-se por habitar em covas ou algares profundos guardando tesouros, ou *averes*. Na sentença de Francisco Barbosa, por alcunha *O Tio de Massarelos*, se diz que «prometia também descobrir tesouros e minas de muitas léguas... convidando logo para esta empresa muitas pessoas de ambos os sexos, segurando-lhes, que dentro de um mineral achariam doze mouros ricamente vestidos com seus espadins nas mãos, e outras tantas moursas muito bem adereçadas, com saias bordadas, e muitas peças de ouro e diamantes...».²³⁴ No processo de Rosa Maria, confessa estar «lembrada de ter ouvido a várias pessoas, que naquele lugar (em Gaviam) *havia muitas minas do tempo dos mouros...*». Alberto

²²⁸ *Cantos do Arquip. Açoriano*, nos 32 e 28. respectivamente. pp. 271 e 259.

²²⁹ Comédia da *Rubena*.

²³⁰ *Almanaque de Lembranças*, para 1872. p. 195.

²³¹ Sousa Monteiro escreve: «Nas ocasiões importantes se oferecem sacrificios não só de mantimentos, mas também de animais voláteis ou quadrúpedes, com tanto que sejam de cores opostas, que as aves sejam brancas quando os quadrúpedes forem pretos.» *Pan.*, t. XII, p. 71.

²³² Nos *Apólogos Dialogais*, p. 47, cita-se as *Fadas de Mãe*; aqui temos a última reminiscência do culto das *Mães*, essas divindades femininas dos Gauleses, de que aparecem inscrições na Corunha e em Sepúlveda, e que se acham na Escandinávia confundidas com as *Nomes*, e em França com as *Bonnes Dames*.

²³³ Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 273. – Stanislaw Prato, *Gli Ultimi Lavore dei Folk-lore Neo-latino*, p. 7.

²³⁴ No *Instituto de Coimbra*, t. X, pp. 130 a 134.

Magno escreveu no livro *De Animalibus*, que existiam umas formigas chamadas *Mur*, que guardavam montes de ouro.²³⁵ Evidentemente há sob o nome de *mouras* sincretismos de elementos de proveniências diversas; os gregos chamavam às suas parcas *moirai*, e a *meir* céltica ou a *moer* escandinava têm o carácter de viragem, como as que penteiam os cabelos à borda dos lagos, ou as que vaticinam. A entidade que aqui fixamos é principalmente a das cavernas, de que o eco é a voz de uma moura.

Certos objectos materiais também têm o poder de entidades demoníacas; tais são as *espadas mágicas*. Na Crónica anónima do Condestável, fala-se na espada invencível temperada pelo alfageme de Santarém. Em Jornandes vem a lenda da espada desenterrada que levaram a Átila: «Alegrou-se Átila e viu que o império do mundo lhe seria destinado, pois que a espada de guerra que os Citas desde longo tempo olhavam como sagrada lhe caíra nas mãos.»²³⁶ O tio de Massarelos, para descobrir tesouros «mandava aos homens que haviam de ir na sua companhia, que por certo número de vezes *beijassem as espadas e as pusessem no chão nuas...*». Nas *Óperas do Judeu* vem: «com poucos dias de nascido, me punham à *cabeceira uma espada nua* por causa das bruxas.»²³⁷

O *chifre* é empregado para afastar o quebranto ou acção maléfica: «Em muitas marinhas (Aveiro) vê-se espetado numa vara um retorcido *chavelho*, como amuleto de virtudes poderosíssimas contra os malefícios das *bruxas* e contra o mau olhado de certos.»²³⁸ O nome de algumas entidades demoníacas tornou-se um insulto, como *Caipira*, dado aos antigos partidários do absolutismo, e aos gatunos; deriva da divindade malévola dos selvagens do Brasil *Caipora*, e na linguagem usual do Rio de Janeiro *caiporismo* significa a infelicidade, o *azango*, o *calistismo* e *enguicho*.

O terror das *almas penadas*, ou *do outro mundo*, é vulgaríssimo: «Gentes há que não duvida despendar com benzedadeiras e impostores todo o seu haver, como se lhes figure que em sua casa anda alma do outro mundo.»²³⁹

O carácter de entidade demoníaca também se reconhece em determinadas pessoas; chama-se *tanso* à pessoa desajeitada ou mal formada. Esta palavra deriva de um antigo sentido histórico; o povo dos Hiougnou, antepassado dos chineses, dava ao seu chefe o nome de *Tanshu* (de *Tian-shu*, filho de Deus). É crível que esta palavra entrasse na Europa com a invasão dos Hunos, e se renovasse com o terror dos Tártaros. Nos países bascos a palavra *tartarius*, designava os heréticos albigenses;²⁴⁰ e António Prestes cita a entidade: «Por esta *tartaranha* má.»²⁴¹ O nome de *Tártaro* apresenta as condições populares *Tatro*, *Trado*, e *Tardo*, como que no Minho e Douro se designa o Diabo. Seja como for, o poder mágico de *tanso* conserva a sua localização nos reis, cuja pessoa é *sagrada* segundo o feiticismo da Carta de 1826. O historiador João Muller nota a tradição popular francesa sobre a virtude curativa dos reis naquela nação. Num romance cantado em Estremoz sobre os milagres da rainha Santa Isabel, alude-se a esta mesma virtude:

Estando a santa um dia
Na sua sala sentada,
Chegou-lhe um *pobre chagado*

²³⁵ «Custodiunt montes aureos, et homines accedentes disceunt, etc.» Ap. Berger de Xivrey. *Trad. Teratologiques*, p. 265.

²³⁶ *De Rebus Geticis*, cap. 35, Grimm, *Trad. Allem.*, t. II, p. 20.

²³⁷ *Operas Portuguesas*, t. I, p. 116.

²³⁸ Maia Alcoforado, *Museu Tecnológico*, p. 68.

²³⁹ *Panorama*, t. VII, p. 408.

²⁴⁰ Francisque Micheal, *Le Pays Basque*, p. 227.

²⁴¹ *Autos*, p. 308. Também diz: «Umas *busaranhas* tortas», p. 33.

Se o podia *remediar*?
 Ela lhe disse
 Com palavras de amor:
 «Mandarei chamar o doutor,
 Que vos haja de curar.
 – Senhora, se queredes
 Ter o vosso coração inflamado,
Deitai-me na vossa cama
*Que eu serei remediado.*²⁴²

Da rainha D. Maria I conta Beckford (Carta IX) a virtude curativa: «de uma *pérولا da rainha* defunta, e de inestimável valor, moída para se engolir em beberagens medicinais...» Os *loucos* e *cretinos* são consagrados em quase todas as povoações rurais da Europa, da mesma forma que entre os esquimós; era talvez este o motivo da veneração pela rainha louca D. Maria I.

Os *padres* tem um carácter de azango entre o povo. Dinis, no poema de *Hissope*, consigna a crença do Alentejo e Minho do poder das mães e irmãs dos frades curarem as lombrigas e benzer feitiços:

O benzer dos feitiços e lombrigas
 O grande e extraordinário privilégio
 De irmãs e mães de frades, e outros pios
 E santos institutos que inventaram
 Devotos e subtis nossos antigos,
 E que nós pelo povo propagamos,
 Com zelo e com destreza, maiormente
 Entre o devoto, feminino sexo
 Inda pingando vão de quando em quando.²⁴³

Santa Rosa de Viterbo fala de uma classe de indivíduos chamados *Caragos* ou *Carajus*, que fabricavam as *Carántulas*, imagens, linhas, cifras ou caracteres mágicos, proibidas no Alvará do tempo de D. João I: «Estes *Caragos* faziam os seus encantos, particularmente às sementeiras; aproveitavam-se do canto das aves para os seus agoiros, chamavam os demónios com certas figuras...».²⁴⁴ O nome de *Carago*, é hoje uma interjeição plebeia. Os *bentos* são aqueles indivíduos dotados de poderes mágicos contra as doenças, por isso que *choraram no ventre da mãe*, este fenómeno é atribuído a Wainamoinen, o herói mítico da epopeia finlandesa *Kalevala*; nos contos zulus, Outhlakanyana também teve esse dom. O feiticeiro Luiz de la Penha declarava ter chorado no ventre materno. Leite de Vasconcelos retrata-nos um *bento* da Beira Alta: «Este homem de virtude tinha *chorado no ventre materno*, porque ninguém é bento sem tal condição. Todas aquelas povoações por ali em volta, inclusivamente Lamego, o chamavam nas doenças. Ele tinha um ar grave, uma voz pausada, e grossa, como de profeta, só gostava muito do líquido de São Martinho. Quando o rogavam, montava na sua burrinha, punha os alforges adiante, lançava um Santo Cristo ao pescoço, e lá ia curar a humanidade enferma. As suas receitas não se afastavam das de todos os charlatães: uns chás de ervas secas, umas bebidas de camisas queimadas dos doentes (*fervedouros*, do século XVII) umas rezas, e eis tudo. A justiça por vezes o tinha

²⁴² Pedroso, *Contribuições para um Romanceiro Português*.

²⁴³ Edição de Castro Irmão, p. 194.

²⁴⁴ *Elucidário*, vb° Carantulas.

interrompido nas funções sagradas; mas nem o olhar austero do juiz, nem as paredes negras do calabouço o puderam afastar do caminho seguido. Ele *chorara no ventre da mãe*; recebia de toda a parte as provas evidentes da sua virtude; ao longe estendiam-lhe os braços; em casa, à porta, sempre uma multidão de doentes, como eu presenciei; que mais queria ele. Não costumava receber dinheiro; recebia fruta, carnes, etc.; para isso levava sempre os alforges em cima da burrinha. Outras vezes também os párocos das freguesias comam-no, e ele sempre firme na sua missão predestinada, o mais que lhes dizia, era: *Eu cá sou bento, e vós não.*»²⁴⁵

Depois dos bentos, e *benzilhões* (Alentejo) temos os *saudadores*, tipo comum a toda a península; esta classe acha-se proibida de exercitar-se pelo título citado da Ordenação Manuelina.

No *Tesoiro de la Lengua Castellana*, escreve Covarruvias: «Saludar vale curar cõ gracia gratis data, y a lo que esta tienen llamamos *Saludadores*, y particularmente saludan aí ganado, pero yo por cierto tengo averso dicho de saliva.» No livro do Dr. Gaspar Navarro, *Tribunal de Supersticion Ladina*, de 1631, se lê: «Estos *Saludadores*, principalmente se emplean en curar ó presaliva.» No livro do Dr. Gaspar Navarro, *Tribunal de Supersticion ladina*, de 1631, se lê: «Estos *Saludadores*, principalmente se emplean en curar ó preservar à los hombres, bestias y ganados del mal de rabia... y para encobrir la maldad, fingen ellos son familiares de Santa Catalina, ó de Santa Quiteria, y que estas santas les han dado virtude para sanar de la rabia, y para hacerlo creer à la simples gente hanse hecho imprimir en alguna parte de su cuerpo *la rueda de Santa Catalina*, ó la *serial de Santa Quiteria*; y assi con esta fingida santidad, traen à la simple gente enganada traz si, y saludan con su saliva y aliento (*bafo*) no solo à los enfermos, mas tambien à los sanos: y saludan el pan y lo mandan guardar por reliquias...»²⁴⁶ Aqui apresenta-se um belo caso da forma e intuito da *tatuagem*. Na Ordenação Manuelina proíbe-se *ter cabeças de saudador*; Cepeda y Gusman, e Quevedo referem-se ao costume de trazerem os saudadores sempre consigo uma cabeça de Cristo.

Aos saudadores contrapõem-se os *Semeadores da Peste*; no Repertório do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, entre 1630 a 1632, fala-se dos *pós pestíferos*: «O vereador Diogo da Cunha estivesse em Belém, quando se temiam os pós, que se dizia trazerem os estrangeiros para causarem peste.» E mais: «Ao provedor da saúde de Belém, se concedeu usar vara vermelha, enquanto Diogo da Cunha permanecesse em Belém, e *por causa dos pós*, que, se dizia, traziam pessoas suspeitas.» Estas credences surgiram por efeito das notícias aterradoras da peste de Londres, de 1631.²⁴⁷

As *crianças* ainda hoje têm carácter mágico, sendo chamadas para fazerem o *sorteio* das lotarias. No processo de Luiz de la Penha fala-se na adivinhação por meio das crianças, e com as quais curava os enfeitiçados: «curava enfeitiçados, mas que o não podia fazer se não por meio de *crianças pequenas*...» (Libelo, articul. 2.) Alfredo Maury cita esta forma divinatória: «Didius Juliano recorreu à adivinhação que se pratica com um *espelho*, detrás do qual crianças, cuja cabeça e olhar foram submetidos a certos encantamentos, lêem o futuro, segundo se diz.» Na Ordenação Manuelina proibia-se o *ver em espelho*, ou em qualquer coisa reluzente. Numa carta de D. Jorge de Noronha, de 24 de Março de 1579, a Filipe II, diz que Portugal lhe pertence, «que o reino de Portugal é de Sua Majestade e que pode vir quando quiser, *porque até as crianças*

²⁴⁵ *Enciclopédia Republicana*, p. 188, Lisboa, 1882. Subsiste esta crença na província do Espírito Santo: «Quem ouve *chorar uma criança no ventre materno* deve guardar segredo para que ela seja afortunada.»

²⁴⁶ Disp. XXXI, fls. 89-90. Ap. Marin, *Cantos Populares Españoles*. t. II. p. 413.

²⁴⁷ Guimarães, *Sum. de Vária História*, t. III, p. 145, onde cita o livro que sobre este assunto escreveu Frei Manuel de Lacerda.

cantam que todo o seu remédio está em sua majestade».²⁴⁸

As *velhas* têm entre o povo um carácter demoníaco, sendo as fadas sempre representadas como velhas; os Albaneses, tribo representante dos primitivos indo-europeus, chamam às suas fadas *Vyles*; no País de Gales *wyll* ou *gwyll*, significa o espectro, a feiticeira, e no islandês *vala*, é a sombra que vaticina.²⁴⁹ Numa aldeia do Minho chamavam a uma velha surda a *noca*; segundo Leroux de Lincy, os dinamarqueses chamam *nokhes*, aos elfos ou fadas aquáticas, que também tomam a forma de velhas nas suas aparições.²⁵⁰ As *velhas* é que povoam a classe das *bruxas*; os higlandeses da Escócia, chamam *gruagach*, aos espíritos familiares e aos feiticeiros, nome que se pode aproximar da designação portuguesa.

Os homens que sabem ler, e mesmo a *letra redonda*, exercem um grande prestígio na imaginação popular; o estudante deu o tipo mágico do *Sedar* ou *Escolarão* (Bragança), *Escoler* (Galiza) e no poema do *Roman de Troie* chamam-se «*oeuvres tregetees*»²⁵¹ as que são feitas pelas encantadores ou nigromantes, aos quais o rei D. Duarte chama *tergeitadores*, e nos contos populares portugueses, *esturgetante*. No Algarve a palavra *free-maçon*, com que no século XVIII se designava o pedreiro-livre, aportuguesou-se na forma de *flamazão*, com um carácter demoníaco que se atribui a todos os que hostilizam os padres.

As personificações desdobram-se em novas entidades; *Artes da Madre Celestina*, é uma locução vulgar nas ilhas dos Açores, e frequentemente empregada por Jorge Ferreira de Vasconcelos; provém evidentemente do tipo da alcaiota da comédia *Celestina*, de Rojas. A concepção do inferno é personificada na *Caldeira de Pero Botelho*:

E por seres tensoeira
E nom tomar meu conselho,
Lá verás de que maneira
Te chanta *Pêro Botelho*
Na sua infernal *caldeira*.²⁵²

O Diabo é designado por muitos nomes, que se tornam entidades, como *Mafarrico*, *Pedro de Malasartes*. No *Livro dos Pregos*, da Câmara Municipal de Lisboa, descrevendo-se a ordem dos officios e misteres na procissão do Corpo de Deus, vem: «Sapateiros com o Dragão, II Diabos, e 2 *provincos*.» Na linguagem popular dos Açores usa-se repreender as crianças turbulentas chamando-lhes *Previnco* mau. Também na Beira Alta «às crianças turbulentas dá-se o nome de *Probinco*, e diz-se que o *Probinco* é o Diabo».²⁵³ A palavra deriva evidentemente de *per vinculum*, e confirma-se pela operação mágica de *atar o rabo ao Diabo*, para que as coisas perdidas apareçam; em Braga (Gaia) *ata-se a perna* ao Diabo, amarrando um lenço à perna de uma cadeira, e diz-se a fórmula:

Aqui te amarro, diabo,
Aqui te amarro o teu rabo,

²⁴⁸ *Pan.*, t. VIII, p. 346.

²⁴⁹ Malte-Brun, *Geograph*, t. IV, p. 341.

²⁵⁰ *Livre des Legendes*, p. 161.

²⁵¹ Joly, intr., p. 226. No *Livro Velho das Linhagens* lê-se de Pedro Munda: «que dizem que foi *sepolo* do Demo.»

²⁵² Simão Machado, *Comédias Portuguesas*, p. 181.

²⁵³ Leite de Vasconcelos, *Tradição*, p. 315 e 313.

À perna desta cadeira,
Em quanto não aparecer (*a cousa perdida*)
Aqui hás-de padecer.²⁵⁴

No entremez do Anjo, do Conde de Vimioso, entra em cena um diabo amarrado; tal é o *previnco*, que se contrapunha à locução *anda o Diabo à solta*, e que se tornou uma palavra injuriosa. Ainda diz D. Francisco Manuel de Melo: «Vamos ver a procissão. *Lá vem o Diabo na dança com as bexigas.*»²⁵⁵

O pessoal mágico popular: benzedores e sortilegos. – Segundo a antiga concepção árica, que chegou a representar-se no Rig-Veda, a Magia tinha dois aspectos, um bom, que era a obra divina com que se combatia ou atalhava a obra maléfica dos Rakshas e dos Suras, cujo poder se contrapunha ao dos deuses. No pessoal mágico português ainda temos esta concepção primitiva, em que os *sortilegos* empregam as conjurações, pragas e imprecações que fazem mal, e os benzedores ou *benzilhões*, que sabem os ensalmos para curar as doenças, e as orações que protegem o indivíduo em todos os actos da sua vida, quando come, dorme, viaja, ou quando há trovoadas, sabendo *degradar sombras, cortar o ar, e os feitiços, e descobrir tesouros.*

Estes poderes, maléficos ou benéficos, residem na oração! E este o pensamento fundamental de todos os cultos e de todas as teologias antigas, e a razão de ser do corpo sacerdotal, como se observa na classe bramânica. Deus não existe, é a *oração* que o cria, e por si mesma se torna Deus; e aquele que sabe a oração tem em si a divindade e chega a substituir-se a ela. Tal é o sentido expresso na palavra *Brahman*, que significa a oração, o acto cultural, a divindade criada pela palavra (o *Logos* joanino), e por fim o próprio sacerdote bramânico, que sabe trazer à sua vontade o Deus incorpóreo, e que chega a substituir-se-lhe.²⁵⁶ Posto que esta concepção aparece na Índia e no ocidente em épocas de elevada abstracção teológica, com tudo ela tem raízes populares que subsistem ainda, nas práticas em que a palavra rítmica, dialogada, aliterada ou desconhecida se impõe com um prestígio sobrenatural na forma de Oração onipotente à credulidade do vulgo.

Sem este ponto de vista é impossível compreender a variedade e a persistência das orações populares. João de Barros, cita os *cegos rezadores*, do seu tempo: «os officiaes publicos cuja profissão é papel e tinta, que a não tiverem de letra redonda, não sabem rezar hua oração per ella, e pela tirada tam mais correntes que *um cego na Oração da Emparedada.*»²⁵⁷ Nos *Relógios Falantes*, alude D. Francisco Manuel aos *cegos rezadores* (p. 24); e n *Escritório de Avarento*, acrescenta: «já sabeis que muito poucas daquelas mulheres (as regateiras) tem de cristãs, ainda mal, mais que o nome, e com isto assim ser, são a própria pontualidade em assalariar um cego que lhe reze pelos mortos, em quanto elas vão acabando com os vivos. Era meu primeiro amo e cego de sua obrigação e seu fiel merceeiro, que a troco de 30 réis por mês, que não vai mais devoção tão suspeitosa, lhe rezava trinta mil desvarios por hora; não deixava *Testamento de Pilatos; Despedida ou apartamento da Alma, e Imperatriz Porcina*, que em toada lhes não rezasse.»²⁵⁸ Os Índices Expurgatórios do século XVI proíbem muitas destas orações. A mãe de Filinto Elísio ainda pagava aos cegos rezadores, para lhe recitarem na quaresma as quadras da *Fortaleza divina*. Assim como a oração é a boa palavra

²⁵⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵⁵ *Feira de Anexins*, p. 133.

²⁵⁶ Gubernatis, *Piccola Encyclopedia Indiana*, p. 472.

²⁵⁷ *Gramática* (1539).

²⁵⁸ *Apólogos Dialogais*, p. 94.

(*sumna*, o hino) também pode ser a imprecação, a *praga*, que se atira e com que se fere.

No processo de Luiz de la Penha, de 1626, há preciosas amostras das imprecações ou conjurações populares; eis as *Palavras de encantamento* que empregava:

Eu te encanto,
E te recanto,
E sobreencanto,
Com todos os encantadores,
E com a Casa Santa de David,
E com a hóstia consagrada
Se é assim. Aleluia, Aleluia!
S. Marcos te amarque,
S. Manços te amanse;
A graça de Deus e do Espírito Santo te abraque.
A hóstia consagrada te encarne;
Quando me vires
Em mim te remires,
Quando me não vires
Por mim gemas e suspires.

Para *evocar a alma de um defunto*, diz Luiz de la Penha: «Pôr-se-á uma pessoa em pé uma hora, com o rolo aceso diante de si de cera, ha de rezar trinta e três credos, e trinta e três ave-marias, e trinta e três padre-nossos, e antes que reze isto dirá desta maneira:

Deus é luz, luz e Deus,
Resquiescant in pace
Pelos Fieis de Deus.

E isto três vezes; depois ha de dizer:

Alma santa desamparada,
a este mundo sejas tornada
e de Deus sejas desconjurada.

Por aqueles desejos, ardores e fervor,
que tendes de ver a Deus nosso Senhor,
vos peço me venhais falar,
me respondeis ao que souberdes;
e isto que aqui rezo
não vo-lo ofereço nem vo-lo dou
até me não virdes falar;
e se me vierdes falar dar-vos-ei
tudo o que até agora rezei
e me pedirdes.

E isto há-se de fazer todas as noites até que a alma lhe venha falar e aparecer.»²⁵⁹
Há também nos Processos da Inquisição as *orações para matar*, como a seguinte:

²⁵⁹ Ap. *Positivismo*, t. III, p. 203.

Anjos do céu, justos da terra,
 Santos Fieis de Deus,
 Dalém mar, daquém mar,
 No Monte Olivete vos ajuntai,
 E por Jesus Cristo chamai,
 No seu coração gritai
 Por *(o nome da pessoa)*
 Que não durma!
 Que não coma!
 Que se afogue!
 Que se mate!
 Que se enforque!
 Por tal santo e tal santa,
 E que seja logo e já.²⁶⁰

Para fazer mal a uma pessoa, apanha-se terra de uma sepultura e espalha-se à porta dela, espreitando-a se a calca com o pé esquerdo, porque então apanha-se depois, guarda-se e essa pessoa nunca mais tem fortuna (Leiria). E para se livrar deste mal, a pessoa entra na igreja, abaixa-se, apanha para trás o primeiro objecto que está à mão, e mete-o na pia da água benta.²⁶¹ As principais *sortes* que se lançam, são para uma pessoa ser amada por outra, deitando-lhe sal à porta; eis a fórmula de salgamento:

A porta *(de F...)* venho ressaltar,
 Para meu bem e não para meu mal;
 Para que á amante que quiser entrar
 Se arme tal rio, tal mar,
 Tal guerra e tal desunião,
 Como Ferra-Braz com seu irmão.

(Deitando mancheias de sal.)

Esta é para Caifás;
 Esta é para Pilatos;
 Esta é para Herodes,
 E esta é para o Diabo-coxo
 Que lhe aperte o garrocho,
 Que o faça estalar,
 E não possa parar,
 Sem pela minha porta passar
 E comigo falar;
 Tudo o que sonhar me contará,
 Tudo o que tiver me dará,
 E todos as mulheres abandonará,
 E só a mim amará.

(Évora.)

²⁶⁰ *Sentenças da Inquisição*, t. II, p. 182 vº.

²⁶¹ Pedroso, *Superst.*, nos 622 e 129.

A *Carta de tocar* era um poderoso talismã para todos os actos maléficos. Luiz de la Penha revelou como ela se fazia: «Que se avia a pessoa de despir em uma casa só com ele, e lhe avia de tirar da perna esquerda uma pequenina de carne que fizesse sangue, e que lhe poria uma pequena de massa que ele avia de fazer, e com isso haveria uma *carta de tocar*.» (Libelo, art. 3.) Na *Carta de tocar* tem «declarações dos tempos e modos e cousas e evangelhos com que se há de usar delas (art. 17). – E após isto outra carta de tocar... e escrito o *Evangelho de S. João*, e declarando o que se ha de fazer, e diz que se hão de dizer os três Evangelhos em três sextas feiras sobre ela, e que depois a hão de tornar a metei-a debaixo da terra outros tantas sextas feiras em um adro secretamente, e que depois disto hão de fazer as devações que nela diz, e que hão de tocar em sexta feira depois do meio dia, e a segunda feira antes que saia o sol, com estas palavras:

Ah! Barrabás!
à pessoa que quero
por mim virás
e farás
o que a mim praz!

Estas letras nos contos do cabo, e em baixo tem umas letras em três partes; depois de tudo cumprido em dia de sábado, porá debaixo de uma pedra d'ara até que se diga a primeira missa sobre ela, e então servirá; e que hão-de dizer estas palavras o dia que houver de tocar pela manhã à primeira cousa que vir:

Com dois te vejo,
com cinco te escanto;
o sangue te bebo,
o coração te parto. (Art. 17.)

E outro papel com as *Palavras da conjuração das Cartas de tocar*, em que mete a:

Deus Padre e a Virgem Maria,
e todos os Apóstolos,
e Santos e Santas da corte do céu;
e Santa *Leona*, e Santa *Trebuca*,
e Santa *Maruta*,
e *Montenegro* e seus irmãos,
e companheiros que levarão
as cartas e a esconjuração!
E por poples, e por poples, e por poples
lhe diga o seu coração
e a pescadeira e o banqueiro
e a diaba, e que morrão
por ele todos os que foram tocados,
e todos estejam a seus mandados,
e lhe dêem o que tiverem
e lhe pedir, e lhe digam o que souberem.» (Art. 18.)

D. Francisco Manuel de Melo, refere-se à «*Carta de tocar*, em matéria de

casamento».²⁶² Esta classe de sortilégios, exerce uma acção de terror entre o povo: «Também notamos todos os dias o terror com que alguns encaram aquela mulher professa nas artes da bruxaria, a quem fazem carregar com a morte das crianças, e dos gados, com as doenças prolongadas que padecem, e com todos os seus desastres.»²⁶³ O tipo da feiticeira acha-se admiravelmente descrito por Gil Vicente no *Auto das Fadas*, coincidindo com a entidade social primitiva:

Ando nas *encruzilhadas*
Per esconjuros provados
Fazendo vir dez finados
Por saber uma verdade.
E havendo piedade
Das mulheres mal casadas,
Para as ver bem maridadas
Ando pelos adros nua,
Sem companhia nenhũa
Senão um *sino-samão*
Metido num coração
De gato preto e não aí.

.....
Sempre quis ser *solteira*
Por mais estado de graça

.....
Vou pelo *alguidarinho*
A *candeia* e o *saquinho*,
E veredes labaredas.

Este tipo de feiticeira, que adivinha o futuro e faz curas maravilhosas pertence ao tronco primitivo das raças áricas, aparecendo completo entre os povos ceitas, trácios, getas, gauleses e celtas; as druédicas ou *galligovenas*, tinham o dom da visão e da profecia, que se transmitiu às actuais *mulheres de virtude*. Diz Bergman, no seu estudo sobre os *Getas*: «Esta crença dos Trácios e dos Celtas na aptidão especial das mulheres virgens para a visão e para a profecia, foi transmitida por eles a muitos povos do ramo geta, que desde logo preferiram também as mulheres aos homens, mesmo para as práticas da adivinhação.»²⁶⁴ Sprengel conhecia a realidade do facto eliminando o nome de feiticeiros pelo de *feiticeiras*, como notou Michelet. A feiticeira descrita por Gil Vicente também se conservou donzela para ter maior poder; e como as mulheres de visão escandinavas, ela também adivinha pelo *caldeirão* (o alguidar), nas *encruzilhadas*, e emprega o *bolo do sacrifício* (bolo de trigo alqueivado.) Diz Bergman: «A adivinhação pelo *caldeirão*, usada pelos ceitas, transmitiu-se também aos seus descendentes os povos do ramo geta. Exerceram-na entre eles as mulheres vitimárias (*albirunas*) que pela inspecção do sangue das vítimas, que era recolhido no *bolo do sacrifício*, prediziam os destinos e os acontecimentos futuros.» E acrescenta: «A adivinhação pelo *caldeirão* era principalmente usada nos sacrifícios, como a aruspicina entre os romanos. Nos templos gregos, as grandes trípodas não eram senão *caldeirões* primitivos do sacrifício colocados sobre a tripeça.»²⁶⁵ Em Gil Vicente cita-se o *alguidar*, e no processo de Maria

²⁶² *Apólogos Dialogais*, p. 98.

²⁶³ N. M. Sousa Moura. *Panorama*, t. VII, p. 408.

²⁶⁴ *Les Getes*, p. 299.

²⁶⁵ *Op. cit.*, p. 296 e 299.

Antónia há a tripeça, a que Prestes chamava *trepem*. Era nas *encruzilhadas*, ou encontro dos caminhos (*veksaman, scyth*), que os Ceitas colocavam o caldeirão mágico consagrado a Targitavus. Diz Gil Vicente:

Este caminho vai para lá,
Estoutro atravessa cá;
Vós no meio, alguidar
Que aqui cruz não há-de estar.

Diz Bergman: «Este *caldeirão*, como sagrado, consagrava também tudo o que o rodeava; e por isso o largo da *encruzilhada*, e a fonte que aí se achava, eram ambos designados *Veksaman-paihur*.» Desde que o bronze deixou de ter carácter mágico, o caldeirão substituiu-se pelo alguidar e bacia; D. Francisco Manuel refere-se a este uso: «Com sonhos e *bacia de água* há dias que ando de quebra. Beata despida, de cabelo solto, rezando por entre dentes a *Oração de Santo Erasmo*, passeando a casa em louvor de Santo André, nunca dela come bom bocado.»²⁶⁶ Garrett no *Arco de Sant'Anna* também traça este retrato da feiticeira: «Daí com uma pieira rouca e desafinada se pôs a cantar... trocas de má mente, e mau esconjuro, que lhe saíam trepidando dos beijos como espuma de feitiços que fervem num lar maldito em *caldeirão de três pés*, manco, rachado e ao lume de figueira.»²⁶⁷ O retrato mais autêntico tomado sobre o vivo é o de Maria Antónia, de 1683; lê-se na sua sentença do Santo Ofício: «sem saber ler nem escrever, curava todo o género de enfermidade de quaisquer pessoas ou animais, que se lhe ofereciam, lançando dos corpos de outros *endemoninhados* espíritos malignos; *fazia unir as vontades discordes entre os casados; levantava os queixos da boca* aos que lhe caíam, e *fazia parir com bom sucesso as mulheres pejadas*; observando sempre os efeitos das ditas coisas especialmente às quartas e sextas-feiras da semana por as ter mais proporcionadas para os fins que procurava; usando para eles somente de *palavras, orações, bênção, água benta, terra de adro, de nove ervas, de cruces* que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma coisa dos mesmos, estando ausentes, mandando encher em *rios ou fontes* nove vezes uma quarta de água, a fim de vasadas as oito, a nona servisse para remédio dos ditos males. Para a cura dos quais primeiro estremecia e se espreguiçava e *fazia visagens com a boca cobrindo-a*. Dizia que *ela tomava os males e o ar* dos ditos enfermos, aos quais mandava que passassem por pontes escuras para trás. Dava *cartas* a que chamava *de tocar* para fins torpes e desonestos, mandando-as meter primeiro debaixo da pedra-d'ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma *mesa de três pés para cima*, pondo em cada um sua vela ou *candeia* acesa, e no meio uma imagem de *Santo Arasmo*, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava pintãos, os quais logo visivelmente lhe apareciam negros, e os consultava para saber deles como havia de fazer as ditas curas, e dada resposta desapareciam.» Gil Vicente traz no seu esconjuro: «Negro é o corvo e negro é o pez.» A *Oração de Santo Arasmo*, achava-se no mesmo processo:

Senhor Santo Arasmo, Bispo,
Arcebispo, Capelão e Confessor
De meu Senhor Jesus Cristo!
Papa em Roma
Por esses ardores e fervores que tivestes

²⁶⁶ *Cartas*, p. 542.

²⁶⁷ Cap. XVIII.

Em vosso coração quando vistes
 Estes cruéis inimigos a vossas ilhargas,
 Para vossas, tripas vos tirarem
 Em um caneleiro encanelar
 E em o mar sagrado vo-las botar;
 Assim, Senhor, fazei isto que vos peço.»²⁶⁸

A Oração de Maria Antónia, para *conciliar casados*, era: «Eu te desato, desligo, pelo poder de Deus, de São Pedro, de São Paulo e de São Tiago.» E mandava-os lavar dez vezes em água benta.

A *bacia de água* era empregada para adivinhações, como na sorte do chumbo, ou na sorte das luzes. Eis a descrição de Luiz de la Penha: «Tomarão uma altamia de água e três *candeias* de palmas de rolo, e cortá-las-ão de cada parte igualmente, e pô-las-ão acesas na dita altamia da banda de dentro que não chegue à *água* afastadas umas das outras; à primeira da mão direita porá o nome de São João Evangelista, e a segunda em nome de Nossa Senhora, e a terceira em nome da pessoa ou do que quiserem saber; e tanto que tiver isto feito há-de rezar estas orações: treze padre-nossos e treze ave-marias e treze credos, e acabando de rezar cada uma destas orações há-de beijar a terra com a boca, e se houver de ser o que pede há-de apagar primeiro a de São João, e se houver de ser tarde há-de apagar a da Senhora, e se não houver de ser o que pede há-de apagar a sua da tal pessoa.»²⁶⁹ Na sorte do chumbo é um *gral de pedra* ou outro vaso com água, e derramado dentro o chumbo derretido, pelas formas que apresenta é que se adivinha. As sortes eram também empregadas para *descobrir furtos*, como vemos pelo processo de Ana Martins: «lançava sortes pregando uma tesoura no arco de uma peneira e pendurada nela repetia vários nomes, e quando a peneira dava volta, dizia que vinha no conhecimento da pessoa, que havia cometido o furto.»

Vejamos agora a magia benéfica, que começa por desfazer o influxo das entidades do mal. Ana Martins, na *cura dos feitiços*, benzia as pessoas, «e se estavam ausentes benzia aquela parte da roupa ou vestido que lhe traziam, repetindo sempre três vezes o nome de Jesus, e então nomeava a pessoa enferma, e continuava dizendo estas palavras:

Se alguma bruxaria,
 feitiçeira,
 ataria
 redearia,
 acanharia,
 e eleciaria
 te está feita por inveja
 ou por malquerença
 que nela dormisses
 ou por ela passasses,
 te seja logo desfeita
 pelo poder de Deus e de S. Pedro e S. Paulo,
 e do apostolo San Tiago,
 que logo sejas são e salvo.
 E se pelo poder de Caifás está feita
 pelo poder de S. Tiago seja desfeita,
 e logo sejas desatado,

²⁶⁸ Colec. de Moreira, t. I, p. 437 vº.

²⁶⁹ Processo, ap. *Positivismo*, t. III, p. 203.

desamarrado,
desencanhado,
desenliçado
e desenfeitiçado.

E tendo repetido por três vezes as referidas palavras continuava com as seguintes:

Se pelo poder de Satanás foi feito,
pelo poder de S. João seja desfeito;

o que também repetia por três vezes e então acrescentava:

Se pelo poder de Lúcifer foi feito
pelo poder de S. Tomé seja desfeito.
Um te prende, três te soltam,
Padre, Filho, Espírito Santo
Três pessoas e um só Deus verdadeiro.

E no discurso da dita reza estava sempre nomeando a pessoa que benzia, e se estava ausente fazia as ditas rezas e cerimónias sobre o sinal que dela tinha, e acrescentava à dita reza estas palavras:

Um te ata,
três te desata;
um te elecia,
três te desenleciavam;
um te encanha,
três te desencanham;
um te enfeitiça
três te desinfeitiçam
um te embruxa,
três te desembruxam;
um te pica,
três te despícam.

E nomeando no fim as Pessoas da Santíssima Trindade acaba sempre nesta forma a sobredita reza, a qual fazia por certos dias.²⁷⁰

A velha crença da Idade Média, *Ubique daemoni*, é a que persiste entre o povo, que se acompanha de orações em todos os actos quotidianos. A crença mazdeana dos *Anjos da Guarda*, é geral aos povos católicos; no Minho reza-se:

Anjo da minha guarda
Semelhança do Senhor,
Que de Deus foste criado
Para meu amparador.

Peço-vos Anjo bendito
Pela graça e poder,

²⁷⁰ Sentenças (no *Inst.*, t. IX, p. 380).

Que do lado do demónio
Me ajudeis a defender.

(Airão.)

A *Virgem Mãe* é também invocada:

Virgem soberana
Da Conceição
Livrai-me dos perigos
E tribulação.
Assentai-me no livro
Da vossa vida,
Onde a minha alma
Não seja perdida,
Nem eu
Nem coisa minha.

(Airão.)

No Minho rezam-se as seguintes *Orações para o deitar da cama*:

Senhor, nesta cama me deitei,
Sete Anjos nela achei,
Três aos pés e quatro à cabeceira
E Nossa Senhora na dianteira.
E Nossa Senhora me disse:
– Filho meu, dorme e repousa,
E não tenhas medo de qualquer coisa.²⁷¹

²⁷¹ Numa variante de Ourilhe, acrescenta-se:

Persina-te, e persino-me eu:
Benta é a hora em que Cristo nasceu;
Bento o altar
Benta a hora em que me fui deitar;
Tange a hora,
Cristo a tange, a Virgem adora;
Ditosa a alma que se deita nesta hora.

Em Aveiro diz-se pela seguinte forma:

Graças a Deus	Quatr'à cabeceira
Que já me deitei,	E Nossa Senhora
Sete anjinhos	Na dianteira
<i>Eu</i> encontrei	Ela me disse:
Três aos pés	«Filha, dorme e repousa,
Não tenhas medo	Pregado na cruz.
De nenhuma cousa;	Seus braços abertos
Não tenhas medo	Seus pés encravados,
Que aqui está Jesus	Vertendo o seu sangue
Seus braços abertos	Por os nossos pecados.

Esta oração popular encontra-se com outros cortes métricos.

Esta oração do Minho termina quase sempre com o seguinte pensamento:

Quem esta oração disser
Quando se for deitar
E a quando se alevantar,
Ainda que os pecados sejam tantos
Como as ervinhas dos campos,
Como as areias do mar,
O Senhor tudo há-de perdoar.

Outra:

Eu me entrego a Deus Padre
E à Virgem sua madre;
E aos quatro Patriarcas,
E aos onze Serafins
E aos onze Apóstolos,
E ao Senhor São Marcos,
Sejam marcos da minha alma

Outra:

Senhor, nesta cama
Deitar-me quero,
E minha alma
Vo-la entrego;
E se eu durmo

Acordai-me,
E se eu morro
Alumiai-me
Com o auxílio
Da divina graça.

Outra:

Senhor, nesta cama
Me vou a deitar;
Para o meu corpo
Descansar.
E se eu nela morrer

Que não possa falar,
O meu coração
Três vezes dirá:
– Jesus, Jesus, Jesus,
Me queira salvar.

Outra:

Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Com obra e graça
Do Espírito Santo,
E o Senhor nos cubra
Com o seu manto;
E se eu com ele

Coberto for
Não terei medo
Nem pavor,
Nem de cousa
Que má for,
E – Amen seja
Em seu louvor.

No livro *Violetas*, de Melo Freitas, p. 278, onde traz esta nota: «Muita gente reza ainda ao deitar da cama esta estranha oração.» O mais notável, porém, são uns longes de semelhança que tem com outra que Henri Conscience apresenta: «Le soir, quand je vais me coucher – seize petits anges m’accompagnent – deux se placent à mon chevet – deux à mes pieds, – deux à ma droite, deux à ma gauche – deux me defendent, et deux m’ éveillent – et deux me montrent le chemin – du celeste Paradis. Cette singulière priere de même qu’une autre commençant par ces mots: Bon ange Saint Michel, je vous recommande mon âme et mon corps, – est encore recitée à Anvers par les enfants, dans une foule de familles. Immédiatement après suit le *Notre Pere* ou toute autre prière connue.» (*Les veillées flammandes.*)

Contra os meus inimigos
 Baptizados ou por baptizar;
 Arrebenta Satanás,
 Arrebentem eles todos
 E algum mais se fica atrás.

Outra:

Com Deus me deito
 Com Deus me alevanto,
 Com a graça de Deus
 E do Espírito Santo.
 Nossa Senhora do Pranto
 Me cubra com o seu manto;
 E se eu bem coberto for,
 Não terei Medo nem pavor.
 Amen, Deus, Jesus, Senhor.
 Se eu dormir, acompanhe-me,
 Se eu morrer, alumiai-me (me alumiade)
 Com as três tochas
 Da Santíssima Trindade.

Outra:

Nesta cama me venho deitar;
 Com nossa Senhora quero falar.
 Quatro coisas lhe quero pedir:
 A confissão e a Santa unção,
 O círio e a luz;
 Assim o permita Jesus.
 Senhor meu Jesus Cristo.
 Na minha cama me deito,
 Não sei se me levantarei,
 Eu me confesso e comungo,
 Na vossa santa lei.

Senhor meu Jesus Cristo,
 Amor do meu coração,
 Perdoai-me os meus pecados,
 Bem sabeis quais eles são.
 O Anjo tocou a hora,
 Cristo a adora,
 Bendita seja a alma
 Que se deita nesta hora.
 Fui deitar-me sozinha
 Ergui-me com companhia,
 Em roda da minha cama
 Achei a Virgem Maria.
 Quantos, Senhor, se vão deitar,
 E amanhecem finados,

Não seja, Senhor, eu um desses,
Pelos meus grandes pecados.

Oração para defender a casa:

Senhor São Marcos de Monte Maior,
Livrai-me de bruxas a casa em redor,
Toca na nómina, a nómina toca;
Os Anjos a tangem, a Virgem a adora.

Nas ocasiões de *grande perigo* o povo costuma repetir (Porto):

Chagas abertas,
Lado ferido,
Sangue derramado
Meu Senhor Jesus Cristo
Se meta entre nós
E o perigo.

Quando há trovoadas, reza-se nas aldeias:

São Jerónimo e Santa Bárbara
Dai-nos a vida que viveste
E livrai-nos da morte
Em que morrestes.
São Pedro e São Simão
Que trazem a chave do trovão,
Assim como eles são santos
Assim tragam os trovões mansos.

(Carrazeda de Anciães.)

Santa Bárbara bendita,
Se vestiu e se calçou,
Ao caminho se botou,
A Jesus Cristo encontrou.
O Senhor lhe perguntou:
– Tu, Bárbara, onde vais?
«Vou espalhar as trovoadas
Que no céu andam armadas,
Deitá-las para a serra do Marão,
Onde não haja palha nem grão,
Nem meninos a chorar,
Nem galos a cantar.»²⁷²

²⁷² Leite de Vasconcelos cita uma fórmula bretã (Suavé, *Prov. et Dictons*, nº 909) que merece aproximar-se dos dois últimos versos:

va-t'en loin d'ici
.....
Où tu m'auras coq chanter

(Vila Real.)

No processo de Ana Martins, de 1694, vem uma fórmula *contra as trovoadas*, o que repetia três vezes e logo cessavam:

Encosta, trovão encosta
que em dia de São Goma,
não tomei sarilho nem roca,
nem cajado para jogar a choca;
aos matos maninhos,
e à serra do Marão,
onde se não cria palha nem grão,
pó, nem coisa boa para cristão.
Arreda, trovão,
arreda, que não faças mal a nenhum cristão.²⁷³

Para achar as coisas perdidas costuma-se responder a Santo António; a antiga divindade Ataecina (em relação com *Athene*, segundo D. Joaquim Costa) conforme uma inscrição de Vila Viçosa era invocada pelos lusitanos para descobrir os objectos roubados.²⁷⁴ A analogia dos dois nomes actuaria em certo modo na adaptação da tradição. Em Espanha diz-se:

Santo António português
Devoto de lo perdido,
Mio amante se perdeu anoche
Buscármelo, Santo mio.²⁷⁵

Na Sentença de Ana Martins, de 1694, vem a seguinte Oração a Santo António *para achar as coisas perdidas*:

Milagroso Santo António,
pelo hábito que vestiste
pelo cordão que cingiste
pelo breviário que rezaste,
pela cruz que tomaste

Nous plus qu'enfantelet pleurer.

(Era Nova, p. 515.)

²⁷³ Em Ourilhe esta Oração reza-se a São Cristóvão:

S. Cristóvão se vestiu e calçou,
E na sua cajatinha pegou,
E ao caminho se botou,
Jesus Cristo encontrou.
«Tu Cristóvão, onde vás?
– Vou talhar estes trovões,
Sobre nós andam armados.
«Ora vai, Cristóvão, vai

Bota-os ao monte balhinho,
Onde não haja pão nem vinho,
Nem ramo de figueira,
Nem bafo de menino,
Nem nada que faça mal.
Amen Jesus.

(*Romania*, t. III, p. 266.)

²⁷⁴ *Poesia Popular Española*, p. 344.

²⁷⁵ R. Marin, *Cantos Populares Españoles*, t. II, p. 261.

pelo Senhor que levantaste
 por aqueles três dias
 que no horto de Jesus
 em busca do breviário andaste,
 pelo contacto que de Jesus tiveste;
 que nos seus braços se foi assentar,
 pelo rico sermão
 que na cidade de Pádua estava pregando,
 e revelação
 que tiveste que levavam vosso pai
 à força por sete sentenças falsas,
 e delas o livraste,
 enquanto a gente rezava a ave-maria,
 e o vosso rico sermão acabaste,
 assim vos peço padre Santo António
 façais aparecer o que se furtou...

«E depois da sobredita reza fazia a *sorte da peneira*, pregando no arco dela uma tesoura aberta, e fazendo certas bênçãos e esconjuros à peneira, quando ela a um dos muitos nomes que repetia, dava duas voltas, era certo ser aquele o da pessoa que havia feito o dito furto.» No Minho (Airão) reza-se a seguinte, com algumas analogias com outra oração popular em Sevilha:

Oh meu alto Santo António
 Em Lisboa foste nado,
 Em Roma foste criado!
 Santo António se levantou,
 Seu bordãozinho agarrou,
 Seu caminhinho andou;
 Jesus Cristo encontrou
 E o Senhor lhe perguntou:
 – Onde vais, António?
 «Senhor, para o céu vou.»
 – Tu comigo não irás;
 Tu na terra ficarás,
 Missas que mandar dizer.
 Todas tu as ouvirás,
 O que perderes acharás.²⁷⁶

²⁷⁶ *Oração de Santo António:*

San Antonio de Pauda,
 que em Pauda nasiste
 en Portugal de criaste,
 en er purpito de Dios pericaste;
 estando pericando er sermon
 te bino un ange con la embajá;
 que á tu pare le iban a ajustisiá.
 Er camiôito tomaste
 er berebiano te se perdió
 la Birgen se lo encontró;
 tres boses de tió:

Em uma oração a Santa Bárbara (versão de Gondomar) há o tipo comum: «Tu comigo não irás. Tu na terra ficarás.»

Contra os *cães danados*, há também uma poderosa oração, que se reza em Roriz:

Senhora da Luz,
Senhora da Bela Cruz,
Senhora da Reginandade,
Que me livre de cães danados
E por danar;
De bichos achados
E por achar.
De homem morto
Que é mau encontro,
De homem vivo
Que é mau perigo,
São Romão seja comigo.²⁷⁷

Muitas devoções populares resultam destas crenças do poder da oração contra o perigo; os santos a que se rezam são *advogados*, tais como : Santa Luzia, da vista, São Marçal, dos incêndios, e Nossa Senhora da Meca, contra os cães danados. Nesta situação de espírito, as doenças deveriam tomar um carácter *sagrado*, como a epilepsia, o *benzinho de Deus* ou gota, o *Mal de ave-maria* ou o estupor e propriamente a apoplexia; assim os benzilhões tomavam-se curandeiros.

Os curandeiros e a medicina popular. – Muitas práticas supersticiosas são restos de um *empirismo* espontâneo, quer tradicional ou vulgar, com que o povo trata as suas doenças. O empirismo vulgar consiste em analogias estabelecidas entre as doenças, como a erisipela e as herpes, ou entre os órgãos, como os braços e as pernas, aplicando-lhes assim os remédios de uns para os outros.²⁷⁸ O empirismo tradicional, caracteriza-se nesta ordem de superstições pela sua proveniência *egípcia*. É no Egipto que vemos a medicina com um carácter sagrado; no templo do Imhotep, em Mênfis, existia uma biblioteca médica, conservada ainda no tempo dos imperadores romanos, e cujos remédios eram adoptados pelos médicos gregos ²⁷⁹, que para lisonjearem a sociedade romana retrogradavam de experimentalismo ao empirismo alexandrino. Os médicos egípcios eram essencialmente especialistas, carácter que se conservou na escola de Alexandria, e que o povo ainda exige, como nos *algebristas* ou endireitadores de articulações. As doutrinas médicas egípcias, consistiam na crença nos *espíritos vitais*, donde se conserva ainda na linguagem usual a locução do *sopro da vida* e *sopro da morte*, que entre o povo se traduz pela expressão genérica de *flato*, e *ar*. Paracelso, que

Antonio! Antonio! Antonio!
buerve atrás,
lo orviaio será jallao,
Santo mio,
por tu ramito e flores
que paresca lo perdio.

(Carmona – Sevilla.) Ap. *Folk-Lore Andaluz*, p. 41

²⁷⁷ *Almanaque de Lembranças*, para 1872, p. 198.

²⁷⁸ Daremberg, *Hist. des Sciences Médicales*, t. I, p. 172

²⁷⁹ Maspero, *Hist. des Peuples de l'Orient*, p. 81.

se apresentava como um reformador da medicina, não fez senão retrogradar a esta tradição egípcia; dizia ele no *Labyrinthus Medico rum*: «A medicina deve provir deste espírito que há no homem. O que vem deste espírito, ao qual regressa, é o verdadeiro discípulo da medicina.»

A tradição egípcia passou para Roma, por meio de Asclepiades, amigo de Cícero, lavrando sobre um solo em que dominava o empirismo vulgar, dominando os curandeiros, que nas famílias eram os escravos, ou às vezes os chefes, como Catão o censor, que detestava com todas as suas veras o diagnóstico científico da medicina grega. Plínio descrevendo minuciosamente este empirismo, conservado em Roma já das práticas etruscas, já da influência alexandrina, foi um dos propugnadores durante a Idade Média dos curandeiros, que nos aparece tanto nos livros da polifarmácia (*Portugal Médico*, *Polvanthea Medicinal*, e outros) como na transmissão oral do povo. Vejamos como a compreensão das doenças e a forma do tratamento, são justamente aquelas que se transmitiram do Egipto; escreve Maspero, sobre o *Papiros de Berlim*, em que se enumeram as principais doenças, ainda hoje populares, as *varizes*, *úlceras nas pernas*, *erisipela*, o *bicho*, e a *epilepsia* ou a doença divina: «as doenças não tinham sempre uma origem natural. Eram muitas vezes produzidas por espíritos maléficos que entravam no corpo do homem, traindo a sua presença por desordens mais ou menos graves. Tratando-se dos efeitos exteriores, chegava-se quando muito a aliviar o paciente. Para conseguir a cura completa, era preciso suprimir a causa principal da doença, *afastando com rezas o espírito da possessão*. Assim uma receita do médico compunha-se de duas partes, uma *fórmula mágica* e uma *fórmula terapêutica*.»²⁸⁰ É este o carácter das receitas médicas do povo, em que se cura directa e exclusivamente com *palavras*, ou em que há também uma parte terapêutica, poções (*fervedouros*), cataplasmas ou *estopadas*, e pomadas ou *unturas*.

No romance picaresco a *Lazona andalusa*, do padre Francisco Delicado, vem a enumeração da medicina popular do século XVI: «Yo sé *ensalmar*, y *encomendar* y *santiguar*, cuando alguno esta ahojado, que se vieja me vezó, que era saludadera y buena como yo; sé *quitar ahitos*, sé para *lombrices*, sé *encantar la terciana*, sé remedio las *cuartanas*, y para el *mal de madre*, sé *cortar frenillos de bobos* e no bobos, sé hacer que *no duelan los riiones* y *sanar las renes*, y sé *medicar la natura de la mujer* e del hombre, sé *sanar la sordera*, y sé *ensolver sueños*, sé *conocer en la frente la phisionomia*, y la *chiromancia* en la mano e *prenosticar*.»²⁸¹ Nas orações populares portuguesas há fórmulas mágicas para todas estas curas, umas dos processos da Inquisição dos séculos XVII e XVIII, outras da tradição oral corrente.

A *palavra* tem um poder excepcional sobre os espíritos que produzem a perturbação patológica, sobretudo sendo *palavra innota* (v. supra, pp. 34 e 35). Na ilha de São Miguel, diz-se contra o poder maléfico das bruxas estas palavras incompreensíveis:

Coronguena, santa cruz,
Mechicanto,
Jeque domenada,
Domenatatada
Sabistisanto.²⁸²

Herculano também cita uma fórmula com palavras desconhecidas:

²⁸⁰ *Hist. Anc. de l'Orient*, p. 85.

²⁸¹ *Retrato de la Lozana Andaluza*, p. 216.

²⁸² *Almanaque do Arquipélago Açor.*, para 1868, p. 110.

Ten ato,
 Ferrato
 Andato,
 Passe por baixo.²⁸³

O poder de *curar com palavras* foi reconhecido oficialmente por um alvará de D. João IV, de 13 de Outubro de 1654, no qual concede ao soldado António Rodrigues 40 mil réis por ano pelas curas que tem feito com palavras, e para assistir ao exército «*para se poderem valer dele*».²⁸⁴ Na tradição popular ainda subsiste o título de *Doutor da mula ruça*; que era um médico da época de D. João III, provavelmente, à altura deste estado mental. Na Finlândia, o curandeiro conhece a doença e o seu remédio por um dom sobrenatural, o *synti*; Ana Martins, que foi condenada na Inquisição de Coimbra fazia as suas curas: «benzendo como dantes costumava, aplicando-lhe por maior segurança a dita *reza dos feitiços, por servir para toda a doença*, e tanto que lhe falavam individualmente naquela que padeciam, sentia ela em si o mesmo achaque, e por isso continuara a reza em ordem ao mesmo mal não conseguindo algumas mestras, que primeiro se benziam a si para se livrarem do achaque do que benzessem, porque o *mal sempre há-de vir à pessoa que benzia para o enfermo ficar livre dele*, usando também da reza do Anjo Custódio por ser muito eficaz para lançar fora todos os achaques, espíritos malignos, que ela lançava dos corpos obsessos...» Usa-se geralmente na Estremadura começar o tratamento benzendo o doente com contas de azeviche, fazendo-o cuspir sobre brasas dizendo ao mesmo tempo: «*Para nada preste! Para nada preste! Para nada preste!*» As brasas são depois deitadas ao mar.²⁸⁵ No processo de Ana Martins, de 1694, lê-se que benzendo os enfermos «andava com as contas em círculo da cabeça das mesmas pessoas», dizendo que:

Pelo poder de Deus
 de S. Pedro e de S. Paulo
 e de todos os Santos
 que te livrem daqueles males;
 eu te degrado
 para a ilha do Enxofre,
 e para o mar coalhado
 por tantos anos
 quantos são os granos
 que ha em um alqueire
 de milho painço;
 porque eu sou a benzedeira
 a senhora e a curadeira...

E algumas vezes acrescentava:

Eu degrado o ar da figueira,
 o ar do soar e desoar da porta,
 o ar da galinha choca

²⁸³ *Pan.*, t. IV, p. 164.

²⁸⁴ Publicado no *Jornal de Coimbra*, nº 45, parte 1, p. 219.

²⁸⁵ Pedroso, *Superst.*, nº 193.

o ar do cisco da casa...²⁸⁶

Em outro lugar da sentença se lê acerca de Ana Martins: «Antes de fazer a reza e de chegarem as ditas pessoas à sua presença, conhecia o mal, que padeciam, porquanto se era *quebranto*, se punha nos braços dela Ré, e se eram feitiços, se lhe punham no coração, sentindo numa e noutra parte grandes dores.» No Alentejo chama-se a estes curandeiros *soldadores*.²⁸⁷

Lê-se na sentença contra Ana Martins (1694) as seguintes capacidades médicas: «curava de várias enfermidades, e para esse fim a procuravam muitas pessoas ou a mandavam consultar a respeito dos achaques que padeciam, e *lançava os espíritos malignos fora dos corpos de algumas pessoas*, que estavam endemoninhadas, *desfazia feitiços, desligava as pessoas que estavam ligadas, descobria os furtos*, declarando quem os havia feito. E para efeito de fazer as ditas curas e obrar todo o referido, não aplicava remédios naturais..., mas somente usava de palavras que dizia, e bênçãos que lançava sobre as pessoas enfermas... disse e confessou que... se inclinara a curar todos os achaques e enfermidades para que fosse consultada, e assim se resolveu a aplicar remédios às pessoas que tinham *quebranto, feitiços, ar ciático, gota, figado, frialdades, febres, maleitas, fogo de ferido, dores de dentes, quebraduras, desmentiduras*, e outras várias enfermidades...» Transcreveremos em seguida algumas das fórmulas e práticas empregadas por esta benzilhona:

Achaques de ar. – Atalhava o ar benzendo a pessoa enferma «e nomeando-a», dizia as palavras seguintes:

Se um to deu,
Três to tirem,
Que é Padre, Filho e Espírito Santo,
Três pessoas e um só Deus verdadeiro.

(E tornando a «nomear» a pessoa enferma):

Eu te talho esta ciática,
gota e frialdades,
pelo poder de Deus,
de S. Pedro e S. Paulo,
que logo sejas são e salvo,
que nenhum mal aqui entraria,
e logo são ficaria.

Chagas ou fogo nas feridas. – Nomeava primeiro três vezes o nome de Jesus, continuava dizendo:

Assim como o mar não tem sede,

²⁸⁶ Empregava-a também para benzer endemoninhados (*Instituto*, t. IX, p. 381).

²⁸⁷ «O costume de se medicarem os enfermos com bênçãos, sortilégios e invocações, e de recorrerem aos *soldadores* e *benzilhões* é antiquíssimo nesta vila (Nisa) assim como as suas funestas consequências; porquanto já no ano de 1681 o bispo D. Rodrigo Russel as proibiu com pena de excomunhão, e recomendou em visita ao Vigário da Vara, que inquirisse todos os anos escrupulosamente deste negócio, e se alguns descobrisse, os fizesse prender e remeter para Portalegre para serem punidos; mas apesar do rigor, eles sempre foram escapando, e hoje, que deveriam acabar pelas luzes da época, tem-se multiplicado e engrandecido como nunca...» (Dr. Mota e Moura, *Mem. Hist. da Vila de Nisa*, t. II, p. 81).

nem o lume frio,
 nem Deus outro Senhor,
 assim se tire daqui
 este fogo roborado,
 figado,
 talhado,
 coceira e pruído,
 para que fique são e salvo
 para poder de S. Pedro e S. Paulo
 e do Apóstolo S. Tiago.

E algumas vezes fazia estas bênçãos com folhas de sabugueiro.²⁸⁸

Para curar quebraduras e deslocaduras. – Pondo a mão na parte lesa da pessoa, e nomeando-a, dizia:

Assim como Nosso Senhor
 foi de setenta e dois espinhos coroados,
 de três pregos na cruz pregado,
 de cinco chagas chagado,
 dos judeus cuspidos e esbofeteado,
 pela rua da Amargura
 com a cruz às costas levado,
 de seu corpo e membros desconjuntado,
 e depois de ressuscitar
 se tornaram ao seu lugar,
 assim se tornem estas estortegaduras
 quebraduras,
 desfiaduras,
 desmentiduras, que logo fique são e salvo.

O que também repetia por três vezes.

Para o fluxo de sangue. – Perguntando à pessoa:

Se lhe pesava aquela sangria?

Respondendo a dita pessoa que pesava, continuava dizendo:

«Assim pesa à Virgem Maria
 como á mulher que ao sábado fia
 e à véspera do seu dia:
 Pelo poder de Deus
 de S. Pedro e S. Paulo
 e da Virgem Maria
 que logo estancado seria
 e mais aqui não correria.

E quando o fluxo do sangue era dos narizes, acrescentava as seguintes palavras:

²⁸⁸ *Sentença de Ana Martins*, 1694.

Sangue tem-te em ti,
assim como a Virgem
se teve em si.

Dor de dentes. – Correndo a mão pelo rosto e queixos, dizendo três vezes o nome de Jesus:

Santa Apolónia!
Assim como os vossos dentes
com uma turquês tiraste,
e os queixos adormentaste,
assim me adormentai
os queixos desta pessoa;
para que daqui se tirem corrimentos,
moimentos e dores
Pelo poder de Deus
de S. Pedro e S. Paulo
e do Apostolo S. Tiago;
e em nome da Virgem Maria,
e da gloriosa Santa Apolónia,
que logo os adormentaria;
são e salvo ficaria.

Comecemos a descrição das doenças da patologia popular, pelas moléstias da pele e suas análogas. A *fogagem*, talha-se fazendo-lhe cruces em volta com três olhos de sabugueiro, e cada olho com três folhas, dizendo:

Sempre-verde venerado,
Na campa do Senhor fostes achado,
Sem ser nado,
Nem semeado.
Talha este fogo, este roborado,
Ar de vivo ou morto excomungado,
Tudo aqui talha²⁸⁹
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.

(Penaguião.)

A *brotoeja* cura-se vestindo uma camisa de mulher se o doente é homem e vice-versa (Estremadura). O *fogo louro*, é o que no Minho se chama o *bicho*, e em outras partes *cobreia* (Açores); se quando esta forma herpética cinge completamente o braço ou o pescoço (isto é, que o bicho junta o rabo com a cabeça) morre-se inevitavelmente. *Talha-se o fogo louro*, cortando esparto de archote queimado e palhas alhas, dizendo:

²⁸⁹ Em Guimarães, diz-se:

Ar de vivo,
Ar de morto,
Ar de excomungado
Sai deste corpo.

Eu te corto a cabeça,
 Eu te corto o corpo,
 Eu te corto o rabo,
 Eu te corto todo.

Ajunta-se o retraço da tesoura, deitando-o sobre o pescoço do doente, dizendo:

Eu o Tejo e o Douro
 E o Minho passei
Fogo louro talhei

Em outras partes fazem-se cruces com uma faca sobre a parte lesa, dizendo:

«Que talho? – Bicho.
 «Bicho e bichão,
 «Sapo, sapão,
 «Aranha, aranhão
 «Bicho de toda a nação,
 «Tudo aqui talho,
 Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
 E de S. Pedro e de S. Paulo,
 E do apóstolo S. Selivestre,
 Isto que te eu faço preste.
 E ele seja o verdadeiro mestre.²⁹⁰

(Airão.)

O *cobrelo*, cura-se no Cadaval deitando cinza de palhas alhas em água fria, borrifando-o com vassoura de esparto, e diz-se:

«Ai Senhor, que tenho medo!
 – Não temas Pedro,
 Que isso é um *cobrelo*,
 Dá-lhe com água da fonte
 E um esparto do monte,
 Co'a ajuda de Deus e da Virgem Maria
 Ele abalaria,
 Padre Nosso, Ave-Maria.

Em louvor de Santa Andreza
 E de Santa Andrezinha,
 Com água de três fontes
 E um raminho de oliveira
 Me curou o cobrelo que tinha.²⁹¹

²⁹⁰ Em Guimarães, diz-se:

Cobra, cobraão
 Sapo, sapão
 Todo o bicho da nação

²⁹¹ Leite de Vasconcelos, in *Era Nova*, p. 521.

Estes ensalmos também se aplicam para queixa de *lombrigas* e bicho no corpo; no processo de Ana Martins, de 1694, tomam-se «três folhas de silva por cada vez, benzendo a pessoa enferma»; em Alijó «em vez de se usar faca, pode-se usar três folhas de silva, que se unem e movem em forma de cruz».²⁹²

Em Minde, concelho de Porto de Mós, para curar o *cobrão* «fazem um misto de pólvora, alhos pisados e vinagre, e depois em forma de cruz passam três vezes por cima da parte enferma, com as costas de uma faca, acompanhando as cruces»:

Que anda de rasto pelo chão,
Para que não cresças
E nem avessas,
Mas antes obedeças
Que venhas a bom humor
Assim como vem o cheiro á flor.

Aspergem-no com ramo de alecrim e vinagre dizendo:

Eu te corto, corvo,
Cabeça e rabo
E corpo todo!
Quando S. Bento era estudante,
Nenhum bicho ia para diante,
Na mesma escola andava S. Brás,
Aqui te seques, aqui te mirrarás.²⁹³

Na ilha de São Miguel cura-se a *cobreia* esmagando com uma faca quente grãos de trigo e com o óleo negro que fica untando a herpe que lavra.

No processo de Luiz de la Penha, a *erisipela* é curada com as seguintes palavras:

Rosa maldita
Enconoza e embelicosa
Vae-te daí
Que de agua e de vento
Foiste engendrada.
«Com que la secaria?
– Com el dulce nombre
De la Virgen Maria.
«Com que lo sequára?
– Com el dulce nombre
De la Virgen sagrada.
Rogo e pido por mercê
A la gloriosa Virgen nuestra Senhora,
Que ella sane esta rosa (*de foão*)
Enconosa e embelicosa
E la eche per donde no abitem animaes,
Nin cousa adomde agua danhe
Em nome del Padre e del hygo,

²⁹² Idem, *ibidem*, p. 523.

²⁹³ *Almanaque de Lembranças*, para 1868, p. 174

E del spiritu santo. Amen.²⁹⁴

Nesta fórmula é notável o misto de castelhano e português; o nome alemão *rose*, a erisipela, já foi aproximando da imprecação do feiticeiro de Évora; inconosa é talvez incógnita ou desconhecida. Na imprecação de Fafe, erisipela é a *rosa vermelha*.

A *erisipela* cura-se em Fareja, do concelho de Fafe, fazendo cruces com uma faca ou com ramo de sabugueiro (*sempre-verde*) com azeite, sal e água, dizendo-se a fórmula:

Pela serra da Naia passei,
Bichos e bichas, sapos e cobras matei,
Santa Cecília encontrei,
Três filhas tinha,
Uma pela água abaixo,
Outra pela água acima;
Outra foi visitar Nossa Senhora
E lhe perguntou que remédio lhe daria?
– Talha-l’ a *rosa* vermelha
Que le come e doe e proe,
Com saí do mar,
E agua da fonte
E erva do monte.
Com poder de Deus e da Virgem Maria,
E todos os santos e santas;
Em louvor de S. Pedro e de S. Paulo,
Em louvor de S. Silvestre
Que tudo o que eu fizer tudo preste.²⁹⁵

Em Guifões, concelho de Bouças, em vez de sempre-verde vai-se buscar ao monte três raminhos de *carcodia*, demolhando-os em água e azeite e cercando a parte inflamada; em uma fórmula de Ourilhe a planta com que se talha a erisipela são três folhas de *ar da guia*, e na fórmula de Ana Martins, de 1694, são três folhas de *ardegaria* (a artagenia dos gregos ou clematite). Em Cinfães, a erva chama-se *acintro* do monte. Em Penaguião, a *zipla* talha-se fazendo cruces com lã de ovelha viva, molhando-a em azeite, e tocando no doente:

Jesus, Jesus,
Nome de Jesus!
E nome de toda a virtude.

Pedro Paulo foi a Roma
Jesus Cristo encontrou,
E ele le perguntou:
«Pedro Paulo, que vai por lá?
– Senhor! morre muita gente
De zipla e ziplão.
«Toma lá, Pedro, e talha
Co’o azeite da oliva,

²⁹⁴ *Positivismo*, t. III, p. 201.

²⁹⁵ *Era Nova*, p. 521. V. a fórmula de 1694 retro.

E lá de ovelha viva.
A zipla não mais labraria,
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.²⁹⁶

Em Ourilhe diz-se, além de uma variante desta fórmula, a seguinte:

Que faria á *rosa* vermelha
Que aqui come, arde, doe e proe?
– Dá-lhe com sal do mar
E erva do monte,
Dá-lhe com tudo defronte,
Que a Senhora permitirá
Que este mal abrandará.
Assim venha este mal
A bem e a amor,
Assim como vieram as chagas
De nosso Senhor.
Deus te torne a teu estado
Como foste nado e criado.²⁹⁷

A analogia que predominava na medicina empírica e popular, explica muitas destas fórmulas; assim para *talhar bichos*, em Alijó aplica-se a fórmula: «Pedro Paulo foi a Roma...» E para *talhar a queimadura e escalda-dura*, repete parte da fórmula que se emprega contra a erisipela; na sentença de Ana Martins, de 1694, vem a fórmula com que curava a queimadura:

«Santa Sofia, três filhas tinha
Uma mandou-a à fonte,
E a outra pela lenha ao monte,
E a outra pelo lume à vila.
A que foi por lume à vila
Em fogo ardia.
– Que lhe faria
Santa Sofia?
Cospe-lhe, sopra-lhe
Três vezes ao dia,
Que mais não lavraria.

A fórmula usada em Fafe para a erisipela, emprega-se em Guimarães, Porto e Viseu para as *escaldaduras*; e em Cinfães para talhar os *unheiros* (bafejando-os depois de ter trincado a folha de louro ou alho):

Santa Iria
Três filhas tinha;
Uma foi á fonte
Outra foi ao rio
Outra em fogo ardia.
Encontrou Nossa Senhora,

²⁹⁶ *Era Nova*, p. 518.

²⁹⁷ *Romania*, t. III, p. 276.

E lhe perguntou
 Que remédio lhe faria?
 Nossa Senhora lhe respondeu:
 «Cuspe-lhe, cuspe-lhe
 Que ela lhe sararia.»²⁹⁸

No Minho, com a mesma fórmula se *talha o bicho*, pondo um carvão na mão, sinal da sua relação com a queimadura. O nome invocado *efrica* (do grego *ephros*, a espuma) revela uma tradição erudita:

Efrica, Efrica
 Três filhas tinha,
 Uma ia pela agua,
 Outra ia pelo lume,
 Outra em fogo ardia,
 Perguntando pela Virgem Maria.
 E a Virgem le respondia:
 Scope, escope três vezes ao dia.²⁹⁹

A *erisipela* cura-se na Estremadura suspendendo do tecto uma cebola albarrã presa pela rama; em outras partes, apanha-se uma *toupeira*, e corta-se-lhe a cabeça, que a pessoa doente traz ao pescoço num saquinho.³⁰⁰ A toupeira passa por ser um bicho peçonhento, e atribui-se-lhe (Monção) os frínculos que se formam na parte do corpo que ela toca; chama-se *talhar a toupa* a cura dos *frínculos* (abcessos flegmonosos) que consiste em matar a toupeira, guardando o segredo disso por um ano. Aqui temos a *analogia* do *flegmon* em formação com a erisipela. A *espinhela caída*, é o nome que o povo dá a uma deslocação do apêndice *chifoideu*; cura-se atando uma fita do dedo polegar até ao cotovelo e depois à cinta, com as palavras:

A Senhora Senhorinha
 Três novelos de oiro tinha,
 Um urdia,
 Outro tecia,
 Outro espinhela, espinhaço
 E baço erguia.
 Assim como abelha e abelhame
 Entra no meu cortiçame,

²⁹⁸ *Romania*, t. III, p. 275. No *Ensalmo del mal francorum*, que vem na novela picaresca da *Lozana andaluza*, imita-se a fórmula típica das três filhas:

Eran tres cortesanas
 Y tenian tres amigos
 Pajes de Franquilano;
 La una lo tiene publico,
 Y la otra muy calado;
 A la otra
 Le vuelta con el lunano.
 Quien esta Oracion dixere
 Tres vezes a rimano,
 Quando nace sea sano. Amen. (*Op. cit.*, p. 88.)

²⁹⁹ *Era Nova*, p. 525.

³⁰⁰ Pedroso, *Superst.*, n.º 669, p. 583.

Assim como o padre vai para o altar,
Três vezes vira o livro e torna a virar,
Assim a espinhela, espinhaço e baço
Torne ao seu lugar.³⁰¹

(Guimarães.)

A *quebradura* das crianças (hérnia scrotal, ou umbilical) tem uma forma dramática. Em Trás-os-Montes, na noite de São João serra-se ao meio um tronco de carvalho cerquinho e passa-se através da criança, unindo logo as duas partes do tronco e amarrando-as; se o tronco continua verde, a criança fica boa da hérnia.³⁰² É a persistência do costume proibido na Ordenação Manuelina, de *passar doente por silvão ou machieiro*. Deve fazer-se a cerimónia em noite de São João. Na Beira a criança há-de ser passada por um moço que se chame *João* para rapariga que se chame *Maria*, dizendo:

– Toma lá, Maria.
«Que me dás, João?
– Um corpo quebrado
P’ra mo pores são.

O mesmo se usa em Alijó; no Porto pegam na criança o padrinho e a madrinha, dizendo:

«Aqui tens a tua afilhada
Que me dizem que está quebrada.
– Eu que a aceito sã e salva,
Como na hora em que foi nada.

Em Vila Alva, do concelho de Cuba, cura-se assim a criança que está embruxada: «Chamam três *Marias* (solteiras); entregam-lhes uma porção de farinha de centeio, a qual elas amassam, fazendo depois um biscoito pelo qual possa entrar a criança embruxada; chamam em seguida um *Manuel* (também solteiro) e levam todos quatro a criança pela meia-noite a uma encruzilhada de caminhos; ali, segura a criança por duas *Marias*, a terceira com o *Manuel* lançam mão do biscoito e passam a criança três vezes por ele, dizendo as seguintes palavras:

– Maria! aqui tens este menino ensarilhado, e dá-mo desensarilhado.
– Manuel! aqui tens este menino, etc.

Finda que seja a operação, despojam a criança da roupa que leva, e deixam-na à bruxa, que com ela fica entretida a procurar a criança. Desgraçada, porém, da pessoa que no regresso olhar para o referido lugar, porque ficará embruxada infalivelmente.³⁰³

No Minho, para curar a criança rendida, vão na noite de São João, três moças chamadas *Maria*, fiando cada uma em sua roca, acompanhadas de três moços de nome *João*, chegam ao pé de um vimieiro, racham-no, e passam o doente dizendo os moços:

– O que fazeis vós?
Fiamos linho assedado,

³⁰¹ *Era Nova*, p. 526, do estudo «Carmina magica», de Leite de Vasconcelos.

³⁰² *Bibliografia Crítica*, p. 303.

³⁰³ *Almanaque de Lembranças*, para 1866. p. 311.

Para ligar o vime,
Que o menino é quebrado.

Dita a fórmula três vezes, ata-se o vime, e se ele soldar fica a criança boa.

Para curar *lombrigas* das crianças, a bruxa Ana Martins: «Punha-se ao lar da chaminé, em que estivesse cinza fria, e cortando-a com uma faca perguntava à mãe da criança que intentava curar, ou à mesma pessoa se já falava, dizendo:

– Que talho? Bichas.
– Bichas talho
Mezinha faço
Pelo poder de Deus,
De São Pedro e de São Paulo,
E do Apóstolo S. Tiago...
De Santo Enofre
E de S. Palofre,
Que tu sejas são e salvo
Como em a era em que foste nado
Para serviço de Deus, amen.³⁰⁴

Uma das muitas receitas que há no concelho da Maia para *atalhar a erisipela*, consiste em fazer cruces na parte molesta com um ramo de sabugueiro, dizendo:

Sempre-Verde bem-aventurado,
Na sepultura de Deus criado
Fontes nascido sem ser semeado.

Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Criou esta rosa este chão,
Reseca esta irzípula, irzipelão.

Em louvor de S. Tiago e S. Silvestre,
Tudo quanto eu faço preste
Em louvor de Nosso Senhor, seu divino Mestre.³⁰⁵

Em Penaguião aplica-se este esconjuro para *talhar o fogo do ar*, dizendo:

Talha este fogo, este roborado
Ar de vivo ou morto excomungado.³⁰⁶

As *sezões* curam-se no povo da Sobrena, do concelho de Cadaval, indo tirar Santo Estêvão do seu nicho, rapando-lhe com uma faca as costas, misturando com vinho este pó da pedra, que se chama *Pós de Santo Estêvão*, e bebendo-o por nove dias consecutivos em jejum.³⁰⁷ Na romaria de São Paio, próximo de Aveiro, o São Paio é lavado em vinho, que se bebe depois para curar as *sezões*.³⁰⁸

³⁰⁴ *Sentenças da Inquisição*, Col. de Moreira, t. I, p. 437.

³⁰⁵ *Almanaque de Lembranças*, para 1854, p. 238.

³⁰⁶ *Era Nova*, p. 519.

³⁰⁷ *Almanaque de Lembranças*, para 1863, p. 100.

³⁰⁸ *Ibidem*, para 1881, p.82.

Na aldeia de Vinhó, as *maleitas* curam-se oferecendo a São Domingos da Nespereira, capela a três quilómetros de Gouveia, algumas telhas *furtadas* (ofertadas) cujo número varia segundo a promessa. Os doentes vão em ranchadas ao som de violas e adufes, e metem as telhas por uma fresta da capela, dizendo: «Em louvor de São Domingos, que me tirou as maleitas.»³⁰⁹

Em Roriz as sezões curam-se descascando trovisco e lançando a tona ao pescoço do enfermo, dizendo:

Senhor compadre capitão,
Empresta-me a sua camisa
Para ir a uma função?³¹⁰

Na Estremadura curam-se as sezões comendo queijo feito na quinta-feira da Ascensão.³¹¹

«Há em Fafe, e noutras mais partes, dessas *mulheres de virtude*, que curam com palavras os *desfiamentos* dos braços ou das pernas. Põem para isso ao lume um púcaro com água, fazem-na ferver, e quando a fervura se activa, vazam então a água num alguidar ou bacia, e põem o púcaro sobre ela com a boca para baixo, colocando depois a parte aberta ou desfiada do doente por cima do dito púcaro. Toma então a benzedeira uma maçaroca de linho cru, fiada de propósito para semelhante objecto, enfia uma agulha nesse linho, e passa-a deste modo por baixo da parte doente, dando voltas sucessivas com o fio enfiado do linho até à total ou quase total absorção da água pelo púcaro, travando-se então o seguinte diálogo:

Benedeira: Eu que é que aqui coso?
Doente: Carne aberta, fio torto.
Benedeira: Isso mesmo é que eu coso,
Em louvor de S. Silvestre,
Quanto eu fizer tudo preste.

E se o púcaro, durante este tempo de repetição das *palavras de virtude*, chegar a absorver a água toda ou quase toda, sobre a qual está de fundo para cima e de boca para baixo, ficará então a parte torcida de todo sã da *abertura* ou desfiamento, aliás não poderá o enfermo sarar daquela vez, e ficarão sem virtude as palavras da benzedeira. Não é o primeiro púcaro que se enche na fonte, mas só o décimo, depois de cheio e despejado a fio os nove primeiros, o que se põe ao lume. E quando, depois da fervura, o despejam e emborcam sobre a água, costumam colocar-lhe no fundo e em cruz, umas contas, um pente e uma tesoura, antes de repetir a fórmula.³¹² Em Guimarães pratica-se isto para *coser o pé*, e termina o ensalmo:

Em louvor de S. Gonçalo,
P'ra que torne o pé ao seu estado.

E em Cinfães, termina:

Sejas são e salvo

³⁰⁹ *Almanaque de Lembranças*, para 1862, p. 215.

³¹⁰ *Ibidem*, para 1868, p. 214

³¹¹ Pedroso, *Superst.*, nº 582.

³¹² *Almanaque de Lembranças*, para 1859, p. 153.

Como na hora em que foste baptizado.³¹³

Há muitos remédios populares fundados unicamente na analogia. Para as *dores de dentes* é bom trazer na algibeira um dente de cão (ilha de São Miguel). A quem deita *sangue pelo nariz* para o estancar põe-se uma chave nas costas, ou uma cruz de duas palhas (idem). Quem sofre do *peito* cospe na boca de um peixe cachorro que esteja vivo e toma-o a deitar ao mar (Lisboa). Para o torticolo enrola-se em volta do pescoço um pé-de-meia de mulher, que esteja quente (idem). Para as *dores de cabeça*, esfregar a testa com um gato preto e cuspir-lhe três vezes. Contra as *febres*, traz-se ao pescoço em um saquinho uma lagartixa viva, e quando ela morre vão-se as febres. Perna ou *braço deslocado*, volta ao seu lugar sendo pisado por uma mulher que tenha tido filhos gêmeos. O mesmo para o *peito aberto*. As *verrugas* curam-se no Minho, indo o que as tem bater à porta da pessoa com quem embirre, e bate respondendo aos de dentro:

Verrugas trago,
Verrugas vendo,
Aqui as deixo
E vou correndo.

A *impigem* cura-se molhando-a com saliva, em jejum, dizendo:

Impija, rabija,
Assim como eu já hoje comi e bebi,
Assim tu nasças aí.

A *azia* talha-se subindo acima de uma pedra, dizendo:

Corto-te a azia,
E corto-te a trela;
Salta burrinho
Abaixo da pedra.

(S. Mamede.)

Azedia, azedia
No monte se cria;
Cabras guardadas
Pr'amor da azedia.

(Golegã.)

O *arujo* ou argueiro, dizendo:

Corre, corre cavaleiro
Pela porta do ferreiro,
Que lá vem a Santa Luzia
P'ra me tirar este arujeiro.

³¹³ *Era Nova*, pp. 524 e 526.

O *terçogo* cura-se fazendo uma fogueira num quarto de duas portas, e a pessoa que o sofre entre por uma porta salta a fogueira, e sai pela outra, gritando:

Aqui del-rei fogo
Em casa do terçogo!

(Santarém.)

As *ínguas* (glândula enfartada), curam-se olhando para uma estrela e dizendo três vezes:

Estrela, a minha ingua
Diz que seques tu!
E eu digo que seque ela
E que luzas tu.

Ou em cima da cabeçada do carro, diz virado para o nascente:

Estrela, a hernes
Diz que seques tu
E medre ela!

As *aftas* das crianças (farfalho) curam-se passando a criança por cima da pia do porco, dizendo:

Farfola vai-te daqui
Que porcos e porcas
Comem aqui.

A *gota*, tem o nome de *bensinho de Deus*; cura-se no primeiro ataque metendo as aparas das unhas num carvalho cerquinho. O estupor tem o nome de *mal de ave-maria* (Ponta Delgada); cura-se tirando a camisa do doente, rasga-se, queima-se, e bota-se a cinza ao mar. As *feridas* curam-se metendo o pano em que se limpam debaixo da cabeça de um defunto, dizendo: «Leva-me isto para o outro mundo» (Felgueiras). As *aftas* (Douro) curam-se dizendo quando se avista ao longe qualquer luz:

Luzinha da parte de além,
Tira-me esta afta
Que a minha boca tem.

A *insulação*, cura-se pondo sobre a cabeça um guardanapo de bordado a olhos, e em cima um copo de água, dizendo (Cinfães):

Sol, sai da criatura
Com toda a formosura,
Que a Virgem Maria
Tudo me ensinou,
Que eu nada sabia.

As *alporcas* (escrófulas) curam-se coçando-as com as unhas de um morto.

As práticas da medicina popular acham-se proibidas em várias Constituições episcopais; nas Constituições do Arcebispado de Goa de 1568 citam-se os *fervedouros* e o *correr carne quebrada e nervo torto*, ou *cortar o baço* a pessoas doentes com palavras e cerimónias; nas do Algarve de 1673 fala-se nos ensalmos e palavras para *curar feridas*, «aplicando às feridas *pano com número certo de dobraduras, lâminas e outras coisas semelhantes.*» Nas Constituições do Bispado do Porto de 1687, cita-se o costume dos ensalmos para *levantar a espinhela*. Viterbo cita num documento de 1258 as *sortelas de virtude*, que são os anéis proibidos pelas Constituições do Arcebispado de Lisboa de 1640. A virtude da *cabeça de morto*, era ainda corrente no século XVII, como vemos por esta relíquia de Guimarães: «Na capela de Santa Verónica se venera também com grande veneração uma *cabeça santa*, por cuja causa aquela igreja é muito visitada de gentes mordidas de cães danados, trazendo a benzer pão e mantimento para os seus gados...»³¹⁴ As *fontes santas*, tão consideradas na medicina popular, são gerais a todo o país; à *Fonte do Leite*, em Ponte da Barca, as mulheres que criam levam uma oferta de pão, vinho, linho e azeite, que ali deixam para que a primeira pessoa que passe leve tudo.³¹⁵ Também se curam as maleitas, indo o doente em jejum deixar três bocados de pão ao pé de uma fonte, dizendo: «Como tu, que eu já comi.» É ao que no Minho se chama *enganar as maleitas*. O dinheiro é também empregado em certas práticas medicinais; diz D. Francisco Manuel de Melo: «Dei na vida santaria, com que me achei melhor que tudo. Furou-me ela com uma agulha aqui na borda, como quem fura orelhas a cachorrinha... eu furado campei ao outro dia por *Vintém de S. Luís* bom para o *ar*, para a *enxaqueca*, *quartas*, *aflacto*, *mar de olhos*, *quebranto*, e mulheres de *parto*. Tão santas informações deu de minha habilidade, que todo o dia andava de mão em mão como conta benta, sempre querido e estimado, ora ao pescoço de inocentes, ora nos pulsos das donzelas, atado com corda de viola...»³¹⁶ Da medicina popular subsiste uma grande parte com o nome de *remédios caseiros*, tais como usava em Roma Catão, o *Censor*; outra parte está hoje submetida à alçada administrativa, que encarcera os curandeiros como outros quaisquer assassinos. As romarias a diversos santuários, as águas santas, e as promessas a imagens milagrosas, formam uma parte importante da medicina vulgar, que só pode ser descrita ao tratarmos das Festas do Calendário do ano.

As profecias nacionais e a vinda do rei D. Sebastião. – O conhecimento das lendas de Merlim pelos trovadores portugueses do século XIV, e o livro delas guardado na biblioteca do rei D. Duarte, não deixaram de influir na imaginação portuguesa, nas nossas guerras contra os Árabes, como na batalha do Salado, e nas expedições marítimas, em que íamos à busca das ilhas encantadas. Na *Crónica em redondilhas*, de Rodrigo Yanes, descrevendo a batalha do Salado, o *Leão dormente* das profecias de Merlim é o rei D. Afonso IV, e o *Porco espinho* é o rei de Benamarim; mais tarde no século XVI, o sapateiro de Trancoso, Gonçalo Eanes Bandarra introduziu nas suas profecias estes dois animais alegóricos, obedecendo inconscientemente à tradição céltica renovada na península. Os grandes abalos sociais produzem uma sobreexcitação dos espíritos, que se manifesta em recrudescência de superstições e de credulidade. Segundo Tucídides, durante a guerra do Peloponeso, os oráculos e vaticínios dos profetas antigos exerceram uma enorme influência entre o povo de Atenas.³¹⁷ As guerras de D. João I contra Castela no norte de África acordaram a credulidade popular, generalizando as lendas da *ilha encantada* do rei Artur e das viagens maravilhosas de Sam Brendam, citadas pelo cronista Azurara. Mais tarde, quando fomos com Carlos v à

³¹⁴ Padre Torquato, *Mem. Ressuscitadas*, p. 2 10.

³¹⁵ 286 Leite de Vasconcelos, *Tradições*, p. 73.

³¹⁶ *Apólogos Dialogais*, p. 98.

³¹⁷ Thucyd., I, 54; VIII, 1, Ottfried Muller, *Hist. da Literatura Grega*, II, 4ª Trad. Hillebrand.

expedição de Tunis, contra Barba Roxa, quando se deu a extinção da nacionalidade portuguesa em 1580, quando se reconquistou a autonomia nacional em 1640, essa mesma tradição de um salvador (um *soter* da época alexandrina) toma diferentes formas populares, a começar das *Trovas* do Bandarra até às interpretações do *Encoberto* pelo padre António Vieira, que via nessa entidade D. Pedro II, que destronou seu irmão D. Afonso VI e lhe tirou a mulher. Nesta forma da credulidade popular, o primeiro facto é a tradição das *ilhas encantadas*, móvel que excitou no século XV os navegadores portugueses a explorarem o mar tenebroso. Esta crença tem uma grande extensão étnica: «Algumas lendas dos Esquimós, falam de um país misterioso chamado Akillinek, situado além do mar. Alguns groenlandeses aí foram, pelo menos, levados contra vontade; mas hoje ignora-se a sua posição. Nada indica que os Esquimós o considerassem como o país dos seus antepassados.»³¹⁸ Entre os Celtas achamos também esta crença, que é uma das formas do seu paraíso: «A mansão dos felizes, onde os homens justos e bravos devem entrar imediatamente depois da sua morte, era chamada *flath innis*, o que significa a *ilha dos bravos*, ou dos justos. Esta palavra é usada ainda no idioma céltico para exprimir céu ou paraíso.»³¹⁹ Na célebre Viagem do Barão Leão de Rozmital, em 1465 a 1467, conta-se a tradição portuguesa da ilha encantada: «que um dos reis de Portugal mandara construir navios e os encheria de todas as coisas necessárias, e pusera em cada navio doze escreventes, provendo-os de víveres para quatro anos, para que daquele lugar (Finisterra) navegassem pelo espaço de quatro anos até o mais longe possível, e lhes mandou escrever o vissem, os países desertos a que chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem. Estes, portanto, segundo nos foi contado, tendo sulcado o mar por espaço de dois anos completos chegaram a umas certas trevas, das quais saindo, passado o espaço de duas semanas, *aportaram a uma ilha*. Ali chegados os navios à praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construídas, abundantes de ouro e prata, das quais contudo não se atreveram a tirar nada. Por cima destas casas havia hortas e vinhas, etc.» O eco destas tradições persiste nas Canárias e Açores; escreve Amida Furtado: «Em São Miguel, há a lenda das *ilhas encantadas*, que parece não ter sido encontrada nas outras ilhas dos Açores, ou ao menos ter aqui mais persistência. Para os lados do Nordeste aparecem de noite umas *ilhas brancas*, que são encantadas; em Santa Maria aparece um cavaleiro, porque ela como todas as ilhas fêmeas já se desencantou uma vez, e as tais ilhas brancas que aparecem estão à espera que as desencantadas se tornem a encantar, para quebrarem também o seu encantamento.»³²⁰ Sobre esta crença escreve Alexandre Guichot: «Nas Canárias vê-se uma ilha, chamada de *S. Morondon*, da qual ninguém pode aproximar-se, porque se afasta dos que querem fazê-lo.»³²¹ É evidentemente a lenda de *Sam Brendan*, que Azurara conhecia,³²² de que ainda há memória na imprecação algarvia:

Valha-te S. *Borundum*,
Que mejava azeite
E fazia atum.

No Globo de Martim de Behain, vem apontada a *ilha de S. Brendan*, e na legislação portuguesa abundam as referências a ilhas encantadas: «D. Afonso V, em 12

³¹⁸ Abb. Morillot, *Mythes et Legendes des Esquimaux*, p. 225.

³¹⁹ Smith, *Hist. des Druides*, p. 30.

³²⁰ *Materiais para o Estudo Antropológico dos Povos Açorianos*, p. 41.

³²¹ *Bibl. de las Tradiciones Populares Españoles*, t. I, p. 296.

³²² *Crónica da Conquista de Guiné*, p. 45.

de Janeiro de 1473, faz mercê à infanta D. Beatriz de todas as ilhas que descobrir, enquanto prosseguir na busca da *ilha que aparecia às vezes* da ilha de São Tiago», e ainda em 1595, Filipe II concede licença ao governador por carta de 26 de Abril, para descobrir a *ilha que aparece por vezes da de São Miguel*.³²³ A tradição destas ilhas, chamadas *Antilia, Sete Cidades, ilha Branca*, avivou-se mais na imaginação do povo, quando depois da derrota de Alcácer Quibir o partido nacional sustentava que D. Sebastião não morrera na batalha. Em uma das suas Cartas familiares escreve D. Francisco Manuel: «Seja Deus bendito, que não nos declarou ainda as *ilhas empoadas*, como lhe chama F., e quando para lá seja, lá dizem que está el-rei D. Sebastião, que não deixará de nos fazer mil honras (visto que as coisas de certo mundo diz que vão ao reverso das deste).»³²⁴ E em outra passagem, referindo-se a um verso de Bandarra, diz: «Aquela vinda já vai tocando da de *el-rei D. Sebastião*; porque já vai a era dos quarenta...»³²⁵ Numa sentença da Inquisição de Lisboa de 1666 condena-se uma tal Maria de Macedo «conhecida pelo nome de Violeira; *ia à ilha encoberta falar com D. Sebastião*». Numa outra sentença de 1761, ainda é condenado Frei Bernardo de São José, religioso de São Francisco de Loures, «*grande sebastianista, por acreditar e espalhar falsas profecias e obras de algumas suas dirigidas...*». Segundo a tradição popular, D. Sebastião está na ilha encoberta donde há-de vir um dia de cerração, montado num cavalo branco; esta lenda do fantasma das batalhas acha-se referida ao combate de Maratona por Heródoto e Pausânias, e em Espanha acha-se personificado em São Milan e em São Tiago. Nas lendas de Carlos Magno, o grande monarca ressuscitou para comandar a primeira Cruzada, como constavam os *pseudo prophetae*, condenados pelo cronista Eckehard; e em Hesse e na Baviera conta-se que Carlos Magno ressuscitará para engrandecer a Alemanha, vencer os maus e reinar sobre o mundo regenerado. É também a forma da nossa lenda do *Quinto Império do Mundo*, fundado pelo rei D. Sebastião quando vier da ilha encantada. A mesma lenda se personifica no rei Artur, dormente na ilha de Avalon, ou em Barbaroxa guardado em Kipphausen, para levantar o império germânico. Vê-se que todas estas lendas são anteriores ao facto histórico da morte de D. Sebastião, sendo as profecias da primeira metade do século XVI suscitadas por outros motivos.

O gosto e a forma das profecias portuguesas do século XVI deve considerar-se como uma influência da *Kabala*, conservada entre os cristãos-novos; a *gematria*, quarto ramo da *Kabala*, era a mais empregada, considerando as letras como números. Nas *Profecias* de Bandarra há este sistema:

Nove letras tem o nome
Duas são da mesma casta;
Olha qualquer como o gasta
Para não morrer de fome.

Põe um A pernas acima
Tira-lhe a risca do meio,
E por detrás lha anima,
Saberás quem te nomeio.

Põe três tesouras abertas
Diante um linhol direito,

³²³ J. de Torres, *Originalidades da Navegação do Oceano Atlântico*.

³²⁴ *Cartas*, p. 403 (1648).

³²⁵ *Ibidem*, p. 653.

Contarás seis vezes cinco
E mais um, vai satisfeito.

A Gematria foi especialmente usada pelos judeus para saberem da vinda do Messias. Nas Profecias de Bandarra abundam as referências bíblicas, que nos obrigam a considerar aquela parte que pertence ao século XVI como derivada do messianismo judaico conservado entre os cristãos-novos. Uma sentença da Inquisição de Évora, de 1542, condena «Luiz Dias, sapateiro de Setúbal, *por se fazer Messias em Setúbal e Lisboa provando-se que com milagres e feitiçarias provocava muitos judeus a acreditarem que o era, e a o adorarem e lhe beijarem a mão*». Foi um ano antes que a Inquisição de Lisboa se apoderou do célebre sapateiro da vila de Trancoso, Gonçalo Eanes Bandarra, cujas profecias ainda hoje são populares e molde de todos os improvisos deste género.³²⁶ Um facto extraordinário se deu no primeiro quartel do século XVI para o entusiasmo da propaganda das profecias messiânicas, de que os dois sapateiros são testemunhos inconscientes; em 1525 aportou a Portugal o aparato de um príncipe-judeu David Reubeni, que se dava por irmão do rei da Etiópia, e andava pelo mundo para conciliar todos os judeus dispersos para irem restaurar a terra da Promissão e a Casa Santa de Jerusalém. Dava-se como embaixador dos setenta anciãos do território de Habor; e foi admitido por D. João III na Corte de Almeirim. As lembranças messiânicas foram decepadas pelas perseguições aos *judaizantes* (cristãos-novos que regressavam ao judaísmo). No Auto de Fé de 1559 foi queimado o desembargador da casa do cível Gil Vaz Bugalho porque «*compos trovas em louvor da lei de Moisés, as quais fazia cantar na Sé de Lisboa, da qual era paroquiano*». ³²⁷ As leituras da Bíblia em vulgar, durante nove anos é que levaram Bandarra para esse messianismo; em 1531, quando veio a Lisboa, já lhe pediram explicações das Trovas, e sendo visitado por Heitor Lopes em 1537, em Trancoso, este *queria mandar trasladar* o Livro das Trovas porque *andava já velho e roto*. No processo vêm estes versos que faltam nas edições das Profecias:

Tu Dão, cobra serás
Que anda por traz dos valados
Como o cão sorrateiro
Que mordes o cavalo
E matas o cavaleiro.

O cerco e tomada de Tunis, em 1535, motivou um grande número de profecias entre o povo; Bayle conta que *fizeram correr uma profecia* em que se anunciava que o imperador Carlos V derrotaria os franceses, os turcos e conquistaria a Palestina, e numa Relação de António Pontes acerca da tomada de Tunis, diz que para aumentar a coragem dos soldados *se espalhou entre eles esta profecia*.³²⁸ Pelos cavaleiros portugueses que regressaram de Tunis se espalharam estas notícias que vieram dar mais vigor à credulidade e provocar mais interesse pelas *Trovas* de Bandarra, que então se começaram a aplicar à ideia política da *Monarquia Universal*, à qual se deu entre nós o nome de *Quinto Império*. Bandarra morreu em 1550, segundo António de Sousa Macedo, e em 1556 conforme Barbosa Machado; o pobre profeta sapateiro era protegido pelo Bispo da Guarda, D. João de Portugal, da Casa de Vimioso, a família

³²⁶ Em 1873 publicámos o *Processo de Bandarra*, extraído da Torre do Tombo. Ms. N°7197, por exploração directa das fontes. V. *Hist. de Camões*, t. I, pp. 411 a 416.

³²⁷ Ap. Guimarães. *Sum. de Vária Hist.*, t. IV, p. 88.

³²⁸ Na *Historia de Camões*, t. I, p. 20.

mais perseguida por Filipe II, quando se apoderou de Portugal. Depois da derrota de Alcácer Quibir, o Bispo da Guarda foi clausurado num mosteiro augustiniano; é então que o partido nacional começa a interpretar e a ampliar as *Trovas* de Bandarra «umas vezes viciando-as, outras acrescentando-as, outras diminuindo-as» como se lê na dedicatória da edição de Nantes. E tanto as *Trovas* eram interpretadas acerca do futuro regresso do rei D. Sebastião, que um ano depois da ocupação de Portugal, o *Index Expurgatório* de 1581 (fl. 23) proibia a leitura das *Trovas* de Bandarra. Em Espanha, eram conhecidas as Profecias em 1588, como se vê pelo Tratado *De vera et falsa Profecia*, de D. João de Horosco. Quando o partido da independência portuguesa colocou as suas esperanças num Bragança, o prestígio das Profecias foi aproveitado para falar do *Encoberto* que era o rei D. João IV; assim se inventou em segundo corpo de *Trovas* acrescentando-as, como se diz na edição de Nantes) e se confessa que «foi necessário com não pouca indústria, buscar as mais antigas cópias, das quais *a de menor idade é de oitenta anos*, nas mãos de pessoas inteligentes...». Foram os partidários de D. João IV, que mais importância histórica deram à memória de Bandarra; D. Álvaro de Abranches, que em 1640 arvorou a bandeira da cidade de Lisboa e tomou o castelo, mandou erigir, em 1641, um túmulo a Bandarra na igreja de São Pedro de Trancoso. Em 1644 o embaixador de D. João IV na Corte de França, imprime em casa de Guilherme Monier as *Trovas* de Bandarra. Na *Gazeta*, de Maio de 1642, apareceu também esta notícia: «Fez el-rei nosso senhor (D. João IV) mercê a um bisneto de Bandarra de uma capela com que se pode sustentar suficientemente.»³²⁹ O conflito entre a Inquisição e os jesuítas reflecte-se também no Edital do Santo Ofício, de 1646, contra as Profecias de Bandarra; os jesuítas haviam trabalhado a favor de D. João IV e eram os seus agentes mais activos, ao passo que a Inquisição tinha sido cerceada pelo monarca nos seus arbítrios.

O povo ficou esperando pela vinda do rei D. Sebastião, desde que D. João IV não satisfazia as suas esperanças. Os jesuítas continuaram a elaborar as profecias de Bandarra ampliando-as no sentido do *Quinto Império*, que era o Brasil, para onde queriam levar D. João IV, ou a união de Portugal e Espanha pelo casamento do príncipe D. Teodósio com a filha do rei de Espanha. A persistência da seita sebastianista no Brasil, como se viu em 1838 em Pernambuco, na aldeia de Pedra Bonita no alucinado João António que levantou o povo anunciando a vinda do monarca,³³⁰ provém da antiga esperança da independência legada à fundação de um grande império. Quando, porém, os jesuítas, pela acção poderosa do ministro Castelo Melhor, foram afastados do governo de D. Afonso VI, a Companhia tratou de maquinar a deposição do monarca, e o *Encoberto* era D. Pedro II, que havia de expulsar do trono o irmão e tomar-lhe a esposa. O jesuíta António Vieira, que era do partido de D. Pedro, escreveu comentários às Profecias de Bandarra, e como poeta não deixaria de ampliá-las no interesse da causa; ele via no Brasil o *Quinto Império do Mundo*, e D. Luísa de Gusmão teve traçado o plano do abandono de Portugal aos castelhanos, indo assentar o seu trono no Brasil. Os livros do padre João de Vasconcelos (Dr. Gregório de Almeida) e de Pantaleão Rodrigues Pacheco, e Nicolau Monteiro, estribam as suas composições históricas nas Profecias de Bandarra. Em 1729 ainda se simulou um novo achado das *Trovas* de Bandarra, num pergaminho que pertencera ao padre Gabriel João; as *Trovas* correram apesar da intervenção do comissário do Santo Ofício Domingos Furtado de Mendonça. Pombal, vendo que as profecias se tornavam políticas e tinham um grande poder na imaginação do povo, mandou negar na *Dedução cronológica* a existência histórica de Bandarra, a autenticidade das suas *Trovas*, atribuindo-as a maquinações da Companhia

³²⁹ Ap. *Panorama*. t. II, p. 133.

³³⁰ Ferd. Denis, *Portugal*, p. 306.

de Jesus, e pelo Edital de 10 de Junho de 1768 da Mesa Censória considerá-las como um agregado de imposturas. No século XVIII ignorava-se a existência do Processo de Bandarra de 1541, e por isso se confundiram com as apócrifas o corpo das *Trovas* que pertencia ao século XVI. Em outros sucessos nacionais, como a invasão francesa, se inventaram mais *Trovas* de Bandarra, animando o povo para a resistência, e ainda hoje há interpretações dessas profecias, em relação aos acontecimentos europeus.³³¹ A nossa literatura profética é rica; citaremos os *Disparatos do Pretinho do Japão*, Clemente Gomes, escravo do capitão Baltasar Godinho de Sousa, as *Profecias do Beato António*, da Congregação de São João Evangelista, as *Visões* de Venerável Águeda, as profecias do Mouro de Graça, as profecias achadas na sepultura de D. Manuel, vaticínio de um Ermitão de Santa Vida, vaticínio contado por um Romeiro a D. Sebastião, vindo de Guadalupe, o Sonho do Ourives do Sardoal, etc. Os versos podemos considerá-los como apócrifos, mas os *profetas* eram sinceros na sua alucinação; Frutoso relata minuciosamente o caso de um profeta da ilha da Madeira, no século XVI³³² em tudo semelhante a esses três profetas sebastianistas de Pernambuco João António, João Ferreira e Pedro António, que se tornaram fundadores de uma religião sanguinária. Nas várias Sentenças do Santo Ofício, aparecem condenados muitos profetas; assim na Inquisição de Lisboa, em 1582 Afonso, o *Adivinhão*, em 1584 Pedro Afonso, o *Adivinhão*, em 1638 João Lopes, idiota *profeta*. Ferdinand Diniz publicou um trecho de um viajante francês do século XVII, em que se narra as profecias que um pobre idiota dizia à porta de uma igreja sobre a vinda do rei D. Sebastião.³³³ Nos divertimentos do *Entrudo*, a lenda de D. Sebastião tem sido o assunto de cavalladas aparatosas, em que o desembarque do *Encoberto* com o cortejo dos seus fidalgos,³³⁴ e por último foi apontada como o tema exclusivo para a poesia portuguesa.

³³¹ V. *A Nação*, nº12:180 (ano de 1882) onde o padre Conceição Vieira explica por Bandarra a eleição de Leão XIII.

³³² *Saudades da Terra*, p. 56, ed. Azevedo.

³³³ *Portugal*, p. 306.

³³⁴ *Periódico dos Pobres do Porto*, de 1857 (nº46, III série.)

CAPÍTULO III

As festas do calendário popular

Necessidade do cômputo cronológico na vida social. – O *ano lunar* e o ano solar; meios empíricos da sua concordância. – A igreja adopta o ano lunar, e o povo conserva nas suas festas os mitos solares. – Restos do calendário romano no catolicismo. – Janeiro: os primeiros doze dias; os *anos boinos*: Janeiras e janeireiros; o Aguinaldo. – Janeirinhas da Foz do Dão. – Os reis e São Gonçalo; dar o nó. – Santo Amaro e as Sebastianas. – As fogaceiras de vila da Feira. Fevereiro: a candelária; o São Brás. – Março: São Bento; a Festa do Cuco, em Famalicão. – Abril: Dia dos Enganos; o Boi-Marcos, no Algarve. – Queimar os compadres e as comadres. – O Entrudo; Caça aos gramosilhos; Dia de Cinza; Serração da velha e queima do Judas. – Os passos de Lamego; a paixão e enterro; Folares e reconhecimentos; Galo das trevas e Vela Maria. – Ascensão, Cordeiro Pascal; Bênção do lume novo; Semana dos arrastados. – São Pedro Gonçalves. – O compasso, no Minho. – Maio e Junho: As Maias; Ladainhas de Maio, em Nisa. – A Espiga. – Espírito Santo; Bodos e impérios; Procissão dos Taboleiros; Imperador de Eiras; Rolo de cera. – Santo António. – Corpo de Deus; Boi bento, Carro das ervas; Santo Grande. – São João; Cavaleiros de Óbidos; Mouriscadas; Porco preto, em Braga. São Pedro. – Julho: fogueiras saloias. – Senhora de Antime. – Bolo de Pombal. – Agosto: Procissão dos Ferrolhos. – Romaria do Cabeç. – São Bartolomeu. Setembro: São Pedro de Nisa. – Outubro: São Simão. – Novembro: Todos-os-Santos, e o Pão por Deus. – Fiéis defuntos; São Martinho. – Dezembro: São Nicolau; Santa Luzia. – Corte do cepo do Natal; Festa do O. – Natal: presépios e lapinhas; trigo grelado, rosquilhas, Missa do Galo; Ceia do Natal e Consoadas. Fartes: bispo dos loucos, bispo inocente. – Galheiro ou trafogueiro. – Santo Estêvão. – Entrega do Ramo, em Aveiro. – As quendas e requendas. – Fim do Ano.

Em todos os povos que se elevaram à organização civil, as festas religiosas foram um objecto de acção comum, e ao mesmo tempo o meio de fixar em dadas épocas do ano o termo dos contratos, o começo dos mercados, o fim das magistraturas electivas, a concorrência aos jogos públicos e a comemoração das datas históricas que interessavam à comunidade. O dez foi a primitiva e mais fácil base cronológica determinada pela revolução da lua; como, porém, as estações se apresentavam com regularidade evidente dos fenómenos meteorológicos e na vegetação, reconheceu-se um período ou círculo, *annus*, dentro do qual se compreendiam doze meses, uns de vinte e nove dias, chamados *coilo* e outros de trinta dias, chamados *plereis*. Apesar de não coincidirem estes doze meses com a marcha do sol em relação a um mesmo solstício, prevaleceu nas civilizações primitivas o *ano lunar* de trezentos e cinquenta e quatro dias, tendo de menos doze dias e seis horas do que o *solar*, ou também o *ano lunar* de trezentos e sessenta dias formado de doze meses *plereis*. A mais vetusta cronologia é fundada na base lunar. Com o desencontro dos dois períodos *lunar* e *solar*, os actos públicos retrogradavam da sua fixação, e a classe sacerdotal a quem competia a celebração das festas e a investidura das magistraturas, teve de corrigir as incertezas do ano lunar, procurando um período remoto dentro do qual as duas bases concordassem o mais inteiramente possível; é assim que já na Caldeia se encontra esse período de dezanove anos lunares, em que as mesmas fases da lua se repetem, e que o géometra grego Meton, cinco séculos antes da nossa era fixou, e que a Igreja ainda hoje conserva no seu cômputo sob o título de *Áureo número*. Como, porém, neste período as luas novas não são rigorosamente à mesma hora, dava-se ao fim de trezentos e quatro anos a diferença de quase um dia; a Igreja adoptou uns números complementares, ou as *Epactas*, para conseguir esta concordância. Em Roma prevaleceu o *ano lunar* até ao governo de César, e para corrigir a sua incerteza os pontífices, como árbitros do tempo, formavam a lista dos dias de cada mês com destino à fixação das funções sociais, *Dies agendi*, *Dies fasti*. O povo era chamado ao Capitólio para ali ouvir dizer quando era o primeiro dia do mês, e nesse mês quando eram os dias de tribunal, dos sacrificios, dos jogos públicos, dos

mercados, e daqui se chamou *Calendas* à ordem do tempo, que os pontífices falsificavam segundo a conveniência das facções políticas, para prolongar ou terminar o prazo das magistraturas. Como investido do poder pontifical, Júlio César quis pôr fim a estes abusos, e fez a reforma do cômputo do tempo adoptando exclusivamente o *ano solar*, tomado dos Egípcios, que o tinham determinado em trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto. Este quarto de dia formava ao fim de quatro anos um dia completo, e daqui a sua intercalação em Fevereiro, ou o ano *bissexto*. A marcha histórica da Europa foi computada pela *Era de César*.

A Igreja teve de retroceder à adopção do *ano lunar*, por causa da fixação da festa da Páscoa. Para que a festa cristã não fosse uma paródia da Páscoa dos Judeus celebrada «no dia da primeira lua que segue o equinócio da primavera» estabeleceu-se no Concílio de Niceia que se fixasse «no primeiro domingo depois da primeira lua cheia que seguisse o equinócio da primavera.» Como porém o regresso do Sol ao equinócio da primavera é de trezentos e sessenta e cinco dias, cinco horas, quarenta e oito minutos e quarenta e seis segundos, ao fim de cento e trinta e quatro anos aparecia a diferença de um dia, e ao fim de quatrocentos e dois anos a diferença de três dias.³³⁵ Os padres da Igreja reconheceram a incerteza da fixação da Páscoa, e Gregório XIII, em 1582, fez a célebre correcção mandando suprimir dez dias passando de 4 a 15 de Outubro. Como o problema a resolver era harmonizar o *ano lunar* com o *solar*, ficou a Páscoa flutuando entre os limites de 22 de Março e 25 de Abril, para poder celebrar-se sempre no primeiro domingo depois da lua cheia que se seguia ao equinócio da primavera. A Páscoa é o ponto de partida por onde se regula a celebração das festas da Ascensão, de Pentecostes, da Trindade, denominadas *móveis*, por variarem na sucessão de vinte e cinco dias.

As estações, pela sua influência nos trabalhos agrícolas obrigavam o povo a regular-se pelo ano solar; Hesíodo fala do Calendário agrícola com prognósticos, *episemasiai*, semelhantes aos nossos aforismos da lavoura. Esses trabalhos agrícolas começavam-se ou acabavam-se com festas. Na Igreja, as *Têmporas* são as expiações do começo de cada estação.³³⁶ Nas Festas do Calendário popular vamos achar ainda formas cultuais alusivas aos fenómenos do *ano solar* da alternância do verão e do inverno, e formas do culto lunar, mesmo independentes da Páscoa da Igreja.

Assim como alguns dias da semana dos romanos conservaram o seu nome entre os povos católicos,³³⁷ também muitas festas do politeísmo persistem até com o mesmo nome no actual Calendário. A festa de Baco, ou *Dionísio*, celebrada na primavera nas cidades, sob o título de *urbana*, e na época das vindimas no campo com a designação de *rústica*, acha-se no calendário católico sob o título *Festum Sancti Urbani*, a 25 de Maio; e a 9 de Outubro celebra-se a *Festum Sanctorum Dionisii Eleutherii et Rustici*, santificação directa dos epítetos de Baco. O epíteto de *Demeterius*, acha-se no Calendário católico a 8 de Outubro: *Festum Sancti Demetrii*, com a legenda do seu martírio mandado fazer por Maximiliano desesperado com a morte de *Lyceus* (outro epíteto de Baco). Por fim o próprio Baco apareceu santificado no Breviário em 8 de Outubro sobre a sigla *Festum Sancti Bacchi*. Segundo o mito politeísta Baco casa com a brisa representada pela ninfa *Aura placida*, da qual o Calendário católico fez as *Santas Aura e Placida*. A festa de *São Serapião*, em 14 de Outubro, é a transformação do culto

³³⁵ Hoetfer, *Hist. de l'Astronomie*, p. 320.

³³⁶ Abb. Pascal, *Orig. et Raison de la Liturgie Catholique*, p. 1066. (Col. Migne.)

³³⁷ Lê-se no *Cancioneiro da Vaticana*, nº 1132:

e dos *lunes* ao *martes*
foy commendador d'Ocres.

de *Serápis*, que o politeísmo greco-romano tomou do Egipto. As festas de *Santo Hilarião*, em 21 de Outubro, e de *Santo Hilário*, em 14 de Janeiro, são as mesmas *Festas Hilárias* dos Romanos; as festas de Apolo, que os Gregos celebravam com jogos chamados *Apolinários*, no breviário católico têm o título *Festum Sancti Apollinarii*. As festas romanas de *Florae et luci*, acham-se cristianizadas com o nome de *Santa Flora* e *Santa Luzia*, bem como as festas de outros deuses como *Simão*, Ana e Quirino.³³⁸

Não temos espaço para reconstruir, as formas primitivas do ano, que ainda explicam o sentido de muitas festas populares, por isso nos limitaremos à parte descritiva dos *Dias fastos* que mais profundamente se ligaram aos costumes.

Janeiro. – O aspecto dos primeiros doze dias deste mês prognostica o que serão os doze meses do ano que começa. No 1º de Janeiro celebra-se a *Circuncisão*, instituída como se sabe pelo cânon 170 do Concílio de Tours, de 567, para substituir os costumes populares das *Estreias* (*Strenua*) das Mascaradas, Jogos e Banquetes. Diz Santo Agostinho, no Sermão 198: «Os pagãos oferecem *Estreias*, dai vós esmolais; divertem-se com cantos impuros, escutai as santas Escrituras; vão para os teatros, vinde para a igreja; embriagam-se, jejuai.» Apesar da condenação católica, persistiram os divertimentos populares do primeiro dia do ano, em que como nas *Festas sigilares* de Roma, em que se tocava buzina pelas portas, os janeireiros em bando vão pedir as estreias. Em uma canção de Estêvão da Guarda, da época de D. Afonso III, fala-se: «em véspera de ano novo» e em «véspera de janeiras».³³⁹ António Prestes nos seus *Autos* também alude a estas festas (pp. 10 e 32).

Quebrai-me os pandeiros
Fazei-vos agora por mim *janeireiros*.

Num pintar-lhe *Ano bom*...

Nas suas *Cartas*, diz também D. Francisco Manuel: «Não acho coisa para *dar bons anos* tão seguros como:

Anos boinos, anos boinos
Deus vo-los mande melhorados...

como dizem as nossas velhas.»³⁴⁰ Filinto esboça nos seus *Fastos Lusitanos* esta festa dos arredores de Lisboa:

Oh quanto é mais feliz o vilão toco
De rubicunda, prazenteira face,
Que em torno da Lareira co'as sábias,
Canta ao som da viola que reclama
As simples trovas das pagãs *Janeiras*.

José de Torres também descreve estes mesmos costumes nos Açores: «Os *Janeireiros* iletrados arrogam-se no canto e improvisado toda a ousadia e liberdade. O mais fino garganteador entoa só cada dois versos da copla, ou o quer que é que ele fantasia; depois repete-os a chusma em coro em altas berrarias. A viola, a rabeca, o

³³⁸ Leoncio de la Veiga, *Folk-Lore Andaluz*, pp. 342 a 345.

³³⁹ Canção, nº 919.

³⁴⁰ *Cartas*, p. 542.

pífaros soltam sons estridentes. Chusma de curiosos acompanha o tanger por casas de amigos e conhecidos. Depois dos cantares, os brindes de quem recebeu tão grande honra. E assim cresce o bojo do alforje, até que a manhã desponta, e o dia de Ano Bom se assoalha.»³⁴¹

Eis os versos coligidos por José de Torres:

Boas festas e bons anos
Hoje vos vimos trazer,
Esp'ramos a recompensa,
Vede o que deveis fazer.

Galinhas e fartes
Tudo levaremos,
Que somos de longe
Nada disso temos.

Senhores honrados
Mandai-nos abrir,
Que somos de longe
Queremo-nos ir.

Na Galiza e em muitas partes da Espanha chama-se a esta saudação do Ano Novo e peditório das estreias o *Aguinaldo*:

Déanol'o *aguinaldo*
anque sea pouco,
un bon bacalau
e mais meta d'outro:
de postres compota

e tamen castañas,
buenas y e bien grandes,
um molete inteiro
e um queixo de Flandres.

Traya o *aguinaldo*
si o hade dar,
castañas e zonchos,
para debullar.

No *Romancero General*, de Duran, vem igual referência (nº733):

Dia era de los Reys
Dia era señalado,
Quando dueñas y doncellas
Al Rey piden *aguinaldo*.

Esta mesma saudação passou aos jogos infantis, como se vê nos *Conceptos*

³⁴¹ *Panorama*, t. XIII, pp. 104 e 110.

espirituales de Ledesma, com que as crianças celebram o Ano Novo:

Aguinaldo, aguinaldo
Que dios nos dê *buen ano*.

Estas puertas san de pino,
Aqui vive algun judio.
Aguinaldo!

Estas portas son d'acero,
Aqui vive un caballero.
Aguinaldo!

Por sus pecados pechero,
Que es nuestro padre primero,
Aguinaldo!

Mas darle nuevas quiero
Aguinaldo!

Que en bien está cercano,
Que Dios nos dé de buen año.
Aguinaldo!

Este grito infantil de saudações ao Ano Novo é também repetido numa grande parte da França, variando segundo as localidades: *Au gui l'an neuf!* que Belloguet traz sob a forma *Hoguillanneuf, A gui lanné, Agui lanné, Aguitable, Equinané, Guilamen, Gui lonn-neou, Guil-lou-né e Guignoleux*. Belloguet queria ver neste grito uma reminiscência popular de uma cerimónia druídica, em que os sacerdotes gauleses iam colher a resina ou o *gui* no sexto dia da lua.³⁴² Schuchardt considera *aguinaldo* como palavra derivada de *calenda*, a chamada do povo no primeiro mês do ano.

Nas festas populares do Brasil as danças fazem-se percorrendo várias casas um magote de indivíduos, com um rapaz que leva a *figura de um boi*, em que se oculta, e as cantigas simulam uma espécie de auto dramático.³⁴³

«No 1.º de Janeiro de cada ano (Cabo Verde) esperam as raparigas os rapazes, e estes aquelas, e o que avista primeiro o outro, grita com toda a força, dizendo:

– Nhô fulano, *dá-me o Reis?*»

«Se a rapariga foi quem pediu primeiro, o rapaz dá-lhe um corte de camisa, ou de saia, que lhe leva a casa no dia 6; e se o rapaz foi quem pediu, vai este a casa dela, que já lá tem um corte de calça de cotim ou outro qualquer objecto. No ano seguinte o que recebeu dobra a dadiva, e assim continua todos os anos, até chegar a contar de ouro no valor 20 mil réis, corte de calças, casacos de pano fino, etc. A final, acabam os Reis com o casamento...»³⁴⁴

O *Dia de Reis*, celebrado a 6 de Janeiro, é uma forma de comemoração do nascimento de Cristo, da igreja do Oriente influenciada pelo *achado de Osiris* (Creuzer). Prestes, escreve: ««Cantai-lhe os Reis, se cumpris» (p. 240). E D. Francisco Manuel de Melo: «E a este propósito não é sem sabor cantar hoje: *Reys mui santos*

³⁴² *Ethnogénie Gauloise*, t. III, p. 294.

³⁴³ *Contos Populares do Brasil*, nº72 e nota.

³⁴⁴ *Almanaque de Lembranças*, para 1865, p. 68.

cobrados, e ir prosseguindo.» (*Cartas*, p. 542). Dos costumes açorianos, escreve José de Torres: «O cantor dos *Reis* e *Sebastianas* nas noites que precedem os dias 6 e 20 de Janeiro, são folguedos análogos. Se as cantigas variam, músicas e cenário permanecem os mesmos. Muitas vezes nesta espécie de peditório tem os ranchos de cantores por fim auxiliar algumas capelas e ermidas pobres.»³⁴⁵ Na ilha da Madeira costuma-se visitar as *lapinhas* ou presépios: «Quando em dia de Reis a lapinha do vilão é visitada por algum fidalgo ou fidalga, por muito honrado se tem o dono em que o senhor ou a senhora tire da lapinha um ou outro fruto, o que em geral lhe é pago bizarramente com uma boa oferta pelos fidalgos.»³⁴⁶ As casas estão francas durante as três oitavas do Natal.

As *Janeirinhas* na Foz do Dão – «É costume nesta aldeia nos dia 3 a 6 de Janeiro, juntarem-se os rapazes em grupos e percorrerem todas as casas a pedirem as *janeirinhas*. Costumam dar-lhes chouriços, cebolas, batatas, alhos, castanhas, maçãs, passas, vinho, etc. Um dos do grupo vai adiante com uma candeia a alumiar; quando se lhe acaba o zeite é costume encher-lha de novo na casa a que vão pedir. Vai outro com um saco para receber as esmolas. Se acontece, e acontece muitas vezes, não lhe darem coisa alguma, o grupo faz coro diante da porta, dizendo:

Surrão, surrão,
Esta casa vá ao chão!

Quando lhes dão, dizem lisonjeando o dono:

Ripa, ripa,
Esta casa seja rica!

Depois do peditório e correrem as casas, vão fazer uma fogueira para assarem castanhas ou alguma outra coisa das que lhes deram.»³⁴⁷

No dia de Reis deitam-se três bagos de romã no lume para o ter aceso todo o ano, três bagos na caixa do pão e três no bolso do dinheiro para ter dinheiro e pão.³⁴⁸

O *São Gonçalo* (10 de Janeiro) – «Por ocasião da festa que lhe fazem em Amarante, e à qual concorre muita gente do Minho, Maia, etc., com festas, descantes, vão os romeiros e romeiras a um giestal próximo da vila *dar um nó* numa giesta, e por milagre do santo casam. Os romeiros trazem à volta o chapéu enfeitado com o registo do santo (como noutras romarias) figuras de trigo pintadas e cobertas de açúcar, etc. O que é mais importante para este estudo, é o costume que as raparigas mais garotas têm de trazer da romaria pãezinhos pequenos, à maneira de úberes de cabra, a que em boa linguagem popular chamam *falus* de São Gonçalo. As pessoas que não vão à romaria pedem que lhes tragam estes pãezinhos.»³⁴⁹ Lê-se na *Description de la Ville de Lisbonne* (1738): «Os velhos e pessoas achacadas têm igualmente uma singular devoção a São Gonçalo, português de nação, que está no convento dos dominicanos, na praça do Rossio. No dia da sua festa *fazem ali umas danças bailando e cantando*:

Quem com o Santo quiser sarar
Ao Santo ha de bailar.»

³⁴⁵ *Fastos açorianos*, Pan., t. XIII, p. 111.

³⁴⁶ *Actualidade*, nº293 (1876).

³⁴⁷ *Almanaque de Lembranças*, para 1873, p. 196.

³⁴⁸ Pedroso, *Superst.*, nº324.

³⁴⁹ Leite de Vasconcelos, *Vanguarda* nº27, 1880.

Eis uma amostra das Cantigas que se repetem em Penafiel:

S. Gonçalo d'Amarante
Foi ao moinho de vento,
Traz a farinha na testa
para fazer o fermento.

Prometi a S. Gonçalo,
prometi hei-lho fazer,
Uma papia de maça
Quando minha mãe coser.

As *Festas de além do Côa* – na véspera da festa de qualquer santo, os mordomos a cavalo, um vestido de capitão de infantaria, outro de alferes, e outro de Anjo entre eles, com uma bandeira, e um papel com fitas pendentes, acompanhados ao som do rufo, de muita gente, vão à porta da igreja e depois à do pároco, onde lançam um pregão dos Milagres e vida do Santo.

«Chama-se a esta cerimónia a *Fama*.

«No dia seguinte os mesmo acompanham a procissão com espadas nuas; o Santo na volta fica à porta da igreja, voltado para o povo, e os três fazem diante da imagem muitas evoluções de esgrima, simulando atacar o Santo, até que lhe depõem as espadas aos pés. É o que se chama a *Vénia*. Depois disto é a *Corrida do Galo*, indo por fim um rancho de trinta homens dar tiros de pólvora seca à porta dos novos mordomos.»³⁵⁰

Santo Amaro (15 de Janeiro) – na cidade da Horta é festejado Santo Amaro todos os domingos desde 15 de Janeiro até 2 de Fevereiro, fazendo-se leilão de pernas e braços de massa.³⁵¹ Em Beja, fora da porta de Évora, festeja-se este Santo, oferecendo-lhe as camponesas *pernas e braços* de massa de doce: «de noite é que a função se torna algum tanto profana, pois se transforma a igreja em mercado, no qual se vendem todas as pernas e braços oferecidas ao Santo. Não haja medo que alguém deixe de comprar um braço ou uma perna, que logo vai para o estômago do comprador, pois é de fê que assim se evitam as dores no ano seguinte, nas próprias pernas ou nos próprios braços, que também ficam livres de se partirem ou desmancharem. Há anos em que se consomem perto de quarenta alqueires de farinha em braços e pernas.»³⁵²

Na ilha de São Miguel (freguesia de São José, em Ponta Delgada) há esta festa; a venda das ofertas faz-se na igreja durante algumas tardes. Na ilha da Madeira, os doces, carne de porco, mel e outros acepipes do Natal, consomem-se em dia de Santo Amaro, «em que tem lugar o *varrer dos armários*, costumando as pessoas de amizade irem umas a casa das outras com uma vassourinha varrer os armários, o que dá lugar a muito riso, muita conversa e às vezes música e dança».³⁵³

O *São Sebastião* (20 de Janeiro) – eis como se faz a festa de São Sebastião em Faro: «Logo na tarde do dia 19, rapazes e crianças de ambos os sexos e em grande número, invadem as casas da cidade, pedindo velas, cotos, pavios, tudo finalmente que possa servir para improvisar uma tocha ou coisa que com isso se pareça. Obtido o indispensável combustível, é este fixado num pau ou numa cana, e põe-se-lhe à roda um guarda-vento de papel, em que às vezes se vêem extravagantes pinturas. Os marítimos

³⁵⁰ *Almanaque de Lembranças*, para 1878, p. 130.

³⁵¹ *Ibidem*, para 1861, p. 119.

³⁵² *Almanaque de Lembranças*, para 1860, p. 284.

³⁵³ *Actualidade*, nº293 (1876).

preferem archotes ou pedaços de cordas velhas, e reúnem-se todos em frente da ermida, na noite da procissão (quando é levado para a Sé, onde fica até ao dia seguinte). Ao ingrato som das continuas badaladas de uma solitária sineta, começa o préstito a mover-se, por volta das oito horas daquela sempre fria e desagradável noite. Mal que sai da capela o andor do Santo, atoa os ares uma terrível vozeria, são três ou quatro mil pessoas a repetir com toda a força dos pulmões a antífona popular: *Viva o mártele Sam Sebastião!* E lá vai caminhando o Santo atrás daquela desordenada multidão, sem que cessem um único instante, enquanto o Santo anda por fora, nem a antífona, nem os estalos de bombas e foguetes, nem os assobios e gritaria dos rapazes... é permitido nessa noite a qualquer marítimo o queimar as barbas e chameuscar o cabelo a outro cidadão que vá munido de uma arma igual... Muitas são as chameuscaduras, muitas as pirraças para apagar os archotes, muitas as graças pesadas, sem que de tudo isto resulte contenda ou rixa alguma. Quando o préstito chega à praça, é que a solenidade se torna mais interessante. De todas as ruas saem ranchos de mulheres conduzindo crianças a pé e ao colo. Na mão destas se vê a clássica tocha, preparada com desvelo pelo pai ou pela mãe, e que às vezes é origem de grandes choradeiras. Chega finalmente a procissão à Sé, em cujo largo se diria que debandava o préstito, se em debandada não tivesse ele vindo até ali.»³⁵⁴

Em Nisa «de tarde tem lugar a venda dos ramos, que são ofertas e presentinhos que lhe fazem as donzelas devotas da vila, de algumas cestas de fruta, pratos de doce, carne ensacada, ou queijo de seus rebanhos, em remuneração de alguma assinalada mercê que receberam».³⁵⁵

A Festa das Fogaceiras, celebra-se em 20 de Janeiro, na vila da Feira, em louvor de São Sebastião. São três grandes fogaças, que três donzelas pobres levam em procissão à matriz, onde são benzidas, havendo sermão e missa; vem depois em procissão à casa da Câmara, onde elas são repartidas pela população, levando as meninas as fatias pelas portas e recebendo a esmola que cada um quer dar.³⁵⁶

Fevereiro. – A Festa da *Senhora das Candeias*, celebrada a 3 de Fevereiro, é uma transformação da festa romana da deusa *Febbrua*, em que os rapazes faziam um grande barulho; no Monferrato tem o título de *Facirere*. Como o Fevereiro fora antigamente o último mês do ano, diz Ferraro: «*utebatur libertate decembris*.»³⁵⁷ Num jornal lemos a seguinte notícia relativa ao dia 3 de Fevereiro: «Realizou-se trasantontem, em Lisboa, no Lumiar, a Feira de Santa Brízida. Os camponeses concorreram em grande número com gado, e depois de comprarem as *candeias* e rolo de cera, deram três voltas à roda da igreja, para assim ficar, segundo dizem, livres de moléstias provenientes de mau-olhado. O gado vacum e bovino, depois da passeata retirou trazendo nas hastes *candeias* enroladas.»³⁵⁸ No *Cancioneiro da Vaticana* fala-se neste costume do século XIII:

Quer' eu ora mui cedo provar se poderey
hir queimar mhas *candeas* com gram coita qu' ey,
e por veer meu amigo. (Canç. 265.)

Poys vossas madres vam a Sam Simom
de val de Prados *candêas* queimar,
nós as meninas punhemos d'andar

³⁵⁴ *Almanaque de Lembranças*, para 1860. p. 82.

³⁵⁵ *Mem. Hist. da Vila de Nisa*, t. I, p. 85.

³⁵⁶ *Almanaque de Lembranças*, para 1861, p. 85.

³⁵⁷ *Rivista de Letteratura Popolare*, p. 148.

³⁵⁸ *Actualidade*, Porto, 3 de Fevereiro de 1885.

com nossas mães, s'ellas entom
queymen *candêas* per nós e per si,
e nós meninas bailaremos hy. (Canç. 336.)

A *Candelária* é comum a todo o ocidente, e é considerada como um período de observação meteorológica nos provérbios vulgares:

Se a Senhora da Luz chorar,
Está o inverno a acabar.

Se a Senhora da Luz rir,
Está inverno para vir.

Na Toscana diz-se este mesmo provérbio, em que a observação meteorológica se mistura com o acto cultural:

Se piove o nevica per la Candelora
Dell' inverno siamo fora.
Se è sole, o solicello
Siamo in mezzo al verno.

E na Estremadura espanhola, se diz:

El dia de la Candelora
que llova, que no llova,
inferno fora.
Y se llova y hace vento
inverno dentro.

O mesmo provérbio é comum a Espanha, França, Inglaterra e Alemanha.³⁵⁹

Em São Miguel faz-se a festa de *São Brás*, no dia 3 de Fevereiro; vende-se na igreja pão bento e ofertas ao Santo, como na Sicília, a *cannaruzzedda di S. Brasi*.

Março. – A festa de São Bento, coincide com a outra da primavera, e confunde-se com a *festa do Cuco*. Ampère fala deste costume na Grécia moderna: «A canção da *andorinha*, de que falam os antigos, é ainda hoje entoado pelas crianças gregas no primeiro dia de Março, e mesmo conservaram o costume de levarem consigo a imagem de passarinhos, cuja volta anuncia a primavera.»³⁶⁰

Na *Description de la Ville de Lisbonne*, fala-se também na festa de São Bento, em 21 de Março: «Os homens e mulheres têm grande devoção a *São Bento*, cujas relíquias repousam numa grande igreja do seu nome. Vê-se a 21 de Março... um concurso extraordinário do povo, que batendo à porta desta igreja pede ao Santo que lhe não deixe faltar o pão; e pelo ano adiante as raparigas mandam ali dizer missas para encontrarem bons maridos.» Já vimos nas superstições populares a fórmula do *cuco*, comum ao Ocidente. No Minho a *festa do Cuco* tem uma forma dramática rudimentar:

³⁵⁹ Pitrè, *Spettacoli e Feste*, p. 180. Lê-se em Leroux de Lincy (*Prov.*, t. I, p. 65):

La veille de la Chandeleur
L'hiver se passe ou prend vigueur.

³⁶⁰ Grèce, Rome et Dante, p. 58.

«Em Vila Nova de Famalicão, a melhor festa para os habitantes da vila é a do *Cuco*. E sempre no dia de São Bento (21 de Março). Vai o Cuco-mor metido numa liteira puxada por dois burros lazentos; depois do Cuco-mor segue-se o trem, que consiste em tachos, bacias, caldeiras, etc., tudo muito velho, carregado em jumentos; e atrás de tudo segue-se o brasão de armas dos irmãos da confraria, que é outro jumento carregado de chifres de boi. Em todos os largos pára esta linda comitiva, e o Cuco-mor envia então várias aves pequenas, como pardais, chascos, etc., dizendo com grande alegria dos espectadores: – Aí vai um *cuco* para a freguesia de tal; outro para a freguesia de tal. E assim correm toda a vila.»³⁶¹

Abril. – O primeiro dia de Abril é o *dia das petas* (Açores) ou dos enganos (Porto); chama-se-lhe em França *Poison d’Avril*. Lemos num jornal provinciano: «Efectivamente um dos enganos mais explorados é o obrigar um indivíduo a dar passos baldados, procurar um objecto impossível ou que não está no sítio que lhe designam. E são especialmente as crianças escolhidas para vítimas dos enganos, porque a elas se presta mais a sua inocência. – Vai buscar uma corda para amarrar o vento. – Ah! exclamam para outro: Quem te pintou a cara? E a criança corre ao espelho e só então se lembra que está no 1º de Abril.»

Entre 22 de Março e 25 de Abril flutua a festa da *Páscoa*, que neste lugar descreveremos em todos os seus elementos.

No Pegu, como conta Symes, «no *último dia do ano solar*, que corresponde naquela região ao nosso 12 de Abril, homens e mulheres fazem uma espécie de *Carnaval*, esguichando-se uns aos outros com água fresca e limpa, com a qual dizem que lavam todos os pecados do ano».³⁶² Também na Índia existe o mesmo costume nas festas de Christna, com o nome de *Vasanta*; é a festa da primavera, atirando-se uns aos outros pós vermelhos, ordinariamente de raiz de gengibre, coloridos com açafrão, e esguichando-se com água perfumada, lançando-se folhas de rosa. Temos estes costumes ainda com sentido cultural. José de Torres descreve o *Entrudo nos Fastos açorianos*: «Já pouco nos resta dele: reuniões frouxas e brindes de família nas quatro *quintas-feiras de amigos e amigas*, de *compadres e comadres*, anteriores ao domingo da Quaresma: as *filhós*, os *sonhos*, as *mal-assadas*, que como trunfo obrigado se dão nesses dias, e no Domingo Gordo até à Terça-feira de Entrudo. – Aquelas quintas-feiras são uma compensação hebdomadária de quatro semanas roubadas à loucura e preguiça do Carnaval... – os três últimos dias de preceito, que apenas se revelam por alguma *máscara* nas ruas, pela água da rara *caldeirada* ou borrito da *borracha*, pelo combate dos *projecteis de cera* recheados de água e aroma (que os ovos não são lá de usança) – pela metralha de grãos cereais ou legumes, por alguma cara assaltada ou *farruscada*, pelo fato empoado de farinha, e o corpo perseguido pelos malditos *papelinhos*, fáula de *dolichos* infaustos; algum *mergulho* nos tanques públicos, alguma *laranjada* de garoto, que a turba aplaude e excita, completam a festa. – O lugar do combate nenhuma outra coisa anuncia de longe senão a repetida bulha de *estalos* fulminantes.»³⁶³ Do uso das *laranjadas* no século XVI, fala Frutuoso: «E andando no paço, sendo mancebo e moço fidalgo no Mosteiro de Santo Agostinho, em Santarém, outros moços fidalgos *junto do Entrudo* se puseram todos contra ele às laranjadas...»³⁶⁴ Um alvará de Filipe III, de 15 de Dezembro de 1608, § 43, proibiu nas ruas de Lisboa as *laranjadas* e *brigas de Entrudo*. Para afastar o povo das festas do Carnaval instituiu-se o *Jubileu das Quarenta*

³⁶¹ *Almanaque de Lembranças*, para 1857, p. 146.

³⁶² *Piccola Enciclopedia Indiana* p. 65.

³⁶³ *Panorama*, t. XIII, p. 112.

³⁶⁴ *Saudades da Terra*, p. 101.

Horas «com pomposas festas de igreja, com recreativas procissões nos três dias de entrudo.³⁶⁵ Os jesuítas em 1608, iniciaram estas devoções, levantando na igreja de São Roque uma pirâmide encimada por um arcanjo que abria e fechava as asas mostrando ou ocultando a custódia, concorrendo às confissões e comunhão para cima de vinte mil devotos, atraídos pela novidade. Durante os três dias de entrudo fizeram três procissões, dos meninos, dos escolares de Santo Antão, e dos Irmãos da Congregação da Doutrina; a corrente popular prevaleceu. Leite de Vasconcelos cita outro costume: «Nas aldeias da Beira Alta presenciei muitas vezes o costume de *queimar os compadres* e as *comadres*, nas duas quintas-feiras mais próximas do Entrudo. Uns e outros são monos de palha... os primeiros representam homens e são feitos e queimados pelas mulheres; os segundos representam mulheres e são feitos e queimados pelos homens. Os *compadres* queimam-se ordinariamente nas janelas, porque os homens não os deixam sair fora; as *comadres* levam-nas espetadas pelas ruas guardadas por gente mascarada... é costume lerem-se *testamentos* em que os supliciados fazem as suas deixas.»³⁶⁶ No Alentejo e Algarve usa-se por ocasião do Entrudo enganar os moços convidando-os para irem à *Caça dos Gramozinhos* ou *Gambozinhos*; consiste o engano em levá-los para o campo, e colocá-los ao pé de um agulheiro de qualquer muro com um saco na mão à espera que saia dali o gramozinho, espécie de coelho pequeno. Os companheiros fingem que vão bater o mato, e deixam-no ali até que o rapaz cai em si conhecendo o logro. Na Estremadura e Minho esta pulha faz-se pela *Serração da Velha*.

Na *Quarta-feira de Cinza*, queimam-se os *Ramos* do ano antecedente. «Em Bragança, a Misericórdia aluga neste dia um fato que *figura a Morte*, e o indivíduo que o veste empunha uma foice, correndo a cidade e dando pancadaria nos rapazes que o perseguem cantando:

Oh Morte! oh piela,
Tira a chicha da panela!

O aluguer dura só por uma hora, renovando-se até que o último acompanha a procissão da Cinza, levando ao seu lado um anjo com a árvore do paraíso.»³⁶⁷

Na *Description de la Ville de Lisbonne*, de 1738, descrevem-se as práticas da Quaresma: «Esperam (as mulheres) com grande impaciência as procissões da Quaresma, porque se lhes permite então saírem para irem ver as cerimónias, e porque aquelas que têm desejo de fazer outro uso da liberdade daquele tempo o podem fazer sem perigo não sendo quase possível espiá-las por causa da quantidade de mulheres que se vêem nestas ocasiões e da conformidade dos seus vestuários.» – «Nas procissões de Quaresma azurragam-se a si próprios horivelmente, ou arrastam ao andarem cadeias presas às pernas, e outras penitências semelhantes. Contudo nestas mesmas ocasiões alguns trazem uma fita no ombro para serem reconhecidos de suas namoradas.» A *Quaresma* é representada como uma entidade,³⁶⁸ e logo que se chega a metade deste período de sete semanas, faz-se a *Serração da Velha*. Entre os Árabes, os sete dias de solstício do inverno são chamados *os dias da Velha*; Gil Vicente, no *Triunfo do Inverno*, representou o inverno como a *Velha*, perseguida pelo *Maio moço* ou o verão.³⁶⁹

Na Moita a *Serração da Velha* apresenta uma realidade pouco agradável para a

³⁶⁵ *Sumário de Vária Hist.*, t. II, p. 79.

³⁶⁶ *Vanguarda*, nº19 (1880).

³⁶⁷ J. Avelino d'Almeida, *Dic. Abrev. de Corografia*, t. I, p. 190.

³⁶⁸ *Testamento que fez Maria Quaresma*. Academia das Ciências: Papéis vários, t. 51. É uma *Serração da Velha* em verso.

³⁶⁹ *Origens Poéticas do Cristianismo*, p. 266.

gente de avançada idade: «Reúne-se pela manhã toda a rapaziada, munida de grandes chocas, chocalhos e campainhas, e percorre as ruas da vila em procura da velhice. Chegados que são à habitação de alguém que conta um bom par de janeiros, aí começam a *serrar* (no sentido de *scier*), o descuidado anacoreta... com uma infernal orquestra composta daqueles harmoniosos instrumentos, até que faltando a paciência ao serrado, recorre às armas... Trabalham bordões, servem pincéis molhados em cal, não se poupa água a ferver, em suma, emprega o mísero condenado ao chocalho todos os meios que imagina para destroçar a terrível falange... Só deixam a vítima depois de a haverem estafado... conseguido isto ei-los aí vão procurar novo padecente. Dura isto todo o dia e parte da noite, etc.»³⁷⁰

As cerimónias populares da *Serração da Velha* variam segundo as localidades; porém, sempre na noite de quarta-feira da terceira semana da Quaresma: «Celebra-se à luz de archotes, com música e algazarras, fingindo-se serrar através do corpo uma velha metida num cortiço, e chamada *Maria Quaresma*. O testamento da velha, enfiada de pulhas em verso de pé quebrado, tem sido por muitas vezes feito e impresso. Aos galegos boçais, aos provincianos lorpas, e aos rapazes da rua ainda não traquejados nas coisas de Lisboa, costuma-se pregar a peça de os fazer ir para algum sítio remoto com banco ou escada às costas, para melhor desfrutarem a cómica-tragédia, que se reduz ao logro, e meia dúzia de cacholetas ao som de vaias.»³⁷¹ Em Lagos também se pratica esta usança quaresmal.³⁷²

A última semana da Quaresma, é chamada a *Semana Santa*; o povo dá a cada uma das semanas da Quaresma um nome: «Ana; Magana; Rabeca; Susana; Lázaro; Ramos na Páscoa estamos.»

No Domingo de *Ramos*, costumavam os imperadores do Oriente e os reis de França indultar os criminosos; em Portugal conservava-se esta prerrogativa do monarca. O povo vai às igrejas buscar *ramos* de palmeira, que pendura em casa às cabeceiras das camas. Chamava-se a este dia nos antigos prazos e romances tradicionais *Páscoa florida*; a missa dita em oblação, consagração e comunhão chama-se *missa seca*.

Na *Quinta-Feira de Trevas*, a cada salmo que se canta apaga-se uma luz. Diz Viterbo, no *Elucidário*: «*Galo das Trevas*, assim se chamava em algumas terras da província do Minho, a vela mais alta no meio do candeeiro triangular, que se põe no ofício das trevas da Semana Santa.» É evidente aqui a relação da luz com o *galo* na imaginação popular. Em um documento de Ponte do Lima, de 1600, também se lhe chama *Vela Maria*; é outra mitificação relacionada com a solidão da mãe, porque esta vela é a última que se apaga. O padre Manuel Bernardo clamava: «Emende-se pois o abuso de fazermos ou permitir se façam *vigílias e serões à Cruz* ou aos altares que se

³⁷⁰ *Almanaque de Lembranças*, para 1860, p. 305.

³⁷¹ *Ibidem*, para 1855, p. 171.

³⁷² Lemos na *Folha Democrática*, nº7 (Lagos, 1883): «Alguns artistas desta terra efectuaram na quarta feira passada a mascarada da *Serração da Velha*.

«Foi uma diversão inocente e ingénua que fez lançar nas ruas de Lagos uma verdadeira multidão centenariana. um genuíno agrupamento de pessoas ávidas de presenciar o que ha trinta e tantos anos se não fazia aqui. Uma enorme procissão bem disposta e arranjada percorreu, à noite, todas as ruas.»

«Antes da competente barreira e na frente vinha a respectiva serra, facto no qual alguns reaccionários da terra viram uma frizante parodia á cruz dos prestígios religiosos. Formavam alas perto de 150 indivíduos, apropriadamente desfigurados e munidos de lanças. No fim de tudo, vinham, em burros como em andores floridos, primeiro a velha destinada ao suplício e depois o respectivo consorte lavado em lagrimas de dor.»

«Não queremos expor aqui o que os mesmos reaccionários diriam sobre este assunto.»

«Finalmente fechava o séquito o tribunal de justiça, composto de juiz, carrascos e escrivão que lia de vez em quando a sentença e que na praça do Cano, onde estava o cadafalso armado, fizeram cumprir o seu terrível desígnio.»

armam nas ruas, com aquelas profanidades que só podem ser aceites a Baco e Vénus...»³⁷³ O povo reveste as cerimónias de Endoenças com abundantes elementos dramáticos. Costa Cascais descreve o divertimento das

Trevas:

Já tocam matraca
Já maços aprontam
Rapazes que contam
As trevas bater,
A mais não poder.
Peitara um gaiato,
Que ao bater das trevas
Nos pregasse o fato...³⁷⁴

«Em Lamego, a imagem do Senhor dos Passos é conduzida na Quarta-Feira Santa à noite, do Convento da Graça para a Sé, donde sai a procissão no dia seguinte. Toda a gaiatada da cidade apenas escurece, afluí à Graça em montão, com lanternas de papel no alto de canas e varapaus, e como o Senhor passa da freguesia de Almacave para a da Sé, a maldita rapaziada forma dois partidos, e ali se desenvolve a rivalidade imemorial entre as duas freguesias. As chufas e pulhas cruzam-se logo, apenas sai o andor, e ao mesmo tempo os dois bandos entoam como endiabrados – os da freguesia de Almacave estas e outras edificantes quadras:

O Senhor dos Passos tem
Um madeiro de oliveira
Que lho deram os judeus
Da rua da Carquejeira.»

«E os da Sé esta e outras:

O Senhor sai para baixo,
Vem da terra dos judeus;
Vamo-nos daqui embora,
Que lá vem os fariseus.»

«Com o andor lá vão em volta deste infernal *charivari*, até que à porta da catedral por despedida e cúmulo de irreverência, partem uns nos outros as canas e varapaus e semeiam as pedras como doidos.»³⁷⁵

Em Ponte da Barca – «Após o guião, vai uma fila de crianças vestidas de branco; segue-se depois um penitente grande, de costas para elas, vestindo também de branco, xaile escarlata e lenço na cabeça atado com uma fita, um penitente pequeno lhe vai segurando a saia. O grande leva uma espada na boca, e mais duas, uma em cada mão, as quais vai esgrimindo, uma vez para diante e outra para trás. Segue-o outro, com o mesmo aparato marchando para diante; depois outro que vai recuando, e assim grande porção deles; os que levam, porém, caudatário são os que andam como o caranguejo. Segue-se Abraão vestido à turca, Sansão trajando esquisitamente e com as portas de Gaza às costas; depois muitos anjinhos vestidos de cores alegres e vistosas; no meio

³⁷³ *Floresta*, t. II, tit. 1.

³⁷⁴ *Panorama*, t. XII, p. 115.

³⁷⁵ *Almanaque de Lembranças*, para 1863, p. 203.

deles Judite com a cabeça de Holofernes, depois o andor do Senhor dos Passos, e atrás as três Marias, São João Baptista de coroa na cabeça, e a Verónica com toucado de plumas, todos ricamente vestidos. Segue-se depois um pastor pequeno com um carneiro vivo aos ombros, e os quatro Evangelistas com os nomes nas costas, e escrevendo em grandes livros que levam. Atrás deles vai a guarda romana com o Centurião, e fecha o préstito a música da terra.»³⁷⁶

Eis sobre a *Procissão do Enterro*, em Nisa – «O enterro do Salvador, que a igreja celebra em Sexta-Feira Santa, fazia-se antigamente de noite na igreja matriz com grandes gritos e alaridos das mulheres, e depois saía em procissão pela vila, reunindo-se-lhe pelo trânsito muitos penitentes, que se iam açoitando, outros com rigorosos cilícios, e outros com pesadas barras de ferro, que arrastavam com grande estrépito; mas porque estas penitências iam degenerando em escândalos, foram proibidas expressamente no ano de 1731, e nunca mais se repetiram.

«Também as matronas e donzelas da vila eram sumamente afeiçoadas a esta função da Semana Santa, a que assistiam desde o seu principio, a missa de quinta-feira maior até à procissão da ressurreição, em que se tirava o Sacramento do trono, em que estivera encerrado, ficando toda a noite na igreja, onde dormiam e se cometia todo o género de irreverências.»³⁷⁷

Uma das injúrias locais é perguntar em Campo Maior *Quando são lá as Endoenças?* A Paixão é sempre uma grande festa local; conta-se por anedota que a Câmara de Campo Maior para festejar uma visita real em 14 ou 15 de Agosto, determinara que se lhe celebrasse em sua honra umas endoenças.³⁷⁸ Toda a Semana Santa é para o povo um drama; nas Constituições do Arcebispado de Lisboa, proíbe-se a representação dos *Autos da Paixão* nas igrejas: «E por quanto dos Autos em que com figuras se representa a Paixão de Cristo Nosso Senhor se seguem muitas indecências, defendemos sob pena de excomunhão maior, e de vinte cruzados, aplicados para a Cruzada e despesa da nossa Relação, que nem nas igrejas, nem nas procissões que se fazem quinta e sexta-feira da Semana Santa se *representem autos ou diálogos da Paixão*, nem se introduzam figuras vivas para o tal efeito. E tudo o que nelas se houver de representar, seja com imagens de pau, barro e semelhantes, etc.»³⁷⁹ Muitas das cerimónias da Sexta-Feira da Paixão tem analogias com as que se praticavam na paixão de Adónis, em Béblos, e em que a Virgem da Soledade conserva os traços de Astarte.³⁸⁰

No Sábado da Aleluia, o povo costuma fazer o *enterro do bacalhau*, ou o *enforcamento de Judas*. No livro de Marianna Baillie, *Lisboa in the years 1821, 1822, and 1823*, lê-se: «As cerimónias da Semana Santa, chegaram neste pais a um tal extremo de farça impia e absurda, que sem se ver torna-se impossível acreditar, pois até nas ruas *enforcavam Judas*, e fazem procissões em que um homem representava de Abraão.»³⁸¹ Costa Cascais descreve este costume, ainda vigoroso por causa das alusões políticas.

E um Judas pendente
Na corda dançava
Ao som da algazarra

³⁷⁶ *Ibidem* para 1860, p. 296.

³⁷⁷ Mota e Moura, *Mem. Hist. da Vila de Nisa*, t. I, p. 122. V. nas Obras de Filinto Elísio, t. V, p. 403, a *Charola da Ajuda*, ou uma paródia da paixão pelos rapazes.

³⁷⁸ *Almanaque de Lembranças*, para 1859, p. 269.

³⁷⁹ Liv. II, tit. VI, § 1.

³⁸⁰ Alfred Maury, *Hist. des Religions de la Grèce Antique*, t. III, p. 222.

³⁸¹ *Ap. Portugal e os Estrangeiros*, t. I, p. 46.

Que a plebe soltava...
 Contou-me a vizinha
 Que a festa em Lisboa
 Seu Judas lá tinha...

A *bênção do lume novo* faz-se no Sábado de Aleluia;³⁸² sobre o sentido mítico desta cerimónia escreve Burnouf na *Ciência das Religiões*: «Na igreja primitiva a cerimónia do fogo e do círio pascal tinha lugar no domingo, no segundo nocturno, entre as três e as seis horas da manhã; era na alvorada, porque no dia do equinócio o Sol levanta-se às seis horas. O fogo produzido pelo atrito serve para acender o círio pascal; o diácono vestido de branco pega numa cana que é o *vêtas* do hino védico, e na ponta dela põe três velas representando os três focos do recinto védico; acende cada uma delas com o fogo novo, dizendo de cada vez: *A luz de Cristo!* Em seguida acende o círio pascal, no qual a cera substitui a manteiga do sacrifício dos árias. É então que o Cristo aparece com o verdadeiro nome de *Agnus*, forma latina do *Agni* da Índia.» A Páscoa celebra-se nas famílias com um jantar lauto; lê-se no *Cancioneiro da Vaticana*:

Como eu em *dia de Páscoa*
 queria bem comer. (Canç. nº73.)

O povo crê que em chovendo no dia de Páscoa não há nozes nesse ano (Minho); esta mesma crença existe na Alemanha em relação ao dia de Santa Margarida (13 ou 20 de Julho), e em França em relação ao dia de São Medardo.³⁸³

No alto Minho e arredores de Monção, em todas as famílias mata-se um cabrito a segunda-feira imediata ao Domingo de Páscoa.³⁸⁴ Segue-se o *Compasso*, ou a visita que o pároco faz aos casais da sua freguesia depois da Páscoa; no Minho chama-se também o *Folar*, oferecendo-se ao pároco uma garrafa de vinho, um pão de ló e uma moeda de prata. Aludindo a este uso, diz Viterbo: «Entre nós contudo, parece serem restos do antigo costume (dos salários aos confessores) assim as *reconhecenças* como também os *afolares*, que na Quaresma ou na Páscoa se praticam.»³⁸⁵

Depois da Quaresma, aqueles que vão ao confesso, diz-se que vão na *semana dos arrastados* (ilha de São Miguel). Na freguesia de Santa Comba dos Oleiros havia na igreja um grande chocalho «para com ele fazer grande chocalhada aos que se confessam passado o tempo determinado pelas leis do bispado».³⁸⁶

Lê-se na *Description de la Ville de Lisbonne*: «Expõem algumas igrejas, particularmente em quinta-feira da Ascensão, canários em gaiolas muito asseadamente enfeitadas com flores e fitas de modo que estes passarinhos animados pelo cantar dos padres, não interrompem seus cantos e formam um concerto e espectáculo assaz novo para os estrangeiros.»

Nas Oitavas da Páscoa se celebrava a festa de São Pedro Gonçalves (o fogo meteórico do *santelmo*) «e aquele dia é o de maior triunfo de todos os pescadores, que todos os outros, e em que eles fazem maiores gastos e despesas, que em todos os mais».³⁸⁷ «E andava grande borborinho entre os pescadores de Alfama... porque aquele ano lhe tirara o Arcebispo aquelas suas tão antigas cerimónias com que veneravam e

³⁸² Na Póvoa do Varzim (v. *Actualidade*, de 31 de Março de 1883).

³⁸³ *Rev. Germanique*, t. XV, p. 9.

³⁸⁴ *Almanaque de Lembranças*, para 1878, p. 261.

³⁸⁵ *Elucid.*, vb° Abadengo.

³⁸⁶ *Almanaque de Lembranças*, para 1859, p. 254.

³⁸⁷ *Ibidem*, p. 362.

festejavam o dia do bem-aventurado São Pedro Gonçalves, levando-o às hortas de Enxobregas, e com muitas folias, e de lá o traziam enramado de coentros frescos; e eles todos com capelas ao redor dele, dançando e bailando. E porque não nos lembra vermos escritas estas cerimónias em alguma parte, o faremos aqui brevemente.» («Relação do Naufrágio da Nau S. Maria da Barca», 1559; *História Trágico-Marítima*, t. I, p. 312.)

São Marcos (25 de Abril) – na freguesia de São Marcos da Serra (Algarve) os pais levam as crianças travessas ao padroeiro da freguesia, e batem-lhe com a cabeça no touro que está aos pés da imagem, dizendo:

Mé senhor San Marcos
Que amansais bois brabos,
Amansai-me este filho
Que é pior qu'a todos diabos.

A cada verso segue-se uma valente cabeçada, de sorte que a criança atordoadada fica mansa.³⁸⁸ Na freguesia da Penha de Águia há uma ermida com uma sepultura que se diz também ser de um São Marcos: «É de fé por ali, que tem a virtude de amansar os rapazes bravos, que são deitados de costas por espaço de uma hora sobre a sua sepultura.»

Em Alter do Chão festeja-se São Marcos estrondosamente, por causa das virtudes de livrar os gados dos lobos e de moléstias: «Antes da festa vêm os padres fora da igreja, e cantando em coro a ladainha, acompanham para dentro um novilho, que quatro *empresadores* (irmãos de São Marcos, e que se têm previamente confessado) ali obrigam a entrar, batendo-lhe com umas varinhas e dizendo: *Entra Marcos, em louvor de São Marcos!* O novilho entra, chega ao altar-mor, e daí volta à porta, pelo mesmo caminho que se lhe deixa desimpedido. – Depois da festa metem-se na igreja alguns bezerros, que se oferecem ao Santo, transformando-se assim o templo em um curral.»³⁸⁹

Esta festa corresponde às *Rubigales*, que se celebravam em Roma, à Deusa Rubigo, para apartar as névoas dos campos. Era a *metade da primavera*, e as festas tinham por fim evitar as chuvas. Os anexins italianos, espanhóis e portugueses conservam este carácter:

S. Marcu é lu lupu de la campagna.³⁹⁰

San Marcos
Llena los charcos

Na província de Cáceres usa-se esta festa do *boi marcos*, levado ao altar.³⁹¹

Maio. – O dia 1º de Maio é festejado em todos os pontos de Portugal. O *Bé-il-tin* era uma festa druídica que se celebrava no primeiro dia de Maio, época em que começava o ano. O nome céltico de Maio era *Cend uin*, o primeiro mês ou o primeiro tempo. Acendiam-se grandes fogueiras.³⁹² Ampère, falando da Grécia moderna diz:

³⁸⁸ *Hist. Trágico-Marítima*, t. I, p. 313.

³⁸⁹ *Ibidem*, para 1858, p. 369. O mesmo se usa em Elvas. V. *Actualidade*, de 8 de Maio de 1883 (nº 104).

³⁹⁰ Pitré, *Bibl. delle Trad.*, t. XII, p. 250.

³⁹¹ No *Folk-Lore Betico-Extremenho*, vem uma extensa descrição desta festa, v. pp. 205, nº2, e 297.

³⁹² Smith, *Hist. des Druides*, p. 46.

«Por toda a parte se celebra o primeiro dia de Maio cantando: – É vinda, é vinda felizmente a nossa ninfa.» Em nota acrescenta: «Estas graciosas homenagens à deusa primavera perpetuaram-se, pelo menos, até uma data recente, na cidade focense das Gálias: em Marselha no 1º de Maio, colocava-se sobre altares enfeitados de flores meninos bem vestidos, e seus companheiros chamavam os transeuntes para oferecerem flores à Maia.»³⁹³ Na ilha de São Miguel (Açores) festeja-se o *Dia de Maio* com papas de milho e leite como o *Beltein* das aldeias escocesas, e as *Palilias* romanas. E uma festa solar, vestígio de uma sociedade pastoral. Escreve José de Torres, nos *Fastos Açorianos*: «Quem há aí que entre cantos e folgares, entre o fazer e enfeitar de *Maias*, não se tenha com toda a cerimónia campestre deliciado com fumegantes papas? Quem há que não tenha fantasiado vestes surpreendentes e variegadas para vestir e mascarar neste primeiro dia de Maio um corpanzil de palha? Quem há que não sorria, vendo nas *Maias* que ocupam as janelas e sacadas, que campeiam nos balcões e sobre os tapumes das quintas, por onde este dia se consome, uma ingénua diversão do povo e tréguas a maiores cuidados?»³⁹⁴ No Algarve as festas de Maio duram três dias, e em quase todas as casas faz-se uma grande boneca de farrapos, e palha de centeio, que se coloca no meio da casa para ser vista por quem passa pela rua. A noite há danças em roda da *Maia*. A Igreja misturou com as *Maias* o mês de Maria; em Nisa celebram-se as *Ladainhas de Maio*, à maneira dos cantos dos Arvales da antiga Roma; sai da Igreja da Virgem da Graça uma procissão «em que o clero, senado e povo ia implorar-lhe a protecção para lhe preservar de todo o perigo as suas plantações e sementeiras».³⁹⁵ No Algarve é neste mês que se pagam as *promessas* à Virgem. É ainda no dia 3 de Maio a romaria da *Senhora dos Açores*, sustentada pela Câmara de Celorico, e à qual Viterbo alude como uma cavallhada e «*concurso de vaidade, glatoneria e galhofa*».

Junto a Viseu, vestem como *Maias* várias meninas à imitação de anjos, com coroas de rosa na cabeça e asas de giestas como as *Floralias* romanas»;³⁹⁶ em Alvações do Corgo, é um rapaz vestido de giestas, cercado de raparigas, que dança enquanto elas cantam:

Vedes o Maio,
Maio, mocinhas!
Vamos á caixa
Das castanhinhas.

Ele lá vai,
Ele lá vem!
Pelas hortas abaixo
De Santarém.

Lemos sobre as *Maias*, em Beja: «Aqui, juntam-se as crianças de ambos os sexos,

³⁹³ *Grèce, Rome e Dante*, p. 59.

³⁹⁴ *Panorama*. t. XIII, p. 158.

³⁹⁵ *Mem. Hist. da Vila de Nisa*, t. I, p. 101.

³⁹⁶ Leite de Vasconcelos aproxima esta analogia da cantiga:

Aprontai pastores
Os ramos e flores,
Que a Cruz do Maio
Nos chama já.
Florindinha
Que bela está?

especialmente do feminino; enfeitam uma rapariguinha mais pequena, vestida de branco, contorneiam-lhe flores a cabeça e o peito, assentam-na numa cadeirinha, que colocam sobre uma mesa igualmente ornada e deixam estar ali a pobre pequena toda a tarde, enquanto outras sentadas em redor da mesa cantam e tocam adufes. Logo que alguém passa, levanta-se aquela chusma de rapazes e raparigas, e agarrando-se aonde melhor podem deitar as mãos, fazem tal gralhada, que quem se quiser ver livre dela deve ir prevenido com alguns cobres para lhos deitar. Muitas vezes ainda se não está livre de um grupo, já dois ou três andam pedindo para a *Maia*, e não desistem da perseguição enquanto os não satisfazem com alguma coisa.»³⁹⁷

«No seu primeiro dia, usam ainda agora entre nós os rapazes percorrer as ruas, festejando e aclamando uma criancinha enfeitada de flores, a que dão o nome de *Maio pequenino*. Na província do Minho põem à borda das estradas um menino e uma menina com o nome de *Maio* e *Maia*, deitada numa camilha de flores e verdura, e um prato ao pé para os passageiros deitarem a sua esmola.»³⁹⁸ «No 1º de Maio devem colocar nas portas e janelas flores de giesta, preservativo contra o *Maio*, que sem ele aleijará os bacorinhos, pintos e anhos (Porto).»³⁹⁹

Em 1835 escrevia o célebre antiquário João Pedro Ribeiro: «na cidade do Porto, no presente ano de 1835, ouvi ainda festejar as Janeiras, e no 1º de Maio enramar as janelas com a flor de giesta amarela, que chamam *Maias*, e nas aldeias não se faltou ao costume imemorial de as pôr nas cortes dos gados, nos linhares e nos nabais, etc. E natural que se não faltasse ao mesmo costume imemorial, também na cidade de Lisboa, aonde se fez o acórdão, aparecendo os *Maios pequeninos* (em Inglaterra costumam ser meninas) enfeitados de flores do campo e cercados de rapaziada.»⁴⁰⁰ Na reconquista cristã era em Maio que se faziam as algaradas, e começava a guerra contra os Mouros; *ir ao Maio* significava o empenhar-se nessa luta. *Água de Maio* é um conto sobre a loucura de todos aqueles que são molhados pela chuva deste mês.

Na quinta-feira da Ascensão (14 de Maio) faz-se em Lisboa a romaria da *Espiga*; o povo vai passear para os arredores da cidade, e cada um traz um ramilhete com uma espiga de trigo, folhas de oliveira, papoilas e boninas, para pela virtude desse ramo ter pão em casa todo o ano. No Porto chama-se a este dia *Quinta-Feira da Hora*, e em Lisboa *Quinta-Feira da Espiga*. Segundo a lenda, saem ao meio-dia os passarinhos para entoar cantos à Virgem; uma parlenda popular diz:

Em quinta-feira da Ascensão
Quem não come carne
Não tem coração;
Ou de ave de pena,
Ou de rês pequena.⁴⁰¹

A festa do *Espírito Santo*, era chamada outrora a *Páscoa rosada*, e na linguagem litúrgica o Pentecoste. Adora-se o símbolo fálico da *Pomba*, e o fervor dos divertimentos era tal, que o rei D. Manuel proibindo os *Bodos*, permitiu que só se conservassem os do Espírito Santo: «Que nem façam vodos de comer e de beber, posto que fora das igrejas sejam, e que digam que os fazem por devoção dalguns Santos, sob

³⁹⁷ *Almanaque de Lembranças*, para 1862, p. 196.

³⁹⁸ *Almanaque de Lembranças*, para 1855, p. 209.

³⁹⁹ *Ibidem*, para 1863, p. 228.

⁴⁰⁰ *Reflexões Históricas*, t. I, p. 36, nota. Na Westphalia em vez de giestas emprega-se a sorveira, apanhada na alvorada do 1º de Maio; na Sologne enramam as casas e os currais com espinheiro-alvar.

⁴⁰¹ Pedroso, *Superst.*, nº284.

pena de todo o que pera o tal vodo se receber se pagar em dobro da cadea por aquelles que o assi pedirem e receberem, não tolhendo porém *os vodos do Santo Espirito*, que se fazem na festa de Pentecostes; porque somente concedemos que estes se façam e outros nenhuns nom.»⁴⁰² Heitor Pinto descreve alguns dos caracteres populares desta festa: «A prosperidade do mundo é como *Império de Pentecoste de aldeia*, que se costuma em Portugal, ou como o rei da fava em França, que não dura mais que um dia ou dois. Um lavrador faz-se *imperador*, servem-no de joelhos, levam-lhe a salva, falam-lhe por majestade, está vestido às mil maravilhas: acabada a festa, torna os vestidos a cujos são, e fica tão aldeão como dantes, tão baixo e abatido como sempre fora.»⁴⁰³ O padre Manuel da Esperança, na *Crónica Seráfica*, diz que esta festividade fora instituída pela rainha Santa Isabel, em Alenquer, passando dali para Sintra e depois para todo o País. A festa é uma transformação de velhos cultos politeístas; a sua introdução ou desenvolvimento andava ligado às cerimónias religiosas contra a peste. Lê-se nas *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*: «Não foi este o primeiro nem o último flagelo de tão grande mal que padeceu esta vila (1507 a 1509) pois no ano de 1489 o havia experimentado: por cujo respeito o cabido e câmara *cercando a vila em procissão com um rolo de cera branca*, o levaram em oferta ao Espírito Santo, cuja oferta se faz todos os anos de um rolo do mesmo tamanho, o qual tem o feitio da real colegiada com uma *pomba* em cima, e a imagem da Senhora da Oliveira, com as armas reais tudo de cera, o que conduzem em andor ornado de flores de cera de várias cores. A procissão leva várias danças...»⁴⁰⁴ Também o padre António Cordeiro na *História Insulana*, conta o milagre da *Pombinha*, a cujo aparecimento cessou a peste na ilha de São Miguel, comemorando-se o facto com o *Império dos Nobres*, em Ponta Delgada. A conhecida festa do *Imperador de Eiras*, próximo de Coimbra tem igual origem; lê-se em manuscrito local, examinado pelo Dr. Aires de Campos: «Consta por tradição antiquíssima entre os moradores desta vila, que sendo combalida da peste a comarca de Coimbra, todos eles com seu pároco entraram a fazer gravíssimas deprecações ao divino Espírito Santo, para que os livrasse de tão grande estrago; e como quer que ficassem singularmente livres, logo fizeram voto ou promessa de em todos os anos elegerem um homem dos melhores do povo, a quem os mais haviam de tributar ofertas dos seus frutos, para que com o nome de *Imperador do Espírito Santo* festejasse ao mesmo Divino nos dias de Páscoa, Ressurreição e Pentecoste...»⁴⁰⁵ A festa está decaída no continente e vivíssima nas ilhas dos Açores; nas margens do Zêzere chamam-lhe *Folias do Espírito Santo*.

«Em todas as igrejas estabelecidas nas margens do rio Zêzere, desde Cambas até à Guarda, há um antigo e imemorial costume de festejar o *Espírito Santo*, cuja imagem quase todos têm em particular altar. Consiste a festa numa *folia*, que é composta de três *foliões*, como lhe chamam, com seus instrumentos, que são uma viola, um tambor e um arco com soalhas. — Esta folia, em todos os domingos, que vão da Páscoa ao Espírito Santo acompanha os mordomos da festa, que são dois, e outro intitulado rei, e com a bandeira do Espírito Santo percorrem as ruas, tendo saído da igreja, onde voltam, cantando suas improvisadas cantigas. — Por último há o jantar para o qual cada mordomo em três domingos convida os seus parentes e amigos, e aonde, depois de muito comer e muito beber, os foliões têm de dizer uma cantiga acomodada ao nome e estado de cada conviva, tarefa que às vezes faz suar a testa ao mestre da folia, que é o

⁴⁰² *Ord. Man.*, liv. V, tit. 33, § 6.

⁴⁰³ *Imagem da Vida Cristã*, t. II, p. 69.

⁴⁰⁴ Padre Torcato Peixoto de Azevedo, *op. cit.*, p. 352.

⁴⁰⁵ *Ap. Instituto de Coimbra*, t. XII, p. 43.

que verseja...»⁴⁰⁶

João Pedro Ribeiro escreve sobre esta festa popular: «E também de esperar que ainda se conserve junto a Coimbra a burlesca mascarada do *Imperador de Eiras*, e até ainda a haverá em Lisboa, na Lapa e na Esperança.»⁴⁰⁷

Em 1763, falando o padre João Baptista de Castro no *Mapa de Portugal* da paróquia de Santos, dizia o nome da ermida do Senhor Jesus da Via Sacra, contígua à igreja da Esperança: «hoje da *invocação do Espírito Santo*, onde os naturais das ilhas fazem todos os anos grande festa.»⁴⁰⁸

O Espírito Santo é pois a festa característica dos povos açorianos; confirma-o o anexam: *A cada canto, seu Espírito Santo*. Diz José de Torres: «Não há vila, não há aldeia, não há lugar, não há bairro, não há freguesia, não há rua que não tenha – irmandade do Espírito Santo... Que de *Impérios e Coroações* por todas as ilhas dos Açores desde a Páscoa da Ressurreição até à dominica da Trindade!»⁴⁰⁹ Consiste a festa num grupo de indivíduos constituídos em *irmãos do Espírito Santo* lançarem sortes entre si, e por estas compete a cada um contribuir com uma *pensão* de tantos alqueires de pão alvo, ou com certas arrobas de carne, ou com almudes de vinho. Neste sorteio entra a *coroa* e o ceptro com uma *pombinha* de prata na ponta, e uma bandeira de cetim vermelho tendo bordada a fio de ouro uma pomba com as asas abertas. Aquele a quem sai a *coroa* fica com ela durante esse ano em casa, colocando-a num altar e obrigando-se a iluminá-la aos sábados de todas as semanas que vão da Ressurreição à Trindade. Nestes sábados é a porta franca para os *bailhos* (*charambas*, *sapateias*) ao som de viola de arame, em redor, homens e mulheres diante do sítio em que está a *coroa*. No domingo em há festa do *Império*, o dono da casa sai para a missa com quatro *foliões* na frente com opas e mitras de chita, tocando viola, rabeca, ferrinhos, e o que *deita as cantigas* leva uma *fogaça* de alfenim em forma de torre. Atrás vai uma criança vestida de anjo, com a coroa na cabeça, e um grande acompanhamento lançando foguetes. Chegados à igreja a coroa é posta sobre o altar e no fim da missa o padre põe na cabeça da criança a coroa, e volta o séquito para casa, onde há sempre um lautíssimo jantar. Ao canto da rua há um catafalco enramalhado, com uma mesa onde se coloca a coroa; os mordomos do *Espírito Santo* acompanham os carros de bois: uns carregados com sebes de pão cozido, outros com tonéis de vinho e outros com rezes mortas, e vão percorrendo as ruas entregando em cada porta as *pensões*, que competem a cada um dos da irmandade. Há também mesas ao longo das ruas com *pensões* de carne, pão e vinho que se dão a cem e mais pobres, que vão munidos de bilhete. À tarde tiram-se as sortes para o ano seguinte, e então sai a coroa a outro irmão que é apregoado. Sabido o destino da coroa, é ela levada já noite fechada de uma casa para a outra, por um rancho de raparigas em cabelo e vestidas de branco, com uma vela acesa na mão na qual pegam com um lenço; sai-lhe ao encontro outro rancho de raparigas a receber a coroa, misturam-se e vão para casa do *Imperador*, onde há *charamba* até ao dia seguinte. Há fogo-de-vistas, girândolas, berros, e grossa pancadaria entre os que liquidam as suas rixas nessas noites de santo entusiasmo.⁴¹⁰

«Como muitos se lembrarão, era costume pela Páscoa levantar-se um mastro, com uma *pomba* no topo, ou uma pequena *bandeira do Espírito Santo*, no meio do largo

⁴⁰⁶ *Almanaque de Lembranças*, para 1866, p. 195.

⁴⁰⁷ *Reflexões Históricas*, t. I, p. 36, nota.

⁴⁰⁸ *Op. cit.*, t. III, p. 429. O padre Rei publicou um folheto descritivo desta festa reproduzi do pelo Dr. Ernesto do Canto no *Arquivo dos Açores*.

⁴⁰⁹ *Panorama*, t. XIII, p. 190; descrição curiosa mas sem critério etnológico.

⁴¹⁰ Nos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* vem uma amostra das cantigas dos *Foliões* do Espírito Santo. No *Almanaque de Lembranças*, para 1869, p. 188. há uma extensa descrição das Festas do Espírito Santo na vila do Topo (ilha de São Jorge) com algumas variantes.

onde havia de ser o arraial. Foi pouco a pouco acabando a festa do Império, e hoje é já muito limitado o número dos lugares que a celebram.»

Ribeiro Guimarães cita a persistência deste costume em Alcabideche e em Cascais, festa formada por um grupo de negociantes de Lisboa: «Parece que os de Alcabideche também vinham a esta romaria, e *tinham o direito de ir processionalmente com o Imperador soltar um preso.*»⁴¹¹

Esta festa persistiu apesar de todas as repressões administrativas nas freguesias da Lapa e da Esperança, considerada como antigo centro de população açoriana.

Ribeiro Guimarães descreve assim estas festas referindo-se a Alenquer: «No Domingo de Páscoa entrava na igreja do convento o que havia de ser *Imperador*, assistido dos dois reis, quatro pagens, e acompanhados da nobreza e do povo. Os pagens traziam as coroas, uma das quais fora dada pela própria rainha Santa Isabel para este acto. As coroas eram postas no altar, e um padre, depois, coroava com elas os três monarcas. Saíam então acompanhando o préstito da Procissão da Ressurreição. – De tarde saía da igreja do Espírito Santo o *Imperador* acompanhado de muitas festas, trombetas e grande multidão de povo com canas verdes nas mãos; e adiante iam dois pagens, um com a coroa, e o outro com o estoque, e tornando ao convento era novamente coroado. Acompanhavam o Imperador duas donzelas honestas, que *dançavam no préstito*, e eram damas do Imperador, e por isso se lhes dava dote para casamento. Voltava o Imperador para a igreja do Espírito Santo, onde oferecia a coroa num altar, e de novo a recebia das mãos de um sacerdote. Depois assentava-se num trono com o dossel, e diante havia *folias* e *bailes* dos nobres e do povo. Todos os domingos se faziam estas festas até ao anterior ao do Espírito Santo, que se chamava dos *Fogaréus*, porque como as festas se prolongavam pela noite, acendiam luzes no arraial.

«Na véspera do Espírito Santo saía da igreja do convento a procissão do *Rolo*. O *rolo* eram umas madeixas de cera branca e benta, que um homem levava, ficando uma das extremidades do *rolo* a arder no altar, e que ia estendendo por todo o espaço que a procissão percorria, até à igreja de Triana, como cingindo a vila com o *rolo*, o qual era milagroso, já se vê, porque livrou da peste uma vez a povoação só com estendê-lo pelas ruas.»

«Nos tempos modernos o Imperador era sempre e é ainda um *menino*; e este costume procedeu de certo, do outro do *Bispo inocente*, que se fazia na Sé em véspera do dia em que a igreja reza dos Santos Inocentes.»⁴¹²

Lemos sobre a festa do *Espírito Santo*, em Nisa: «a irmandade dos *Moços do Espírito Santo*, começou logo nos princípios da vila, e consiste na reunião de alguns jovens lavradores... E para lhe oferecerem estes cultos, erigiram-lhe uma capela, alevantaram-lhe um estandarte, no alto do qual puseram um molho de espigas e um bolo, emblemas da agricultura, e para exprimirem a sua majestade a grandeza, nos dias de maior festividade improvisam um *Imperador*, vestindo um mancebo na púrpura dos césores, e cingindo-lhe a coroa e o diadema; e cercando-o e acompanhando-o de espadas em punho, como guarda pretoriana; três vezes no ano se faz a cerimónia e ajunta a corporação; no dia e procissão do Corpo de Deus, no de São João, e no da festa do glorioso patrono, que costuma fazer-se no mês de Setembro; em todos eles tem lugar a festividade do *corte dos galos*, que é singular deste povo, porque não consta que se repita noutro.

«Concluídos os ofícios divinos e tomada uma ligeira refeição, correm os mordomos a vila pedindo às lavradoras as primícias das suas criações de aves

⁴¹¹ *Sum. de Vária Hist.*, t. I, p. 221.

⁴¹² *Sum. de Vária Hist.*, t. I, p. 222.

domésticas, para as imolarem como inocentes vítimas pelo repouso de suas famílias e prosperidade de seus rebanhos: depois de obterem boa porção delas, voltam a casa do alferes, à porta do qual se acha a esse tempo atada e preparada uma corda, e levantado um sólio para o Imperador, que preside a toda a assembleia... separados e escolhidos os melhores galos, são atados sucessivamente um a um na corda fatal, e sacrificados com uma espada por aqueles que os ajustam e compram à divindade que se festeja. É uma imperfeita imitação das festas e sacrifícios, que os romanos anualmente faziam a Ceres, filha de Saturno, e Cibele, a deusa da agricultura, que os antigos nos transmitiram, e hoje ainda dura, mas os lavradores, por mais ocupados não são já os festeiros; por uma imperdoável negligência abandonaram-na aos artistas, que com igual pompa e aparato a celebram.»⁴¹³

Em Tomar, celebra-se a procissão dos *Tabuleiros*; lemos no jornal *A Verdade*: «Consta de grande número de aldeãs vestidas de branco, levando à cabeça vistosos cargos compostos de pão bento entrelaçado de flores. Segue-se depois um carro carregado de carne de vaca igualmente benta, e precede o cortejo um grave e rechonchudo reverendo ladeado por dois mordomos, conduzindo todos três igual número de grandes coroas de prata. – Muito foguete, arraial à noite, com bazar e rifa, eis de que se compõe esta festividade histórica do velho Portugal.»⁴¹⁴

Em Mato Grosso (Brasil) celebra-se esta função segundo o costume açoriano.⁴¹⁵

A festa da instituição da Eucaristia, ou do *Corpo de Deus*, não se celebrando em Quinta-feira Maior, por ser de penitência, foi transferida para quinta-feira depois de Pentecostes, sendo depois efectuada num domingo. E extraordinária a abundância dos símbolos pitorescos desta procissão, cuja ordem e disposição se acha em Regimentos emanados do poder real, desde o século XV; a procissão repetia-se quatro vezes no ano: a 2 de Março pelo vencimento da batalha do Toro, na quinta-feira depois da Trindade, ou a Eucaristia, na véspera de Nossa Senhora de Agosto pelo vencimento da batalha real, e no dia do Milagre da Cera. Numa Carta Régia de D. João II, de 1 de Março de 1482, ordena-se que em comemoração da batalha entre Toro e Camora, se faça uma procissão a São Jorge e São Cristóvão pelo estilo da do Corpo de Deus; «saída da sé – por lugares públicos com toda a solenidade e cerimónia, ofícios e jogos.» Conforme este Regimento de 1482, iam na procissão os *carniceiros com um touro por cordas*, os hortelões e pomareiros *com carreta, horta e seus castelos*, as pescadeiras *com duas pelas e seu gaiteiro*, os almocreves *com seus castelos pintados*, carreteiros e estalajadeiros *trarão os três Magos em sua avença*, os sapateiros *com o seu imperador com dois reis muito bem vestidos*, os alfaiates *trarão a serpe*, os homens de armas *com as espadas nuas nas mãos e levarão São Jorge muito bem armado com um pajem e uma donzela para matar o Drago*, os tecelões *levarão São Bartolomeu e um diabo preso por uma cadeia* (provinco?), os corneiros *levarão São Sebastião*, os ataqueiros *levarão São Miguel, o anjo com sua balança e os Demos*; os oleiros *levaram Santa Clara com suas duas companheiras*, os carpinteiros e outros *trarão Santa Catarina muito bem arranjada*, os ourives *levarão São João*, os trapeiros *dois cavaleiros fuscas*.»⁴¹⁶ Muitas Câmaras, como a de Coimbra e do Porto estabeleceram regimentos para esta procissão, cujos símbolos persistem pela província. Em 1560 a rainha D. Catarina «expediu uma provisão à Câmara do Porto, ordenando a reforma de certos abusos antigos que se praticavam, especialmente, diz a rainha, de se tomarem cada ano para a dita procissão cinco ou seis moças as mais formosas que se acham, filhas de oficiais mecânicos, uma

⁴¹³ José Dinis da Graça Mota e Moura, *Memória Histórica da Otavel Vila de Nisa*, t. I, p. 58.

⁴¹⁴ *Verdade*, nº84, de 20 de Junho de 1884.

⁴¹⁵ Moutinho, *Notícia sobre a Prov. de Mato Grosso*, p. 21.

⁴¹⁶ *Anais das Ciências e das Letras*, vol. I, pp. 729-733.

que vai por *Santa Catarina*, com sua *donzela*, outra que vai por *Dama do Drago*, e outra que vai por *Santa Catarina com duas freiras e muitos Mouros com elas*, que lhes vão falando muitas desonestidades, e que dois meses antes do dito dia de *Corpus Christi* se ocupam em buscar as ditas moças e em as enfeitarem, e que os pais e mães delas clamam que lhes tomam as filhas, sem lhes poder valer».⁴¹⁷

Na *Description de la Ville de Lisbonne* fala-se da pompa desta procissão: «As ruas por onde passa estão juncadas de verdura e de flores, e guarnecidas de tropas: estão tapadas pelo telhado das casas de um lado a outro com um toldo de damasco carmesim; vêem-se ali grandes lustres de distância a distância e magníficos altares. As casas estão armadas com sedas; vêem-se às janelas as mulheres muito ricamente ornadas, e é proibido aos homens aparecerem nelas.»

Vejam os a persistência destas cerimónias nas festas provincianas.

Corpo de Deus, em Nisa: «Começava por diferentes danças e folias, em que cada arte e ofício aparecia com seu engenho para divertir os concorrentes... Do Livro das Vereações do ano de 1711, consta que a Câmara por Acórdão de 20 de Maio, deliberou que os chamiceiros levassem uma *serpente*, e os acarretadores de moinhos a *figura do Diabo* na procissão do *Corpus Christi*, indo esta adiante de todas as mais insígnias, para lhe servir de composição e ornato; e que a esta se seguiriam os ceifeiros com outra da mesma ordem, indo atrás de todos as tecedeiras do termo desta vila, levando as de cada freguesia uma dança composta de seis raparigas com um tangedor, para as guiar e conduzir; e cada rancho levava no meio o seu estandarte, e recolhia tudo no fim para casa do festeiro onde se comia e bebia e dançava e divertia até à noite; a estes arlequins ambulantes seguiam-se vários passos da Bíblia: Adão aparecia corrido e envergonhado junto da cara Eva, coberto de folhas de figueira para disfarçar a sua nudez; Abraão com a espada em punho guiava para o sacrificio o inocente Isaac, que conduzia ele mesmo a lenha que o havia de queimar... um grosso mancebo, montado em possante cavalo, adornado com seu capacete com muitas fitas, couraça, escudo e lança, que manejava com destreza, representando São Jorge, e ia adiante do clero fazendo trejeitos e gaifonas; o que provocava extraordinária hilaridade, e os motejos dos que o presenciavam, que foram tais no ano de 1694, que passaram a escândalo e motim que ia perturbando a ordem da solenidade; e sabendo-o o bispo D. António de Saldanha, quando veio à visita, proibiu expressa e positivamente tal costume, que nunca mais se repetiu, etc.»⁴¹⁸

Procissão de *Corpus Christi* em Monção: «O campo da feira, logo de manhã cedo está cheio de povo das freguesias próximas, mas especialmente de galegos. Logo que finda a função de igreja... sai a procissão. Na frente vai a música, que se compõe de uma gaita de foles, um tambor e um bombo; segue-se-lhe a colossal figura de São Cristóvão, que é levado por seis barqueiros. Desfilam depois algumas corporações, e após, um boi, a que chamam *boi bento*, com as pontas douradas, e o corpo coberto com um manto de damasco guarnecido de ouro. Atrás segue o *carro das ervas*, que é dado pelos marchantes. O carro é todo coberto de buxo e flores, e dentro vão meninos vestidos de branco com enfeites e fitas vermelhas, cantando salmos. Segue a ordem terceira, o clero e o pário. Depois vem *São Jorge*. E a parte mais pitoresca da procissão. O São Jorge é um ferrador da mesma vila, que, depois de se confessar e comungar, vai receber à câmara oito mil e duzentos e cinquenta reis. Na procissão vai com capacete na cabeça, saia de malha, grevas de aço, lança e espada, montado num fogoso cavalo. Acompanha-a até que se meta na Rua do Castelo, aí volta para trás, esporeia o cavalo, e derrubando gente para a direita e para a esquerda, entra no campo da feira em procura da *Santa*

⁴¹⁷ Diss. Cronológica, t. IV, parte II, pp. 184 e 201: *Memórias de Garrett*, t. III, p. 253.

⁴¹⁸ Mota e Moura. *Mem. Hist. da Vila de Nisa*, t. I, p. 120.

Coca para travar combate com ela.

«A tal *Coca* é um monstro em figura de dragão. É de arcos coberta de lona, e rodas por baixo, sobre as quais marcha e contramarcha. Tem asas, pontas, e uma grande cauda retorcida. A boca é de molas, e, para que se abra e feche, atam-lhe uma corda porque puxam atrás os homens que fazem andar o dragão para meter medo ao cavalo. Esta luta de São Jorge com a São *Coca* é o que mais embasbaca o povo. Depois de muitos assaltos, São Jorge sempre consegue traspasar o costado do monstro; e, praticado este feito, recolhe-se. Por fim dirigem-se os monçanenses em grande número a Salvaterra da Galiza, onde passam em folguedos o resto do dia.»⁴¹⁹

«Costuma a Câmara desta vila (Feira) no dia de *Corpus Christi*, fazer à custa do município uma festa com procissão em que vai São Cristóvão. É de roca a imagem, e coberta por um saio de damasco vermelho; no seu bojo introduz-se um homem, parecendo que o Santo (que tem uns catorze palmos de altura) anda pelo seu próprio pé. – Concorre neste dia muita gente a ver o *Santo grande*, que depois da procissão é colocado em frente da casa da Câmara, onde vão muitas pessoas comer diante dele sopas de pão e vinho, na firme crença de que ficarão por este meio livres de fastio.»⁴²⁰ Vão outras depor na mão do Santo regueifas (ordinariamente de quarenta reis, cada uma) as quais são depois propriedade do homem que carregou com o Santo. Às crianças costumam aterrá-las com o globozinho que leva o Menino Deus, dizendo-lhe que, no caso de cair aquela bolinha no chão, se arrasará o mundo com chuva. No século passado, mandavam alugar a Braga umas mulheres que iam atrás da procissão rocando bandurra, fazendo trejeitos e promovendo o riso, e na frente ia simbolizada uma santa, outra mulher com uma espada na mão, fingindo querer matar uma serpente, movida por uma pessoa que ia encoberta sob o aparelho.»⁴²¹

João Pedro Ribeiro, aludindo aos Regimentos da Procissão do Corpo de Deus do século XVI, conclui: «Apesar de tantas providências e reformas, ainda cheguei a ver na Procissão do Corpo de Deus, no Porto, a *Serpe*, o *Drago* e a sua *Dama*. Foi preciso que o respeitável Bispo D. João Rafael de Mendonça, auxiliado pelo Corregedor então actual da Comarca, reduzisse a mesma procissão aos termos do cerimonial romano. Hoje resta apenas naquela procissão o chamado *Estado de São Jorge*...»⁴²²

Junho. – De 1 a 13 de Junho é na Itália a *trezena de Santo António*, em que os lavradores e negociantes de cereais observam com cuidado o desenvolvimento das sementeiras, tratando de tornar propício o Santo.»⁴²³

Santo António é o tipo português das santificações populares; é adorado como um feitiço contra todos os males, e como tal também amarrado, exposto ao relento ou deitado num poço para satisfazer o que se lhe pede. Diz o Dr. Guimarães, no *Sumário de Vária História*: «Por muitas casas armam tronos onde encarrapitam entre flores e muitas luzes o santo mais estimado, etc.» Refere-se ao costume de lhe entregarem petições escritas na sua igreja ao pé da Sé: «Tudo pedem ao Santo, até coisas ilícitas, até

⁴¹⁹ *Almanaque de Lembranças*, para 1867, p. 276. Sobre o Regimento da Procissão de Corpus, na Galiza, v. *Biblioteca de las Tradiciones Populares Españoles*, t. IV, p. 115.

⁴²⁰ «Quando alguém tem fastio, leva a S. Cristóvão, perto do rio Neiva, um prato de sardinhas fritas e um grande bolo; feito isto passa a gastronomia do santo para o doente.» *Almanaque de Lembranças*, para 1863, p. 228.

⁴²¹ *Almanaque de Lembranças*, para 1860, p. 260. Na *Feira de Anexins*, p. 27. alude D. Francisco Manuel a este costume: «Ora, meus senhores, já o nosso *gigante* tem cabeça: formemos-lhe o corpo e sairá na procissão de Corpus, com todas as demais figurilhas que em tal dia fazem o corpo da procissão. mas receio que seja o corpo de palha...»

⁴²² *Reflexões Históricas*, t. I, p. 37.

⁴²³ Pitré, *Spettacoli e Feste*, p. 271.

o aniquilamento de inimigos, até a fortuna alheia.» (*Op. cit.*, I, 12.) Havia uma certa literatura popular que elaborava as tradições de Santo António, e redigia as petições que o povo lhe apresentava, costume porventura do tempo de Damião de Góis e dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani: «Houve, e não sabemos se ainda há, perto da igreja do Santo, uma capelista, cremos nós, que redigia e escrevia as petições, que logo dali iam ser entregues ao Santo. Temos à vista as que se acharam num dos últimos dias, e o teor delas e mesmo a letra de algumas faz-nos supor que há pessoa que se encarrega do ofício de redactor ou escrivão, como se dizia antigamente, dos memoriais (*idem*, p. 19). O Dr. Guimarães resume alguma dessas petições populares escritas apresentadas ao Santo: «uma requerente pede ao Santo pelas almas de seu pai e de sua tia Maria Dias, que lhe alcance casar com quem ela tem no sentido, com o seu Luís; outro requerente pede que o Santo faça com que receba uma divida que lhe tem dado muito trabalho a haver; outra requerente pede ao Santo que lhe dê uma boa sorte e livre de aflições, e que lhe arranje um marido que tenha fortuna e que a estime; outra petição... e uma mulher pedindo ao Santo que empregue o seu valimento a fim de que sua irmã por nome Ana, regresse a casa, para a companhia de sua mãe e irmãs, afastando-se de um homem que a trás perdida.» (*Op. cit.*, p. 20.) Este costume acha-se também em Lima, mas empregado para o patrocínio da Virgem.

Lord Beckford, descreve nas suas *Cartas* a festa de Santo António, em Lisboa: «Em toda a noite, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das labaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das buzinas em louvor da festa... vi a sua imagem à porta de quase todas as casas, e até das barracas desta populosa capital, colocada em altar e adereçada com profusão de velas de cera e de flores.»⁴²⁴

A festa de Santo António em Cabo Verde (São Tiago) apresenta bastantes singularidades:

«No 1º de Junho saem duas meninas vestidas de branco, com grinaldas de flores, levando uma um bordão de peregrino e coroa de folhas de Flandres, e outra uma sacola ou prato branco, pedindo esmolas de porta em porta para preparativo da festa. Conseguidas as esmolas ao despontar a aurora do dia 11, um homem tocando cometa ou búzio, anuncia a solenidade da festa e reúne os irmãos para decidirem sobre a eleição de novos indivíduos para irmãos ou escravos do Santo, e a exclusão de outros que se conduziram menos exemplarmente no ano anterior. Reunindo uma multidão compacta de pessoas de ambos os sexos, alinham em redor de uma casa formando, por assim dizer, uma espécie de assembleia tumultuosa, a qual se divide em duas classes, uma denominada os *brancos* e outra a que dão o nome de escravos.

«Concluído este acto, passam a arranjar uma barraca em forma de capela, ou *casa de orações*, e aí erigem um pequeno altar sobre o qual se coloca a imagem do Santo. O altar é decorado de lenços de seda de variadas cores, de painéis de santos, e de algumas paisagens... À direita e à esquerda do altar colocam-se duas raparigas com uma vara na mão à maneira de querubins... No meio da barraca um arco suspenso por cordões em cuja circunferência estão pendentos cachos de bananas, linguiças, pães-de-ló, bolos, etc.»

«Concluimos ritualmente os preparativos da festa no dia 14 ou 15 mandam cantar uma missa, para cujo acto vão vestidos de uma maneira que se pode classificar extravagante: – A rainha dos brancos e escravos com uma coroa de lata na cabeça, uma saia debruada de fitas encarnadas e um cordão no pescoço, em que estão enfiados bolos e frasquinhos de aguardente; vai montada num jumento, enquanto à frente dela vão pulando dois homens andrajosos, mascarados e com as mãos maniatadas, a que chamam

⁴²⁴ Carta VI (1787).

carrascos. A distância magna caterva de mulheres com bandeirolas brancas em cujo centro estão estampadas uma coroa e um M, vestidas à semelhança de turbas selvagens, vão fazendo continência à rainha, e dançando ao som do tambor. Acompanhado de um numeroso concurso de romeiros segue também o rei a cavalo numa égua, e com um chapéu à maneira dos discípulos de Loiola.»

«Acabada a missa voltam para casa, onde uma lauta e opípara comezaina os espera. No dia seguinte ao da missa, são convidados os melhores cantores da terra a uma ladainha, onde fazem uma bulha infernal.»

«Cinco dias depois da missa, um *escravo* é obrigado a raptar a imagem e a ir vendê-la a alguma parte. Esta imagem tem sempre comprador, porque se acha enlaçada de cordões de ouro e outros objectos de valor. O produto da venda é aplicado a missas e festas, e o raptado tem a restrita obrigação de resgatar a imagem a expensas suas. Levam assim consecutivamente três e quatro semanas, e durante todo este tempo entregues ao ócio e à embriaguez.»⁴²⁵

Dos costumes populares da festa de Santo António, em Lisboa, escreve Teixeira Bastos: «As crianças de famílias pobres armam o trono à porta da rua, e desde os primeiros domingos de Maio até ao dia da festa, assaltam os transeuntes com bandejas ou pires pedindo esmola para a cera do Santo.»⁴²⁶

A festa de São João Baptista em todos os povos europeus está ligada a um fenómeno astronómico, o *solstício do verão*, em 24 de Junho. O célebre ritualista Guilherme Durandus, interpretando alegoricamente a festa do Precursor, não pode ocultar o seu sentido mítico: «Faz-se girar uma roda, em certas localidades, *para assim designar que o Sol não se pode elevar mais*, mas torna a descer no seu círculo, assim também a fama de São João, que era olhado como um Cristo, diminuiu quanto este apareceu.— Alguns dizem que é *porque neste tempo os dias mingnam, e que crescem de novo no Natal de Jesus Cristo...*» É justamente uma tal concepção primitiva que faz com que a festa do solstício de verão seja comum a todos os povos indo-europeus⁴²⁷, e ainda aos povos semitas; o fenómeno é diversamente dramatizado, mas entre os povos europeus toma a expressão de um *Combate de verão expulsando o inverno* (24 de Junho, ou a sua inversa, a expulsão do verão pelo inverno (24 de Dezembro). O sentido astronómico da festa de São João compreende também uma indicação cronológica; nos antigos prazos portugueses notou João Pedro Ribeiro, que o ano era sempre contado de *São João a São João*, e no Alvará de 1 de Julho de 1774 chamou-se-lhe *ano irregular*.⁴²⁸ Em alguns povos da Europa este drama do *combate do verão e do inverno* está mais ou menos fragmentado; entre os povos eslavos é onde se apresenta mais completo, correspondendo muitas das suas particularidades a costumes portugueses, profundamente enraizados pela dupla influência germânica e árabe. Por um documento da Câmara de Coimbra, de 1464, citado por Viterbo, se nota a forma de combate: «*cavallhada na véspera de São João com sina e bestas muares*.» Em outros povos esta cavalgada ficou simplesmente lendária, na *Mesnie furieuse*, que tanto se localiza no solstício diurno (*circa horam medirianam*) como no solstício vernal. O *verão* que expulsa o inverno, é um mancebo, Wodan, o deus germânico também advogado do amor, Adonis, Átis, Gínes, São João ou São Jorge, Artur ou o rei D. Sebastião, conforme o mito primitivo se desenvolveu na legenda agiológica ou histórica, conservando sempre o carácter da sua morte prematura. O *porco* ou *javalí*, que personifica o inverno, que se persegue na *Mesnie Hellequin*, era também perseguido na festa de São João Baptista,

⁴²⁵ *Almanaque de Lembranças*, para 1881, p. 110.

⁴²⁶ *Anuário das Tradições Port.*, p. 25.

⁴²⁷ Era uma festa do *Mihirgan* dos Persas, segundo Creuzer.

⁴²⁸ *Reflexões Históricas*, t. I, p. 63.

em Braga, com o nome de *Corrida do porco preto*; dirigiam-se as cavalladas para além do rio Deste, em cuja ponte estava uma capelinha de São João que tinha uma irmandade que organizava a festa, sendo o mordomo obrigado a criar durante o ano um porco para a montaria desse dia. Na alvorada de São João, depois das cavalladas iam soltar o porco do alto do Picoto, correndo atrás dele, e se passava a ponte pertencia então à gente da margem, se passava o rio ficava pertencendo aos moleiros.⁴²⁹ Nos costumes provinciais conservam-se quase todas as formas dramáticas desta antiquíssima festa solsticial.

Eis sobre a festa de São João, em Chaves: «O capitão, cavaleiros e pessoas de qualidade, que formavam antigamente a *Congregação da nobre Cavalaria de São João Baptista*, acompanhavam em duas alas a bandeira até ao Mosteiro de São Francisco, e depois de ouvirem missa, faziam dentro dos muros da vila *escaramuças, corridas, jogos de canas, forquilha e outros diversos jogos*. Depois eram coroados os cavaleiros com flores pelo guardião do convento, que recebia do alferes-da-bandeira uma tocha lavrada. Destas festas apenas subsistem as cantigas e o jogo do pilha-três.»⁴³⁰

Na manhã de São João, em Roriz, costuma-se ir saudar o azevinho, para que se compre barato e venda caro.⁴³¹

Na antiga vila de Pedrógão Pequeno, nas margens do Zêzere, celebra-se a festa de São João com a *Mourisca*, bailado antigo que se executa pela seguinte forma: «São sete figurões exoticamente vestidos de saia com grandes laços de fita, sapato e meia, jaqueta apertada com largo cinturão que lhes sobe aos ombros, e se cruza nas costas e peito, como o correame dos nossos soldados, e na cabeça um barrete de forma cônica muito enramalhados de flores. Os dois primeiros tocam bandurra, os imediatos pandeireta, e os últimos empunham compridos tirsos com um grande ramalhete de cravos na extremidade superior. O sétimo, porém, destes personagens, distingue-se pela coroa que lhe descansa na cabeça altiva, uma coroa de rei; aos ombros largo xaile pendente à guisa de manto; na dextra ferrugenta durindana, e na esquerda um escudo, onde se vê pintado o cordeirinho que acompanha sempre o santo precursor. E este o *rei da mourisca*. Com passo grave e majestoso, dirigem-se os sete bailarinos à capela-mor, curvam-se ante o santo, que naquele dia festival sai do seu nicho... e a um sinal do homem da coroa, que deixa cair sobre o escudo a longa espada, rompe o baile, que dura boa meia hora, e que muito se parece com as contradanças francesas. Os pandeiros saltam nas mãos dos dançantes e ferem os ares de agudos sons; o rei, de ceptro em punho repimpa-se cada vez mais, e os dois dos bandurras dedilham as cordas com perícia maravilhosa. – A dança conclui com segunda genuflexão ao santo em forma de despedida, e à voz do rei na festa, que fazendo uma pirueta firmado no pé esquerdo, brada alto e bom som: *Viva meu compadre São João Baptista!* No fim da solenidade religiosa repete-se a contradança no adro da igreja, e de tarde em frente da procissão, que percorre as ruas da vila.»⁴³²

A *Festa dos Cavaleiros de Óbidos*, tal como a descreve o padre Malhão, é em tudo semelhante à que se fazia em Chaves; em Óbidos, a Câmara ia colocar todos os anos o seu estandarte na véspera de São João no Convento de São Miguel das Gaieiras, de que era padroeira. Os camaristas iam de capa e volta, montados em cavalos bem ajaezados, e no dia do santo voltavam outra vez ao convento, passando o dia em merendolas pela mata, e regressavam à vila trazendo outra vez o estandarte, flores e canas verdes na mão, com ramos de freixo; passavam a porta *mourisca*, e davam três

⁴²⁹ V. o desenvolvimento destas festas nas *Origens Poéticas do Cristianismo*, cap. IV. Os árabes de Espanha celebravam esta festividade com o nome de *Alhansara*. (*Santoral Hispano-Mosarabe*, p. 25.)

⁴³⁰ *Almanaque de Lembranças*, para 1866, p. 226.

⁴³¹ *Ibidem*, p. 227.

⁴³² *Almanaque de Lembranças*, para 1864, p. 222.

voltas pelas ruas, debandando a cavallhada na praça do comércio.⁴³³

João Pedro Ribeiro, alude às superstições populares da noite de São João: «Entre as mesmas mulheres somente é que se tem conservado entre nós imensas e variadas superstições, que respeitam à noite de São João Baptista, em tudo idêntico às que grassavam em Espanha no século XVI, de que testemunha o cónego de Pamplona Martim de Arles, e de Alemanha o bispo Francisco Nansea do mesmo século. Longe, porém, de mim o caracterizar também as fogueiras daquela noite por supersticiosas, sem que nisto queira gratificar a etiqueta da nossa casa real, em que já é antiga e constante esta prática.»⁴³⁴

Na Beira Alta acende-se um facho no cimo dos montes (*o galheiro*) ou na ceira das azenhas (a roda, que ainda na Alemanha se deixa rolar dos montes). «O facho, como escreve Leite de Vasconcelos, é um pouco de lenha em volta de um pau alto. Os rapazes quando o vão acender levam músicas de tambores e pífaros, e grandes algazarras. O monte é além disto cercado de pinhas acesas.»

Nos Açores fazem-se as fogueiras na rua, e os rapazes *saltam* por cima das labaredas; o mesmo no Algarve e Alentejo. Ao saltarem as fogueiras, dizem diferentes dísticos:

Fogo no sargaço,
Saúde no meu braço!

Fogo na giesta,
Saúde na minha testa!

Fogo no fieiro,
Saúde no meu peito!

As fogueiras de São João, em França, chamam-se *chalibandes* (Poitou), *jouannées* (Touraine), *bures* (Commercy). Escreve Baudry no resumo da obra capital de Kuhn: «A fogueira de São João, sobretudo tem um carácter bem acentuadamente solar.» E liga-as a «uma antiga festa pagã, que parece ter tido por objecto conjurar a estiagem, representando o disco de Cushna precipitado nas águas.»⁴³⁵

Vimos sobre a *Festa de São João*, em Nisa: «Os rapazes e raparigas preparam e acendem com um regozijo inexplicável as *fogueiras* de rosmaninho e alecrim, e depois de acesas, saltam e brincam em roda delas, salvando-as, e aticando-as, e lançando uns aos outros inúmeras bombas e outros fogos de artifício, com que por toda a parte se festeja o Precursor do Messias: as moças e as donzelas cantam umas em alegre coro acompanhado de pandeiros e almofarizes que tangem com certa harmonia e graça, outras em rodinhas de muitas e variadas modas, e outras ao som de violas e flautinhas dançam os antigos fandangos, que já se dançavam em Nisa a velha: – As cachopas vão em grandes ranchos com seus cântaros pedrados e pucarinhas às fontes apanhando água nova, cantando pelo caminho em louvor do Baptista; e enquanto aguardam a vez, repetem-se as rodinhas e os bailes ao redor dos chafarizes; donde voltam de madrugada com grandes molhos de alcachofras, que nesta noite sofrem o martírio, e flores para as capelas com que ornaram as cabeças...; algumas vão depois em lugar elevado esperar o

⁴³³ *Ibidem*, para 1859, p. 226.

⁴³⁴ *Reflexões Históricas*, t. I, p. 40. No nº11 destas *Reflexões*, trata o ilustre antiquário das superstições populares, iniciando em 1835 este estudo, como se vê muito antes do artigo de A. Herculanio, no *Panorama*.

⁴³⁵ *Revista Germânica*, t. XIV, p. 372.

nascimento do Sol, que neste dia visto através de uma peneira ou crivo, apresenta muito vistosas posições; outras ficam em casa deitando o seu horóscopo a fim de saberem se o seu amante lhes é fiel, ou o destino que as aguarda; outras finalmente escondem em buracos de velhas e antigas paredes, ovos de galinhas pretas postos na última sexta-feira, e vão logo que amanhece tirá-los, esperando encontrar um formoso diamante, etc.»⁴³⁶

O carácter *amoroso* do Santo aparece em muitas superstições populares. Em Elvas, na capela de São João da Corujeira, existe uma grade de ferro na qual as raparigas mordem para obterem do Santo o milagre de casarem cedo. O costume é antiquíssimo, porque a grade tem já marcados os sinais dos dentes.

Numa écloga de Sá de Miranda se encontra «Mañana de S. Juan, *quando a las flores – Y al agua todos salen.*»⁴³⁷ Nas Constituições do Bispado de Lamego, proíbe-se «*que se colham as ervas, e levem a água da fonte para casa, ou se lave a gente e os animais nela, antes do Sol nascer...*». Todos estes costumes persistem no seu vigor. As ervas são a marcela, a salva e o sabugueiro (Penela), cidreira (Caídas) ou o *feto real*⁴³⁸, planta misteriosa que dá o amor e a felicidade (no Hartz é o *springwenzel*).

Há nas cantigas populares um tema ditirâmico sobre o sono de São João:

S. João *adormeceu*
Nas escadas do Colégio;
Deram as moças com ele
São João tem privilégio.

Na Andaluzia existe uma lenda relativa a este sono, que para evitar os ruídos das festas no céu (alusão às trovoadas de Junho) o Senhor lhe deu um sono que dura três dias. No *Moyen de Parvenir*, vêm citadas as quatro festas anuais de São João:

La Saint Jean qu'on fauche;
La Saint Jean qu'on tond;
La Saint Jean qu'on bat;
La Saint Jean qu'on chauffe.

A primeira é a da natividade, a 24 de Julho, a segunda a sua oitava, a 1 de Julho, a terceira a degolação, a 29 de Agosto, e a quarta a do evangelista, a 27 de Dezembro.

Sobre os costumes da festa de São João, nos Açores, escreve José de Torres: «Enlevo de moços e desinquietos são nas ilhas dos Açores as fogueiras nocturnas na véspera do dia comemorativo do Baptista. As crianças madrugam para consultarem o destino na forma profética que tomara a clara de ovo fresco, mergulhada no copo de água exposto ao sereno da noite: se é de altar, que prognostique sacerdote; se é de navio que inculque viagens; se é de leito, que diga casamento; se é de tumba que anuncie proximidade de morte. – Formosas e não formosas cidadãs, com bochecho de água pura, esperam do acaso a sentença do nome de um cônjuge. Camponesas armadas de varapau e carapuça provincial, acantoadas detrás da porta comem o ovo primícia da galinha nova, para que o Santo, que não é menos casamenteiro que Santo António nos horizontes de Lisboa, se dê pressa em trazer-lhe o matrimónio e lhes conceda *ventura*, que assim também chamam aquele primeiro ovo. A alcachofra chamuscada, no refrescar

⁴³⁶ Dr. Matos e Moura, *Mem. Hist. da Vila de Nisa*, t. II, p. 114.

⁴³⁷ *Obras*, p. 295, ed. de 1804.

⁴³⁸ Na tradição italiana chama-se *Lu fettu* (fertur) o transeunte cuja voz se escuta com sentido profético. Puré, *Spettacoli e Feste*, p. 297.

do sereno responde a instantes interrogações de amor. As sortes que a água há-de dar e abrir... As praias, cujas águas nesta madrugada têm privilégios de benção... Os rostos fazem-se mais formosos e juvenis com a água serenada; aquela que se toma na bica média de certos chafarizes entre as onze e a meia-noite tem virtudes misteriosas. Com orações cabalísticas, ante mesa de alvíssima cobertura, velha paciente espera toda a noite o rápido desabrochar da *pena* que a *boliana* no fim de sete anos de consórcio com o *barbasco* procria para dar riqueza e felicidade ao que acertar colhê-la ou possuí-la.⁴³⁹ – Se a noite tem encantos, e loas e cavalhadas, folgares de não menos variados tem o dia. De flores e loiros e primícias das frutas do verão se adornam varandas e balcões; as danças e emascaradas populares são frequentes.»⁴⁴⁰ O combate do verão com o inverno é a *Mouriscada*, auto dramático popular, em que mouros e cristãos dão relevo histórico à concepção mítica; na ilha Terceira o combate é substituído pelo costume singular da *corrida de touros*.

Eis a descrição da *Alvorada de São Pedro* (Ribeira Seca, ilha de São Miguel): «No dia do Percursor de Cristo, 24 de Junho, ao raiar da aurora, um banco de homens a pé percorre as extensas ruas da vila, tangendo diversos e desentoados instrumentos musicais, a fim de advertir os que cinco dias depois têm de fazer parte da *Cavallhada*. O dia 29 é esperado pelos moradores da vila e seus arredores com grande ansiedade. – No largo, em frente da igreja, apinha-se uma multidão imensa, confundindo suas vozes desentoadas com o estridor de inúmeros tambores, rebecas, violas e concertinas. Findou a festa na igreja. Põe-se a multidão em ordem e desfila.»

«Na frente marcha o maioral vestido a capricho, em bem enfeitado cavalo; o rosto do cavaleiro é vendado por uma densa máscara; na cabeça avulta-lhe imenso chapéu, ornado de grande número de cordões de ouro, brincos e outras jóias do mesmo metal, que tudo junto forma um valor sempre excedente a seiscentos mil réis. Seguem-no quinze ou vinte cavaleiros, adornados como ele, mas sem máscara. Atrás caminha a multidão, mascarada e a pé; uns conduzindo uma récula de lazarentas e enfezadas burras, outras uma parelha das mesmas puxando um arado ou uma grade, semelhando lavrar a terra, enquanto outros semeiam baganha, mimoseando ao mesmo tempo as pessoas presentes com mãos cheias desta, lançada com força contra todos. Alguns ordinando as burras ofertam do mesmo modo o leite aos assistentes.»

«O bando sempre alegre e sempre tocando a sua música monótona e sem variante alguma pulando continuamente e recitando estrofes, ora picantes e alusivas a particulares e autoridades locais, ora sem significação conhecida, dirigem-se a todas as ruas onde mora algum ou alguns dos que fazem parte da cavallhada, isto é, dos quinze ou vinte que marcham na frente. Chegados que são, passam e repassam cinco vezes em frente da casa que vão cumprimentar. Daí dirigem-se a outra, e do mesmo modo a todas. – São talvez seis horas da tarde, quando o bando alegre mas exausto pelo cansaço tem chegado de novo ao largo da igreja de São Pedro. Aí dão cinco voltas à roda do mesmo, e encaminham-se para um lugar pouco distante onde se dispersa, para descansarem de tão aturado labor. – O maioral é o representante do Santo Apóstolo; os outros quinze ou vinte são sempre os *Imperadores do Espírito Santo* no ano futuro dos diversos *Impérios* de toda a vila... Em tempos não muito remotos, as bandeiras dos Impérios acompanhavam o préstito...»⁴⁴¹ Nas crenças populares, diz Hunziker: «São Pedro

⁴³⁹ Pitré, fala deste costume na Sicília: «Una pia usanza, non priva d'interesse, é la raccolta del puleu o puleggio (*memtha pulegium*, Linn.) nel giorno preciso di S. Giovanni. Questa pianta odorosa conservasi per ben sei mesi all'ombra; la notte di Natale si mette nel presepe davanti il Bambino, e a mezzanotte in punto rinverde e ritiorisce.» *Spettacoli e Feste*, p. 309.

⁴⁴⁰ *Panorama*, t. XIII, p. 222.

⁴⁴¹ J. C. Abranches, *Novo Almanaque de Lembranças*, para 1883. p. 44.

substitui *Donar*, e é por esta razão que preside ao bom e ao mau tempo.»⁴⁴²

A festa de São Pedro é como continuação da de São João.

A chamada *Festa de São Pedro* (em Câmara de Lobos, ilha da Madeira): «Na frente iam quatro mancebos a cavalo, vestidos à turca, levando cada um uma bandeira hasteada; em seguida uma dança composta de dez ou doze homens, trajando fatos esquisitos, sobressaindo uma *carapuça* guarneçada de muitas fitas, que lhe caíam pelas costas abaixo; depois a denominada *barquinha*, conduzida por quatro homens robustos. O enfeite da barquinha, enfeite que ainda hoje dura, consiste em pães de açúcar, garrafas de vinho, ovos, doces, frutas, flores, etc. Após isto seguia-se uma rede levada por doze pescadores vestidos, diziam eles, à semelhança dos Apóstolos. Atrás seguiam as confrarias, o Santo e o pálio, rematando, como é uso, por uma boa música instrumental.»⁴⁴³

Julho. – Depois de *La Saint Jean qu'on fauche* (24 de Junho) segue-se a oitava, ou *Lá Saint Jean qu'on tond* (1 de Julho); a esta parte ligam-se as fogueiras deste mês: «Como faltariam fogueiras no mês de Julho, e em festa saloia?... por mais ardente que vá o estio, amo uma fogueira no arraial em véspera de festa, e aquele estoirar e crispar dos foguetes.»⁴⁴⁴

No segundo domingo de Julho é a festa popular de Nossa Senhora de Antime.

Na freguesia de Santa Maria de Antime, a um quarto de légua para o sul de Fafe, celebra-se a romaria desta Senhora, que é uma pedra tosca (granito metamórfico, sem trabalho escultural, a não ser o do rosto; o mais, pernas e braços são postigos). O seixo pesa oito arrobas, e a *charola da Senhora*, ou andor também oito arrobas. E levada em procissão a Fafe, pelas dez horas da manhã, e regressa para Antime pelas três horas da tarde. Eis algumas das cerimónias: «Chegava quase a delírio o afervorado das salvas da *Companhia de mosqueteiros da procissão*, não só na saída e na volta dela, mas sobretudo no acometimento de um castelo fictício, de propósito erigido para dar mais realce à função e para a tornar mais estrepitosa; o castelo afinal tomado era abrasado em chamas pelos mesmos mosqueteiros, depois de fingido um aparatoso conflito de sitiante e sitiado e vencido a final o Rei Mouro acastelado.»

«No meio de folias e extravagâncias da romaria, tem ficado algumas vezes esmagados alguns dos condutores da *charola da Senhora*, os valentões da procissão, valentões que, por vezes se oferecem com a antecipação de um ou dois anos, e que não conseguem esta graça especial de mesários da Senhora senão a poder de súplicas, empenhos e solicitações. Não é todavia a mera ostentação de forças e robustez de corpo o que assim faz deprecar a graça de carregar com os *banzos da charola* aos ombros, é especialmente porque têm para si os mancebos da localidade (Fafe e Antime) não serem bem sucedidos nos seus casamentos, se não pegarem primeiro ao andor da *Senhora*. Nesta ocasião, para eles da maior expansão de coração juvenil, costumam colocar esses *mancebos dos banzos* nos seus ramos de perpétuas na charola, aos quais se dá o nome sacramental de *pinhas da Senhora de Antime*.»⁴⁴⁵

Chama-se a esta romaria da *Senhora do Sol*; e quando pedem chuva é a ela que se dirigem, o que condiz com a crença de «*revolver penedos*» e liga este culto ao das deusas-meretrizes dos charcos: «Em tempos de grandes secas, e quando os cereais pedem água, recorrem os habitantes de Foz Côa por meio de preces à Virgem Nossa

⁴⁴² «Etudes de mythologie allemande» (*Rev. Germ.*, t. XIV, p. 14).

⁴⁴³ *Almanaque de Lembranças*, para 1876. p. 129. Na *Carta IX*, de Lord Beckford, descreve-se a festa de São Pedro, em Lisboa.

⁴⁴⁴ Herculano, *Pároco de Aldeia*.

⁴⁴⁵ J. J. S. Pereira Caídas, ap. *Almanaque de Lembranças*, para 1859, p. 274.

Senhora; juntam-se nove donzelas, que é essencial que se chamem Marias (convocadas de ordinário por alguns Manuéis), vão em procissão a distância de meio quarto de légua, a um sítio chamado *Lameira de Azinhate*, e ali voltam de baixo para cima unia grande pia de pedra que pesará trinta arrobas, senão mais, regressando depois para casa à espera da chuva.»⁴⁴⁶

Eis a notícia do *Bolo de Pombal*: «Num dos últimos dias do mês de Julho, percorre as ruas daquela vila (Pombal) uma procissão de pequeno aparato, de que faz parte um imenso bolo de oito a dez alqueires de trigo, levado por uns poucos de homens, e destinado a ser distribuído aos devotos como pão bento. E cosido por vinte e quatro horas num forno, onde entra também um homem, que é o mesmo todos os anos e que se tem confessado e comungado. Pára a procissão ao pé do forno que arde todo o dia, e assim que se lhe mete dentro o bolo, entra logo em seguida o bom do homem, com um disforme e grandíssimo chapéu armado e de casaca quinhentista, depois de haver metido na boca um cravo que tira da mão da Virgem que vai nos andores, dá uma volta à roda do bolo, e sai com passo acelerado, posto que seja velho e de andar naturalmente vagaroso. Muitos e estrepitosos foguetes sobem aos ares depois de haver o tal sujeito saído *milagrosamente*, são e salvo de dentro do forno, e logo recolhe a procissão.»

«A porta do forno é bastante grande para que possam entrar por ela, de pé e quase direitos dois homens baixos, alinhados de perfil; o bolo, quando entra absorve grande parte do calórico; o homem abaixa-se ao andar-lhe em roda, tocando-lhe com as mãos, como para o endireitar, e assim se explica tudo.»⁴⁴⁷

João Pedro Ribeiro, refere a festa de uma Nossa Senhora do Rosário, que era popular no Porto: «Acabou, porém, já no Porto outra mascarada em que se representava *A Corte dei rei do Congo*, com seu rei e rainha, e imaginária corte, com que os pretos se persuadiam render culto à sua Padroeira, a Senhora do Rosário; função muito apetecida dos rapazes, e que durava três dias de Julho.»⁴⁴⁸

Sobre a *romaria de São Tiago* (25 de Julho): «Entre os abusos médicos que encontrei na cidade de Penafiel e suas vizinhanças, quando em Fevereiro de 1791 entrei no exercício de médico de partido, e que ainda hoje se conserva (1838), há um que merece correcção pelas funestas consequências que ocasiona não poucas vezes, algumas das quais eu presenciei. Consiste ele em ir o povo, no dia de São Tiago, ou a 25 de Julho, sangrar-se pelas bichas do rio Sousa, que nesta sazão costuma ser pouco caudal. É na verdade coisa memoranda, mas digna de riso, ver aqui umas pessoas metidas na água com as sanguessugas coladas nas pernas, acolá outras com as extremidades inferiores todas ensanguentadas, esperando a vedação do sangue que emana pelas roturas que as bichas abriram; numa parte alguns restaurando já com vinho e alimentos a perda que sofreram pela sangria, noutra caminhando para suas casas deixando vestígios de sangue pelos caminhos que pisam.»

«Qual será a antiguidade desta prática, que não deixa de também ter alguma parte de supersticiosa, por ser somente executada na ocasião da festividade de São Tiago, e só escolher para ela aquela parte do rio Sousa que banha o terreno pertencente à freguesia de São Tiago? Consultando-se a tradição nada se descobre sobre este objecto; mas na *Europa Portuguesa*, de Faria e Sousa, se encontra: ‘En la Provincia de Entre Duero y Miño, junto a una ermida de Sant-Iago, que llaman de las bichas, ay un rio pequeno, que dos á três dias del año, vispera e dia de aquel Santo se puebla de sanguijuelas, adonde los que en romaria enfermos se entran, e ellas subindo por elles los muerden e chupan la

⁴⁴⁶ *Ibidem*, para 1860, p. 160.

⁴⁴⁷ *Almanaque de Lembranças*, para 1860, p. 267. V. *Santuário Mariano*, IV, p. 461.

⁴⁴⁸ *Reflexões Históricas*, t. I, p. 36, nota.

sangre e salen sanos.’ (T. III, cap. v, p. 351.) E por consequência se pode acreditar que esta prática alusiva já tem, pelo menos, dois séculos de antiguidade...»⁴⁴⁹

Em 26 de Julho é a romaria de *Santa Ana* da Oliveira, em barcos pelo rio Douro acima; tanto na ida como na volta dos barcos insultam-se uns aos outros com parouvelas. Caracteriza a devoção o dizer o maior número de obscenidades. Liga-se ao culto heterista de *Anah*. Em Roma a festa de *Anna* fazia-se nas margens do *rio Tibre*.

Agosto. – Por causa da peste de 1599, celebrava-se em 5 deste mês a *Procissão dos Ferrolhos*: «Os rapazes que em grande número acompanhavam a procissão (à meia-noite) iam pelas ruas do trânsito batendo às portas de todas as casas cujas janelas estavam fechadas, para perturbarem o sono dos moradores pouco devotos, resultando deste repetido *tocar no ferrolho* o nome da procissão.»⁴⁵⁰

A 23 de Agosto é o *São Bartolomeu* da Ponte de Cabez. «Esta romaria a São Bartolomeu é muito querida das pessoas endemoinhadas. Oferece a romaria três espectáculos todos burlescos, que de tempos antigos a têm tornado notável e famigerada. O primeiro é a gritaria infernal e trejeitos mais ou menos graciosos, que logo ao avistar a capela faz grande número de mulheres, que se dizem endiabradas, e afectadas de espíritos malignos! E curiosíssimo ver como estas megeras, gritando e esperando sempre, são arrastadas seu despeito até ao altar do Santo, onde, depois de muito gritar e muito saltar, fingem vômitos violentos, que, segundo elas, são o sinal certo da despedida do espírito que as trás inquietas!»

«O segundo espectáculo é a emulação brutal que ali se manifesta entre as províncias do Minho e Trás-os-Montes. Logo no dia 23 à tarde principiam as alterações sobre qual das duas terá a preeminência; e muitas vezes há já de tarde cabeças ou braços quebrados; à noite é coisa certa. A ponte, que de dia faz parte do terreno do arraial, fica despovoada depois do sol-posto. Tornam-se posições de um e outro lado. Começam grandes alterações de língua, gritos de *Viva o Minho! Viva Trás-os-Montes! Andai ao Santo*, de um lado, *Andai à fonte*, do outro, etc. Soa um vivíssimo tiroteio de parte a parte, que muitas vezes dura toda a noite, e há anos em que os bandos se aproximam até ao meio da ponte, onde se desenfadam a jogar paulada, facada, pedrada, etc., sendo o resultado de tudo muitos ferimentos mais ou menos graves e até mortes!»

«O terceiro espectáculo vem a ser a fé supersticiosa que os romeiros têm com a água da fonte acima dita, a qual segundo a crença, sendo colhida no dia 24, antes de lhe dar o sol é antídoto eficaz contra todas as moléstias não realizadas e remédio eficaz para todas as realizadas. E por isso no dia 24 logo de madrugada (hora em que de ordinário costumam acalmar as manobras dos valentões) começa a afluir gente de todos os cantos do arraial, e encher na fonte as garrafas e cabaças para levarem consigo, e outras a levarrem as crianças afectadas de alguma moléstia, sendo parte essencial deste acto o lançar pelo rio abaixo a camisa do enfermo, que por muitos é esperada.»⁴⁵¹

Em Matosinhos, há a romaria de São Bartolomeu no dia 24, confluindo ali a gente do campo ao som de cantigas; vão banhar-se com intuito medicinal, crendo que cada banho vale por sete.

Setembro. – Festa de *São Pedro*, em Nisa: fazem-na os pastores e criadores de Nisa no mês de Setembro «é a maior e principal que aqui se faz»; além da parte

⁴⁴⁹ António de Almeida, «Mem. médico-histórica, corográfica acerca do abuso de tomar bichas pelo S. Tiago no Rio Sousa»; nos *Anais da Sociedade Literária Portuense*, nº5, p. 125 (1838).

⁴⁵⁰ *Panorama*, t. XII, p. 250.

⁴⁵¹ *Almanaque de Lembranças*, para 1860, p. 300.

religiosa «consiste em lauto banquete e jogos, cantares e folias e bebidas, que se distribuem a todos, que concorrem, e sobretudo na *chacota*, que é a maior solenidade do festim. Ordena-se o préstito pelas três horas da tarde da véspera em casa do festeiro, donde sai; vem precedido por um tambor, que bate a marcha, e um pífano ou gaita de foles, que o acompanha, seguem-se seis formosas donzelas vestidas no melhor gosto e elegância que podem, com pequenas bandeiras encarnadas, e no centro a festeira com o estandarte, e depois uma ala paralela de zagais, com suas casacas e calções, e meias brancas e fivelas de grandeza patriarcal, que serviram já nos casamentos e baptizados de sete gerações, que as vão protegendo de qualquer avaria; e atrás deles seis pastores e duas respeitáveis matronas com suas saias de chamalote, e roupinhas de grandes abas à polca, e pandeiros de metal e soalhas, levantam as cantigas em honra do Santo, que o coro todo, composto de muitas raparigas da terra, em harmonia e suavidade repete, acompanhado por violas, que menestréis da vila vão tangendo; fecha o cortejo outra ala de jovens pastores que as vão guardando e defendendo de qualquer aperto na grande concorrência que as acompanha e vai seguindo; e depois de assim ordenado dirige-se à igreja do príncipe dos Apóstolos, quais outrora os pastores do Tibre ao templo de Pan, em Roma, onde canta muitas loas e cantigas, que a antiga tradição transmitiu e ninguém ousa alterar, toca-se o sino, levantam-se vivas, é vitoriado São Pedro, e no meio do maior alvoroço e alegria recolhe tudo à vila cantando e folgando... à porta dos pastores é vitoriado sempre o pendão do Santo, e à das madrinhas descansa o cortejo, recebendo alguns refrescos que lhe estão preparados... pelas dez horas da noite chega ao lugar donde viera; então o divertimento varia: um lindo fogo de artifício arde... repetidos doces, bebidas e tremoços os festeiras mandam servir na rua mesmo...».

No dia seguinte «repete-se a função em casa dos novos festeiros, que recebem a bandeira, e depois a vitoriam e conduzem em verdadeira ovação por toda a vila, e depois o mesmo préstito e cantigas e folgares e banquetes da véspera, e às vezes com maior aparato e grandeza, conforme os brios e haveres de quem despende...»⁴⁵²

Tem analogias com a festa de São Pedro, na vila da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel.

Outubro. – A 27 deste mês é a véspera da festa de São Simão e São Judas; fazem-se os *magustos*, ou merendas de castanhas assadas numa fogueira. Explica-se pela festa dos Druidas, denominada o *Sam'hin*, ou do fogo da paz: «Era nesta época que os Druidas se reuniam no centro de cada região para pacificarem as desavenças entre os habitantes do país; desde a véspera apagavam-se todos os fogos que deviam ser renovados naquele que acendiam e que os Druidas consagravam. Não se concedia fogo àquele que tinha perturbado a paz...»⁴⁵³ A renovação do fogo ainda se usa em algumas partes da Escócia, e em inglês chama-se-lhe *hallow-eve*.⁴⁵⁴

Novembro. – O dia primeiro ou da festa de Todos-os-Santos era denominado nos documentos jurídicos do século XV *Dia de pão por Deus*: «Paga-redes o dito foro em cada um ano em dia de pão por Deus.» (*Elucid.*) Em D. Francisco Manuel de Melo, se lê: «Eu não vi as *amêndoas*, e já nos convida com os *folares*. – Nem eu o *pão por Deus*...»⁴⁵⁵ Na vila de Alpedriz os rapazes pedem em dia de Todos-os-Santos o *pão por Deus*, cantando:

⁴⁵² Mota e Moura, *Mem. Hist. da Vila de Nisa*, t. I, p. 82.

⁴⁵³ Smith, *Hist. des Druides*, 1, p. 47.

⁴⁵⁴ *Ibidem*, p. 49.

⁴⁵⁵ *Feira de Anexins*, p. 127. A palavra *Vicvedevas*, na religião hindu corresponde pelo seu significado *Todos os Deuses* a Todos-os-Santos do cristianismo. *Pic. Encyclopedia Ind.*, p. 565.

Pão, pão por Deus
 À mangarola;
 Encham-me o saco
 E vou-me embora.

Os lavradores dão-lhe merendeiros de tremoços, maçãs e nozes; se não vão contentes, cantam a praga:

O gorgulho, gorgulhete
 Lhe dê no pote!
 E lhe não deixe farelo
 Nem farelote.⁴⁵⁶

Os pães chamados *darum* entre os mitriacistas, e *mamphula* pelos romanos, tornaram-se nestas ofertas cristãs.

A 2 de Novembro é a festa dos *Fiéis defuntos*; os rapazes em Coimbra, pedem os *bolinhos*, *bolinhós*; nos arredores de Lamego vendem-se neste dia os *San toros*, ou bolo de pão de trigo com ovos. Desta festa nos Açores, escreve José de Torres: «*Pão por Deus* é puramente a esmola que se dá em tenção dos defuntos, ou seja no dia próprio ou na véspera; esmola a que também a rapaziada se julga com direito, e para o que de porta em porta a todos importuna, voz em grita, como monótona cantilena. Quando o pedido é infrutuoso, costumam ir ao largo da casa resmungando facécias pouco espirituosas.»⁴⁵⁷ Na Sicília também se dão *estreias* às crianças no dia 2 de Novembro, e neste dia, como nas ilhas dos Açores, comem-se favas cozidas. Os costumes deste dia eram praticados pelas *Columbaria*, ou associações funerárias de Roma, entre as quais se formou a Igreja.⁴⁵⁸

Sobre a festa de *São Martinho* (11 de Novembro): «Depois da introdução do cristianismo, esta grande figura (de *Wuotan*) com a multidão dos seus atributos, foi esmigalhada, assim como uma estátua em grande número de fragmentos. Na igreja cristã, mesmo, o deus pagão ocultou-se sob as asas do arcanjo São Miguel, chefe do exército celeste. Quase todas as igrejas e capelas pertencentes a São Miguel elevam-se sobre montanhas originariamente consagradas a Wuotan. O São Miguel cai na época em que, no norte da Alemanha, se celebrava a festa de Wuotan, enquanto que no sul, onde o verão é mais longo, esta última coincidia com o São Martinho. Muitos dos atributos de Wuotan couberam em partilha a São Martinho, que possui o cavalo branco, o seu manto, a espada, e que se mostra às vezes à frente dos exércitos. Os Merovingianos antes de irem para a guerra, rezavam junto do túmulo de São Martinho, e levavam à frente do exército como um talismã a capa deste Santo.»⁴⁵⁹ No Alentejo, têm os rapazes um jogo em que dizem:

– Só S. Martinho,
 Tem lá bom vinho?
 «Rinch'ó diabo
 Mé cavalinho.»

⁴⁵⁶ *Almanaque de Lembranças*, para 1862, p. 332.

⁴⁵⁷ *Panorama*, t. XIII, p. 364.

⁴⁵⁸ V. *As Lendas Cristãs*, p. 33. No volume antecedente vem já tratada esta parte cultural.

⁴⁵⁹ Hunziker, «Estudos de Mitologia Alemã» (*Rev. Germ.*, t. XIV, p. 11.)

A primeira parte desta quadra é dita por um rapaz a cavalo noutro, que atira chapéu a um que está na mesma situação; se o chapéu não é agarrado no ar aquele apeia-se e é montado pelo que o tinha às cavaleiras.⁴⁶⁰

No Açores usa-se a *salsada de São Martinho* formada de grupos tangendo «latas, chocalhos e cascavéis», indo pelas portas chamar os irmãos borrachos; usa-se um sermão burlesco, com textos de latim macarrónico.⁴⁶¹ O nosso anexam:

Por S. Martinho
Prova o teu vinho,

acha-se também na Itália:

Pi San Martinu
Si tasta lu vinu.

A San Martinu
Ogni mustu è vinu.⁴⁶²

A 6 de Dezembro é o *São Nicolau*: «São Nicolau é o orago de uma das igrejas paroquiais desta cidade (Porto). No dia do Santo, é costume antigo dar o abade da freguesia uma rasa de castanhas, que são assadas numa grande fogueira defronte da igreja e aí mesmo devoradas. Os convivas desta espécie de magusto são de ordinário rapazes sadios, aqui designados por *garotos*. Na tarde daquele dia pedem as campainhas da confraria, às quais juntam outras de fora, e correm toda a freguesia, badalando horivelmente e gritando como desesperados com toda a força dos pulmões:

Quem dá lenha,
Ou um pau,
Para fogueira
De S. Nicolau?

Quem dá lenha,
Ou chamiça,
Ou a fralda
Da camisa?

«Ora como este pedido, feito por mais de trinta guelas, e com acompanhamento de trezentas campainhas, nunca é atendido, os devotos do Santo, por onde quer que passem, agarram em quanto podem, e que julgam próprio para figurar na santa fogueira. Canastras, cadeiras, bancos, barrotes, tudo, enfim, que encontram pelas portas e a que possam deitar a mão, lá vai para a festa. Nem sempre lhes sai barata a brincadeira, pois no acto da cobrança são muitas vezes brindados com uma roda de chicote ou de pontapés. Ainda não é bem liquido o que deu origem a este costume antiquíssimo na cidade, mas supõe-se ter sido um legado.»⁴⁶³ O *São Nicolau* é também celebrado pelas crianças em Slobregât, Panades e outros lugares da Espanha, assim como na Itália.

⁴⁶⁰ A. Tomás Pires, *Boletim da Sociedade de Geografia*.

⁴⁶¹ *Panorama*, t. XIII, p. 376

⁴⁶² Pitré, *Spettacoli e Feste*, p. 412. Na Alemanha celebra-se o São Martinho como o dia em que acabam as passagens.

⁴⁶³ A. M. Leorne, ap. *Almanaque de Lembranças*, para 1858, p. 361.

A 13 de Dezembro é *Santa Luzia*. As *experiências de Santa Luzia*: «O dia de Santa Luzia, 13 de Dezembro, representa para o vulgo o mês de Janeiro, o dia 14 o de Fevereiro, o dia 15 o de Março, e assim por diante. Se por exemplo, a 14, pela manhã, esteve o céu coberto de pesadas nuvens, se houve alguns chuviscos, em Fevereiro cairão chuvas regulares. Se o dia amanheceu limpo, o sol quente, todo o mês será seco.»

«Outra *experiência* consiste em deitar-se pedras de sal ao sereno, em véspera de Santa Luzia. Seis pedras de sal, colocadas sobre um plano, representam os seis meses de inverno. Pela manhã, a pedra que mais se dissolver ao relento da noite, indica o mês mais chuvoso. Estas *experiências* têm grande influência sobre o espírito dos matutos, a ponto de quando é negativo o resultado, alguns abandonarem logo tudo e trataram de emigrar.»⁴⁶⁴ Como as experiências de Santa Luzia, no Ceará, temos em Portugal as experiências dos primeiros sete dias de Janeiro, por onde o povo regula qual há-de ser o aspecto meteorológico dos sete meses subsequentes.

Em Beja, pelo São João, também se põe doze montinhos de sal, em cima de uma tábuia que se passa pelo lume, com o mesmo intuito de prognóstico do ano.⁴⁶⁵

As *Quendas* (Calendas) «designam os doze dias antecedentes e seguintes ao Natal, nos quais os supersticiosos vêem os representantes dos doze meses do ano.»⁴⁶⁶ Chamam-se *Requendas* os dias observados com o mesmo intuito em outros meses (Baião). Há nos Açores esta crença localizada nos últimos dias de Dezembro.

A *Festa do O*, em 18 de Dezembro, é assim descrita por Viterbo: «Beberete ou merenda, convite que se dava nas catedrais, colegiadas e mosteiros em cada um dos sete dias antes do nascimento do filho de Deus; principiando nas primeiras vésperas da festa da Espectação, que também foi chamada *Festa do O*. É porque nestes sete dias se cantam as sete antífonas que todas principiam por O. Do O das antífonas passou o nome para os convites e merendas... Porém dos *convites* ou *pitanças* apenas hoje restam memórias entre as comunidades que vivem no claustro e que mais tenacidade mostram em conservar as antigualhas primitivas.» Viterbo cita um trecho das *Memórias Cronológicas dos Prelados de Lamego* sobre estes banquetes do Natal: «D'antigamente ta gora foi costume em esta nossa Sé e Cathedral de se fazerem e darem *sete Os*, ou convites por sete dias antes da Festa do Natal ao Cabido e clerezia da dita Sé, de vinhos brancos, e vermelhos, e fructas e tamaras e passas: cada hum segundo mais avondosamente podia. E como se hi juntava muita gente de desvairadas maneiras, entre as quaes eram vis pessoas, que depois de beberem diziam e faziam muitas enormidades e alevantavam arruidos e contendas, que eram azo de se seguirem algumas violencias...»⁴⁶⁷ As consoadas do Natal são uma continuação destes convites.

A festa do Natal distingue-se por comidas especiais ou a *consoada*. No sermão de Santo Elói, do século VII, alude-se ao costume destas ceias, que Frei Luís de Sousa descreve ainda em uso no palácio do rei D. Manuel, em 1516.⁴⁶⁸ Frutuoso, falando do capitão Simões Gonçalves, morto em 1580, diz: «Em todas as festas principais do ano, havia em sua casa custosas *consoadas*, com ricas frutas e curiosos jogos e actos de toda a sorte.»⁴⁶⁹ Simão de Castro, alude também:

Os meus *fartes* tão perfeitos

⁴⁶⁴ *História da Seca do Ceará* (1877 a 1880) por Rodolfo Teófilo, p. 82.

⁴⁶⁵ *Almanaque de Lembranças*, para 1861, p. 225.

⁴⁶⁶ Leite de Vasconcelos, *Revista Científica*, p. 587.

⁴⁶⁷ *Elucidário*, vb° O.

⁴⁶⁸ *Anais de D. João III*, p. 14.

⁴⁶⁹ *Saudades da Terra*, p. 299.

que pelo Natal me dão...⁴⁷⁰
 E se acaso são de mel,
 que são mui bons em tal tempo...

No Douro e Minho usam-se os *formigos* ou *mexidos*; no Porto e Alto Minho, é costume o *vinho quente*, e em Braga um *prato de ervas*. Na Madeira fazem-se *bolos* com farinha, pimenta e mel, para dar nos convites aos afilhados e portadores de ofertas; fazem-se cuscuz, e leva-se de presente a *papada* aos fidalgos ou os *pés nas mãos* (galinhas e capões dependurados pelos pés). A matança dos porcos começa pela Senhora do O, em 18 de Dezembro. Nos costumes portugueses de Goa, do século XVII, encontramos as formas completas de alguns dos nossos usos provinciais:

«Jejuam véspera de Natal, e jantam ao meio-dia; mas antes de irem à *missa da meia-noite* pela volta das onze horas fazem uma colação que equivale a uma ceia, salvo não comerem carne nem peixe, mas tudo o mais comem e bebem a fartar. As mulheres, sobretudo, assim senhoras como jovens, desejam muito esta noite, porque, como vão todas à missa, servem-se da devoção para gozarem seus amores. Por todas as ruas há nesta noite lanternas. No dia de *Natal*, em todas as igrejas se representam os mistérios da natividade com grande cópia de personagens e animais que falam, como cá os bonifrates, e há grandes rochedos, e por baixo deles homens que fazem mexer e falar estas figuras como querem, e todos vêem estes brincos. Mesmo na maior parte das casas e encruzilhadas das ruas há semelhantes divertimentos, e faz lá nesta estação melhor tempo que cá pelo São João. Nas ruas, praças e outros lugares da cidade há mesas cobertas de belas toalhas brancas e bem dobradas, e sobre elas muitos confeitos, doces secos e bolos, a que chamam *rosquilhas*, de mil feitios diversos, de que toda a gente compra para dar mutuamente por consoada; e dura esta espécie de feira até passar dia de Reis. De noite vão pôr grandes letreiros com estas palavras '*Ano Bom*', acompanhados de música e instrumentos.»⁴⁷¹

A universalidade da festa do Natal foi conhecida pelos antigos padres da Igreja, que procuravam separá-la dos politeísmos solares donde ela deriva. Bergier cita estas palavras de São João Crisóstomo: «desde o começo esta festa se celebrou da Trácia até Cádis, em todo o Ocidente.» Sendo a consagração da luz do sol no solstício do inverno, acha-se primeiro no Egipto sob o título *Festum Osirid nati*, ou *Inventio Osiridis*, e celebrava-se no dia correspondente ao nosso 6 de Janeiro, e entre os Judeus era a Festa das Luzes ou *Kkanu ka*, em segundo no culto acádico da Caldeia, celebrava-se com o título da *Caverna do levante* ou nascimento do Sol, no mês que sucede ao solstício de inverno (*tebit*). Por esta transmissão, entre os Sarracenos o sacerdote descia a uma caverna (a lapinha ou presépio) e saía de lá gritando: «A Virgem pariu, a luz vai outra vez crescer.»⁴⁷² Entre os Fenícios existia também no dia 25 de Dezembro a festa do *Despertar de Melqarth*, e finalmente entre os povos áricos, acha-se com toda a importância cultural a festa do *nascimento do Sol*: entre os Indus é o nascimento da Cnstna, no fim de Dezembro; entre os Persas a festa do solstício de inverno ou *mirrhagan*, propagada a Roma pelos mitriacistas, e celebrada na VIII Calenda de Janeiro, ou 25 de Dezembro, foi chamado no Ocidente *Natalis Solis invicti*; na Fócida, no culto dionisíaco, as mulheres, ao grito de Licnites, proclamavam o nascimento de Dioniso, segundo Plutarco, no solstício de inverno; entre os povos germânicos esta festa tomou o nome de *Juel*, e entre os godos de *Jul*. De todas estas proveniências se acham vestígios na sobrevivência dos costumes populares, explicáveis aproximando-os de qualquer

⁴⁷⁰ *Ratos da Inquisição*, p. 143.

⁴⁷¹ Pyrard, *Viagem* (1601-1611) *nas Índias Orientais*.

⁴⁷² Lenormant, *Origines de l'Hist.*, t. I, p. 257.

destes três politeísmos solares. No dia 25 de Dezembro celebravam os Romanos o *Natalis Solis invicti*, ou o dia do Sol que renasce depois do solstício do inverno; Baur considera que a liberdade e a caridade das saturnais passaram para o Natal, que a Igreja fixou no mesmo dia. Os Árabes dão a esta festividade o nome de *Id Almilad*, e à véspera do Natal o nome de *Zailat Almilad*.

A vigília do Natal faz-se armando *presépios* ou *lapinhas*, diante dos quais se representavam colóquios, vilancicos e autos pastoris. Muitos destes presépios armavam-se nas igrejas, e como conta o padre Manuel Bernardes celebrava-se «as noites de Natal nas igrejas (como eu vi celebrar numa) com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola e risadas descompostas».⁴⁷³ O *Presépio* da Igreja de Belém era o mais rico: «Imagine-se o pequeno palco de um teatro com seus bastidores e bambolinas, e ali umas poucas de figuras e madeira, do tamanho natural, representando a Virgem, São José, os Reis de os pastores, e o Menino num berço de obra de talha, debaixo de umas poucas de tábuas pintadas para figurarem uma arribana, e juntamente uns mostrengos informes representando a vaca e a mula; imagine-se mais que os pastores estão vestidos à moda da época de D. Pedro II, que mandou fazer o presépio, de casacos de damasco de cores já muito fanadas, de cajados na mão, com grandes colarinhos à sabia, e outros de casaca, calças e coletes de peles de carneiro, também de grandes colarinhos...»⁴⁷⁴ Era diante das *lapinhas* que se representavam os colóquios ou autos hieráticos, que se desenvolveram em música sob a forma de *vilancicos*. As *lapinhas*, enfeitadas com frutas e ervas aromáticas, são um vestígio das Succoth-Benot; enfeitam-se nos Açores com *trigo grelado*, que os gregos também usavam nas festas de Adónis.⁴⁷⁵

A *Missa do Galo* reza-se de noite; é ao que na Madeira se chama a *Missa do Parto*, em que toda a gente vaga pelas ruas, uns tocando *machete* e *castanholas*, outros brandindo *fachos*, visitando as *lapinhas* principalmente nas casas onde há *viola*, isto é, os bailados *a-la-moda* e o *meia volta*.

Na noite de Natal, na Idanha-a-Nova, é costume queimar-se o *cepo*, como na Covilhã e em Trás-os-Montes: «Três semanas antes, ou um mês, da noite de 24 de Dezembro, vão ao campo buscar o madeiro, que para este fim se acha já cortado, sendo quase sempre escolhido para ele uma das árvores mais corpulentas. Se o carro quebra, ou os bois cansam, vão outros buscá-lo, e por último conseguem trazê-lo com acompanhamento de chulas e descantes até ao sítio em que deve ser queimado, e onde o descarregam, saudando-o nessa ocasião com um prolongado *vito!* Deste modo deitam mais dois ou três nos adros de diferentes igrejas. Chegada a véspera do Natal, logo ao cerrar da noite lhes largam o fogo, e depois começam a malhar neles para ver quem tira a maior lasca, e cada uma que se despede é de novo festejada com um *vito!* por quantos se acham presentes. Dura isto até à Missa do Galo; e quando esta chega, não só têm lucrado os que, cantando e tocando, a esperam em roda do madeiro, como também os que moram nas casas mais próximas e vão ou mandam buscar as brasas para se aquecerem, quando vêem que as marteladas as têm espalhado.»⁴⁷⁶ Em Celorico de Basto chamam-lhe o *galheiro*, em Trás-os-Montes é o *trafogueiro*, cujos carvões têm poder contra trovoadas; a estes costumes alude Cascais, nos versos:

Pedaços ao madeiro
Que ardendo é no lar

⁴⁷³ *Nova Floresta*, t. II, tit. I.

⁴⁷⁴ Ribeiro Guimarães, *Sum.*, t. III, p. 34.

⁴⁷⁵ Alfred Maury, *Hist. des Religions de la Grèce Antique*, t. III, p. 222. No culto de Mitra existe o *presépio* e o *toouro*, e no de Cristna, ele é um pastor ou *govinda*.

⁴⁷⁶ *Almanaque de Lembranças*, para 1864, p. 377.

Vai este cortar:
 E o guarda na crença
 Que aceso é defesa
 Quel soe vela benta,
 Santelmo em tormenta.⁴⁷⁷

Hunziker considera como um vestígio do culto de Fró ou Freyr «os fogos que se acendem não só na Alemanha, como ainda em França, onde há o tronco ou *cepo do Natal*, com usos supersticiosos que lhe ligam...»⁴⁷⁸ Na Itália chama-se-lhe o *ceppo*, *souche de Noël* (Lorena), *trefoir*, *tison de Noël*, *bonche de Noël*, *cariguié*, em França, *yule clog*, em Inglaterra.

Em 26 de Dezembro é a grande cerimónia da *entrega do ramo*, em Aveiro, nas suas duas freguesias. Vão os doze mordomos demissionários da Confraria do Santíssimo, entregar os ramos, de altura de um metro, à porta dos novos eleitos, sendo em todo o caminho festejados com foguetório; em casa dos novos mordomos há mesa franca, para todos os que vão à porta atirar foguetes ou cumprimentar o *parceiro*. No dia 27 repete-se a cerimónia na outra freguesia; as danças começam no dia 28 e duram até ao dia de Reis.⁴⁷⁹

Festa de *Santo Estêvão* (Travanca de Macedo) a 26 de Dezembro. Todo o povo se banqueteia em comum na rua, neste dia em Travanca de Macedo, e em quase todas as vizinhanças de uma légua de circuito: «Logo que se conclui a função da igreja, dirige-se cada um a sua casa, enche um açafate de frutas secas, a que junta um humilde talher, e com este arranjo vai apresentar-se à porta do mordomo. Ali encontra já armada no meio da rua uma mesa de vinte a trinta metros de comprimento, sobre um de largura. O corpo desta mesa é indiferentemente ocupado pelo povo, e a cabeceira pelas pessoas distintas da terra; mas este último costume vai caindo em desuso, ainda que não de todo. A excepção das viúvas, todos devem tomar parte neste festim popular; e aquele que sem motivo plausível não aparece, é qualificado de misantropo e pouco sociável. Depois de reunidos todos os convivas, vem logo a primeira e última coberta, que consta de pães centeios, sardinhas assadas, tremoços e algum vinho. Toda a polidez e cerimónia são banidas desta mesa; aqui exigem-se mais sardinhas, acolá grita-se por mais pão, ali pede-se vinho, e fazem-se saúdes aos mordomos, etc.

«No fim desta refeição, em que se devorou a bagatela de um milheiro ou mais de sardinhas, vem o mordomo com uma laranja espetada numa vardasca, e oferece-a àquele que tem de servir no ano seguinte: a esta transmissão de poder, rompem de todas as bocas entusiásticos vivas ao mordomo!... tudo se aglomera com azáfama em volta dele; dois esforçados hérules, entrelaçando as mãos formam uma cadeira, onde o fazem sentar, para ser conduzido à sua habitação; se tem família, é também conduzida em cadeira idêntica, por pessoas de sexo e estado respectivo. – À noite toma-se a reunir tudo em casa do novo eleito; e é então que se realiza o célebre *jogo do frade*, em que mais figura aquele que mais estrondo pode fazer com os socos; há também outro, regulado por certas leis, cuja infracção (essencial ao jogo) é punida com fortíssimas doses de correadas, o que promove grande hilaridade em todos, sem exceptuar o réu. Como estes, usam-se outros divertimentos e jogos esquisitos, que seria longo enumerar.»⁴⁸⁰

Nos costumes portugueses do Natal, existem elementos politeístas do culto de

⁴⁷⁷ *Panorama*, t. XII, p. 406.

⁴⁷⁸ *Revista Germânica*, t. XIV, p. 18.

⁴⁷⁹ Bernardo de Magalhães, *Locomotiva*, n.º94.

⁴⁸⁰ *Almanaque de Lembranças*, para 1867, p. 379.

Zagreus, na sua forma orgiástica. A festa do *Bispo dos Loucos*, na igreja medieval é uma persistência deste culto: «Para agradar a Dionisos é preciso ensandecer.» Na Epístola aos Coríntios, São Paulo repete o mesmo pensamento: «Nós somos *loucos pelo Cristo*.» (I, Cor., IV, 10.) E também: «A loucura de Deus é mais sábia do que os homens.» (*Ibidem*, I, 25.) A Igreja conservou estes costumes da sua origem, perdendo a noção da relação histórica que a ligou à vida afectiva das populações politeístas. Do costume do *Bispo dos Fatuos*, em Portugal, fala Santa Rosa de Viterbo no *Elucidário*: «Eu, que nos meus primeiros anos presenciei este Bispo de teatro, não menino, mas sacerdote, no 1º de Janeiro e na solenidade dos Reis, posso dar testemunho à verdade, como o desengano sério fez desaparecer dentre gente religiosa tão desmarcada loucura.»⁴⁸¹ Era precisamente em 27 de Dezembro esta cerimónia: «Havia na catedral de Lisboa um costume, a que chamavam do *Bispo inocente*, e que era o seguinte: na véspera do dia dos Santos Inocentes, depois do Natal, quando no ofício de vésperas se entoava o versículo: *Deposuit potentes de sede* (Depôs os poderosos da sua sede), o cantor entregava o báculo episcopal ao menino mais moço do coro, o qual governava o clero até se completar o ofício do dia seguinte, e saía em procissão com todas as insígnias episcopais visitando as igrejas do arcebispo. O menino em tudo imitava o bispo, e até dava bênçãos, e isto era uma festa com comes e bebes, e originava rixas e contendas e provocava os apupos do povo.»⁴⁸²

Dos costumes dos Açores, escreve Arruda Furtado: «Os nossos camponeses (ilha de São Miguel) acreditam piamente que os últimos dias de Dezembro são a imagem fiel dos doze meses do ano Seguinte, e que o estado das novidades desse ano será regulado pelo modo porque cresceram o trigo, o milho e as favas que fez germinar, como é costume, dentro de um prato para enfeitar o Natal.»⁴⁸³

A personificação do inverno, em quase todos os povos indo-europeus é a *velha*, que em Portugal ainda se conhece na metade da Quaresma; na Itália, as estreias do Natal são também personificadas na *Vecchia strina* e *Vecchia di Natali*, e no dia de Reis ou da Epifânia, ainda aparece, tendo em Veneza o nome de *Befana*.

No último dia do ano não há festa característica a São Silvestre, posto que o seu nome seja imensamente invocado nas orações mágicas e de medicina popular; depois da noite fechada começam as cantigas do Ano Novo pelos janeireiros.

⁴⁸¹ Ed. Inn., t. I, p. 136.

⁴⁸² Dr. Ribeiro Guimarães, *Sumário de Vária História*, t. IV, p. 235; *ibidem*, t. I, p. 23.

⁴⁸³ *Materiais para o Estudo dos Povos Açorianos*, p. 42.

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>
